



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

TATIANA COSTA RIBEIRO

**UM “ROLÊ” NA CIDADE:
MOVIMENTAÇÕES JUVENIS E DISPUTAS ESPACIAIS EM ORLAS DE
SALVADOR-BA**

**SALVADOR
2021**

TATIANA COSTA RIBEIRO

UM “ROLÊ” NA CIDADE:

**MOVIMENTAÇÕES JUVENIS E DISPUTAS ESPACIAIS EM ORLAS DE
SALVADOR-BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Urpi Montoya Uriarte

SALVADOR
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R484 Ribeiro, Tatiana Costa
Um “Rolê” na cidade: movimentações juvenis e disputas espaciais em orlas de Salvador-BA / Ribeiro, Tatiana Costa. – 2021.
310 f.: il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Urpi Montoya Uriarte
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Salvador (BA). 2. Movimentos da juventude. 3. Jovens. 4. Periferias. I. Uriarte, Urpi Montoya. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.4

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 27/10/2021 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA no. 20, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) TATIANA COSTA RIBEIRO, de matrícula 216121139, intitulada Um rolê na cidade: movimentações juvenis e disputas espaciais em orlas de Salvador-Ba. Às 15:00 do citado dia, "por videoconferência", foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. URPI MONTOYA URIARTE que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. FATIMA REGINA GOMES TAVARES, Prof. Dr. ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA, Prof. Dr. HEITOR FRUGOLI JUNIOR e Profª. Dra. THAIS TRONCON ROSA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.



Dr. HEITOR FRUGOLI JUNIOR, USP

Examinador Externo à Instituição



Dra. THAIS TRONCON ROSA, USP

Examinadora Externa à Instituição



Dr. ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA, UFBA

Examinador Externo ao Programa



Dra. FATIMA REGINA GOMES TAVARES, UFBA

Examinadora Interna

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'fregt', enclosed in a light gray rectangular box.

Dra. URPI MONTOYA URIARTE, UFBA

Presidente

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'urpi', enclosed in a light gray rectangular box.

TATIANA COSTA RIBEIRO

Doutorando(a)



FOLHA DE CORREÇÕES

ATA N° 20

Autor(a): TATIANA COSTA RIBEIRO

Título: Um “rolê” na cidade: movimentações juvenis e disputas espaciais em orlas de Salvador-Ba

Banca examinadora:

Prof(a). HEITOR FRUGOLI JUNIOR	Examinador Externo à Instituição
Prof(a). THAIS TRONCON ROSA	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA	Examinador Externo ao Programa
Prof(a). FATIMA REGINA GOMES TAVARES	Examinadora Interna
Prof(a). URPI MONTOYA URIARTE	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS: a Banca não sugeriu nenhuma modificação e recomendou a publicação da tese.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). URPI MONTOYA URIARTE

Orientador(a)

UM “ROLÊ” NA CIDADE:

MOVIMENTAÇÕES JUVENIS E DISPUTAS ESPACIAIS EM ORLAS DE SALVADOR-BA

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Banca Examinadora:

ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Urpi Montoya Uriarte (UFBA)

Examinador 1

Prof.^a Dr.^a Thaís Troncon Rosa (UFBA)

Examinador 2

Prof. Dr. Ângelo S. Perret Serpa (UFBA)

Examinador 3

Prof. Dr. Heitor Frúgoli Junior (USP)

Examinador 4

Prof.^a Dr.^a Fátima Regina Gomes Tavares (PPGA - UFBA)

SALVADOR
2021

Para minha mãe, Célia, a mais importante mulher e pessoa da minha vida! A quem devo o que sou de mais forte! Um salve às mulheres de mente livre!!!

AGRADECIMENTOS

A conclusão da tese é fruto de um trabalho de escrita solitário, mas de muita conversa, encontros, risadas e lágrimas. Estive mais tempo em boas companhias do que sozinha em frente à tela do computador. Confesso que fui um tanto resistente em separar a escrita e o campo como se fossem momentos distintos do trabalho etnográfico. No meu caso isso não ocorreu. O campo, por mais de três anos, me alimentou não só com suas categorias e noções, mas acima de tudo me alimentou da necessidade de estar em contato com pessoas, por isso afirmo que esta tese é feita de relacionamentos, e o texto é o produto destes.

São muitas pessoas para agradecer, mas devo começar por quem de imediato acreditou que seria capaz de construir uma etnografia. Para Urpi desabafei minha vontade de olhar as relações pela lente da Antropologia e o quanto tal empreitada acadêmica me seria desafiadora. Ela de pronto aceitou e hoje é mais que uma orientadora, é alguém que admiro não só em sua extrema competência profissional, mas em sua postura firme e compreensiva. Muito Obrigada, Montoya Uriarte!

Agradeço aos membros da banca: Prof. Ângelo Serpa, Prof. Heitor Frúgoli, Profa. Fátima Tavares e Prof. Thaís Rosa por aceitarem dividir comigo um olhar criterioso e respeitoso sobre o trabalho. As colocações de cada um de vocês ajudaram a construir, em algum aspecto, o trabalho final, seja nas conversas pessoais como no caso de Fátima, seja nas análises do texto de qualificação que me emprestaram um novo olhar sobre a pesquisa.

Agradeço a todos da minha família que tanto cuidaram de mim e souberam entender as dificuldades pelas quais passei durante esse período. À minha mãe, pai, irmã Naiar, sobrinho Mateus, Prima/irmã Pati, tia Lai, primo Lucas, companheiro de vida Dida, a todos, a minha mais profunda gratidão, não conseguiria finalizar esse trabalho sem o incentivo e apoio emocional de vocês. Também agradeço ao primo John e sua companheira Gilman por me acompanhar nas primeiras idas à Itapuã quando me sentia perdida, sem saber por onde começar.

Dedico todo o meu respeito às mulheres que fazem parte da minha vida ou que passaram a fazer parte, em especial, a Nane, Mari, Amanda, Kika e Paula, colegas de faculdade que se tornaram irmãs de alma. Vocês são beleza rara nesse mundo que muito nos entristece. Obrigada por me encher de luz, de perto ou de longe, mas sempre juntas!

Agradeço a Ricardo, amigo que tanto me fortaleceu espiritualmente e seguiu ao meu lado mesmo que em pensamento. A Marta, minha menina desapegada, que mesmo pelo mundo leu todo meu trabalho, página por página, enriquecendo o texto com o seu olhar inteligente e sensível. A meu sempre primo George, pelo seu cuidado e consideração com cada linha escrita no texto, você também faz parte dessa conquista. E a Lucas Machado, pessoa especial e futuro brilhante urbanista que tanto nos ajudou na construção dos mapas e croqui.

Agradeço as amigas Sarah, Ana e Lorena por compartilharem comigo momentos de descontração e de agradáveis trocas de sugestões, além de outros momentos mais étlicos, não esqueçamos Urpi!

Agradeço a todos os colegas de turma, Vanessa, Adriana, Iacy e Flávio por tornarem as disciplinas e os encontros fora da sala de aula mais leves. Também à todos os professores do PPGA com os quais tivemos boas discussões em sala de aula. A Antropologia, com certeza, me tornou uma pessoa diferente e ainda mais interessada nas muitas visões de mundo possíveis.

Agradeço a todos com quem estive em campo, a cada jovem que me deu a honra de conhecer sua história e, em alguns casos, até mesmo fazer parte de suas vidas. Com eles aprendi muito e fui desafiada a me transformar em vários momentos. Todo o meu carinho para Matura, JP, Igor, Inaê, Dai e Bruno, pessoas com quem muito convivi e que foram cruciais para que o trabalho de campo tivesse a profundidade que teve. Muito grata à Jucélia e Jaciara, irmãs que abriram as portas de suas casas para me receberem com alegria e boas histórias.

E por fim e não menos importante agradeço à FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia) pelo incentivo financeiro, por meio de bolsa de pesquisa em doutorado, que possibilitou a minha plena dedicação à construção desta tese.

*A desigualdade é algo surreal,
Provoca violência criando tal “marginal”
Promovendo decadência,
Movimentando dinheiro,
Produto letal para corrupção
nem aS nossas crianças
Tem direito a educação legal, melhor lavagem cerebral
Minha revolta é perceber que
eles não pensam no geral
Guerra destrutiva, nunca enxergam o que faz
Espero um dia conhecer a paz ou tanto faz
Ter certeza que humanos são humanos animais, nada mais, irracionais,
Infracional, geracionais? Desproporcional:
Uma luta desigual, né?
Desonesta sociedade. Sacanagem!
Eu vi a desigualdade criando facções e a falta de capacidade
Facções criando o peso da facilidade, falsidade, né não?
Se não existisse desigualdade
Não existiria facção
Muito menos opressão
E nem briga de faca, queijo, farinha, peixe e pão
Minha fome que é monstruosa
Pra comer em palmas de mãos
E se Deus existe!
Espero que volte então
Me pego chorando olhando a constelação
Vejo queda de quem tem futuro
A morte de um irmão
A luz celestial não é ofuscada pela escuridão
Transparência, amor e ódio, mas nunca submissão.
Espero o fruto de cada árvore
Não ela jogada ao chão
Máquinas de frustração,
Sustação
Ensinando que dinheiro é bom
Pro sustento da ambição
Separados pelo estudo e trabalho
Sem comida, desemprego, fora as dívidas...sem sossego
Duas perguntas: cadê o povo brasileiro?
Resposta: está no desespero, em cima do muro, vivendo com medo?
Mas a tristeza vinha da pergunta do seu pequeno filho
- Mãe, porque temos que correr
Dobrado para chegar na metade do caminho?*

DENNIS MATURA

RESUMO

Esta tese tem como objetivo apreender as formas de movimentações urbanas de jovens moradores das periferias de Salvador - Ba. Através da construção de uma etnografia “multilocal”, seguimos com eles e elas seus percursos, estivemos em meio as suas experiências de ocupação e apropriação dos espaços da cidade. Para tanto, partimos de pontos da Orla Atlântica, mais especificamente, das orlas localizadas nos bairros da Barra, Rio Vermelho e Itapuã. A construção da etnografia exigiu um exercício de recuperação da constituição populacional de cada uma dessas regiões da cidade, contribuindo para a ideia de que falamos em orlas, como espaços a beira-mar detentores de particularidades históricas e sociais que afetam as dinâmicas de usos dessas, bem como, dos usos juvenis. Tal perspectiva de análise revelou que as formas de interação nas orlas são permeadas por disputas espaciais. As práticas de lazer, na maioria dos casos, por mais que não estivessem voltadas para ações políticas organizadas, estavam entrelaçadas às diferenças sociais, de gênero e de raça. Estas realidades os demandavam viver, a todo tempo, tendo de se deparar e de enfrentar as desiguais condições de existência nessa cidade. Por onde os jovens se movimentassem suas relações eram carregadas de resistência, seja numa situação de *bullying* entre amigos, seja nas relações com policiais, comerciantes e jovens de outras classes sociais. Também a movimentação dos jovens nos espaços das orlas pesquisadas nos impeliu a atualizar a noção de grupos juvenis e a analisar suas territorializações dos espaços em termos de tipos de agrupamentos juvenis. As particularidades encontradas em cada orla confluíram para arranjos relacionais específicos, sendo assim, quando falamos em seus “agrupamentos flexíveis” estamos nos referindo a práticas juvenis que ocorrem de forma mais temporária, itinerante e atravessada de maior diversidade de pessoas e quando falamos em “agrupamentos costumeiros” nos referimos a associações rotineiras, dotadas de laços íntimos e de conflitualidades. Ambos os tipos de relações são caracterizadas pela fluidez no arranjo de jovens; não há restrições e regras internas que os tornem um grupo fechado.

Palavras-Chave: Salvador; Movimentações Juvenis; Orlas; Agrupamentos; Jovens; Periferias

ABSTRACT

This thesis aims to apprehend the patterns of urban mobility typical to young dwellers of suburb districts from Salvador - Bahia. Through the construction of a "multifocal" ethnography, we followed their movements alongside them, among their experiences concerning occupation and appropriation of urban spaces. For that purpose, we started from points of interest of the city's Atlantic coast, more specifically, those located in districts such as Barra, Rio Vermelho and Itapuã. The ethnography's construction demanded an effort of recovery regarding population composition of each of these city regions, contributing to the understanding that we speak of coastS, as in urban spaces by the sea that possess historical and social characteristics which affect their dynamics of use, as well as the juvenile uses. This analysis standpoint revealed that the ways of interaction within the coastS are permeated by territorial disputes. In most cases, the leisure practices, even though not informed by organized political actions, were intertwined to social differences of gender and race. These realities impose them a lifelong of contemplating and facing, at all times, the uneven conditions of existence in this city. Wherever the youth dared to explore, its relationships were soaked in resistance, be it a bullying scenario between friends or mere exchanges with cops, vendors and young people from other social classes. Also, the way the youth moves across the researched coastal spaces prompted us to refresh our notion of juvenile groups and analyze their spatial territorialization, considering the types of juvenile gathering. The particularities found in each "coast" pointed to specific relational arrangements, that being said, when we speak of "flexible gatherings", we refer to juvenile practices that occur in a more temporary, itinerant manner, whilst marked by a greater diversity of people; on the otherhand, when we speak of "customary gatherings", we refer to routine associations defined by intimate ties and conflict issues. Both types of groupings are characterized by the fluidity of juvenile arrangements; there is no restriction or internal rule that turns them into an inaccessible faction.

Key-words: Salvador, juvenile movements, coasts, groupings, youth, suburbs

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte Orla Salvador (Barra em destaque)	46
Figura 2 – Recorte Orla Salvador (Rio Vermelho em destaque).....	47
Figura 3 – Recorte da Orla de Salvador	47
Figura 4 – Recorte Orla de Salvador (Itapuã em destaque).....	55
Figura 5 – Mapa de Movimentação da Pesquisa	67
Figura 6 – Jovens no Monte do Farol da Barra	70
Figura 7 – Jovens no Monte do Farol da Barra	75
Figura 8 – Jovens na Orla do Rio Vermelho	78
Figura 9 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho.....	81
Figura 10 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho.....	81
Figura 11 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho.....	82
Figuras 12 e 13 – Jovem dançando no calçadão da orla do Rio Vermelho.....	85
Figura 14 – Jovens na parte da praia na orla do Rio Vermelho.....	88
Figura 15 – Mapa de movimentação individual de Brenda.....	92
Figura 16 – Mapa de movimentação individual de Kaio.....	94
Figura 17 – Mapa de movimentação individual de Luiza	96
Figura 18 – Mapa de movimentação individual de Diego.	97
Figura 19 – Mapa de movimentação individual de Márcio.....	99
Figura 20 – Mapa de movimentação individual de Alan.....	101
Figura 21 – Mapa de movimentação individual de Valter.	103
Figura 22 – Mapa de movimentação individual de Igor.....	106
Figura 23 - Batalha De Dança Em Largo Do Rio Vermelho	115
Figura 24 – Rapel Em Passarela Da Lapa	117
Figura 25 – Rapel Em Passarela Da Lapa	118
Figura 26 – Mapa do trajeto	134
Figura 27 – “Éramos a cinza e agora somos o fogo”.....	162
Figura 28 – Mapa de Movimentação da Pesquisa	178
Figura 29 – Orla de Itapuã.....	183
Figura 30 - Orla de Itapuã.....	183
Figura 31 - Orla de Itapuã.....	184
Figura 32 – Orla de Itapuã.....	185
Figura 33 – Praça da Quadra	186

Figura 34 – Paredão da Igreja.....	186
Figura 35 – Paredão da Igreja.....	187
Figuras 36, 37, 38 e 39 – Batalha da Quadra.....	193
Figura 40 – Mapa de movimentação individual de Ícaro.	201
Figura 41 – Mapa de movimentação individual de Danilo.	204
Figura 42 – Mapa de movimentação individual de Elis.....	208
Figura 43 – Mapa de movimentação individual de Luiz.....	211
Figura 44 – Mapa de movimentação individual de Carla.....	215
Figura 45 – Mapa de movimentação individual de Michel.....	217
Figura 46 – Recorte Orla Itapuã.....	260
Figura 47 – Mapa de movimentação/Barra e Rio Vermelho.....	283
Figura 48 – Barra de movimentação Itapuã.....	284
Figura 49 – Orla de Itapuã.....	294
Figura 50 – Orla de Itapuã.....	294

LISTA DE SIGLAS

EPUCS – Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador

EC – Estudos Culturais

SFH – Sistema Financeiro de Habitação

BTS – Baía de Todos os Santos

RMS – Região Metropolitana de Salvador

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro

SEMOB – Secretaria de Mobilidade de Salvador

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

ICEIA – Instituto Central de Educação Isaías Alves

SESC – Serviço Social do Comércio

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora

CEJUVE – Conselho Estadual de Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - A(S) ORLA(S) DE SALVADOR	26
1.1 DA CIDADE ANTIGA NA BAÍA AO SURGIMENTO NOVA CIDADE NA ORLA ATLÂNTICA.....	26
1.1.1 O crescimento da cidade para o sul	26
1.1.2 Do sul e para a Orla Atlântica	33
1.1.3 A cidade fragmentada.....	40
1.2 AS ORLAS: BARRA, RIO VERMELHO E ITAPUÃ.....	46
1.2.1 As orlas da Barra e do Rio Vermelho.....	46
1.2.2 A orla de Itapuã	55
CAPÍTULO II - ORLAS DA BARRA E DO RIO VERMELHO: PRÁTICAS JUVENIS E OS USOS DOS ESPAÇOS.....	62
• Apresentação	62
• Metodologia do capítulo.....	63
PARTE I	
2.1 JOVENS NA ORLA	67
2.1.2 Barra	67
• A ocupação dos lugares: monte do Farol da Barra	67
• Descobrindo quem são os jovens da orla.....	71
• Os deslocamentos e os usos nas orlas	73
➤ Corpos e manifestações artísticas	73
➤ Músicas e bebidas	75
➤ Conflitos.....	76
2.1.3 Rio Vermelho.....	77
• A ocupação dos lugares: rua principal e calçadão da orla do RV.....	77
• Descobrindo quem são os jovens da orla.....	80

• Os deslocamentos e os usos nas orlas	84
➤ Corpos e manifestações artísticas	84
➤ Músicas e bebidas	86
➤ Conflitos.....	88
PARTE II	
2.2 OS JOVENS EM MOVIMENTO	90
2.2.1 Os jovens e seus traçados móveis	91
2.2.2 Nos “rolês”: encontros juvenis em lugares da cidade	107
CAPÍTULO III - “UNS MAIS IGUAIS QUE OUTROS”	121
3.1 Agrupamentos juvenis flexíveis.....	123
3.2 “Rolê”: movimentações urbanas interconectadas	132
3.3 “Rolê” e disputas por espaços urbanos	139
3.4 Espaços públicos vivos	149
3.5 Territórios juvenis itinerantes entre lugares das orlas.....	154
3.6 “Éramos as Cinzas e Agora Somos o Fogo”	161
CAPÍTULO IV - A ORLA DE ITAPUÃ: PRÁTICAS JUVENIS E OS USOS DOS ESPAÇOS.....	174
• Apresentação.....	174
• Metodologia do capítulo.	174
PARTE I	
4.1 JOVENS NA ORLA DE ITAPUÃ.....	181
• A ocupação dos lugares: Praça da Quadra e da igreja	181
• Descobrimo quem são os jovens da orla de Itapuã	188
• Os deslocamentos e os usos nas orlas	191
➤ Corpos e manifestações artísticas	191
➤ Músicas e bebidas	194
➤ Conflitos.....	195
PARTE II	
4.2 OS JOVENS EM MOVIMENTO	198

4.2.1 Os jovens e seus traçados móveis	198
4.2.2 Nos “rolês”: encontros juvenis em lugares da cidade	219
CAPÍTULO V – OS JOVENS DA PRAÇA.....	232
5.1 Jovens e o trabalho: uma leitura a partir das teias de relações urbanas	235
5.2 “Aqui tenho de tudo!”: A Centralidade Urbana Itapuanzeira.....	248
5.3 “Território jovem” e uma centralidade familiar	267
COMPARANDO PARA CONCLUIR.....	279
• O “rolê” e os usos móveis da cidade.....	279
• Os usos dos espaços de convivência pública nas orlas	289
REFERÊNCIAS.....	298
ANEXO A - Croqui da Barra e Rio Vermelho.	305
ANEXO B - Croqui da Barra.	306
ANEXO C - Croqui do Rio Vermelho 1.	307
ANEXO D - Croqui do Rio Vermelho 2.	308
ANEXO E - Croqui do Rio Vermelho 3.....	308
ANEXO F - Croqui de Itapuã.....	309

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar as movimentações urbanas de jovens moradores de periferias na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, a partir de três de suas Orlas Atlânticas: Barra, Rio Vermelho e Itapuã. Em outras cidades essas áreas têm outros nomes: beira-mar, costeira, etc. Nesta cidade, a Orla não significa apenas o espaço de praia, mas se relaciona com. Ela abrange as praias, os seus espaços de circulação de pessoas, bem como, suas vias importantes de trânsito da cidade (a exemplo da Avenida Otávio Mangabeira) que margeia a faixa litorânea de Salvador e que é rodeada de residências, comércios e serviços, constituindo-se em um importante espaço de usos mistos. A Orla é feita por lugares de grande fluxo de pessoas, espaços de lazer, comércio e turismo de Salvador. Como a maior parte da Orla de Salvador é Atlântica, este nome deu lugar também a toda uma extensa área privilegiada em termos de infraestrutura e serviços, sendo considerada como o vetor moderno da cidade. E é comumente conhecida pelos bairros da cidade, de modo que os trechos da orla do bairro do Rio Vermelho, por exemplo, é conhecida como orla do Rio Vermelho. Este mesmo trecho possui algumas praias com seus nomes específicos. Ou seja, uma orla do bairro possui as suas praias. Para além, a tese revelou que mais do que trechos da Orla Atlântica, estávamos falando de sub-espços (orlas) com características particulares. Ou seja, que há uma Orla como vetor de crescimento a partir de finais do século XIX e várias orlas quando olhadas de mais perto.

O pressuposto inicial da tese foi de que os jovens mantinham deslocamentos para além de seus locais de moradia, restando saber quão móveis eram suas experiências urbanas, por onde se davam e como eram suas relações nestes e com os lugares. Assim, a pesquisa de campo consistiu em acompanhar as dinâmicas de usos dos espaços da cidade por parte de jovens moradores de periferias. A proposta era estar entre eles, em seus deslocamentos e em suas experiências com outros jovens. O desenrolar deste acompanhamento teve como ponto de partida as três orlas acima mencionadas, pelo fato delas serem pontos nodais para os jovens; lugares de práticas juvenis, pontos de encontro recorrentes entre eles. A presença de aglomerações de jovens nelas era notada facilmente.

Nas orlas da Barra, Rio Vermelho e Itapuã conheci diversos jovens e agrupamentos que fui seguindo em seus trajetos pela cidade, a fim de perceber como transitavam por ela, como se relacionavam, conheciam, produziam, usavam e disputavam essa cidade. Para mais, foi significativo acompanhar os jovens e suas formas de estarem inseridos na cidade. Estar nessas oportunidades nos revelou as suas práticas de usos dos espaços e o quanto, em certas

situações, elas se mostravam indesejadas por aqueles que os concebiam como “fora” do lugar, ou seja, como aqueles que não deveriam estar ali, muito menos se apropriando e ocupando os espaços. Os jovens disputavam as orlas (enquanto regiões bem equipadas por serviços e infraestrutura urbana) e enfrentavam adversidades por carregarem consigo as distinções sociais de uma cidade que historicamente expulsou as populações pobres das suas regiões mais beneficiadas por intervenções públicas.

Este trabalho, assim, acompanhou, descreveu e teceu reflexões sobre os “rolês” dos jovens interlocutores. Inicialmente, concebíamos o “rolê” como um momento de lazer no qual os jovens, em maior número de pessoas, transitavam pela cidade. Essa ideia inicial foi sendo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, acrescida de novos elementos que revelaram ser esta uma experiência de usos móveis da cidade, os quais contribuíam para que os jovens se tornassem conhecedores dos espaços e agentes produtores dos mesmos.

Esta tese pretende contribuir nos estudos sobre agrupamentos juvenis urbanos trazendo como particularidade uma observação participante móvel. Ao seguir os jovens moradores de bairros de periferias e suas vivências por diferentes lugares da cidade ambicionamos discutir seus processos de participação na produção dessa cidade. Vale salientar que não usamos o termo “jovens periféricos” por considerá-los como “jovens urbanos”; sujeitos que não pertencem a um único lugar, mas que frequentam e usam diversas partes da cidade. Logo, sustentamos o termo não como uma noção que os reuni igualmente em seus direitos e condições, mas antes por entendermos que os mesmos não estão circunscritos a um contexto de periferia, eles fazem parte dos fluxos urbanos, em maior ou menor alcance de circulação. A ideia foi acompanhá-los na expansão de suas relações na cidade, adotar uma concepção que os restringe, portanto, seria um erro.

Em dissertação de mestrado intitulada: “A dinâmica das relações cotidianas: sociabilidade juvenil e seus códigos de identificação na cidade” focamos em um bairro de periferia específico de Salvador e em um tipo de grupo de jovens. Meu contato e observação das práticas juvenis ocorreram nas esquinas, ruas, escolas e praças do bairro. Nesta pesquisa, pouco pude conhecer suas trajetórias urbanas, suas histórias de construção de relações para além de seus locais de moradia, percebendo como se relacionavam em outras áreas de Salvador. Já para a tese, esta foi uma questão de interesse. Em razão disso, nortearam a pesquisa questões como: por onde andavam, com quem, por quais caminhos, quais relações viviam nesses lugares.

A proposta que dá lugar a esta tese exigiu um modo de fazer pesquisa diferente de tudo que havia feito até então e a principal diferença foi que estivesse em movimento junto com os

interlocutores da mesma. Sem contornos espaciais, nem de grupos precisos, o lócus da pesquisa se acomodou ao fluxo dos encontros de campo e das movimentações que se desdobraram a partir delas. Este tipo de pesquisa de campo é chamada de “etnografia multilocal” (MARCUS, 2001), segundo Marcus (2001), consiste em sair dos lugares e situações locais da investigação etnográfica convencional para uma apreciação que leva em conta a circulação de significados, objetos e identidades em um tempo e espaço difuso (MARCUS, 2001). A construção de uma etnografia multilocal conduziu a pesquisa à uma iniciativa capaz de tornar as “trajetórias inesperadas ao seguir formações culturais através e dentro de múltiplos sítios de atividade” (MARCUS, 2001, p. 111).

É em função do entendimento do campo como mutável e atravessado por múltiplas escalas de análise que seguimos pessoas e os significados de suas movimentações urbanas. Nesta tese não falamos de uma rua em profundidade, uma instituição, um grupo ou um bairro determinado e, sim, de movimentos e trajetos. Falamos sobre territorialidadeS (FRÚGOLI, 2013), práticas e agentes móveis, compartilhando múltiplas territorialidades.

A partir desse olhar de perto, acompanhando as experiências vividas pelos jovens em várias áreas e lugares, propomos categorias que expressam algumas das movimentações juvenis reveladas: “jovens peregrinos urbanos”, “jovens das áreas” e “jovens entre territórios móveis”. Outra forma de apresentar as dinâmicas de movimentações foram os mapas. Através desse recurso de imagem foi possível demonstrar por onde os jovens interlocutores da pesquisa mais circulavam, em quais áreas da cidade se encontravam esses locais e quais atividades e relações mantinham neles. A construção dos mapas e das categorias facilitou um melhor trabalho de comparação dos usos da cidade pelos jovens, ao mesmo tempo em que permitiu a elaboração de uma perspectiva panorâmica desses usos.

As experiências móveis dos nossos interlocutores demonstravam não estarem soltas ou isoladas de um todo, elas eram partes que se articulavam com outras partes e com a cidade, formando modos de uso interconectados. Marcus (2001) ao abordar o tema da “etnografia do sistema mundo” nos fala sobre o entendimento da dimensão global como sendo um âmbito do social que emerge da discussão sobre a conexão entre lugares. O autor nos traz a visão de que o sistema mundo não se compõe de esferas sociais separadas e as relações locais não são meros retratos de contextos globais. Noutra perspectiva, o autor, as entende enquanto esferas que se relacionam, transformando-se constantemente. De maneira que as localidades são pensadas em suas interconexões entre si e com o sistema mais amplo, uma vez que ambos os contextos sociais se refletem, existindo em correlação e não isoladamente. Uma localidade

não existe sem as outras, bem como, o geral é feito das conexões existentes entre as muitas esferas, contextos, realidades e amplitudes do social.

Diante dessa interpretação, ponderamos a importância de entender a constituição histórica dos espaços urbanos aos quais nos referimos. A história de ocupação dessas orlas e de seu entorno nessa cidade refletem as formas de uso desses espaços. Esse resgate no tempo nos fez perceber como cada um desses espaços foi tratado pelas gestões políticas, conhecer quais classes sociais as povoou, contribuindo para o entendimento das diferenças nos usos existentes e dos grupos sociais que mais se apropriam e/ou ocupam estes espaços de Salvador. Após o reconhecimento dessas diferenças e do resgate do passado de povoamento dessas áreas da cidade foi possível construirmos uma série de comparações entre as orlas em questão. Foi o exercício comparativo que nos conduziu para as análises finais dessa pesquisa. Somente articulando as várias interfaces do social encontradas em campo é que foi possível compreender melhor as realidades espaciais e dos sujeitos.

O trabalho de campo inicial foi bastante desafiador, pois tive que “abrir” três campos diferentes sendo que não mantinha nenhum tipo de vínculo pessoal ou profissional nos lugares que me possibilitassem um acesso mais fácil entre os jovens. Não estava ligada a nenhuma instituição, não trabalhava com uma equipe de pesquisa e nem morava em nenhum dos bairros aos quais as orlas pertencem. Outro aspecto desafiador foi que estar em meio a situações de lazer não era o ambiente mais propício para se falar de pesquisa acadêmica e ainda mais durante a noite quando os jovens estavam mais interessados em paquerar, beber e em alguns casos, consumir outros tipos de drogas que nem conhecia.

O contato com os jovens passou por três momentos. Num primeiro, quando ainda estava “criando coragem” para dialogar, mantive uma postura mais distante, observando suas dinâmicas de chegada, de saída e as suas práticas nos lugares. Num segundo momento, em que me senti mais à vontade para iniciar um diálogo, adotei as estratégias de informar que era uma pesquisadora interessada em falar sobre a cidade de Salvador com eles ou começar uma conversa despretensiosa e, em sendo a pessoa receptiva, me apresentava como pesquisadora ou antropóloga. Mas, percebi que estas não eram boas opções de aproximação, pois não possibilitou manter contato com eles para além dos encontros na orla. Foi quando decidi entregar o meu contato para o maior número de jovens possível e esperar o retorno de quem realmente tivesse algum tipo de interesse na pesquisa ou quisesse conversar um pouco mais

comigo. Nessa segunda etapa, a companhia de amigas foi essencial para estar entre os “rolês”. Não estar sozinha facilitou manter conversas mais demoradas com os jovens. Foi somente depois dessa postura que iniciei contatos mais constantes com alguns jovens que conheci nas orlas. O terceiro momento da pesquisa de campo consistiu em seguir com eles os seus caminhos; estar entre eles em suas experiências urbanas, convivendo nos “rolês”. Esse estágio se desenrolou de formas diferentes, mais especificamente, Barra e Rio Vermelho apresentando traços comuns, e Itapuã aspectos distintos das demais.

As três etapas descritas possibilitaram o acesso a determinados aspectos das dinâmicas relacionais existentes nos campos. O olhar mais afastado oportunizou a observação das práticas de uma perspectiva mais panorâmica, distante; pude perceber como se davam os contatos entre os jovens e as formas que se organizavam e se distribuía por todo o lugar. Já a aproximação direta proporcionou conhecer melhor as práticas vividas nesses espaços de convivência coletiva. Nesse período, passei a notar alguns de seus processos relacionais na cidade. Já a etapa em que estive mais próxima dos jovens, fazendo parte de suas relações cotidianas e de seus usos dos espaços, foi possível conhecer e acompanhar os seus trânsitos pela cidade e adentrar nos significados atribuídos às suas movimentações urbanas. Somente com o transcorrer desses estágios de aproximação é que fomos capazes de colocar as categorias dos interlocutores em relacionamento com as da antropologia aplicada neste estudo.

Outro desafio do campo foi conseguir lidar com as permanências e impermanências dos jovens nos espaços das orlas. Na Barra e no Rio Vermelho me deparei com jovens de vários pontos e bairros de Salvador e nem sempre os encontrava semanalmente. A maior dificuldade, nesses campos, foi conseguir criar vínculo com estes jovens. Os conhecia individualmente, às vezes, estes estavam em agrupamentos diferentes e os mesmos não se relacionavam. Estas pessoas mantinham vínculos pessoais diversos e frequências diferentes nas orlas. Estar com eles para além da orla demandou de mim, me colocar sempre disponível para qualquer evento que ocorresse, sempre mostrando interesse em participar. Desse modo, fui me aproximando mais de alguns jovens e ampliando minha rede de contatos e experiências a partir daí. Com esses interlocutores, pude estar em seus bairros de moradia, casas, praças e, em algumas ocasiões, eventos da vizinhança.

A orla de Itapuã me proporcionou uma situação contrária, nesta convivi com a permanência de seus encontros e pessoas. Os jovens que mantinham contato na orla eram constantes. Os encontrava facilmente em dias da semana e finais de semana também. Essa recorrência de contato possibilitou um vínculo mais forte com esses jovens. Minha rede de

conhecidos aumentava cada vez mais e os chamados para estar entre eles ocorriam sem que eu estivesse sempre me colocando à disposição. Os vínculos eram tão constantes a ponto de colocarem suas casas à disposição para que eu passasse a noite e não precisasse gastar com o meu retorno para casa. Com a pandemia foi isso que aconteceu. Passei a dormir em suas casas e acabava passando o dia seguinte entre eles. Foi assim que os vínculos de aproximação ficaram mais estreitos. Passei a estar entre seus familiares, vizinhos, vizinhos que são parentes, parceiros afetivos, amigos. Assim pude acompanhar suas rotinas de vida e entender melhor suas histórias de vida e conseqüentemente suas movimentações urbanas.

A dificuldade, em Itapuã, foi administrar os conflitos em que me via envolvida. Se antes de tecer laços mais íntimos era recebida nos agrupamentos de forma receptiva, passei a, de certa forma, estar também em meio a fofocas e intrigas. Em certo ponto, deixei de ser a Tati pesquisadora que gostava de conversar e estar com todos e passei a ser a Tati amiga de alguém, a Tati que anda mais com tal pessoa, logo, uma figura a quem não se deve mais falar certas coisas e chamar para determinados “rolês”, mais íntimos. As redes de conflito são tão intensas e voláteis que seria difícil estar entre eles e em algum momento não ser atingida pelas mesmas. O dormir nas casas de uns ou conversar mais com certas pessoas me tornou alguém potencialmente detentora e fornecedora de informações mais íntimas sobre os membros do lugar: os motivos de desentendimento, os furtos, empréstimos não pagos, consumo de drogas etc. Em função dessas informações, minha presença deixou de ser sempre aparentemente bem-vinda e passou a ser encarada com mais reservas por alguns, ou mesmo, sendo cogitada como mediadora das informações entre as partes envolvidas em conflitos.

Como fui recepcionada pelos jovens que acompanhei sendo eu uma mulher branca, de 36 anos, de classe média, cis (indivíduo que se identifica com o gênero de nascença), moradora de bairros centrais não periféricos? Talvez meu jeito meio jovial e destemido tenha me aproximado relativamente bem dos jovens e conseguido manter com alguns deles vínculos de confiança e amizade, mesmo depois de finalizado o trabalho de campo. O questionamento não advinha da minha cor ou da minha idade, mas, no caso de Itapuã, por morar tão longe dessa orla e, em todos os campos, por ser uma mulher cis. Confesso, que em alguns momentos me senti quase envergonhada em responder, mas acabei me divertindo com a situação. As relações binárias vão perdendo lugar para as identidades de gênero, ou mesmo, para as experimentações que os sujeitos desejam em suas vidas e em seus corpos. Outra questão que destoava entre nós era o fato de eu não estar, como dizem, na mesma “vibe” de curtição deles. As relações de campo aconteciam muitas vezes em momentos de descontração e de uso de bebidas alcoólicas, mas para mim seria complicado alterar a minha consciência em campo e, ao mesmo tempo, estar atenta às relações vividas.

Em campo, vale a pena destacar que em nenhum momento utilizei o diário de campo, este só era preenchido no caminho de volta para casa, em casa ou existiu em forma de lembretes ou de áudios feitos no meu aparelho celular. Criei um grupo no aplicativo *WhatsApp*, no qual apenas eu fazia parte, e era para onde enviava a mim mesma áudios feitos nas ocasiões dos encontros, textos, diálogos e tudo que considerava importante armazenar. Desde os primeiros anos de pesquisa na área da juventude, no ano de 2008, já percebia que o registro presencial no campo era uma postura que afastava o interlocutor e marcava fortemente, e de maneira desagregadora, as nossas diferentes posições na relação. Com o tempo, percebi que o melhor era conversar, estar entre, colocar questões pertinentes para pesquisa em meio as vivências, mas foi com esta pesquisa que entendi que mais do que embutir questionamentos nos diálogos, era mais rico ouvir as colocações e análises feitas por eles em meio aos seus “rolês” e rotinas. Sendo assim, anotações presenciais, perguntas diretas ou entrevistas não foram recursos necessários. Com estas experiências aprendi que participar de suas rotinas me trazia dados mais densos.

A etnografia foi produzida em meio às associações e adversidades que vivi com e entre os jovens. Estas experiências demonstraram o quanto o campo é relacionamento e afetação. As experiências etnográficas ajudam a entender a forma como produzimos ideias, como as significamos e as descrições destas são sempre e inevitavelmente parciais (TOREN, 2006). As ideias de mundo não são sólidas, elas se desfazem no contato com o outro, daí ser “sempre necessária uma investigação etnográfica que determine de que modo a categoria é usada e quais suas possíveis implicações” (TOREN, 2006, p.4). Por esse motivo entendemos a importância dos capítulos mais descritivos (o II e o IV) desta tese. Neles, tentei expor densamente os dados e suas formas de construção nas vidas dos jovens.

Estar entre os jovens oriundos de bairros de periferias significou adentrar em códigos locais dos quais não fazia parte, e conviver com uma dinâmica de relações da qual também não fazia parte, uma vez que sou de uma origem social privilegiada. Diante das particularidades desse encontro, entre pesquisadora e interlocutores, tive que apreender as visões de mundo do outro, não tentando me tornar como eles ou objetivando minhas questões, mas interagindo em seus contextos de ação na vida.

Consegui fazer estas apreensões desse outro mundo? Tentei. A proposta da tese nunca foi de produzir verdades sobre os jovens e seus usos do urbano, mas ser uma reflexão a partir

de encontros/desencontros concretos capazes de fornecer dados sobre os sentidos do vivido atribuídos pelos interlocutores da pesquisa. Para Viveiros de Castro (2002) o trabalho da antropologia não consiste em partir de concepções consideradas universais e entendê-las em suas manifestações contextuais, particularizar o geral, mas em experimentar outras questões e outros problemas que não as do antropólogo e seu mundo. A construção do conhecimento não é unilateral, mas relacional. Não se trata de interpretar o outro; a originalidade da antropologia está em realizar um projeto epistemológico que possibilite emergir outras ontologias. A etnografia, em vista disso, é um "experimento do conhecimento". A experiência real possibilita a entrada em outro pensamento, ajuda a conhecer o outro em seu ponto de vista particular.

Construímos ao longo dos anos um extenso material de campo. A questão era como transformar tantas vivências em um texto científico dinâmico e consistente? A solução que encontramos, foi primeiramente assumir a diversidade condizente à realidade da pesquisa e, em segundo, buscar ao máximo não tornar estático o que era movimento. A narrativa etnográfica, então, seguiu, na medida do possível, o próprio fluxo dos encontros de campo. Os campos foram acontecimentos feitos de experiências móveis e pretendíamos que a escrita, de alguma forma, seguisse o fluxo desses encontros. A escolha, diante disso, foi descrever ao máximo estas movimentações e não separar totalmente as descrições das análises teóricas.

Sendo assim, os capítulos descritivos (II e IV) detêm em si análises iniciais de aspectos que foram mais depurados nos capítulos III e V. Ou seja, por mais que haja uma divisão entre aspectos históricos, campo e teoria, esta não se fez absoluta. Os capítulos II e IV são descrições de como os jovens se movimentam pelas orlas e outros espaços da cidade. O capítulo I, composto por aspectos históricos e teóricos, foi construído no intuito de que compreendêssemos melhor o que foi desenvolvido ao longo da tese, mais especificamente, sobre os usos e disputas dos espaços da cidade. Em outros momentos, como no capítulo V, nos beneficiamos do contexto histórico do bairro de Itapuã com o propósito de aprofundarmos as análises. A mescla na construção da escrita, principalmente nesse capítulo, ocorreu pela necessidade em apreender as particularidades referentes ao bairro.

A tese se divide em seis capítulos, contando com a conclusão. No primeiro, organizamos uma série de eventos históricos sobre a cidade de Salvador que nos auxiliou a pensar as formas de usos das orlas e da cidade por parte dos jovens moradores de periferias. Para tanto, recuperamos informações ligadas a ocupação e constituição populacional das orlas em questão, além de discutir sobre algumas das transformações urbanas ocorridas em

Salvador ao longo dos tempos. Num segundo item, adentramos no contexto histórico que ocasionou o crescimento da cidade no sentido sul da Baía. Em outro ponto, analisamos o seu crescimento em direção a Orla Atlântica. A discussão nos fala sobre a Orla Atlântica como um espaço relativamente novo, criada para os setores privilegiados da sociedade. O que discutimos como a consolidação de uma cidade que ao mesmo modo que se fez fragmentada socialmente, se tornou nos dias mais atuais, uma Salvador que avizinha áreas de grande valorização, com áreas de padrão periférico. Além de apresentarmos, como último ponto, algumas breves informações históricas, populacionais, socioculturais, políticas e econômicas dos bairros em que estão localizadas as três orlas. O resgate de tais aspectos sobre a produção dos espaços de Salvador nos trouxe o entendimento de que dentro desse espaço (Orla Atlântica), há sub-espaços (orlas) com características particulares. Ou seja, que há uma Orla como vetor de crescimento a partir de finais do século XIX e várias orlas quando olhadas mais de perto.

O segundo e quarto capítulos possuem a mesma forma de construção textual, são capítulos descritivos. O que os diferencia é que no segundo trazemos os dados de campo referentes as orlas da Barra e do Rio Vermelho e no quarto são os dados sobre a orla de Itapuã. Neles organizamos as experiências vividas em campo com os jovens interlocutores, descrevendo as aproximações – de longe, de perto, entre eles e elas – apresentamos como cada pessoa foi fazendo parte da pesquisa. Os primeiros tópicos foram desenvolvidos com base nas experiências observadas nas orlas, adentrando nas principais práticas vividas pelos jovens entre os agrupamentos. Em seguida, em função do contato mais constante, aprofundamos as histórias de vida dos principais interlocutores e como estas influenciavam diretamente nas formas de movimentação dos mesmos pela cidade. No último tópico narramos como se davam estas movimentações na cidade, em seus espaços nas orlas, nos locais de moradia, de lazer, de vizinhança. São descrições de como aconteciam os “rolês” entre eles e elas.

O terceiro e quinto capítulos são uma análise dos dados que foram descritos nos capítulos dois e quatro, depurando categorias e processos que emergiram das relações de campo e trazendo mais experiências de usos móveis de jovens. No caso das orlas da Barra e do Rio Vermelho (capítulo III) os relacionamentos revelaram que além dos usos de lazer existiu a ocupação dos espaços que impunha a mobilização política de suas identidades. Os jovens, nesses lugares, estavam em contextos urbanos mais plurais. Os encontros se desenhavam mais fluídos e menos fechados, nesse sentido, mais do que galeras juvenis entendemos que ali existia a construção de “agrupamentos flexíveis”; reuniões que se faziam efêmeras, abertas e atravessadas por muitas disputas espaciais. Essa parte da tese deteve-se

em refletir sobre os “rolês” enquanto movimentações urbanas interconectadas, uma vez que eram capazes de promover, em determinados espaços, a junção de jovens oriundos de muitas periferias da cidade, por mais que estas fossem “controladas” por comandos rivais da rede de tráfico de drogas da cidade. Nesse sentido, os locais das orlas se mostravam como “espaços neutros”. A maior parte das vivências entre os agrupamentos existiam em espaços públicos da capital. A convivência em lugares, a priori, considerados abertos a todos trouxe a discussão do quanto os “rolês” tornavam ainda mais vivos os espaços públicos.

O quinto capítulo, referente aos desdobramentos do capítulo quatro, sobre a orla de Itapuã, seguiu reflexões diversas. Suas vivências nos trouxeram as relações de trabalho como um aspecto que interferia no andamento de suas vidas, de seus sonhos e de suas movimentações pela cidade. Ter uma renda própria não necessariamente lhes garantia maior deslocamento urbano. A condição de ter de custear suas necessidades básicas, de auxiliar na renda familiar ou mesmo de financiar seus sonhos fazia com que o gasto com os “rolês” fosse algo secundário em suas vidas. Além do fato de que as relações de trabalho quase nunca lhes proporcionavam certo grau de estabilidade financeira, em função dos precários vínculos empregatícios que mantinham. Outra dimensão da vida dos jovens discutida nesse capítulo diz respeito a densidade histórica do bairro. A recuperação de aspectos históricos de formação da região nos trouxe a noção da densidade urbana do mesmo. O bairro passou por longos processos de integração/ligação com a cidade e seu centro. Hoje, Itapuã, possui uma centralidade importante, tornando-se uma região que reuni muitas funções urbanas no vetor norte de Salvador. Além de ser o bairro de moradia de boa parte dos jovens interlocutores é também onde constituíram a sua “área” na cidade. O espaço da orla é o centro dessa “área”, principal local de encontro entre os jovens interlocutores, onde a maior parte dos “rolês” aconteciam. No caso de Itapuã, é basicamente na orla que as apropriações dos espaços tornavam aquilo que é público em algo próprio. Para boa parte dos interlocutores, a orla era deles, seu território de compartilhamento de intimidade de rua.

A sexta e última parte da tese poderia ser considerada como a conclusão do trabalho, no entanto, diante das particularidades emergidas em campo, podemos dizer que se trata de um capítulo no qual comparamos para tecermos algumas importantes considerações sobre a proposta da pesquisa. Uma dessas comparações nos trouxe a ideia de que os agrupamentos juvenis se caracterizam de modos diferentes a depender de onde eles estejam na cidade. Se no caso das orlas da Barra e do Rio Vermelho, pensamos em agrupamentos que conectam pessoas de muitas periferias da cidade num fluxo constante de novos contatos, em Itapuã, estivemos entre “agrupamentos costumeiros”, nestes os encontros são entre pessoas

corriqueiras, nos quais as relações são intermediadas por conflitualidades e afetividades. Outro importante aspecto comparativo diz respeito às trajetórias individuais de movimentações dos jovens que nos revelou serem menos móveis e pouco distribuídas pela cidade tanto quanto imaginávamos em uma ideia inicial. Mas as mesmas também nos fez perceber o quanto os “rolês” são motivadores de expansão das experiências urbanas. E por fim, é através dos usos móveis da cidade que compreendemos o quanto de “ocupação” e de “apropriação” juvenil há nos espaços de Salvador. As relações urbanas dos jovens moradores de periferias da capital baiana, nessa pesquisa, nos mostraram o quanto dessa cidade, seja em suas orlas ou fora delas, é feita de disputas espaciais quando do encontro entre classes e se desenha conflituosa nas relações de proximidade entre os costumeiros da “área”.

CAPÍTULO I

A(S) ORLA(S) DE SALVADOR

O presente capítulo objetiva entender a formação e características da Orla Atlântica de Salvador a partir do século XIX, mais especificamente três trechos (Barra, Rio Vermelho e Itapuã) que serão os objetos de análise predominantes no estudo. Os fatos históricos descritos ajudarão a compreender como foram produzidos estes espaços à beira-mar até chegarem a sua forma atual.

O espaço costeiro da cidade de Salvador é chamado de Orla. Trata-se de uma área extensa, com aproximadamente 50 km. Uma parte desta Orla se refere à área costeira da Baía de Todos os Santos e a outra à área costeira do Oceano Atlântico. Os soteropolitanos, no entanto, quando falam em Orla estão se referindo apenas a esta última. Desde sua fundação até final do século XIX, a Orla de Salvador foi a Orla da Bahia. Por sua vez, esta Orla se confundia com o espaço portuário, composto de inúmeros pequenos cais e atracadouros.

Na primeira seção deste capítulo, buscaremos evidenciar como a Orla Atlântica é um espaço construído tardiamente na história de Salvador; como ela foi resultado da criação dos poderes públicos em consonância com interesses privados e como ela foi pensada para o benefício das classes médias e altas da cidade. É importante salientar estas características para, nos próximos capítulos, entendermos o significado de seus usos por parte das juventudes de periferias da cidade.

Na segunda seção, mostraremos como a Orla se subdivide em diversos trechos, cada qual com suas peculiaridades históricas sendo construída em períodos distintos, possuindo características socioeconômicas particulares, passando por reformas nas suas estruturas urbanas com diferentes investimentos públicos e privados. Todos esses aspectos impactaram os diversos modos de usos desses espaços (a discussão desses aspectos será observada, de modo mais descritivo, nos capítulos 2 e 4 dessa tese).

1.1 DA CIDADE ANTIGA NA BAÍA AO SURGIMENTO DA NOVA CIDADE NA ORLA ATLÂNTICA

1.1.1 O crescimento da cidade para o sul.

Até o século XVIII o centro urbano de Salvador era relativamente pouco habitado¹ e “os demais núcleos urbanos da região compreendiam pequenos entrepostos para escoamento dos produtos agrícolas” (SOUZA, 2008, p. 81-82). Seu centro comercial movimentado esteve originalmente localizado na Cidade Baixa. Na cidade alta, a Rua Direita era o centro em relação às ruas adjacentes ou mais afastadas. Nela, ficavam os órgãos administrativos e a maior parte dos templos religiosos; na Cidade Baixa, as atividades bancárias, comerciais e industriais (SANTOS, 2008).

Na Bahia, durante todo o período agrícola-mercantil, boa parte da população morava fora da cidade, em engenhos e demais locais de produção. Os proprietários rurais, no período colonial, investiram não somente no campo, mas também na cidade, na construção de imponentes solares. Em períodos de entressafra e de festas religiosas os senhores de engenho se mudavam para Salvador e se instalavam com suas famílias, escravos e agregados nessas residências, sendo boa parte delas localizadas na cidade alta, em seu perímetro central (VASCONCELOS, 2000).

A freguesia da Sé, em meados do século XIX, era habitada, maiormente por “camadas medianas da sociedade, ou mesmo de pequenas famílias pobres” (NASCIMENTO, 2007, p.112). Os imponentes sobrados, propriedades de famílias ricas, nesse período passam a ser subdivididos em fogos por cada andar, se transformando em morada de famílias “de mediana a inferior segmentação social”. Os senhores endinheirados desertam da freguesia da Sé: “empobrecida a Sé, mas não tanto que não oferecesse o conforto de uma morada, casa ou andar de sobrado, no centro da cidade, próximo aos lugares onde seus habitantes exerciam as suas profissões” (NASCIMENTO, 2007, p.115). A Sé transformava-se em termos de constituição de seus grupos sociais, mas mantinha-se com uma população expressiva.

Nesse mesmo período, a Conceição da Praia, outra freguesia importante da cidade, localizada na Cidade Baixa, concentrava a zona comercial, sendo morada de “negociantes especialmente portugueses”. Já a Sé era o núcleo “administrativo, judiciário, religioso, legislativo” da comarca. No entanto, no século XIX, “movimentos conjunturais da sociedade levaram o comércio também à Sé, os senhores a São Pedro, a morada dos grandes comerciantes ao Pilar” (NASCIMENTO, 2007, p.116). A constituição populacional da cidade, até esse período era diversificada, com variadas atividades e as moradas dos grupos sociais

¹ A cidade, no fim do século XVI, contava com 8 mil habitantes (SANTOS, 2008). “Em meados do século XVII, a população urbana de Salvador era de mais ou menos 10 mil habitantes. No fim desse século era já de 20 mil. No meio do século XVIII, contavam-se 40 mil. Assim a população urbana dobrava de 50 em 50 anos” (SANTOS, 2008, p. 41).

existindo próximos. É a partir do século XIX que surgem bolsões de concentração de riqueza (região da Vitória) e pobreza (cortiços da Sé).

Ao longo do século XIX, o núcleo original da cidade passa a não mais comportar o crescimento demográfico da população urbana. Os espaços se adensam e o perímetro urbano se estende, possibilitado pelo surgimento de novos meios de transporte (PINHEIRO, 2011). Surgem o Corredor da Vitória, a Graça, Canela, Garcia e Ladeira da Barra, “para onde se deslocaram as famílias ricas” (COSTA, 1989, p.180). Essa debandada teve como motivação o medo que a elite tinha do que era, naquele momento, espaço pobre e decadente; para ela, o centro se tornava um lugar insalubre, propício à proliferação de doenças e epidemias.

O centro, como lócus principal da vida urbana, passa a não mais comportar toda a população que necessitava de moradia, tampouco, a maioria da população detinha condições financeiras de custear os altos valores cobrados pelos alugueis. É nesse momento que o Estado e a elite branca, dona de propriedades na cidade, inauguram as atividades de especulação dos espaços de Salvador. Nessa nova concepção, na cidade deveriam estar à população branca, fundiária e poderosa do Estado da Bahia, em seus arredores – os chamados arrabaldes² –, nos vales e encostas restaria o que poderia ser morada de antigos escravos, seus descendentes e toda uma população pobre vinda de fazendas da região.

No período colonial os libertos e escravos de ganho habitavam nos locais possíveis no interior da cidade, inclusive de aluguel, assim como nas primeiras periferias, enquanto que os escravos domésticos residiam com seus proprietários. Os alojamentos dos escravos não se destacavam nas partes construídas das cidades, maseles eram os elementos mais visíveis nos espaços públicos das cidades coloniais. De fato, as desigualdades sociais e étnicas, extremadas no período escravagista, eram menos visíveis nas construções urbanas do que no domínio da rua pelas populações de cor (VASCONCELOS, 2000, p.72).

O autor descreve a cidade antiga como possuidora de uma ocupação densa e pouco expandida, ficando a segregação sócio espacial mais restrita ao interior do domicílio. Aos escravos cabia-lhes os andares inferiores e anexos da moradia. “Na inserção urbana, sinais de segregação por estratificação de renda surgem com as novas habitações de famílias ricas na direção sul e de pobres na direção norte da cidade” (VASCONCELOS, 2011, p. 374).

É no Império, em meados do século XIX, que aconteceu a saída das camadas brancas e ricas dos sobrados em direção a pontos da cidade no sentido sul da baía. Foi a “presença dos

² Como explicado por Montoya Uriarte (2020), trata-se do “núcleo não urbanizado, porém com relação com o núcleo urbanizado. Situavam-se neles pequenos sítios produtores de alimentos, com uma vida semi- independente: Rio Vermelho, Cruz do Cosme (hoje Caixa d’ Agua), Cabula...” (conceito desenvolvido durante orientação de tese, sem escritos publicados em obra da autora).

européus, principalmente dos ingleses, em Salvador, que trouxeram com eles uma forma de habitar até então desconhecida na cidade e que seduziu as elites locais” (MONTTOYA URIARTE, 2021, p. 34). O núcleo original da cidade deixa de ser de interesse das elites “e os gestores da cidade passaram a se ocupar do novo vetor de expansão que ia da Rua Chile até o Corredor da Vitória” (MONTTOYA URIARTE, 2021, p. 34).

Esse deslocamento permitiu a expansão do perímetro urbano para a habitação, ao tempo em que se elevaram as densidades nas áreas já ocupadas (SOUZA, 2008). "Esse fenômeno manifesta-se com a ocupação de determinadas áreas urbanas mais afastadas do centro da cidade, na direção sul, como Garcia, Canela, Vitória e Barra, abrigando populações de renda alta, vindas dos antigos casarões do saturado centro histórico e proprietários rurais recém fixados na cidade” (SOUZA, 2008, p. 88).

Enquanto localidades como as do Rio Vermelho e de Amaralina eram os núcleos mais afastados da Orla sul, ainda com pouca ocupação³, havia povoações mais interioranas, como Campinas de Brotas, Pirajá e Cabula cuja ocupação ia se intensificando (SOUZA, 2008). As áreas intermediárias, entrecortadas por vales, eram pouco ocupadas.

É a partir do final do século XIX que começam a surgir aspectos da modernização do espaço urbano. No Brasil “busca-se deixar para trás a imagem de um país atrasado colonial/escravista para criar uma imagem moderna e progressista. O tripé que sustenta as intervenções é: salubridade, circulação e estética” (PINHEIRO, 2011, p. 131). Nesse momento, Salvador começou a crescer em direção à Orla do Oceano Atlântico, no sentido litorâneo (na ponta da baía, em direção à Barra) e ao interior da baía, sentido a península de Itapagipe. Este foi um século importante para o Brasil que em 1822 se tornou nação independente de Portugal. Em meio a processos de reestruturação institucional, Salvador passou a ter as primeiras fábricas de manufaturas, localizadas, inicialmente, na Cidade Baixa e nos arredores do norte da cidade (SOUZA, 2008, p. 86).

Em termos estruturais, a cidade teve algumas medidas e obras de impacto: em 1869, a implantação do sistema ferroviário da Bahia, em 1866, os bondes puxados a burro até a baixa do Bonfim e, em 1869, iniciou-se o serviço de linha férrea dos veículos econômicos. O ano de 1855 foi um marco para o processo de mobilidade urbana de Salvador, foi quando se criaram as novas vias de comunicação e meios de transportes coletivos, tais como os viadutos que ligavam Nazaré à Barbalho e Federação à Pedra da Marca. A partir de 1868 começaram a

³ A expansão do comércio, no final do século XIX, impeliu à abertura de novas áreas residenciais distantes do centro. "Um grande momento deu-se no primeiro governo de Seabra (1912-1916): alargamento de ruas da Cidade Baixa, abertura da Avenida Sete de Setembro como principal via da Cidade Alta e construção da Avenida Oceânica para ligar a Barra a Amaralina." (SANTOS, 1990, p. 22).

circular os primeiros transportes coletivos e, em 1869, novas empresas de transporte se instalaram, além da inauguração do elevador hidráulico em 1874, ligando a Cidade Baixa à Cidade Alta. Como bem relatou Souza (2008, p. 90): "O advento dos transportes públicos proporcionou a saída das áreas mais aglutinadas, facilitando a superação da condição associada à moradia igual a local de trabalho", contribuindo para o crescimento urbano e maior fluidez da população pela cidade.

A partir do século XIX, o projeto de modernização da cidade se instaurou. Inaugurou-se uma infraestrutura de impacto junto à expansão da ocupação dos espaços, principalmente em direção à Península de Itapagipe, além de novas áreas nas proximidades do Porto e, sobretudo, no sentido sul da cidade (SOUZA, 2008, p. 88).

No final do século XIX a cidade tinha mais que duplicada o seu espaço de ocupação em relação a sua ocupação original: "Do ponto de vista espacial, a cidade ainda permanecia reprimida junto ao núcleo original, porém, alcançava na sua área periférica a península Itapagipana, na orla da baía, e o Rio Vermelho, na orla Atlântica" (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p.58). O processo de saturação do centro, nos arrabaldes da cidade, incrementou "a expansão de palhoças em antigos núcleos de pescadores, quilombos e roças, sendo esses últimos localizados em áreas mais distantes" (VASCONCELOS, 2011, p. 375).

Nesse momento, existiu um novo tipo de separação de classes, não mais expressa entre casa grande e senzala, mas com novas formas de morar e ocupar os espaços urbanos (um exemplo são os casarões e os palacetes, moradas dos ricos brancos, em comparação com os cortiços e as avenidas, moradas dos pobres e, na maioria, negros). No período colonial, não havia uma determinação pela separação residencial entre escravos e senhores. Apenas os escravos de "ganho" e os libertos tinham de prover seu abrigo e alimentação, ficando a cargo do Estado o seu controle, sem que houvesse uma definição de localização (VASCONCELOS, 2004). Dentre as medidas de controle exercidas pelo poder público em relação aos escravos, existiu, em Salvador e em algumas câmaras municipais do estado, a determinação de somente alugar casa ao escravo mediante autorização de seu senhor, através da apresentação de uma licença. O controle sobre a movimentação urbana dos escravos também foi questão de interesse do poder público. Posturas e decretos foram baixados a fim de restringir a mobilidade e as atividades deste grupo nos espaços públicos. "Vemos, portanto o poder público passar a exercer a posição de feitor" (COSTA, 1989, p. 191).

Os "libertos" que viviam negociando nas ruas da cidade com os seus serviços e produtos, com as suas atividades de ganho, também tinham suas vidas controladas através de posturas. Estes se encontravam habitando todas as freguesias da cidade, apesar de se

concentrarem em determinadas freguesias do centro original, tais como a da Sé, a de São Pedro e de Santo Antônio (COSTA, 1989). “Muitos destes libertos moravam na periferia da cidade, como a Freguesia de Brotas onde encontramos 232 libertos vivendo em sua grande maioria dos trabalhos da lavoura e apresentando o ganho como a segunda atividade que concentrou o maior número deste” (COSTA, 1989, p. 199).

A presença dos “libertos” no Rio Vermelho também era expressiva, nesta área eles se dedicavam principalmente à pesca. Também na região do Dique do Tororó foi identificada a presença dos libertos. Costa (1989) descreve a presença de suas habitações feitas com varas, barro e folhas de palmeiras. Essa região, considerada como periferia da parte mais urbanizada da cidade à época, se avizinhava as Freguesias de Brotas, São Pedro e Santana. Nela existiam muitas roças de subsistência. Nessa periferia os libertos alugavam casas, podendo ter quartos sublocados a escravos, ou eram casas próprias, geralmente eram construções modestas, “em terrenos foreiros a conventos, igrejas ou grandes proprietários urbanos” (COSTA, 1989, p. 200).

Essas moradas “de casa de palha” foram identificadas também na região do Matatu (Freguesia de Brotas), na Quinta dos Lázaros, além de Itapuã. “Os libertos e escravos de ganho habitavam nos locais possíveis no interior da cidade, inclusive de aluguel, assim como nas primeiras periferias, enquanto que os escravos domésticos residiam com seus proprietários” (VASCONCELOS, 2000, p. 72). Costa (1989) chama atenção para a existência, em alguns casos, de libertos donos de casas (do tipo sobrado), estas eram localizadas nas freguesias centrais da cidade.

Costa (1989, p.210) relata que “as formas de moradias dos escravos que não habitavam com os seus senhores ou locatários assemelhavam-se às dos libertos e pobres livres que precisavam conquistar seu espaço na cidade. Eram caracterizadas pela precariedade”. Essa realidade permanece, assemelha-se às recentes invasões, onde a população pobre busca espaços de moradia, seja nas bordas da cidade ou nos interstícios vazios da cidade construída.

Em meados do século XIX, “(...) podemos afirmar que, em cada uma das dez freguesias de Salvador, existiam camadas representativas de todos os segmentos da sociedade, em nenhuma delas encontrando-se somente um tipo de categoria social” (NASCIMENTO, 2007, p.111). Nesse contexto, a configuração sócio espacial da cidade era não homogênea, na mesma não estava estabelecida uma dinâmica espacial de segregação entre as classes sociais. O ponto de concentração populacional no centro possibilitou que os grupos vivessem próximos, quando não na mesma casa, alugando seus imóveis. Não havia setores residenciais para ricos e setores para a população negra e pobre.

Montoya Uriarte (2021) chama a atenção para não confundir esta proximidade com uma suposta ausência de discriminação. Não se trata de “uma discriminação inexistente” como escreveu Nascimento (2007), mas sim “de uma espacialidade que podemos chamar de próxima”, que “não implica na existência de uma ordem social justa ou numa democracia racial. As diferenças não deixam de existir, longe disso, mas elas não implicam numa cidade fundada na separação, segregação, oposição, afastamento de qualquer contato com a alteridade” (MONTROYA URIARTE, 2021, p. 33).

Assim, até o final do século XIX, Salvador “foi uma cidade onde as distâncias sociais não precisavam ser distâncias espaciais. Longe disso, os diferentes e desiguais partilhavam o mesmo espaço” (MONTROYA URIARTE, 2021, p. 16). Como bem lembrou o trecho trazido por Montoya Uriarte (2021) em seu artigo sobre a construção de uma cidade fragmentada a partir da análise histórica e antropológica da ladeira da Preguiça no contexto de transformações urbanas da região do centro histórico de Salvador: “Os atestados de óbito na Ladeira da Preguiça entre 1815 e 1835, efetuados pelo pároco Manoel Dendê Bus, atestam uma população social e racialmente muito variada. Brancos, pardos, escravos e libertos moravam na Preguiça” (MONTROYA URIARTE, 2021, p.17).

É a partir da segunda metade do século XIX que se inicia uma rápida mudança na forma misturada que as camadas sociais viviam nas freguesias que compreendiam Salvador no período colonial.

O avanço e consolidação do capitalismo modificaram estruturalmente a antiga espacialidade e a forma como seus habitantes se relacionavam com o conjunto da cidade e com seu bairro. A inovação tecnológica gerada pelo capitalismo europeu e a sua necessidade de expansão de mercados promoveram grandes investimentos ingleses e franceses nas áreas de transporte e infraestrutura. Apareceram em Salvador, pela primeira vez, veículos de transporte de passageiros e o espaço portuário, até então “natural”, passou a ser totalmente reformulado, centralizando o que fora durante séculos descentralizados. As ruas consideradas principais passaram a serem calçadas e iluminadas e a forma de habitar dos estrangeiros gerou a expansão de bairros novos, completamente diferentes das antigas freguesias. O resultado destas inovações e transformações foi uma nova espacialidade, caracterizada pela fragmentação do espaço, a homogeneização de seus fragmentos, a oposição centro e periferia e a segregação dos pobres em certas áreas (MONTROYA URIARTE, 2021, p. 20-21).

Essa nova configuração urbana carrega em si uma divisão social da cidade e vem acompanhada de reformas urbanas seletivas, pelas quais certos pontos da cidade são embelezados e melhor estruturados enquanto outros são esquecidos e deixados nas sombras até que se transformem em ruínas urbanas. Montoya Uriarte (2021) lembrou obras realizadas entre 1860 e 1910 que demonstraram o quanto o poder público investiu em

determinados fragmentos da cidade, “deixando à margem da ‘modernidade’ e do novo grande parte dela”. Uma dessas obras elencadas em seu texto foi, em 1917, a implantação da “moderna e ampla Avenida Sete de Setembro, que ligou o centro à Vitória” (MONTROYA URIARTE, 2021, p.25). Foi no governo de J. J. Seabra, e, através de financiamento internacional, que a avenida de mão dupla foi construída. A inauguração destas atraiu um comércio de luxo. A área que em tempos anteriores era fundamentalmente residencial passa a concentrar um fluxo comercial de alto custo.

1.1.2 Do sul e para a Orla Atlântica

Os gestores da cidade estavam voltados para o novo vetor de expansão da cidade: a Vitória. Como bem descreveu Nascimento (2007), Vitória era uma freguesia elitista; “principalmente porque nela tinham morada, desde a primeira metade do século XIX, os cônsules e os negociantes prósperos, tanto nacionais como estrangeiros” (NASCIMENTO, 2007, p.120).

A região sul da cidade, onde estava localizada a Freguesia da Vitória, recebeu muitos industriais e produtores rurais, antigos moradores da península. Tal migração interna ocorreu em função da proletarização da região.

É durante o século XIX que a atividade financeira, mercantil e agrícola vai estimular os ricos empresários e latifundiários a trocar suas residências no sítio original da cidade pelo distrito da Vitória. Neste período foram construídos inúmeros palacetes e sobrados na região da Graça e no Corredor da Vitória, consolidando a região como bairro de famílias distintas e de elevado status social. Temos assim uma das primeiras marcas da segregação espacial da cidade de Salvador: de um lado a indústria florescente afirmando a região de Itapajipe como região industrial e, por extensão, de residência de trabalhadores e do outro a região da Vitória, que abarcava os atuais bairros da Graça, Canela, Campo Grande, Garcia e Barra, como residência dos exportadores, industriais e fazendeiros que já havia se deslocado da cidade antiga em busca de ar puro e saneamento para suas moradias (REIS, 2015, p. 64).

Vasconcelos (2011) destaca que conjuntamente a esse processo, ao qual considera ser de segregação espacial, tem-se a expansão do sistema de transporte urbano, interligando os novos bairros às regiões de ocupações consolidadas. Associado a esse processo também existiu “a chegada do automóvel em 1901 e dos bondes em 1904” (REIS, 2015, p. 60).

Esses aspectos de transformação da cidade se articulam aos interesses de particulares. Nesse contexto, “Espaços são eleitos para representar a modernidade da capital: o projeto do porto e os melhoramentos do Bairro Comercial se juntam à abertura da Avenida do Estado, via que cortaria a cidade desde o São Bento até o Farol da Barra” (VASCONCELOS, 2011, p.

222). A Freguesia da Vitória, portanto, faz parte desses espaços que passam por remodelações, atendendo “a um ideário estético das elites e do Estado” (VASCONCELOS, 2011, p. 222).

Estado esse que através de ações seletivas induziu a hierarquização dos espaços urbanos, apesar de que o “Estado não participava da produção das novas habitações que surgiam. Neste período não havia, inclusive, nenhuma normativa para orientar e fiscalizar a construção de habitações⁴” (REIS, 2015, p. 62). Ainda não se planejava construir imóveis com o intuito de comercializá-los. Eram as pessoas que iam construindo suas moradas onde podiam: “era o trabalhador pobre mesmo que levantava sua moradia, em área invadida, com materiais da natureza que estivesse disponível” (REIS, 2015, p. 62).

Vasconcelos (2004) constatou que a questão habitacional para a população pobre foi assunto de pouco interesse dos governos que passaram, ao longo do tempo, pela capital baiana: “seja na destruição de cortiços através das reformas urbanas do início do século XX, seja na ‘erradicação’ de favelas e nas tentativas de impedimentos de novas invasões de terrenos, além das exigências de regras e padrões elitistas para aprovação de projetos habitacionais assim como dos loteamentos” (VASCONCELOS, 2004, p. 269). Até os dias de hoje fica a cargo dessa população prover suas habitações e mesmo o acesso às terras urbanas⁵.

A saída das populações do centro histórico e seu conseqüente empobrecimento gerou a valorização da área sul da cidade. Andrade e Brandão (2009) recorda que, no início do século XX “novas áreas tenham sido agregadas à realidade urbana, principalmente na periferia norte, no leste, para além do atual bairro de Brotas e ao sul, com a consolidação do bairro da Barra e o prolongamento das residências ao longo da Orla Atlântica” (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 73).

Em 1920, regras de ocupação do solo foram impostas, “condicionando a localização das habitações para as camadas de baixa renda na periferia da cidade. Instala-se, assim, um novo padrão na configuração urbana” (VASCONCELOS, 2011, p. 376). Foram criados os Códigos de Postura de 1920 e 1926, estes vigoravam em função dos primeiros loteamentos implantados para a classe média, em seguida, no ano de 1930, a presença das ocupações populares, que se localizavam nas vizinhanças do centro, gerou uma discussão pública sobre

⁴ Somente no século XX o Estado passa a ordenar leis de ocupação dos espaços. “São de 1926 as primeiras regras de ocupação e uso do solo urbano para o município, promulgadas durante o governo de Araújo Pinho” (REIS, 2015, p. 62).

⁵ Uma amostra disso é como as ações do Estado voltadas para a oferta de habitações populares tem se mostrado insuficientes, vide “Fundação Casa Popular; institutos de aposentadoria; BNH; Caixa Econômica” e o recente programa federal Minha Casa, Minha Vida. (VASCONCELOS, 2004).

as condições de salubridade desses espaços (referimo-nos a “Semana do Urbanismo” em 1935). O que culminou com o código de 1948 que “firmou normas para a extinção das habitações de tipo mocambo, cortiço ou casebre, entre outras iniciativas, estabelecendo a regulamentação de aluguéis, loteamento a serem implantados, além do zoneamento de atividades” (VASCONCELOS, 2011, p. 376).

Nesse contexto, as medidas de zoneamento e restrições de ocupação de partes da cidade pela população pobre demonstraram o esforço do Estado em segmentar e diferenciar a cidade. O mercado imobiliário é o ente público que mais se beneficiou com tais medidas, como afirmou Vasconcelos (2011, p. 376) é ele quem mais tira “vantagens da segmentação e da diferenciação de usos e configurações urbanas, com a criação de zonas de maior valorização” de Salvador. Vale ressaltar que tais medidas de modernização ocorreram “no sítio antigo da cidade, imprimindo apenas algumas extensões viárias na direção do litoral norte. Dessa forma, até o início da década 1940, Salvador guardou no seu território características do sítio colonial” (VASCONCELOS, 2011, p. 377).

A partir da década de 1940, Salvador passa por um expressivo aumento populacional. Populações vindas de zonas rurais buscavam a cidade como forma de sobreviver às fortes secas e ao saturado trabalho nas plantações de cacau. “É com esta impactante afluência migratória que o tecido urbano da cidade de Salvador começa a intensificar a sua expansão nos vazios entre os assentamentos já consolidados, através de autoconstrução e sem política governamental específica que oriente a ocupação” (REIS, 2015, p. 58).

É nesse momento que “as invasões se tornaram cada vez mais intensas e a questão habitacional das camadas inferiores, até ali tratada de forma pontual, é colocada no centro do debate da sociedade baiana” (REIS, 2015, p. 63). Com o intuito de atender as demandas por moradia e ordenar os usos do espaço urbano, o EPUCS foi criado e funcionou entre os anos de 1942 e 1947. As informações organizadas pelo EPUCS constataram que “75% da população viviam em favelas ou cortiços (!). Em 1970, a população municipal ultrapassou um milhão de habitantes⁶, concentrando 59% dos mesmos nos distritos do norte e nos subúrbios ferroviários” (VASCONCELOS, 1996, p. 13).

Reis (2015) nos traz importantes visões do papel do escritório para o fortalecimento da segregação sócio espacial já iniciada. Com o objetivo formal de proporcionar condições

⁶ Santos (1990) nos revela alguns dados demográficos do século XX: “De 1940 a 1950 a população da cidade cresceu em 44%, enquanto de 1920 a 1940 fizera-o em apenas 2%. Quanto à renovação populacional, esta ficou por conta dos imigrantes egressos do mundo rural: dos 126.792 habitantes que o censo de 1950 acrescentou aode 1940, 89.671 (70%) provinham de fora da capital. Nada de comparável ocorrera de 1890 a 1940, quando a cidade praticamente não recebera imigrantes de qualquer procedência” (SANTOS, 1990, p. 21).

estruturais para a criação de novas possibilidades de zoneamento e com isso o ordenamento do processo de expansão da cidade, o escritório, enquanto órgão público:

não enfrentou o desconforto que as camadas altas e médias da cidade tinham com a proximidade da pobreza e toda sorte de “quase-cidadãos” marginalizados seja pela condição social ou racial. Ao contrário, coube ao EPUCS desenhar quais as alternativas para “equilibrar” a proximidade entre ricos e pobres na nova forma planejada para a cidade dando à moradia das camadas populares caráter de assistência social e possibilidade de reforma dos costumes (REIS, 2015, p.64).

Uma condição criada por essa dinâmica de zoneamento do EPUCS foi a Península de Itapagipe ter se conformado como área “industrial e de residência mista, para atender o proletariado que trabalhava no parque fabril e orientou através de decretos municipais a extinção de edificações irregulares e mocambos ou avenidas em áreas próximas aos bairros de alto status como forma de proteger a valorização imobiliária destas regiões” (REIS, 2015, p. 65).

Nesse processo de desenvolvimento da infraestrutura urbana e "de construção idealizada de cidade" surge, em meados do século XX, a elaboração do primeiro plano urbanístico moderno, o EPUCS (1943-1947), dando origem a uma legislação de zoneamento para a cidade, num Código de Urbanismo e na implantação das primeiras avenidas de vale (ANDRADE e BRANDÃO, 2009). Uma importante avenida construída foi a Avenida Antônio Carlos Magalhães. Esta via, finalizada em 1968 “foi um dos elementos responsáveis pela produção da centralidade comercial e residencial da Pituba e entorno. Ela leva o nome do prefeito de então” (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 76).

Na década de 1940 a cidade começou a se expandir, iniciando a ocupação da Orla Atlântica (CARVALHO; PEREIRA, 2008). Neste período foram construídas a Avenida Getúlio Vargas (Avenida Oceânica) e a Avenida Otávio Mangabeira, criando-se as condições de acessibilidade para a Orla Atlântica. Estas ações foram seguidas de diversas outras medidas políticas de investimento público e legislação urbanística com a intensificação da ocupação, sobretudo do trecho entre Amaralina e Pituba (SOUZA, 2017, p. 117-118). Também na Cidade Baixa esse foi um ano de transformações estruturais: “na Cidade Baixa, os enormes vazios começam a ser preenchidos por uma nova geração de casas com vários andares, arranha-céus cujo estilo é sensivelmente diferente do que caracterizava o período precedente; e largas avenidas são abertas” (SANTOS, 2008, p. 112).

Para a abertura das numerosas avenidas muitas ações de desocupação de terrenos usados por populações pobres foram realizadas, entre eles, terrenos localizados na Orla Marítima, “área reservada ao turismo, outro componente da estratégia de crescimento e modernização da

cidade” (CARVALHO e PEREIRA, 2009, p. 84). Em 1949 foi concluída a via litorânea Amaralina/Itapuã, impulsionando ainda mais a ocupação dos bairros desse trecho de Orla e valorizando seus terrenos.

A parte da população com rendas médias e altas do centro histórico passou a morar nesse outro segmento da cidade, que em tempos passados eram utilizadas como veraneio e a população de baixa renda passou a ocupar as velhas edificações e “fez crescer a demanda por novas áreas residenciais, forçando a expansão da periferia urbana, então representada pelos fundos de vale não drenados e por áreas ainda não urbanizadas, principalmente nas encostas” (SOUZA, 2009, p. 118).

A negociação de terrenos públicos para o mercado imobiliário é prática vigente até o mandato do governo de ACM, mais especificamente, até o ano de 1967. “Desse modo, as áreas liberadas para serem adquiridas, em sua maioria abaixo do preço de mercado, serviram para alimentar a atividade imobiliária formal pela atuação de grandes empresários interessados em lucrar com os novos vetores de expansão da cidade” (REIS, 2015, p. 67). A privatização de áreas públicas em conjunto com a implementação de grandes vias, em décadas anteriores pelas ações do EPUCS, operacionalizaram os novos vetores de crescimento da cidade.

A atuação do SFH, principalmente na década de 1970, também colaborou para firmar a segregação sócio espacial que vigorava na cidade. Seus planos de apoio a habitação estabeleceram condições de financiamento de imóveis populares para populações que seriam relocadas de invasões em áreas valorizadas. Estes conjuntos habitacionais populares estavam localizados em regiões com menos estrutura urbana e mais afastadas do centro da cidade.

Assim, observamos que a vigência do SFH tentou sobrepor à estrutura vigente da cidade um novo padrão de segregação urbana baseada no padrão centro/orla – periferia. Ou seja, sem conseguir remover totalmente os assentos irregulares provenientes de invasões da malha urbana consolidada, a expansão da cidade via SFH relegou as áreas mais afastadas e desservida de infraestrutura para as camadas médias baixas e baixas e os vetores valorizados de expansão para as camadas médias superiores (REIS, 2015, p.70).

O ano de 1970, para Vasconcelos (2011), apresenta um panorama urbano que pode ser visto até os dias mais recentes. Esse foi o ano de rompimento mais marcante com a estrutura antiga da cidade. Salvador se tornou:

Uma cidade espalhada, verticalizada, de fluxos viários extensivos, segmentada por diversos usos, múltiplas funções e conteúdos sociais distintos. Bairros pobres justapostos a bairros de classes mais altas, ocupações informais dividindo espaço com grandes empreendimentos imobiliários, arquitetura e urbanismo moderno

marcando a produção desse novo urbano, cada vez mais segregador e excludente dos benefícios públicos (VASCONCELOS, 2011, p. 378).

É inserido nesse contexto histórico geral que "Salvador termina o século como uma das cidades com maiores contrastes no Brasil". Suas desigualdades estão articuladas com a grande expansão imobiliária conjuntamente com o crescimento dos loteamentos irregulares e invasões. Centros comerciais modernos são construídos em partes da cidade enquanto o centro tradicional vai perdendo a sua magnitude (VASCONCELOS, 1996).

É o ano de 1970 um importante marco temporal na expansão do sistema viário urbano, bem como na ampliação da ocupação dos espaços no sentido norte da Orla Atlântica. É nesse período que ocorre a duplicação da Avenida Otávio Mangabeira até o Jardim dos Namorados e abertura da Avenida Luiz Viana, denominada Avenida Paralela, inaugurando-se um vetor de expansão Sul-Norte e interligando regiões até então muito pouco habitadas, mas já pertencentes a empreendedores imobiliários.

A partir dos anos 1970, no apogeu do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), a cidade se espraiou e se expandiu para o norte, com a implantação de conjuntos habitacionais para as denominadas "classes médias baixas" no interior do município e de loteamentos residenciais e condomínios horizontais e verticais para as camadas de renda mais alta na Orla Atlântica. A valorização dessa área e o encarecimento do solo urbano em Salvador empurrou a população de baixa renda para o centro geográfico do município, para as bordas da Baía de Todos os Santos e para alguns municípios da periferia metropolitana (SOUZA, 2017, p.118-119).

Como bem colocou Andrade e Brandão (2009, p. 110-111) "a compactação do espaço urbano soteropolitano apresentada até a segunda metade do século XX já não se podiam verificar a partir da década de 1970". No início do século XX, o vetor de crescimento da cidade estava direcionado para o norte e o sul, já no final do mesmo século, o crescimento urbano se dava em vários sentidos da capital baiana.

A partir de 1970 ocorre a dispersão de centros comerciais pela cidade, se até então Salvador era uma cidade mononuclear, a partir daí ela passa a acumular outros pólos econômicos e administrativos. O desenvolvimento de uma estrutura viária mais eficiente colaborou no descentramento das atividades essenciais urbanas.

É no final do século XX que se consolida um novo grande centro na cidade. A construção de importantes avenidas, como a Paralela, e de outros equipamentos urbanos como o Centro Administrativo da Bahia, a nova Estação Rodoviária e o Shopping Iguatemi formou a centralidade urbana nessa região. Essa nova centralidade também favorece a expansão urbana no sentido da Orla norte de Salvador. É a partir do final da década de 1990 que a Orla

Atlântica passa por expressiva ocupação de seus territórios, incluindo empreendimentos de luxo, bem como, a região do “Miolo”.

Outro aspecto a ser mencionado nesse processo de ocupação da Orla Atlântica foi o Plano de Valorização da Orla Marítima de Salvador⁷, em 1984. Foi através dele que se planejou promover, dentre outras coisas⁸, uma “política de ocupação urbana” de áreas que até então apresentavam esparso adensamento populacional. Estas intervenções proporcionaram entre o trecho de Amaralina à Itapuã, uma melhor estrutura urbana, visando atender o potencial turístico e cultural de áreas dessa Orla, a fim de atrair um número maior de turistas e empreendimentos privados no local.

O plano de melhoria da infraestrutura básica e de serviços pretendia a valorização do trecho norte da Orla Marítima, enquanto que o trecho da Baía de Todos os Santos ficava fora do planejamento. Essas melhorias incluíam uma nova legislação de ocupação do solo, ampliando a taxa de ocupação do mesmo. Segundo Souza (2017, p. 133) é nesse período que se inicia “a concessão de vantagens e a flexibilização da legislação para atender aos interesses do capital privado”. E mais: “dessa forma, foi sendo alterada a organização espacial da cidade e o vetor de expansão da Orla Atlântica ganha considerável importância, aumentando-se a verticalização e o porte das edificações, acompanhado do uso seletivo desta área pelos segmentos sociais” (SOUZA, 2017, p. 133).

A expectativa era de que com o elevado valor do solo que a área da Orla Atlântica passaria a ter, e a forte atuação do mercado imobiliário, prevaleceria a ocupação das classes médias e altas nesta parte da cidade; “embora fossem previstas a ocupação por assentamentos de média e baixa renda, em trechos de Pituaçu e Itapuã. Constata-se assim, a clara intenção do plano em segregar áreas da orla por classes de renda” (SOUZA, 2017, p. 134).

O plano gerou um vetor de expansão que “abrigaria a ocupação das faixas populacionais de alta renda, razão pela qual o preço da terra era elevado nesta área, tornando-a inviável para a ocupação por população de baixa renda, provocando, conseqüentemente, um amplo interesse por sua preservação, expressos nas restrições de uso e ocupação” (SOUZA, 2017, p.

⁷ Em termos de financiamento das obras; “O plano contou com um considerável aporte de recursos que alcançou a marca de U\$ 25 milhões, oriundo de fonte de recursos dos entes governamentais e principalmente da iniciativa privada (Governo do Estado, Banco Nacional da Habitação - BNH, Caixa Econômica Federal - CEF, Banco do Nordeste do Brasil - BNB e Banco Interamericano de Desenvolvimento - BIRD)” (SOUZA, 2017, p. 133).

⁸ O Plano tinha o objetivo de, segundo palavras de Souza (2017, p. 131): “preservar os valores culturais e paisagísticos da orla; promover o aproveitamento destes valores para a ampliação do potencial turístico e recreativo; aumentar a capacidade de atendimento da orla, através da implantação de equipamentos e atividades comerciais; proporcionar uma ocupação residencial mais densa e ordenada nas áreas adjacentes, para o melhor aproveitamento da infraestrutura existente e a ser implantada; e tornar o sistema viário mais funcional para o maior escoamento do tráfego”.

137). A valorização da região através do plano funcionou como uma estratégia de restrição de uso, alegando que para tanto era necessário à preservação da natureza local.

Dentro desse argumento atribuiu-se às camadas populares a responsabilidade pela devastação ambiental e ocupação irregular. “Cabe lembrar que as ocupações irregulares, principalmente neste período, são resultantes de um enorme déficit habitacional, sobretudo para as camadas de baixa renda no Brasil” (SOUZA, 2017, p. 137). Ademais, a construção de muitos empreendimentos de alto padrão foram causadores de danos ambientais de grande proporção⁹.

1.1.3 A cidade fragmentada

A recente organização urbana da cidade de Salvador foi apresentada através da ideia dos vetores de expansão elaborada por Carvalho e Pereira (2008). Na análise dos autores citados, em consequência de investimentos públicos e privados seletivos e da realização de grandes projetos de infraestrutura em determinadas regiões da cidade gerou-se a "conformação de um novo padrão de produção do espaço urbano, com configuração de três vetores bem diferenciados de expansão da cidade: a Orla Marítima norte, o 'Miolo' e o Subúrbio Ferroviário" (CARVALHO; PEREIRA, 2008, p. 85).

A Orla Marítima norte foi a mais beneficiada com a abertura de vales e avenidas citadas acima, levando uma população de renda média e alta a morarem em bairros novos. Tal área da cidade, tendo alto valor comercial, constituiu-se como local de moradia de classes altas e médias, de prestação de bons serviços públicos, englobando regiões de interesse dos governos, com concentração de investimentos públicos e privados em equipamentos urbanos, valorizando os terrenos nos locais.

O mercado imobiliário se fortaleceu com os zoneamentos e os investimentos setorizados, "tirando vantagens da segmentação e da diferenciação de usos e configurações urbanas, com a criação de zonas de maior valorização" (SOUZA, 2008, p. 103). A crescente atividade especulativa do setor imobiliário, com o apoio dos governos, elevou os valores das terras nas proximidades da Orla Atlântica, estimulando a interiorização de populações pobres, gerando grandes aglomerações no Subúrbio Ferroviário e na área do "Miolo" urbano.

⁹ Muitas críticas foram feitas ao plano de valorização da Orla Atlântica, uma delas diz respeito à “cultura de comercialização nas praias. Assim, o plano estimulava o desenvolvimento do comércio nas praias, em nome de uma função comercial que era explorada por poucos, subvertendo a finalidade das praias enquanto espaço público de lazer, contemplação e preservação” (SOUZA, 2017, p. 140).

O "Miolo", o centro geográfico da cidade, "começou a ser ocupado pela implantação de conjuntos residenciais para a 'classe média baixa' na fase áurea da produção imobiliária através do Sistema Financeiro de Habitação, tendo a sua expansão continuada por loteamentos populares e sucessivas invasões coletivas" (CARVALHO; PEREIRA, 2008, p. 86). Os serviços públicos nessa área da cidade são precários e os equipamentos urbanos, a exemplo das praças e dos locais de convivência públicos, eram bastante restritos.

O Subúrbio Ferroviário "teve sua ocupação impulsionada inicialmente pela implantação da linha férrea, em 1860, constituindo, a partir da década de 1940, a localização de muitos loteamentos populares" (CARVALHO; PEREIRA, 2008, p. 86). O processo de crescimento das moradias se deu, também, por meio de ocupações ilegais dos terrenos. A região, assim como o "Miolo", é habitada por populações de classes médias e baixas e os serviços e equipamentos públicos disponíveis são considerados de baixa qualidade.

Andrade e Brandão (2009) acrescenta como quarto importante núcleo urbano da cidade a região do Centro Histórico. Para o autor, trata-se do núcleo original da cidade, cujas características lembram as "formas remanescentes do suntuoso passado da capital baiana, hoje congregando funções da administração municipal, comércio de baixa renda e uso turístico na área recuperada – '*Shopping do Pelô*'" (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 100).

Outro aspecto apontado na análise de Andrade e Brandão (2009) refere-se à presença expressiva de "bolsões de pobreza" na área da Orla Atlântica, citando o bairro do Nordeste de Amaralina, da Boca do Rio e parte do bairro de Itapuã. O bairro de Itapuã, nesse contexto, apresenta particularidades, pois ele concentra certa diversidade econômica e social em seu território. Para Andrade e Brandão (2009) tal realidade se justifica pela proximidade "em relação ao vetor da Avenida Paralela e ao setor hoteleiro e de turismo em geral, apesar da quantidade de áreas de favelas" (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 114).

Salvador é hoje uma capital cortada por muitas vias que dão acesso a quase todos os seus bairros. Para mais, a população pobre está distribuída por todas as partes da cidade, inclusive nas proximidades de bairros ricos e mesmo dentro dos bairros mais valorizados da cidade. O resultado dessa conjuntura é uma cidade cheia de contrastes sociais e fragmentada em suas estruturas urbanas. Vasconcelos (1996) ao discutir sobre a origem e aplicações teóricas da noção de segregação urbana no Brasil, considera que o conceito deve ser utilizado com ressalvas nos contextos nacionais, uma vez que aqui e, no caso de Salvador, as populações se encontram, em tempos recentes, habitando espaços muito próximos.

Para ele, o que se formou é uma "cidade fragmentada", onde suas partes são atendidas desigualmente pelos serviços e equipamentos públicos. Logo, o que existe em Salvador é a

desigual assistência dos governos com os lugares habitados por populações pobres e por populações médias a ricas. Sobre esta configuração urbana, Vasconcelos (1996) coloca duas importantes questões: "Pode uma maioria, como no caso de Salvador, ser segregada? Pode uma população 'segregada' tomar a iniciativa e ocupar terrenos nos mais diferentes pontos da cidade?" (VASCONCELOS, 1996, p. 12). Para ele, a distribuição espacial da população pobre, em Salvador, não configura a existência de processos da "segregação" residencial, como vistos em situações históricas de países da Europa e da América do Norte.

Também por isso, no Brasil, o conceito veio utilizado na forma de "segregação socioespacial", "devido às grandes desigualdades socioeconômicas existentes e seus reflexos no espaço urbano, tendo em vista a ausência de uma linha de cor da grande mestiçagem e da presença de pobres 'brancos' em áreas precárias, como favelas, num fluxo e refluxo, seguindo as crises econômicas" (VASCONCELOS, 2004, p. 6).

Desse modo, segundo o autor, a distribuição espacial da população pobre nas cidades brasileiras não parece confirmar a existência de um processo de "segregação" residencial. No caso brasileiro, a distribuição espacial da população ocorre, em grande medida, em função das pressões por valorização de determinadas regiões da cidade pelo mercado imobiliário, atuando com a anuência de gestores públicos. Sucessivos governos expulsaram, oprimiram, taxaram, precarizaram, desassistiram áreas da cidade em favor de outras, atendendo assim, os interesses de empresas privadas e grupos financeiros poderosos.

Em Salvador não existiu uma separação de fato entre as classes sociais, o que houve foi uma busca por distanciamento espacial. Foi em função do interesse das classes brancas médias e altas de se afastarem das moradias dos negros e pobres que se deu a ocupação dos outros trechos da Orla Marítima, sentido Barra, Rio Vermelho, Itapuã. Enquanto que no "Miolo" da cidade, região mais afastada do mar, foi se concentrando a população mais pobre (ANDRADE e BRANDÃO, 2009; SOUZA, 2017)¹⁰.

Em tempos atuais, apesar de existir padrões de ocupação do solo urbano das classes altas ao lado de áreas periféricas e de invasões em muitas regiões da cidade, Salvador é marcada por áreas socioespaciais diferenciadas. As populações com médio e alto níveis de

¹⁰ No caso do Miolo, vale ressaltar que o seu período de povoamento se caracterizou por um processo de afastamento social mais extremo, ou seja, uma segregação de fato. Uma parcela da população foi mandada para esta área da cidade. Lá foram construídos, para esta população, os chamados conjuntos habitacionais. No caso da orla, o que houve foi uma autosegregação dos setores privilegiados: quando a classe alta quis se afastar do que era pobre e do centro da cidade; após os altos preços dos terrenos nessa região de orla acabaram impedindo que as classes populares construíssem na mesma. Na cidade baixa, houve inicialmente um planejamento para segregar a classe operária nela. Depois, as ocupações (invasões) foram a solução perfeita para os poderes públicos e setores privados que não pretendiam investir em habitação popular.

renda permanecem concentradas no sul da península e em bairros como Graça, Pituba, Itaipava e Horto Florestal, além da recente ocupação dos condomínios de luxo ao longo de parte da Avenida Paralela; “enquanto os bairros pauperizados se concentravam na orla da baía e no “Miolo” da cidade e em espaços difusos de Salvador” (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 110).

É na associação de interesses entre o setor imobiliário e o poder público que um conjunto de transformações urbanas foram implementadas, valorizando principalmente os espaços de moradia das classes médias e altas e aqueles de relevância turística: “eles atuam conjuntamente na seleção e produção material da cidade” (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p. 117). Através dessa união de forças, estes agentes sociais determinaram por onde deviam ser aplicados os recursos financeiros e geriram os projetos de construção e reconfiguração da cidade, bem como, atuaram na “regulação legal para os novos empreendimentos”. É através dessa dinâmica seletiva que foram produzidas as áreas mais valorizadas e as menos valorizadas da cidade. O que percebemos foi a existência consecutiva de processos institucionais de produção da estrutura urbana de Salvador que levaram a diferenciação social dos seus espaços e hierarquizou as populações que delas faziam parte.

Um exemplo da participação desse arranjo de forças pode ser o projeto da Orla da cidade que se estendeu por vários trechos da capital. Souza (2015, p. 180), em sua dissertação, realizou um cálculo de distribuição dos orçamentos por alguns trechos e verificou que a maior parte dos investimentos se concentrou na Orla Atlântica:

(...) na Orla Atlântica foram aplicados 90% dos recursos, enquanto que na Orla de BTS (Baía de Todos os Santos) foram destinados 10%. Quando se analisa a Orla Atlântica separadamente verifica-se que 35% dos recursos foram aplicados no projeto da Barra e 40% no Rio Vermelho, totalizando 75% dos recursos. Essa discrepância nos valores aplicados em cada trecho evidencia um tratamento diferenciado para com estes e com cada orla (BTS x Atlântica), permitindo de logo antever que o resultado será diferenciado em termos de equipamentos, de infraestrutura implantada e na qualidade destes.

No início do século XXI, o processo de ocupação do território da cidade se complexificou a ponto de produzir uma afluência com a cidade de Lauro de Freitas (RMS) (ANDRADE e BRANDÃO, 2009). Salvador é hoje uma cidade com muitos centros e com uma Orla Atlântica ocupada por uma população de renda alta. A Orla não é morada de todos os cidadãos soteropolitanos, por mais que invasões e áreas com padrões de moradia popular sejam encontradas em alguns pontos da mesma. Sendo assim, é possível entendermos a Orla Atlântica de Salvador como, historicamente, feita por disputa espacial, nesse caso, por espaços para morar na cidade. Sobre os aspectos de interesse da pesquisa, houve disputas em

certas áreas das orlas em que o espaço público de lazer para jovens permitiam ocupações e apropriações variadas das mesmas, estas noções serão mais bem desenvolvidas na conclusão da tese.

Pereira e Carvalho (2014), pensando as mais recentes dinâmicas de urbanização da capital baiana, analisaram o panorama das desiguais formas de ocupação do solo urbano e as políticas seletivas de valorização dos espaços, produzindo uma cidade que comporta tipos de cidades. Nesse sentido, para eles, Salvador guarda em seu território uma "cidade tradicional", uma "cidade precária" e uma "cidade moderna".

A "cidade tradicional" é o lugar que abrange os centros antigos, bairros tradicionais que abrigam a história do primeiro povoamento da cidade, suas edificações enquanto patrimônios históricos, sendo, no caso de Salvador, um lugar de composição social diversificada. As populações e tipos de moradia também são variados, incluindo os casarões antigos a prédios com estéticas modernas e bairros populares consolidados. Essa região passou por processos de "gentrificação", constituindo-se como zonas de interesse do capital imobiliário; local "onde o poder público passou a atuar para garantir a apropriação pelo capital privado" (CARVALHO; PEREIRA, 2014, p. 252).

A "cidade precária" – em espacial, as transformações ocorridas no "Miolo" – é a zona de recente interesse por parte das empresas do ramo imobiliário da cidade. Atualmente, é possível encontramos as chamadas "ilhas de renda média" em seus espaços. Nesta "a valorização fundiária está sendo induzida por ações do Estado sob a forma de grandes obras viárias e projetos de transporte público" (CARVALHO; PEREIRA, 2014, p. 253). O mercado imobiliário está nas regiões através da construção e oferta de empreendimentos residenciais verticais e horizontais, condomínios fechados para as classes médias.

A "cidade moderna" é, mais especificamente, os novos centros comerciais da cidade (Iguatemi e Paralela) e a Orla Atlântica, onde se encontram as classes médias e altas da população. É também onde ocorreram as maiores transformações e investimentos em obras públicas; parte da cidade com o valor do solo mais valorizado e de maior interesse da especulação imobiliária da cidade. Ao longo dos anos, a dinâmica de constituição da "cidade moderna" de Salvador foi marcada por mudanças em suas estruturas urbanas. As principais características destas mudanças são: "a intensa verticalização e densificação dos espaços de tipo médio e superior"; "a expansão dos enclaves fortificados e orientados para a homogeneidade social"; o constante "redesenho da cidade orientado para o turismo e para os setores mais solventes, o que leva ao abandono e/ou à decadência de espaços públicostradicionais e a uma privatização crescente de equipamentos, espaços e serviços públicos"

(CARVALHO; PEREIRA, 2014, p. 255). Veremos, ao longo da tese, que esta caracterização não se aplica no contexto atual de Salvador, uma vez que a “cidade moderna” atraiu jovens de outros setores, das periferias, tornando-se um espaço essencialmente de disputas.

As categorias espaciais mencionadas acima – as cidades tradicional, precária e moderna – se referem aos espaços urbanos como realidades separadas. Os espaços urbanos de Salvador e as formações de suas regiões, centros e margens mostram que estes são processos imbricados e em constante transformação. As periferias consolidadas, regiões de concentração de classes populares e de bens e serviços públicos escassos e precários localizados na maioria dos casos, nas margens da cidade, hoje, convivem com os chamados conglomerados subnormais, bairros populares e de classe média, periferias do centro e condomínios de luxo. Os padrões de moradia e as formas de morar nesta cidade estão próximos, ocupam bairros vizinhos, distribuindo-se por todo o tecido urbano de Salvador. Como iremos abordar ao longo dos próximos capítulos, os jovens de cá estão no lado de lá também; eles transitam pelas regiões da cidade e compõem suas orlas mais valorizadas, em muitos casos, tendo que resistir por terem suas práticas e corpos marginalizados e suas presenças como indesejadas.

As formas de organização e urbanização típicas das periferias, hoje, estão por todas as partes da cidade. Para além desses aspectos de conformação urbana, o fenômeno do poder de consumo e incentivos a aquisição da casa própria pela chamada “classe C”, tem tornado espaços tidos como de periferia, em lugares de interesse do mercado imobiliários. Com isso, ocorre desde as últimas décadas a diversificação nos padrões de moradia e de serviços nestes espaços urbanos. Logo, pensar em Salvador como uma cidade formada por composições urbanas relativamente separadas, deixaria de incluir na análise os arranjos habitacionais e urbanísticos compostos e mistos que a configuram atualmente.

A cidade de Salvador, por diferentes linhas, vetores e zonas de desenvolvimento urbano, consolida-se cada vez mais como uma cidade com características habitacionais mistas, mas desigual. Seus espaços vão se formando em detrimento dos outros. As classes sociais de renda superior são as que historicamente mais se beneficiaram dos investimentos públicos. Na Salvador contemporânea, assim como em outras cidades da América Latina, as classes médias e altas, perseguem o isolamento de classe, construindo um novo padrão de autosegregação. Nesse contexto, os enclaves fortificados surgem como modelos de autosegregação de uma classe em condomínios de luxo, agravando os níveis da desigualdade urbana.

As concentrações das populações pobres estão na Orla Atlântica, ao lado de condomínio de luxo, mas também nas áreas do subúrbio e do miolo soteropolitano. E estas

regiões do subúrbio e do Miolo não são mais áreas consideradas habitadas somente por populações homogêneas, as ocupações espaciais estão se diversificando junto com os diversos tipos de populações que habitam os lugares. A Avenida Paralela e seu entorno não é mais a região de concentração dos condomínios de luxo, mas também caminhos que levam a bairros populares bem próximos e que se agigantam cada vez mais. Salvador cresce aproximando as distintas condições de viver a cidade, sem com isso, se tornar uma capital menos excludente.

1.2 AS ORLAS: BARRA, RIO VERMELHO E ITAPUÃ

Nesta seção, aprofundamos nas características das orlas e dos bairros nos quais fizemos trabalho de campo, abordando eles não mais como uma única grande área (Orla), mas como subáreas dentro desta (orla da Barra, do Rio Vermelho e de Itapuã), apresentando dados históricos e atuais de sua composição, no intuito de fornecer um quadro geral e específico dos espaços que, nos próximos capítulos, serão expostos na descrição etnográfica densa e no presente etnográfico.

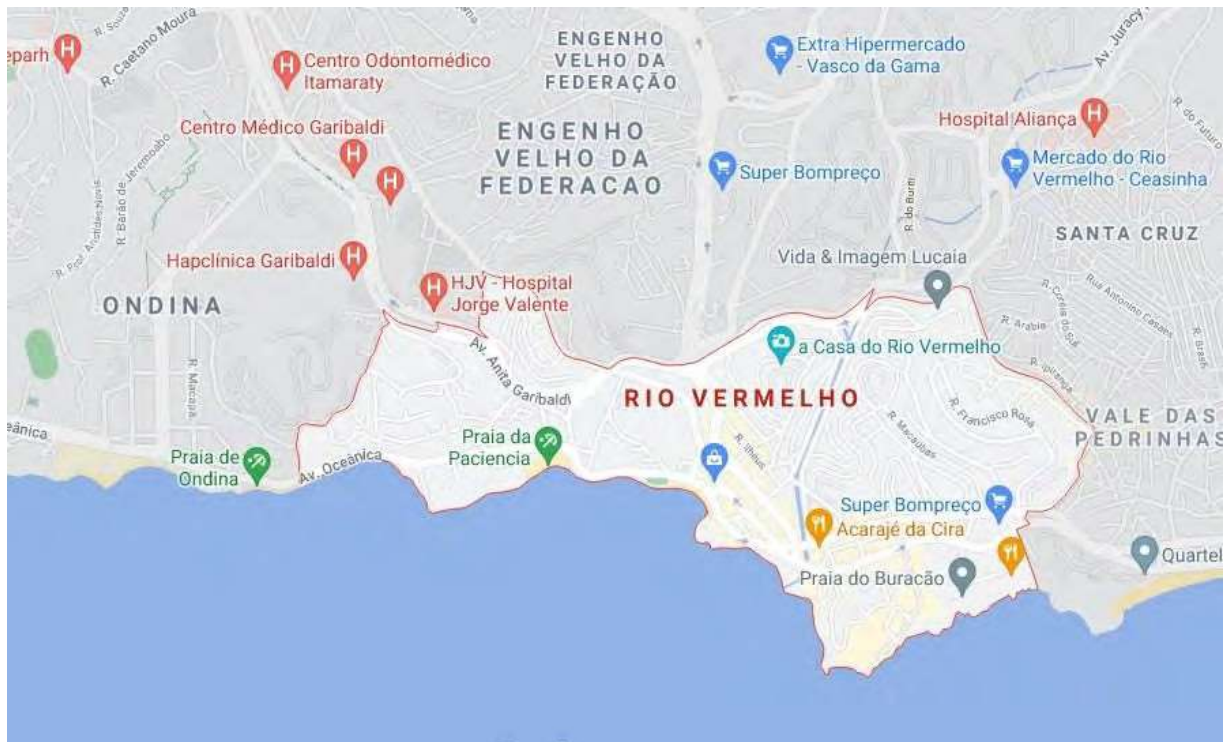
1.2.1 As orlas da Barra e do Rio Vermelho

Figura 1 – Recorte Orla Salvador (Barra em destaque)



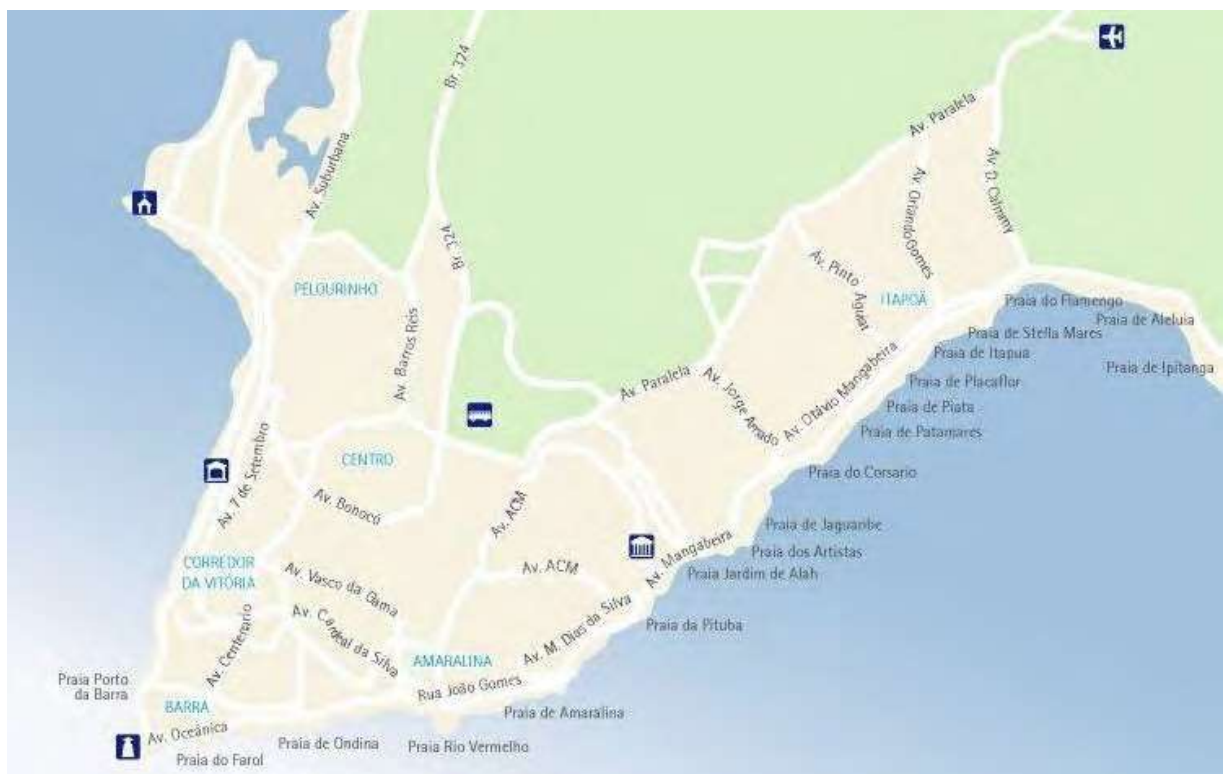
Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 2 – Recorte Orla Salvador (Rio Vermelho em destaque)



Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 3 – Recorte da Orla de Salvador



Fonte: Google Maps, 2021.

Como vimos na seção anterior, denomina-se Orla à parte litorânea da cidade, havendo uma Orla voltada para a Baía de Todos os Santos, mais antiga, que acompanhou o vetor de crescimento da cidade até meados do século XIX, e outra, para o Oceano Atlântico, mais recente, que surge a raiz da mudança do vetor de crescimento da cidade, que se deslocou para o norte. As orlas dos bairros da Barra e do Rio Vermelho ficam localizadas nas partes mais valorizadas da Costa Atlântica, no chamado vetor moderno da cidade.

Desde o ano de 1860 a Barra e o Rio Vermelho vão se tornando espaços valorizados da cidade. Até então, o Rio Vermelho era uma área antiga que, embora relacionada com a cidade de Salvador, localizava-se distante e tinha uma dinâmica própria, muito influenciada pela pesca. No período colonial, tratava-se de um distante arrabalde, antigo povoado de pescadores. No século XIX, suas características bucólicas a tornaram um local de veraneio das classes altas: “Em 1816, Ferdinand Denis atenta para o grande número de diplomatas, estrangeiros e homens de negócios que moravam ‘fora da cidade’” (ALMEIDA, 2011, p. 218).

Já a Barra, embora ocupada desde a chegada dos portugueses, somente no século XIX foi interligada às principais freguesias da cidade, em especial à rica freguesia da Vitória. É nesse período que “já se encontra consolidada a ocupação das Mercês e Campo Grande, e estão em processo de adensamento o trecho da freguesia compreendido entre o Campo Grande e o Farol da Barra, interiorizando-se até o Largo da Graça, através do Largo da Vitória” (ALMEIDA, 2011, p. 217).

Em 1859 foi aberta a estrada 2 de julho, que saía do Dique do Tororó e chegava até o Rio Vermelho, passando pela atual área da Avenida Vasco da Gama. Esta estrada cortava os terrenos de proprietários de chácaras que existiam pelo caminho. “Na estrada Dois de Julho ou Rio Vermelho de Baixo, como ficou conhecida, é por onde, na década seguinte, circularão os primeiros transportes coletivos à tração animal da Companhia de Trilhos Centrais” (PINHEIRO, 2011, p. 218). Em 1860, outras três importantes estradas foram abertas, permitindo uma ocupação maior do local: “entre a Graça e o povoado da Barra, do Largo da Vitória ao povoado da Barra e a estrada de acesso ao Cemitério do Campo Santo. Paralelamente a este processo, expande-se o sistema de transporte urbano, articulando os novos bairros às áreas de ocupação consolidada, consideradas então como densas e insalubres pelas classes mais abastadas” (ALMEIDA, 2011, p. 219).

O Rio Vermelho e a Barra foram, desse modo, se interligando aos espaços mais valorizados da cidade, bem como sendo ocupados pelas classes mais endinheiradas, logo, e seguindo o padrão de favorecimento dos novos vetores de crescimento sul da cidade, atraíram

mais investimento público ao longo dos tempos. “Os bairros nobres do Campo Grande, Canela, Vitória e Graça, além dos aprazíveis balneários da Barra e do Rio Vermelho, áreas de veraneio e do ‘banho de sal’ tornam-se neste período o grande vetor de crescimento da cidade, tendência que será ratificada nos primeiros anos da República” (ALMEIDA, 2011, p. 220).

No século XX, intensifica-se a urbanização da freguesia da Vitória o que gerou investimentos na Barra e Rio Vermelho, como relatou Almeida (2011, p. 224): “Reformam-se e constroem-se também equipamentos de serviço e lazer: o posto telefônico, no Rio Vermelho, em 1922; são ampliados os Club Francez e o Club Inglez, no Campo Grande; constrói o Club Bahiano de Tennis, na Barra Avenida; a nova estação telegráfica da Barra, em 1929, e reforma-se o cinema do Parque Avenida Saudável, no Rio Vermelho”.

Salvador, na década de 1940 consolidou vetores de crescimento (apresentados acima, na página 17 desse capítulo), incluso o centro histórico, mantendo um perfil mononuclear e a ocupação territorial mais concentrada nas áreas contidas ao longo da Baía de Todos os Santos até Amaralina, conservando em Itapuã uma ocupação não contínua da Orla Oceânica. Nesse período, trechos da Orla Atlântica eram utilizados como locais de veraneio e, posteriormente, incorporados ao tecido urbano (ANDRADE e BRANDÃO, 2009).

Nos anos de 1970, a cidade expandiu-se para o norte, com uma atenção maior à faixa da Orla Atlântica. O crescimento populacional da cidade, o aumento da atividade industrial e, principalmente, as recentes transformações na estrutura urbana, pleiteadas por gestões voltadas aos interesses do mercado imobiliário, causaram a expansão desigual do tecido urbano de Salvador.

Nesse período, entre 1940-1970, houve importantes investimentos na infraestrutura urbana e conseqüente redirecionamento da população para as novas áreas de expansão. Vias de ligação entre Amaralina e Itapuã foram construídas, além da Avenida Centenário (1949), a Avenida Ademar de Barros e Cardeal da Silva (1967), a Avenida Antônio Carlos Magalhães (1968), a Avenida Anita Garibaldi (1969) e as Avenidas Juracy Magalhães, Octávio Mangabeira e Orlando Gomes (1977).

Em outro momento, em 1980, após a implantação das avenidas de vale, configurou-se “outra forma de ver, circular e usar o território municipal, a área urbana contínua se estendeu pelo interior da península e Salvador passou a contar com múltiplas centralidades, com destaque a produzida pela articulação entre o Estado e os agentes privados” (ANDRADE; BRANDÃO, 2009, p. 140). Desse período em diante o povoamento de ambos os locais foi bastante expressivo, estando estes totalmente interligados tanto ao centro histórico da cidade quanto ao novo centro comercial da cidade.

Nos dias atuais, o bairro da Barra é um dos mais turísticos de Salvador, cujos moradores são em grande parte de classe média e alta. Uma expressiva parcela das famílias do bairro possui uma longa tradição latifundiária. As residências são de casas e prédios, não existem condomínios fechados na região. Os bairros vizinhos são: ZEIS Calabar; Ondina; Graça e Vitória, cujo perfil socioeconômico dos moradores são semelhantes aos da Barra, exceto da ZEIS Calabar.

O custo de vida em tal bairro é elevado, cujos restaurantes, bares, hotéis, mercados, *delicatessens* e o único *shopping* do bairro (fundado em 1987) são frequentados, na maioria das vezes, por turistas e populações de classe média e alta. O carnaval de Salvador tem na orlada Barra um dos seus circuitos da folia, além de outros eventos musicais ocorridos ao longo do ano. A localidade é um espaço turístico e cultural da cidade e muitos de seus pontos turísticos abrigam a programação cultural de Salvador – os Fortes São Diogo, Santo Antônio da Barra e Santa Maria são alguns destes. O Farol da Barra e o Porto da Barra são as faixas de praia mais frequentadas por pessoas de muitos pontos da cidade.

A prefeitura de Salvador instituiu em 2012 a divisão dos bairros da cidade em 163 unidades sob a administração de 10 prefeituras-bairro¹¹. A Barra e o Rio Vermelho estão posicionados na prefeitura-bairro VI Barra/Pituba, sob a seguinte descrição: "A PB-VI Barra/Pituba é formada por 21 bairros e está localizada nas áreas Central e da Orla Atlântica de Salvador, tem uma área de 23,22 km² e possuía, em 2010, uma população de 361.616 habitantes" (CONDER, 2016, p.101).

Em agosto de 2016, a CONDER divulgou a tabulação dos dados socioeconômicos do município por bairros e prefeituras-bairro. Essa tabulação foi feita com base no censo de 2010¹². O documento define as áreas ocupadas por populações pobres como ZEIS – Zonas Especiais de Interesse Social – e Aglomerados Subnormais. As ZEIS são, de acordo com o PPDU de Salvador, zonas "destinadas à implementação de programas de regularização fundiária e urbanística, produção, manutenção ou qualificação de Habitação de Interesse Social (HIS) e Habitação de Mercado Popular (HMP)" (CONDER, 2016, p. 218). Na cidade,

¹¹As prefeituras-bairro têm como objetivo, segundo o documento, "promover nas respectivas áreas de competência, em articulação com as secretarias e com a entidade da administração municipal, a execução dos serviços públicos, inclusive a fiscalização, a manutenção urbana e o atendimento ao cidadão, devendo contar com sistema interligado de informações sobre os serviços prestados pelos diferentes órgãos municipais, facilitando o atendimento e o acesso regionalizado dos serviços municipais prestados à população." (CONDER, 2016).

¹² Vale registrar que se trata de dados referentes a realidades antigas. Muito das informações disponibilizadas encontram-se desatualizadas. Os arranjos sócio espaciais não estão estagnados. As dinâmicas de ocupação dos espaços urbanos se fazem de tempos em tempos, transformando as distribuições da população pela cidade e suas formas de organizações espaciais.

existem mais de 200 ZEIS reconhecidas pelo PDDU. E os Aglomerados são ocupações ilegais de terrenos e locais onde existem a oferta precária de serviços públicos básicos, incluem aí: "favelas, invasões, loteamentos irregulares, entre outros".

Neste documento, o bairro da Barra, em 2010, apresentou uma maioria (28,4%) com o rendimento médio dos responsáveis por domicílios particulares permanentes, de 5 a 10 salários mínimos. Do total de domicílios por espécie (permanente, improvisado e subnormal), em 2010, a Barra possuía 6.875 permanentes, sendo que 454 deles eram consideradas como subnormais. No seu vizinho Calabar, no mesmo ano, foi, na maioria (51%), de 0 a 1 salário mínimo e do total de 2.022 residências, 1.807 delas são qualificadas como subnormais. A densidade demográfica da população residente na Barra fica entre 61-128 (hab/ha), no ano de 2010, já no Calabar a taxa sobe para 458 (hab/ha), correspondendo esse número à maior densidade de área para o mesmo ano.

Uma breve comparação entre os indicadores dos dois bairros nos permite confirmar aquilo que é visível na paisagem urbana. Os contrastes entre as condições de moradia dos dois bairros vizinhos são verificáveis através de outros indicadores, tais como: composição da população por raça, escolaridade, infraestrutura disponível, área verde, dentre outros dados¹³.

Para apresentar alguns desses indicadores da Barra, temos a região com o IDHM qualificado como muito alto. Sua região possui baixa taxa de ZEIS, foi indicado apenas a Rocinha da Sabina e com baixo percentual (1-15%) de domicílios em aglomerados subnormais por bairro.

No final do ano de 2015, foi inaugurada a segunda etapa do projeto de requalificação da orla da Barra. Foram gastos, nesse trecho, 60 milhões de reais. As transformações foram feitas na estrutura do espaço, como recuperação de escadarias, balaustradas e instalado um piso de uso compartilhado entre pedestres, ciclistas e automóveis. Para tanto, foram substituídas as pedras portuguesas que compunham as calçadas do local por granito e concreto.

Uma mudança que afetou bastante a região foi a do fluxo de veículos. Por toda a extensão dessa orla, ficou estipulada a velocidade de 30 km/h, além das proibições de circulação de automóveis por uma extensão de beira mar e de estacionamento dos mesmos por uma grande extensão da orla. A mobilidade urbana também foi afetada, houve uma diminuição na oferta de linhas de transporte público para a região, principalmente, as com origens em bairros periféricos. Os comerciantes informais da praia e da parte das calçadas

¹³ http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf

tiveram de se ajustarem às novas exigências sanitárias e às padronizações impostas por órgãos de ordenamento do uso do solo da capital. Tal imposição gerou a diminuição dos trabalhadores nos locais e maiores custos para a manutenção de seus pontos de venda.

A Barra possui uma atuante associação de moradores chamada de AMABARRA. A organização é aberta aos moradores, comerciantes do bairro, frequentadores e visitantes interessados em promover o bem viver no lugar. No seu site, expõe seus anseios coletivos:

A AMABARRA existe para isso: é um espaço em que nós podemos debater, elaborar propostas, reclamar direitos, dialogar com as autoridades. Esta associação não tem nada a ver com partidos políticos, não discrimina, não tem fins lucrativos. Ela existe para defender os direitos dos cidadãos que moram neste bairro, nele trabalham ou desfrutam do lazer de forma digna (AMABARRA, 2018).

A associação dispõe de uma página no *Facebook*; lá, discutem vários assuntos sobre as mudanças no bairro e expõe notícias, fotos e vídeos de situações que ferem normas municipais ou que não são moralmente aceitas por membros do grupo. Conteúdos sobre a limpeza urbana no local, a escassez de áreas verdes, sobre as condições de pessoas em situação de rua, a pouca valorização das Baianas de acarajé da Barra, o despejo de material desconhecido nas águas do mar e tantas outras questões perpassam os *posts*.

Sobre a requalificação da orla, existe muita insatisfação por parte dos membros: “um projeto de mobilidade que não deu certo!”, afirma um. Já, outro afirma que “esse calçadão da Barra é um perigo, patins, *skates*, *bikes*, tudo embolado, atropelos constantes loucura total”, sendo que foram feitos 121 comentários sobre o assunto em uma foto. As maiores reclamações dirigem-se a mudanças recentes, os novos comércios instalados na orla, como depósitos, “bares feios”, e as apropriações juvenis em alguns pontos, como no morro do Farol da Barra e os luaus que ocorrem durante madrugadas na praia do Porto, os quais chamam de “verdadeira bagunça”, “trazendo insegurança e desordem, onde os moradores não têm nem como andar”. Seus posts clamam por intervenção de agentes da segurança pública e da SEMOB. Os discursos demonstram que a orla da Barra é uma extensão das casas e prédios dos moradores locais, uma espécie de quintal compartilhado. As apropriações externas, principalmente de juventudes negras e periféricas, são logo consideradas ameaças ao bem estar de seus moradores¹⁴.

O bairro do Rio Vermelho também faz parte da Prefeitura-bairro VI Barra/Pituba. Ele fica localizado entre os bairros de Amaralina, Nordeste de Amaralina, Ondina, Federação e avenidas e vias de ligação a outras partes da cidade. Seus indicadores socioeconômicos se

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/amabarra.sos/videos/10155584021571678/>

aproximam em vários aspectos dos índices apresentados no bairro da Barra. Os equivalentes, aqui registrados, são os dados sobre densidade demográfica e nível de IDHM. O rendimento médio da população residente no ano de 2010 é de R\$ 6.282,2, um percentual de 24,4% ganha entre 5-10 salários mínimos. No bairro do Nordeste de Amaralina, a média, para o mesmo ano, é de R\$ 1.530 reais, ficando a maioria (36,6%) ganhando entre 0-1 salário mínimo, ou seja, a mesma faixa de rendimento da ZEIS Calabar. O valor do salário mínimo no ano de 2010 era de R\$ 510,00 reais.

Existem 18 ZEIS em todo o perímetro da PB VI Barra/Pituba, dessas, apenas o Alto da Sereia, o Alto de Ondina e da Alegria fazem parte do Rio Vermelho. O bairro Nordeste de Amaralina é a maior ZEIS de todo perímetro da PB VI Barra/Pituba, com uma população no ano de 2010 estipulada em 73.084. O percentual de domicílios em aglomerados subnormais do Rio Vermelho era de 16-39 (%), a mesma faixa do bairro da Barra.

O bairro do Rio Vermelho possui nas redes sociais, em específico no *Facebook*, dois grupos de representantes que defendem os interesses do mesmo. Ao que parece, ambas não convergem a respeito das transformações urbanas ocorridas no bairro após a conclusão da etapa de requalificação de sua orla. Para a Associação de Moradores e Amigos do Rio Vermelho, a AMARV, o projeto foi importante para frear a "favelização" do bairro. Seu representante, em reportagem ao portal Bahia Notícias, não detalhou como seria esse processo de "favelização", mas demonstrou apoio à forma que as obras foram feitas. Diferentes posicionamentos são encontrados no grupo "Rio Vermelho em Ação". A ideia desse grupo é que a intervenção urbanística não respeitou as particularidades culturais e as necessidades dos moradores e usuários, além de causar danos aos recursos naturais da orla do bairro. O grupo, em meio a muitas críticas à atual gestão urbana do prefeito ACM Neto, defende o "debate popular do projeto, preservação ambiental, contra a elitização dos espaços públicos e expulsão dos trabalhadores do bairro".

O bairro do Rio Vermelho possui particularidades históricas e culturais em seu percurso de povoamento. O bairro, ao longo dos séculos, foi passando por períodos depovoamento, de aldeia de pescadores, passou a ser local de veraneio de populações ricas, em tempos mais recentes, lugar da boemia soteropolitana e moradia dos artistas. O historiador Ubaldo Porto Filho escreveu: "O ciclo áureo do veraneio foi de meio século, de 1880 a 1930.

Depois disso o Rio Vermelho se transformou num núcleo de população permanente e, na década de 1950, ganhou status de ser o ‘Bairro dos Artistas’” (PORTO FILHO, 2009)¹⁵.

Atualmente, o bairro, e, principalmente sua orla, atrai pessoas interessadas em comidas internacionais, em ouvir músicas de vários estilos, aproveitar a noite “sem hora para acabar” e desfrutar de um convívio com uma diversidade de pessoas. Uma das suas mais fortes características é ser o bairro mais boêmio da capital, onde duas renomadas Baianas de acarajé possuem seus pontos de venda em dois de seus largos. O acarajé da Dinha fica no Largo de Santana e o de Cira fica no Largo da Mariquita, ambos os espaços ficam próximos de um conjunto de bares que espalham suas mesas e cadeiras pelo calçadão dos largos.

Outra grande característica do bairro é ser o lugar de homenagem dos pescadores e dos adeptos de religiões de matriz africana à Iemanjá, a rainha do mar. A festa de Iemanjá, no dia 2 de fevereiro, reúne a prática religiosa pela manhã, com o cortejo de barcos levando presentes em sua homenagem, no período da tarde e a noite, enquanto os festejos se desenvolvem, fanfarras complementam as festividades. Alimentos típicos, principalmente feijoadas, também são características ao ato. O bairro, predominantemente em sua orla, acaba tomado por manifestações de fé, assim como festas em suas ruas e casas comerciais.

Em relação aos moradores, o bairro é, hoje também, reduto de estudantes universitários que dividem apartamentos alugados. Do mesmo modo, também se constitui como estadia por temporada ou definitiva de muitos estrangeiros que decidem passear e/ou residir em Salvador. Além de ser o local de encontro dos movimentos políticos de esquerda. Os largos do bairro são pontos de reunião de integrantes dos partidos de esquerda da capital – em períodos de eleição, seus espaços ficam tomados por atividades políticas e manifestações públicas efervescentes.

O projeto de revitalização da orla do bairro aconteceu em seguida ao da Barra. O custo total dessa foi avaliado em R\$ 65,3 milhões. As obras estruturais foram no sistema de iluminação, na rede de macrodrenagem, na utilização do nivelamento do piso para carros, pedestres e ciclistas, na recuperação da quadra de esportes localizada na parte do calçadão da rua principal do bairro, na transformação do antigo Mercado do Peixe e seus boxes de comida e bebida (atualmente, chamado de Vila Caramuru), em restaurantes com referências modernas, atraindo um público de classes mais abastadas, além de reparos mais específicos. O

¹⁵ Essas foram palavras ditas por Ubaldo Marques Porto Filho em seu discurso na Câmara municipal de Salvador em 18 de junho de 2009 na Sessão Especial em homenagem aos 500 anos do Rio Vermelho. Site: <http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/paginas.aspx?id=194&tipo=2>.

padrão estético foi o mesmo das outras orlas da cidade, com a utilização de granito, concreto, vidro e aço galvanizado.

1.2.2 A orla de Itapuã

Figura 4 – Recorte Orla de Salvador (Itapuã em destaque)



Fonte: Google Maps, 2021.

A orla de Itapuã, assim como as orlas da Barra e do Rio Vermelho, é banhada pelo Oceano Atlântico, mas, diferentemente das duas primeiras, esta fica localizada no sentido norte da cidade, nas proximidades de bairros que fazem limite com o município de Lauro de Freitas. Itapuã fica a uma distância de 25 km da Praça da Sé, localizada no centro mais antigo da cidade. Os seus limites são no sentido oeste ao bairro de Piatã, a Avenida Paralela ao Norte, o Oceano Atlântico ao Sul e os loteamentos Alameda da Praia e Stella Maris a leste.

O bairro é conhecido por suas belezas naturais, como o Parque Metropolitano do Abaeté, e, também, por ter sido morada do cantor Dorival Caymmi, inspirando muitas de suas canções. É também Itapuã o berço do Bloco Afro *Malê De Balê*. A entidade, com mais de três décadas de existência, faz parte do movimento negro soteropolitano. O *Malê* surgiu da troca de experiências de lutas de resistência entre os jovens.

Tais vivências, portanto, foram se moldando ao jeito ‘itapuãzeiro’ de ser, construindo assim o necessário para a criação de uma entidade que além de carnavalesca, promotora de valores e significativa para a cultura negra, também fosse um espaço de afirmação positiva da história, do bairro de Itapuã, da Lagoa do Abaeté e de seus arredores (MALE, 2020, on-line¹⁶).

O nome *Malê* é uma homenagem aos negros mulçumanos que lutaram na Revolta dos Malês enquanto *Debalê* é uma aclamação a tudo que conota positividade.

Hoje, o bairro é um polo turístico da cidade. Seus principais atrativos são a colônia de pescadores, o Farol de Itapuã, a Pedra da Sereia e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, além de sua extensão de praia. O local possui em sua Orla muitos restaurantes e bares que preenchem o local de movimento durante todos os dias da semana, nesse aspecto, assemelhando-se a orla da Barra. Em Itapuã acontecem os festejos que antecedem o carnaval como a lavagem de Itapuã. Atualmente, a lavagem é frequentada por pessoas do próprio bairro e proximidades. Na lavagem do ano de 2020, os jovens a descreveram como um “paredão em movimento”. Eles comentavam o fato de serem as mesmas pessoas nos dois eventos, com a diferença que na lavagem tem as famílias; são tanto adultos quanto jovens.

O local tem como símbolo cultural a forte presença das Ganhadeiras de Itapuã. É um grupo de mulheres que através do samba de roda homenageia “às mulheres que desde o século XIX e início do século XX, faziam “lavagem de ganho” (lavando roupas) ou saíam com seus balaios a pé para vender peixe e quitutes pela cidade e assim ganhar o sustento da família” (SALVADORDABAHIA, 2020, on-line¹⁷).

Atualmente, no bairro é realizada uma das muitas paradas LGBTs¹⁸ existentes na cidade. E possui uma juventude organizada em busca da manutenção da história cultural do bairro, da preservação do ambiente natural e envolvida com questões que afetam a rotina dos moradores do bairro. Eles se intitulam de Movimento Juventude Itapuanzeira e interferiram no projeto de requalificação da orla de Itapuã, pleiteando, com sucesso, junto aos representantes públicos responsáveis, a inclusão de edificações que contemplassem o interessado dos moradores.

¹⁶ BLOCO AFRO MALÊ DEBALÊ. **O Bloco**, 2020. Disponível em: <http://www.maledebale.com.br/o-bloco/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

¹⁷ SALVADORDABAHIA. **As Ganhadeiras de Itapuã**, 2020. Disponível em <https://www.salvordabahia.com/experiencias/as-ganhadeiras-de-itapua/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

¹⁸ Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais. Também é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia.

Alguns de seus pedidos foram por esculturas que marcassem a história local, assim como, por quadras de esportes, academia e um anfiteatro público¹⁹. Os jovens com quem dialoguei não haviam ouvido falar sobre esse movimento. Para eles, as informações sobre os acontecimentos no bairro lhes chegavam por meio do contato com outros moradores, pelo conhecido boca-a-boca.

Em termos da história de ocupação, Itapuã foi inicialmente uma aldeia de pesca, originalmente habitada pelos índios Tupi. O então primeiro governador do Brasil, Tomé de Souza, no século XVI, doou muitas terras ao seu almoxarife Garcia D'Ávila. No mesmo século outras terras também foram concedidas às missões religiosas. Com a morte de Garcia D'Ávila, a sua esposa, uma índia, passou em testamento uma vasta extensão de terra à Santa Casa de Misericórdia de Salvador e outra parte foi para os beneditinos. Após alguns acordos firmados entre ambos os beneficiários do testamento, os beneditinos tornaram-se os únicos donos das terras, aforando grande parte delas a outros proprietários. Em 1917, esses religiosos venderam à municipalidade de Salvador a propriedade do que corresponderia um dia à sesmaria de Garcia D'Ávila em Itapuã (GANDON, 2018, p.37).

Gandom (2018) ressalta que foi no final do ano de 1968 que as atividades comerciais em torno das propriedades de terra se intensificaram na localidade, uma vez que foi revogada a lei que impedia a venda das terras do município. A extinção dessa lei que vigorava desde o século XVI, movimentou as negociações em torno das propriedades nas redondezas de Itapuã. Se antes o núcleo habitacional se concentrava em torno da Praça Dorival Caymmi, onde fica localizada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, expandindo-se até o farol e de outro ponto, até onde está a pedra da sereia, atualmente, ela é estendida para áreas muito além da orla.

A municipalidade, por sua vez, aforou, nas primeiras décadas do século XX, boa parte das terras adquiridas. Em 1988 a propriedade de terra em Itapuã ainda era regida pelo sistema de aforamento, enquanto outras eram de particulares, ou ainda tinham seus donos como sendo o município e a igreja; e outras tantas pertenciam ao Estado e ao Governo Federal. Sendo assim, “o panorama fundiário do subdistrito de Itapuã era então caracterizado por uma grande diversidade quanto à regulamentação jurídica das propriedades, e pela situação irregular de muitas delas” (GANDON, 2018, p.65-66).

O crescimento econômico da região, com a implantação do aeroporto a poucos quilômetros e do estabelecimento do Centro Industrial de Aratu (CIA), em 1968, e do Polo Petroquímico de Camaçari, de 1970, em regiões próximas, alterou consideravelmente o contexto habitacional, turístico e comercial do lugar. A partir da década de 60, o bairro recebeu uma população rural que vinha buscar oportunidades de emprego nas indústrias e,

¹⁹ Maiores detalhes podem ser encontrados em <http://www.itapuacity.com.br/faca-voce-mesmo-estamos-nessa-faz-tempo/>.

também, parte de uma população que se viu expulsa de suas moradias em regiões mais centrais da cidade.

Essa população não ocupou a parte da orla de Itapuã. Elas foram construindo o que a autora considera como “invasões” - o setor habitacional pobre do bairro, com questões problemáticas em relação à documentação da terra ocupada. Muitos desses moradores tiveram de enfrentar episódios de tentativas oficiais de expropriações, mas todas elas não foram adiante. Muitos de seus antigos moradores também passaram a morar em ruas de dentro, fora do perímetro valorizado da orla. Desse expressivo contingente populacional foi se formando, fora da Orla, uma grande área de moradia da população de Itapuã.

A especulação imobiliária já agia fortemente em Itapuã, investindo em loteamentos de classe média e negociando com o trecho litorâneo do bairro. E se no início das atividades turísticas no bairro, os investimentos em estrutura básica ficaram a cargo do setor terciário informal local, a partir do interesse de empresas do ramo imobiliário, pós 1950, o Estado, através de projetos de urbanização da orla, se voltou ao projeto capitalista de transformação da antiga vila de pescadores em uma região de veraneio, com a tentativa de construção do Loteamento Cidade Balneária, de forte apelo turístico. A atenção pública de melhoria urbana do bairro foi voltada em especial para o perímetro da orla.

Sobre o processo de integração de Itapuã à dinâmica urbana de Salvador, recuperou-se os caminhos de acesso existentes entre o lugar e o centro da cidade. A mobilidade de trânsito, no período da colônia, era feita por uma estrada interiorana, a conhecida Estrada Real das Boiadas. Esta era utilizada pela caravana de bovinos. Os pastos e estábulos mais próximos da cidade se encontravam em Santo Amaro de Ipitanga e em Itapuã (GANDON, 2018). Os outros habitantes recorriam a praia para chegar ao Centro, iam a pé ou em animais até a “antiga Ponte do Império, construída sobre o rio Jaguaribe”, em um determinado ponto os caminhos levavam ao “miolo”, indo até o Largo dos Dois Leões.

A primeira estrada para o trânsito de automóveis ocorreu na década de 1920. Foi com a abertura da estrada para o “Aeroporto dos Franceses”, situado onde hoje é o atual Aeroporto Internacional de Salvador, quando se facilitou chegar ao bairro. A estrada foi criada para que o combustível que chegava ao porto seguisse para a área do aeroporto. Foi no período da Segunda Guerra Mundial que os americanos, os atuais responsáveis pelo campo de aviação e da base militar na região, alargaram e pavimentaram a chamada “Estrada Velha do Aeroporto”. O crescimento das atividades ligadas ao aeroporto e as demandas de seus funcionários militares fomentou o comércio local, assim como a ocupação para moradias. É

quando são construídas a “Vila dos Sargentos” e, um tempo depois, a “Vila dos Ex-combatentes”.

Até a década de 1930, a cidade em sua faixa costeira atlântica desde a orla da Barra ainda era muito pouco habitada: “A população desse litoral concentrava-se nos sítios de pesca do Rio Vermelho, Amaralina, Pituba e, um pouco mais longe, Boca do Rio e Itapuã” (GANDON, 2018, p.59). A partir de 1950, o bairro se torna um espaço de veraneio de classes médias e altas. É nesse período que o então governador Otávio Mangabeira realizou “a principal via de integração de Itapuã à cidade de Salvador”. A inauguração da Avenida Litorânea em seu trecho Amaralina-Itapuã proporcionou a expansão urbana do bairro, assim como, provocou o interesse daqueles que desejavam lucrar com o mercado imobiliário neste trecho da orla.

É a partir da década de 1970 que ocorrem processos políticos e urbanos que contribuem para a diminuição de certo grau de isolamento de Itapuã em relação ao centro histórico e maior integração do bairro à dinâmica da cidade.

É a partir dessa década que o bairro intensificou seu ritmo de crescimento urbano. Itapuã se consolida como bairro de Salvador. Os investimentos públicos se voltam mais para o local. A reforma da orla e a duplicação da Avenida Otávio Mangabeira valorizaram o bairro, impulsionando seu povoamento vertiginosamente. Chegar e sair de Itapuã já não era tão difícil quanto em tempos remotos, a distância do Centro da cidade permanece relativamente grande, mas os percursos construídos facilitam a mobilidade de seus moradores e visitantes.

Itapuã é hoje um bairro do contraste, na orla e proximidades desta ficam localizados as moradas da classe média, os loteamentos de luxo, uma extensa rede comercial e serviços, e em seu interior estão as habitações da maior parte de sua população pobre assistidas de pouca infraestrutura. No final do século XX, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Planejamento, Itapuã concentrava a maior densidade demográfica de toda orla atlântica, bem como, “a maior proporção de pobres de todo o trecho”.

Os dados dão conta de uma localidade bastante populosa e densa. Itapuã faz parte da Prefeitura Bairro IV Itapuã/Ipitanga (PB IV) com mais 16 bairros, todos localizados no nordeste de Salvador. A PB IV engloba bairros como Stella Maris e Patamares, ambos ocupados por uma maioria de classe média e alta, mas também faz parte o Bairro da Paz e SãoCristovão, morada de maioria da classe popular. Em 2010, o bairro mais populoso da PB IV era Itapuã, com 66.961 habitantes.

No ano de 2010 a população era composta por 51,03% de pardos, 25,9% de preta, 0,3% de indígena e 1,3% de amarelos. A raça/cor predominante, ao agregarmos pessoas da

cor preta e da cor parda, teremos a quantia expressiva de 76,93% não amarelos ou não brancas. O rendimento dessa população, para o mesmo ano, é de 28,90 % recebendo entre 0 a 1 SM, 34,7% entre 1 a 3 SM e 10,2% entre 3 a 5 SM. Nessas três faixas de renda já temos 73,8% dos habitantes de Itapuã recebendo até 5 SM. Índices inversos apresenta a localidade de Patamares.

A PB IV possui 37 ZEIS espalhadas por toda sua extensão. Em 2010, a população das ZEIS era de 143.851 habitantes. O bairro da Paz apresentava a maior população. Sobre o IDHM, Itapuã não se estabelece em nenhuma das extremidades da tabela. O bairro de Patamares aparece com o índice mais alto enquanto Cassange/Nova Esperança como o mais baixo. No caso dos aglomerados subnormais foram identificados 29 em toda PB IV. Itapuã se encaixa no índice de 1-17(%) domicílios. Esse é um dado relativo ao ano de 2010. Atualmente a população de Itapuã, fora da orla, é composta majoritariamente por classes populares, havendo um crescente de habitantes vivendo nas chamadas “Invasões”.

Os anos de 2018 e 2019 foram de intensas obras de requalificação da orla de Itapuã. O projeto almejava proporcionar “uma nova tarde em Itapuã”. O custo total do projeto foi de 3,2 milhões. Diferente da orla da Barra, Itapuã não recebeu recursos do Governo Federal e de outras entidades. Os custos foram provenientes do orçamento municipal. No local foi construído um novo calçadão, contando com bares, quiosques, parques, praças e quadras de esportes, além de uma extensa ciclovia e um píer. As esculturas foram revitalizadas e a rede de iluminação modernizada.

Nas reportagens sobre a requalificação da orla e ouvindo alguns moradores, a maioria das opiniões, é de que o bairro precisava desse investimento e percebem um aumento considerável de visitantes no bairro desde a entrega da primeira etapa, no ano de 2018. Mas para alguns as melhorias não os incluíram. Muitos vendedores ambulantes se queixam da falta de licença para trabalhar no local e da extrema violência com que são tratados pelos órgãos públicos responsáveis pela fiscalização do uso do solo.

É constante a presença dos agentes da SEMOB²⁰ na orla, principalmente aos finais de semana. Os fiscais, além de circular pela extensão da Orla, fixam-se por horas nos pontos de maior movimentação, próximo a igreja da praça, dificultando a venda de produtos de boa parte das pessoas que vivem no lugar. Os vendedores em situação irregular, na presença da fiscalização, escondem suas caixas de isopor e carrinhos de lanche. Na saída dos agentes voltam a oferecer seus produtos em seus pontos de venda.

²⁰ Secretaria de Mobilidade de Salvador.

Neste capítulo, buscamos expor a história de configuração sócio espacial das Orlas, de onde se desenrolaram todo o trabalho de campo da pesquisa. As informações aqui apresentadas são de grande importância para entender as formas particulares de usos das mesmas, bem como, as movimentações juvenis pela cidade. O capítulo seguinte tem um caráter descritivo. Nele conheceremos como se deram as dinâmicas de usos dos espaços das orlas da Barra, no monte do Farol da Barra, e da orla do Rio Vermelho, em seu calçadão, por jovens moradores de periferias da capital baiana.

CAPÍTULO II

ORLAS DA BARRA E DO RIO VERMELHO: PRÁTICAS JUVENIS E OS USOS DOS ESPAÇOS

Apresentação

O estudo é também sobre as juventudes nas orlas. Este é um ponto de partida e, para além disso, é uma oportunidade de encontrá-las fora de seus bairros de moradia, em situações de encontros e vivências diversas. A proposta é – a partir da observação dos lugares e dos jovens nestes, da aproximação com alguns jovens e de percepções de suas experiências coletivas nestas – discutir seus movimentos pela cidade. Para tanto, partiremos de um ponto de encontro na orla da Barra, no monte do Farol da Barra e nas ruas e no calçadão principal da orla do Rio Vermelho.

Antes de adentrarmos nas vivências dos jovens nas orlas e em outras regiões da cidade, falamos sobre aspectos específicos do nosso trabalho de campo. Em seguida, o capítulo foi dividido em duas partes: a primeira tratou dos jovens nas orlas, sobre suas formas de ocupação dos lugares, indicando quem são, como se relacionam nesses espaços e quais experiências vivem. Também falamos de onde eles vêm, com qual frequência vão para os lugares, com quem e como se deslocam até os mesmos. Ainda nesta etapa, descrevemos algumas situações de conflitos vividos nas mesmas, suas formas de apropriação e ocupação dos lugares, seus consumos, suas expressões artísticas e seus gostos musicais.

A segunda parte foi sobre os jovens em movimento. A mesma se inicia com uma apresentação dos jovens com quem mais convivemos. São oito interlocutores principais, moradores de bairros diversos e de pontos variados de Salvador. Não é uma apresentação em forma de perfil; pois, mais do que pontos que os aproximam, a narrativa buscou desenhar as particularidades de cada jovem em suas vivências na cidade. O tópico “Os jovens e seus traçados móveis” buscou apreender quem são eles e elas; como cada um conhece a cidade, por onde andam nela, com quem transitam, o que mais conhecem da mesma, tanto dentro quanto fora dos seus bairros de moradia.

A segunda etapa da parte dois narramos como os “rolês” são vividos entre os jovens, já que, ao lado deles e em seus encontros, pude estar presente neles. Primeiro, falamos de como esses “rolês” são vividos em encontros nos bairros de moradia de alguns jovens ou dos

arredores destes. Em seguida, falamos dos movimentos entre jovens vividos fora dos bairros de moradia, em pontos centrais e da orla da cidade.

Metodologia do capítulo

A orla da Barra e do Rio Vermelho foram os pontos de partida da pesquisa de campo. Nesses lugares, realizamos a observação do espaço físico, das interações entre jovens, participando de conversas iniciais e identificando possíveis interlocutores da pesquisa, de forma a estabelecer uma conexão com eles em seus movimentos urbanos. A pesquisa de campo não ocorreu de maneira concomitante desde o início. Primeiro, estivemos na orla da Barra, nos períodos do final de tarde, em dias de domingo, momentos de grande concentração de jovens. Pouco tempo depois, fizemos as duas orlas no mesmo período; às sextas-feiras e aos sábados à noite na orla do Rio Vermelho e aos domingos, na orla da Barra.

Na orla do Rio Vermelho, tivemos mais oportunidades de aproximação e contatos mais estreitos com os jovens. Por essa questão, as idas a essa orla foram mais frequentes. As aproximações feitas lá nos proporcionaram mais possibilidades de estarmos com os jovens por outros lugares em que transitam na cidade.

A primeira parte do trabalho foi feita com base na observação das relações nas orlas, na aproximação com alguns jovens e nas conversas. Após esse momento de criação de vínculo, foi possível estarmos com eles em seus encontros na cidade e em suas vivências mais cotidianas – fora e dentro dos bairros de moradia.

O trabalho de campo, na primeira parte, ocorreu em lugares específicos e delimitados, pois a observação dos movimentos e os contatos ocorreram em dois pontos das orlas centrais²¹ de Salvador. Em momentos seguintes, os encontros ocorreram sempre em lugares diferentes, conduzindo-me a novas pessoas. Sem premeditação, os contatos foram revelando lugares de vivências juvenis e gerando novas possibilidades de estar entre eles e elas. Sem uma prévia busca por grupos determinados ou por lugares específicos da cidade, fui acompanhando-os por onde já se movimentavam.

No período de observação, o começo da aproximação com os jovens foi difícil. Nunca tinha feito campo sem um perfil prévio e específico de pessoas ou sem um lugar determinado.

²¹ Para esse trabalho, falamos de orlas mais centrais (Barra e Rio Vermelho) e orla norte (Itapuã). Os termos não são conceitos em si, mas funcionam como categorias que nos ajudam a problematizar as relações existentes nas orlas mais valorizadas da cidade, as consideradas na pesquisa como centrais, e as menos valorizadas, aqui consideradas como as do norte. Essas são realidades que foram discutidas ao longo da tese.

Tudo era muito fluido e novo para mim, apesar dos lugares serem familiares. Em campo, tinha questões constantes: o que deveria perguntar? Como deveria apresentar-me e falar sobre a pesquisa? Minhas experiências anteriores tinham sido em instituições de ensino ou em parceria com algumas destas, e o perfil de jovens a ser identificado já era definido antes de começar o trabalho de campo.

Além desse aspecto de cunho pessoal, deparei-me com realidades muito cheias, móveis, cambiantes, diversas. A todo o momento, novos jovens circulavam pelos lugares: seus deslocamentos eram rápidos assim como suas conversas. Os diálogos que tecia com eles eram superficiais e curtos. O interesse em viver os momentos de encontros nas orlas era o que os guiavam; serem vistos e ver os outros era o que os moviam em seus trânsitos e contatos constantes. A proposta de parar e ouvir uma conversa sobre pesquisa acadêmica não lhes prendia por muito tempo.

A dinâmica das relações na noite da orla do Rio Vermelho demandou que vivesse a noite entre eles, sentada ao lado deles, circulando com eles, observando suas interações e diálogos, muito mais do que falando sobre a pesquisa.

Diante de tal configuração espacial, optei por criar um cartão de apresentação, o qual continha meus contatos pessoais (*Whatsapp* e redes sociais). A ideia era manter um diálogo conciso na orla, falar de questões importantes da pesquisa, ou seja, do que a diferenciava: um estudo dos jovens em movimento e aguardar o retorno daqueles que se interessaram pela proposta. Muitos deles diziam que fariam contato, mas tal fato não ocorria com todos e nem mesmo com todos com quem fizemos contato foi possível manter uma comunicação por mais tempo. A meu ver, a grande questão era ter uma pesquisadora os acompanhando em seus momentos de convivência mais livre, fora dos contextos de trabalho e de estudo. As vezes que os acompanhei, foram possíveis por ter me colocado, reiteradamente, disposta a ir aonde estivessem.

O *Whatsapp* apareceu como uma ferramenta interessante para manter diálogos com as pessoas mais interessadas em colaborar e em participar da pesquisa. Por meio desse aplicativo de conversas, podia registrar reflexões dos jovens sobre algumas questões vividas por eles, além de acreditar que assim poderia manter um vínculo mais contínuo. A ideia de movimento não é interrompida com a mediação do suporte tecnológico, é antes um meio de preservar os contatos e conversas que, muitas vezes, são difíceis de fluir no meio agitado e cheio dos campos. A utilização do aplicativo, com isso, foi uma estratégia de pesquisa que surgiu como alternativa promissora, mas que não substituiu a interlocução direta.

O período de campo dessas orlas ocorreu antes da pandemia. Foi entre os meses de março e agosto do ano de 2018, nos finais de semana e em alguns dias úteis da semana, sendo retomado entre os meses de maio a setembro de 2019²² que mais mantive contato com eles. De início, houve o receio da etnografia ser somente fruto das vivências nos finais de semana, mas, com o contato mais estreito com alguns jovens, o acompanhamento de suas rotinas de vida aconteceu também no meio da semana.

Com o jovem Alan (18 anos, Engenho Velho de Brotas), a quem conheci na orla da Barra, estive na festa Batekoo, em seu bairro de moradia, e em seu curso de teatro no SESC Comércio, localizado na Avenida Tancredo Neves, onde pude conhecer e dialogar com mais jovens. Com o jovem Kaio (18 anos, Mata Escura), a quem conheci na orla do Rio Vermelho, estive numa sexta-feira de tarde na UNEB, no bairro do Cabula, também no aniversário de seu amigo, em um domingo de tarde, no bairro de Mata Escura e na orla da Barra numa noite de domingo.

Com os jovens que passei a dialogar após esses encontros, fui transitando por lugares diversos, acompanhando suas experiências nestes e conhecendo mais jovens. A pesquisa foi se desenvolvendo a medida que os jovens acima citados iam levando-me a conhecer outros jovens. Luiza (18 anos) conheci no campus da UNEB e estive em sua casa, numa tarde de quarta-feira, no bairro do São Gonçalo do Retiro. Com tantos outros jovens (Priscila, Felipe, Márcio, Diego e tantos outros) estive em um sábado à noite e em um domingo, no final da tarde, na Praça do Retorno e na Batalha de *Rap* do Retorno, ambos no bairro de Narandiba.

Com outros jovens que também conheci na orla do Rio Vermelho, segui para outras partes da cidade. Com Drika (21 anos, Castelo Branco), acompanhei uma batalha de dança de rua, que aconteceu numa tarde de sexta-feira em um largo da orla do Rio Vermelho. O contato com Gabi (19 anos, Nordeste de Amaralina), outra jovem que também conheci na orla do Rio Vermelho, levou-me a vivenciar um dia de prática de rapel entre jovens (Maicon, Valter, Carol e tantos outros), em grande parte, moradores do bairro do Nordeste de Amaralina, na passarela da Lapa, localizada no Vale dos Barris, centro da cidade. Além de Igor (20 anos, Nordeste de Amaralina) que conheci em um “rolê”, na orla do Rio Vermelho, no qual estava acompanhada dos jovens de Itapuã. Com ele estive em outras oportunidades em seus “rolês” também pela orla e pelo bairro do Rio Vermelho. A ida ao bairro do Nordeste de Amaralina

22 O período intermitente da pesquisa nesses campos não foi previsto inicialmente. Tal dinâmica ocorreu pelas movimentações dos jovens moradores de Itapuã e suas constantes presenças nas orlas da Barra e, principalmente, na orla do Rio Vermelho. Estar mais vezes com os jovens de Itapuã nesses lugares me proporcionou outras experiências de campo, agregando nas discussões que se desenrolavam com as primeiras incursões de campo nas orlas centrais.

foi cancelada por algumas vezes em função dos conflitos armados entre policiais e traficantes e posterior ocupação ostensiva dos agentes militares no bairro.

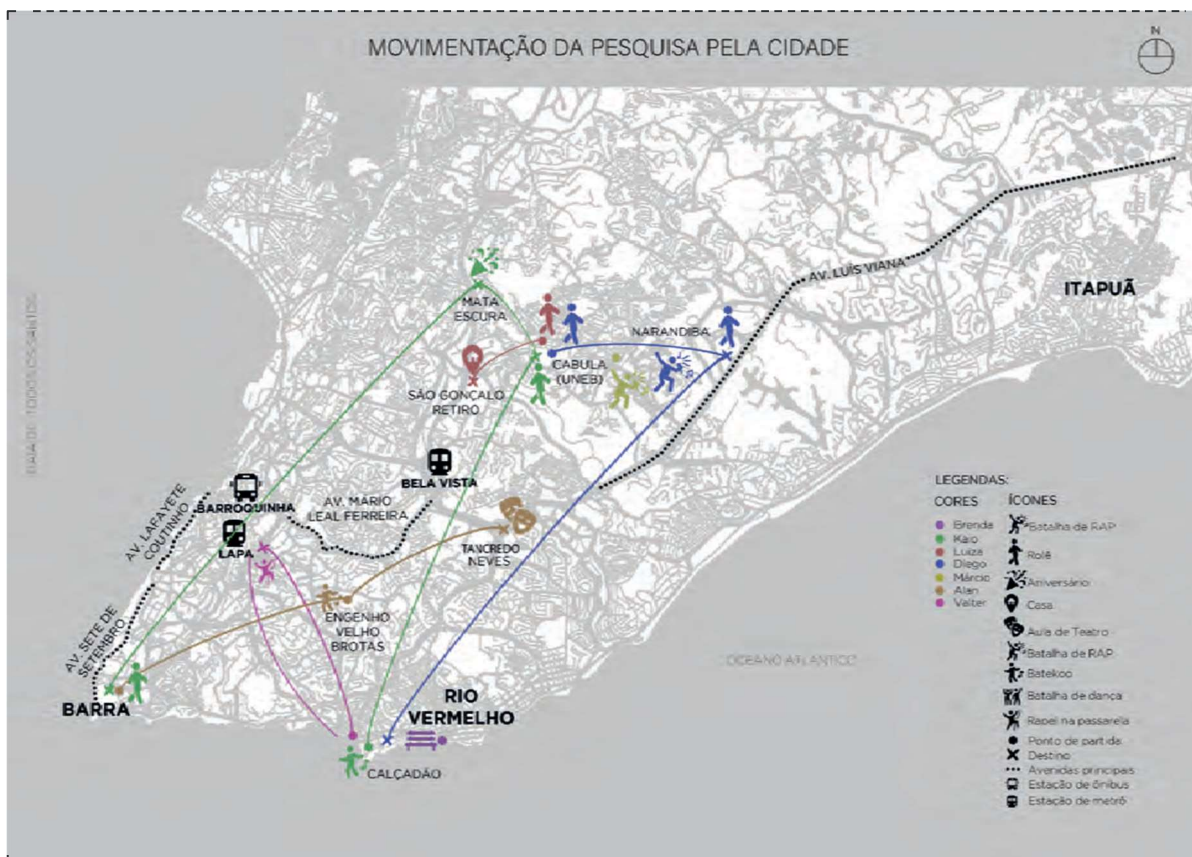
Além da jovem Brenda (19 anos, IAPI) com quem mantive mais contato na orla do Rio Vermelho e por meio de conversar via *Whatsapp*. A rotina de estudos e trabalho da jovem dificultou que pudesse estar com ela em seus trânsitos urbanos.

Em todo esse processo de campo, pude conversar com muitos jovens, mas foi com quinze deles que mantive mais contato. Desses quinze, oito são jovens com quem dialoguei semanalmente e, assim, foi possível perceber melhor os seus deslocamentos na cidade. Esses jovens são de bairros e localidades distintas da cidade de Salvador.

A minha relação com os jovens se deu, na maior parte do tempo, de maneira agradável e até mesmo festiva. Os jovens demonstravam interesse em me ajudar com a pesquisa, dizendo-me em quais lugares era bom eu estar, por serem pontos de concentração juvenil na cidade. Eles também buscavam saber sobre as etapas de construção do trabalho de campo e entender cada vez mais o que buscávamos com a pesquisa. No início, e mais especificamente com Luiza e Kaio, a minha aproximação gerou um incômodo por parte dos mesmos. O fato de ser uma mulher branca não os agradou. Logo que cheguei no “rolê” da UNEB, ambos disseram não gostar de pessoas brancas. Recebi o posicionamento com certo receio de que não pudéssemos desenrolar nossa aproximação. Fiz questão de me apresentar mais como pessoa e de contar a minha trajetória de pesquisa com juventudes urbanas moradoras de periferias de Salvador. Acreditava que assim poderia diminuir um pouco da distância que havíamos encontrado ali. Com os outros jovens, não tive questões dessa natureza e nem questionamentos com relação ao motivo de querer estudar o tema. O que sempre buscavam saber, a cada novo jovem que conhecia, era a minha idade e a minha orientação sexual.

O deslocamento contínuo da pesquisa transcorreu em função dos movimentos de certos interlocutores da pesquisa. Ao segui-los pela cidade, estive entre eles em momentos diversos, fora e dentro dos bairros de moradia. Na perspectiva de uma “etnografia multiocal”, estar ao lado dos jovens, em diferentes lugares da cidade, foi o que possibilitou acompanhar suas movimentações urbanas.

Figura 5 – Mapa de Movimentação da Pesquisa



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

PARTE I

2.1 JOVENS NAS ORLAS

2.1.2 Barra

- **A ocupação dos lugares: monte do Farol da Barra**

Começaremos pelo monte do Farol da Barra, pois, por lá, aconteceram os primeiros trabalhos de campo. Nesse início, observando de longe, sem estar entre eles e sem adentrar de

fato na área que se concentravam, vi de imediato muitos jovens em seus diversos grupos. À distância, observei seus movimentos de chegada, algumas formas de interação e de ocupação do lugar.

Nessas ocasiões, nas tardes de domingo, dia e horário de maior presença deles (as), foi possível visualizar grupos de jovens moradores das periferias ocupando as áreas ao redor do Farol da Barra. A identificação de que eram jovens vindos de periferias ocorreu, nesse momento inicial, de forma subjetiva. Com base em minhas experiências anteriores, em pesquisas com jovens urbanos de periferias, e constante observação de seus modos de viverem a cidade, pude identificá-los por seus estilos de roupa, por suas formas de utilizar acessórios e de se expressarem por meio de seus movimentos corporais e de suas linguagens específicas.

O lugar possuía uma variedade de tipos de ocupantes. Por toda a área em volta do Farol ficavam pessoas que aguardavam o horário do pôr do sol: casais deitados na grama, crianças com seus responsáveis, cachorros e seus donos, noivos que aproveitavam a bela paisagem, fazendo fotos que iriam compor o álbum de casamento, grupos de turistas, os jovens de periferias e, em número bem menor, os que não eram de periferias.

De longe, identifiquei jovens de igrejas evangélicas cantando músicas de louvor, sentados próximos à subida para o monte. Bem próximo a eles, haviam jovens deficientes auditivos conversando animadamente, enquanto isso, muitos outros passavam em direção ao monte do Farol da Barra, a maioria vestia roupas que faziam referência aos seus gostos por músicas dos gêneros pagode e *funk* ostentação. Entre estes jovens, os meninos, portavam blusas e bonés com estampas de coroas douradas, exibiam tatuagens de diamantes nos corpos, carregavam nos pescoços “batidões” (cordões de prata) grossos, tênis em cores vibrantes, a maioria de cano alto e de grifes bem conhecidas, além de muitos acessórios e cortes de cabelo com desenhos laterais em formatos variados. As meninas, desse grupo específico, andavam mais próximas dos jovens *gays*; com eles, conversavam com entusiasmo, em tom de voz alto, olhavam para todos os lados. Seus corpos eram poucos cobertos pelos tecidos, elas usavam *shorts* e *tops*, ou somente a parte superior de seus biquínis, além disso, seus cabelos se destacavam pelos variados penteados criativos e por uma variada tonalidade de cores.

Outros estilos também conviviam no mesmo lugar, estilos que remetiam às meninas e aos meninos *empoderados*²³, eram jovens que ostentavam em seus corpos signos de resistência racial e de valorização de suas condições de existência na cidade. No ponto central, em frente ao monte do Farol, outros tantos jovens (em sua maioria, moradores de periferias) do movimento *hip-hop* dançavam *break*; haviam outros que também realizavam performances em seus *skates* e patins. Jovens do grupo de violão tocavam músicas da MPB (Música Popular Brasileira) sentados em círculo, outras pessoas iam se juntando à roda, que os recebiam abrindo espaço para sentarem. Ao lado, outros jovens vestindo roupas pretas estampadas com bandas de *rock* e de *hardcore* conversavam entre si e com outros tantos jovens que se aproximavam ou passavam. Outros usavam roupas sem símbolos aparentes de algum grupo juvenil específico. Estes também circulavam pelo espaço, entre as aglomerações, criando um fluxo constante de contatos. A conexão entre eles era maior do que pude ver de imediato, coube aqui discutir como ela era vivida entre eles e elas.

No mesmo fluxo de chegada dos jovens, também apareciam os ambulantes para se instalarem bem em torno da grama do monte do Farol. Nesse horário, já perto do pôr do sol, os muitos ambulantes que atendiam os usuários das praias começavam a ir embora e outros, os da noite, começavam a chegar, se posicionando mais nesse local.

Esse local específico não possuía nenhum equipamento em que as pessoas pudessem sentar; apenas na parte de trás do Farol, melhor posição para admirar a vista, possuía uma espécie de arquibancada feita de cimento, eram quatro lances de níveis diferentes. Em boa parte do lugar, existia grama, que vez por outra se desgastava tanto a ponto de só restar aterra. Naquela ocasião, pós carnaval de Salvador, a grama estava verde e bonita, uma troca pós festa havia sido feita. As pessoas que por lá ficavam, estendiam suas cangas e toalhas ou sentavam na própria grama. A estrutura para ficarem, como os bancos, só existiam nas outras partes dessa orla.

Com o fim do pôr do sol e o avançar da noite, o lugar ia ficando escuro e somente ocupado pelos jovens e os vendedores ambulantes. O local, pouco iluminado, era vivido de modo ainda mais rápido e fluido, neste momento, os jovens passavam a ficar mais de pé, seus

23 O empoderamento é um fenômeno recente no Brasil e contém um forte apelo geracional. Este vem carregado de posicionamento político em meio urbano. Ele é formado por uma conjunção de forças vindas do empoderamento da mulher negra, de grupos homoafetivos, e de uma população jovem das favelas. Chama atenção a luta por um lugar de fala por parte da juventude negra em sua busca por posturas que valorizem uma ancestralidade africana e negra, de uma história de escravidão, de crítica das estruturas de classe, do modo como os espaços urbanos são desigualmente habitados, por respeito aos seus corpos e aos seus modos de ser. E acima de tudo, é uma luta pela reparação de muitos anos de discriminação, em busca da transformação da história de submissão de um povo.

movimentos se tornavam mais intensos. A todo o instante, novas aproximações e beijos surgiam entre eles e elas.

Durante a pesquisa de campo na orla da Barra, os jovens se concentravam em um ponto específico – o entorno do Farol da Barra – no máximo, desciam para a areia da praia, onde alguns faziam uso de maconha e onde escolhiam lugares mais escondidos para namorarem. O lugar era ocupado para a prática urbana do lazer, o lazer de viver encontros entre jovens já conhecidos e com outros que acabavam conhecendo no Farol. Através da música, da dança, consumo de álcool, cigarros e outras substâncias, do namoro, da conversa, da provocação; jovens de bairros de periferias de regiões distintas da cidade interagiam e viviam experiências juntos.

Figura 6 – Jovens no Monte do Farol da Barra



Fonte: Imagem da autora

A noção de que são oriundos de periferias localizadas em partes diversas da cidade vem das conversas que tive com alguns jovens. Desses contatos, percebi que em um agrupamento tinha jovens dos bairros da Engomadeira, Paripe, Engenho Velho de Brotas, Liberdade, Cosme de Farias. E, além de saber de onde vinham, os jovens com quem pude dialogar, relataram saber e conhecer outros tantos jovens que moravam em diversas partes da

cidade. Os contatos não me deram informações suficientes para afirmar quais são os bairros ou localidades mais presentes no lugar, mas pude perceber a diversidade de origens de jovens das periferias.

- **Descobrimo quem são os jovens nas orlas**

Os jovens que iam para a Barra, apesar da proximidade, não necessariamente eram os mesmos que frequentavam a orla do Rio Vermelho. Uma combinação de elementos permitia a variedade de origens de jovens das periferias na orla da Barra. O horário de concentração, tarde e início da noite, a oferta de linhas de transporte público para as principais estações de transbordo da cidade e o espaço de concentração, acabam por atrair jovens com origens mais diversas. O lugar não foi projetado para ser ponto de encontro de jovens, no entanto, após a última intervenção urbanística no local, estes jovens ressignificaram seu uso²⁴.

O lugar público, localizado em região de grande valorização imobiliária da cidade, passou a ser notado também pela convivência coletiva entre jovens moradores de periferias. A diversidade de pessoas no lugar é aparentemente comum às orlas turísticas de cidades brasileiras, mas as formas de ocupação e apropriação dos jovens no mesmo os destacavam na paisagem. Eles e elas se aglomeravam em pontos específicos, no caso deste estudo, no Monte do Farol.

Esses jovens desciam de ônibus vindos de várias localidades periféricas da cidade, e outra parte chegava a pé, vinda de bairros bem próximos. O horário de chegada deles já era um fator que propiciava a adesão de jovens de lugares mais distantes. A partir das 15h00min começavam a se reunir e saíam por volta das 22h00min. Os jovens se programavam de acordo com os horários dos transportes públicos que os levariam de volta aos seus bairros de origem pela cidade. O local era também um espaço de convivência coletiva pública, não havia, como nos lugares privados, cobrança de valores para estarem, nem uma proibição oficial de ocupação do local.

Para alguns, só ali, essa experiência de encontros tão diversos era possível. Para Diego (19 anos, Narandiba) na Barra, *“todo mundo é de um lugar só”*. As rivalidades existentes entre as facções que atuavam na cidade, criando impossibilidades dos jovens circularem por bairros de periferias, eram ali menos atuantes em seus relacionamentos. Se, para muitos,

24 O que seria um espaço projetado para as juventudes não foi conteúdo explorado nesse trabalho, valendo como desdobramento do mesmo. Em conversas sobre os espaços reformados, houve a exaltação da atmosfera festiva e de reunião reanimadas com as obras, mais do que a citação de qualquer equipamento ou estrutura que pudesse existir favorecendo a frequência deles no lugar. Nas noites chuvosas nas orlas do Rio Vermelho ou da Barra, por exemplo, os jovens se abrigavam nas coberturas de prédios, hotéis, bares; locais não projetados pelas reformas.

manterem vínculos com os amigos, indo em seus locais de moradia, era um fator de perigo, no Farol da Barra, as interações se voltavam para os encontros entre jovens de periferias, sem necessariamente transporem as querelas das facções para seus contatos. Entre as observações, nas interações em que estive, em nenhuma dessas oportunidades identifiquei o tema violência urbana sendo o conteúdo principal das conversas entre os jovens.

Outro aspecto relatado por Diego (19 anos, Narandiba) e Priscila (20 anos, Narandiba), sua vizinha e amiga que ia com ele para o Farol, foi a possibilidade de conhecerem pessoas novas no local:

Eu tenho que confessar que a Barra é um ponto de encontro onde várias pessoas, de diferentes tipos de periferias, de vários cantos de Salvador, ou até mesmo de fora de Salvador, tem a chance de conversarem, de se conhecerem, vindo assim de longe, ela cria um clima muito bacana para se conhecer pessoas de vários tipos, de vários lugares, de várias favelas, de várias comunidades, de bairros diferentes um do outro.

Os dois vão mais além quando entendem que o lugar, apesar de ser um “*bairro de elite*”, propicia um intercâmbio entre jovens de periferias; “*É um intercâmbio de bairros, de localidades, é incrível*”.

Os jovens se deslocavam para a Barra com grupos de amigos da vizinhança e das localidades próximas ao seu bairro, mas nada impedia que lá, eles fizessem novas amizades ou encontrassem pessoas que já conheciam de outras oportunidades. A assiduidade não foi um fator comprovado; ao contrário, em quase todas as conversas, ir à Barra dependia de muitos fatores, seja a autorização dos responsáveis, o dinheiro para o transporte e o consumo de bebida, para conseguir juntar os amigos no “rolê” ou na escolha do dia. Não houve nenhum caso de um jovem ter ido sozinho para o local. A não assiduidade, nesse caso, demonstrou uma condição de esporadicidade dos jovens nesse lugar da cidade.

O “Miolo” na Barra é uma questão proeminente. Nos contatos feitos com jovens no local e em seus bairros, foi recorrente ouvi-los dizer que frequentavam a orla da Barra. Eram jovens moradores da Engomadeira, da Mata Escura, de Narandiba, do São Gonçalo, de Pernambués. Não quero dizer, com isso, que somente jovens dessa região da cidade iam para a Barra, mas que todos os jovens moradores do “Miolo”, com os quais tive contato, relataram viver algumas experiências neste lugar. O Rio Vermelho não era uma opção; em alguns casos, os jovens nem mesmo nunca haviam estado no bairro: “*Nem conheço o Rio Vermelho, meu pai não me deixa sair à noite, então o jeito é ficar mais por aqui mesmo ou então ir pro Imbuíou Barra que tem “rolê” de tarde.*” (Priscila, 20 anos, Narandiba).

Desde 2015, os jovens fizeram do Monte do Farol um ponto de encontro para estarem nos finais das tardes dos dias de domingo, para encontrarem jovens de outras periferias, para

viverem momentos de “intercâmbio” sem sofrerem ameaças ligadas à atividade do tráfico de drogas existente em Salvador (essa foi uma realidade para aqueles que não mantêm envolvimento direto com a atividade ilegal, no caso da pesquisa, são os nossos interlocutores). Nesse local, fazem seu “rolê”, consomem as bebidas que podem pagar, escutam as músicas que gostam de ouvir, interagem com as pessoas que querem estar perto e transformam o Farol em um lugar jovem.

- **Os deslocamentos e os usos nas orlas**

- **Corpos e manifestações artísticas**

Logo que chegavam, os jovens se misturavam com os outros já presentes no local. Alguns circulavam bastante, antes de decidirem onde iam ficar, outros encontravam com conhecidos, se cumprimentavam animadamente e se juntavam a eles, e ainda existiam aqueles que conheciam tantas pessoas que iam circulando de agrupamento a agrupamento. Alguns jovens se conheciam por frequentarem os mesmos locais de lazer na cidade, outros por serem do mesmo bairro ou região próxima a este, ou por possuírem amigos em comum, ou seja, alguns se conheciam antes de frequentarem a Barra e outros iniciavam novos contatos a cada ida ao local. A conexão com o lugar era vivida em função desses encontros e das experiências que mantinham com os outros jovens.

A circulação dos corpos e a fluidez dos contatos em meio a estas conexões era intensa e por todo o tempo. Foi assim quando surgiu bem próximo do lugar onde estava sentada, uma roda com doze jovens meninos, ombros e braços bem colados uns nos outros. Seus corpos se apoiavam como se quisessem impedir que o som de suas rimas pudesse fugir. A concentração entre eles era visível. O agrupamento chamava a atenção de todos os outros jovens que passavam por perto e dos outros que estavam em torno. A roda não era formada sempre pelos mesmos meninos, eles variavam conforme a dupla de rimadores mudava. Meninas apenas encostavam rapidamente, mas não permaneciam. Os versos eram feitos no improviso e quando já estavam quase esbarrando em mim, pude ouvir o que diziam. Um trecho: “*Não sou Silvio Santos, mas vejo muitos aviõezinhos*”, em outras, falavam de “bocas de fumo” e bombas da OTAN e em segundos depois sobre práticas e gostos sexuais.

Assim como os seus corpos se deslocavam conforme o encaixe de novos membros na roda, esta não ficava parada em um só ponto até o seu desfecho final. Da mesma maneira que se formou, se desfez em minha frente, sem que pudesse acompanhar para que lado cada um

deles seguiu. Nesse dia, no Monte, havia ficado apenas em um ponto entre eles. Alguns iam juntos para outro grupo, outros iam em direção oposta para uma localização mais afastada e outros em pontos variados. O que ocorreu foi uma dispersão rápida e imediata para se juntarem a novas pessoas e agrupamentos.

A partir do cair da tarde, uma mudança de energia surgiu no lugar e entre os e as jovens. Eles e elas começaram a não mais ficar tão sentados, as garrafas de bebidas apareciam ainda mais e em maior número, a movimentação entre eles passava a ser ainda mais intensa e os tons de vozes e volumes de som aumentavam. Cenas surgiam a todo instante, instantaneamente diante de mim, sem que pudesse perceber como exatamente elas se formavam. As posturas corporais passavam a ser mais extravagantes, seus andares eram comogingas no espaço já anoitecido, passos de dança eram coreografados e a atenção uns com os outros ficava ainda maior e mais latente.

O local era composto pelo interesse de estarem juntos. Eram casais de meninas e de meninos que se beijavam e acariciavam sem constrangimentos. Os jovens se alisavam constantemente. Em uma oportunidade, pude observar mais de cinco meninas apertando as nádegas de outros meninos ao passarem perto dos mesmos. Em todos os casos, eles nitidamente já se conheciam, em um caso, a menina ouviu de volta que ela deveria pegar em seu pênis e, em outro, a postura do jovem foi a mesma que a da jovem. Em uma roda, uma menina de uns 15 anos trocava carícias e beijos com uma outra menina de um agrupamento próximo, a qual acabara de conhecer, e com um menino do próprio grupo.

As passagens entre eles eram repletas de olhares e posturas corporais que denotavam interesse de contato de algum tipo. Os corpos procuravam estar perto de outros corpos, os encontros afetivos se misturavam sem o enquadramento binário de gêneros. As práticas afetivas eram abertas e vividas como novas possibilidades. Uma jovem tentava explicar para um amigo a sua condição de pansexual: *“Eu gosto de pessoas, não me importa se são homens, mulheres, travesti, bissexual, me interessa pessoas.”*. O amigo concluiu; *“tá entendi, então, você é bissexual, você gosta dos dois”*, ela novamente tentou ratificar não se tratar de modelos binários, mas da pessoa e do contexto do encontro entre elas. A conversa não se estendeu muito e um tempo depois esta jovem trocava carinhos e beijos com um jovem do agrupamento que estava.

Ao pôr do sol e no avançar da noite, as movimentações e os contatos eram mais diretos, eles e elas passavam a ter ainda mais contato, uns levavam os outros em direção ao jovem de interesse, os beijos aconteciam rápidos ou longos, na maioria dos casos, com a observação dos receptivos amigos. Um agrupamento com quatorze meninos e uma menina

branca com seus 16 anos se tocavam bastante enquanto conversavam por quase uma hora. Três deles a giravam enquanto falavam coisas que a divertia, alisavam seu corpo algumas vezes, mas assim como surgiam, sumiam, sem que pudesse acompanhá-los por mais tempo. Existiam alguns poucos casais de namorados que já chegavam juntos, mas a maioria demonstrava interesse em se aproximar de jovens que encontravam no local.

➤ Música e bebidas

A música era um elemento que permeava muitos momentos da vida dos jovens, principalmente em situações de lazer. Na Barra, os aparelhos de som estavam por toda parte entre eles e elas, eram de vários tamanhos, formatos e potência. Nesses encontros, entre alguns deles, eram como extensão de seus corpos, por onde andavam, carregavam consigo, movimentando-se no ritmo de cada música que tocava, cantando as letras de acordo com o ânimo de cada história.

Como as pessoas estavam bem próximas uma das outras, os sons de cada concentração de pessoas ficavam em altura mediana; vez por outra, alguém com um aparelho mais potente atravessava os agrupamentos, abafando os outros sons, mas em nada isso gerava incômodo, ao contrário, num ato quase imediato, passavam a ouvir a música que tocava no aparelho da outra pessoa e, se gostassem, começavam a cantar a mesma. Com o passar do dia, o volume de cada caixa de som ficava mais alto, sendo possível escutar várias músicas ao mesmo tempo, a maioria, do estilo *funk*, pagode baiano ou do Hip-hop.

Figura 7 – Jovens no Monte do Farol da Barra



Fonte: Imagem da autora

A intensidade do som crescia junto com os movimentos corporais de dança e o uso de bebidas alcoólicas e do cigarro. Estas duas substâncias surgiam, no lugar, de três maneiras: ou os jovens já chegavam com elas em sacos e mochilas, comprados nos mercados próximos ao Farol; ou eram trazidas já dos mercados dos bairros de origem, ou ainda, o que era mais comum, compravam com os ambulantes que chegavam quase ao mesmo tempo em que eles e se posicionavam ao redor do gramado, ficando alguns poucos no meio do gramado e outros passando entre eles. Tais ambulantes vendiam lanches, bebidas alcoólicas e principalmente um vinho barato de nome São Jorge, cujo valor da garrafa gelada era em torno de R\$5,00 reais, além da bebida “Príncipe Maluco”, uma mistura de vodka barata, leite condensado e limão.

Essa garrafa de plástico do vinho São Jorge era avistada em quase todos os agrupamentos, sendo muito frequente o consumo entre menores. A ingestão era feita de modo rápido, circulando muito entre todos e todas. Por ser uma mercadoria não tão cara e acessível no local, era muito comum encontrá-la nas mãos deles e delas. Não existe só o consumo desse tipo de bebida, mas esta era a mais avistada. A todo o momento, eles a compravam e a viravam em grandes goles, como se esperassem que o seu efeito fosse instantâneo.

Para alguns dos jovens, a bebida estava associada a coisas boas, mesmo que alguns relatassem sintomas de mal estar após ingestão: “*Gosto de beber mesmo, é muito bom, traz uma sensação de bem estar*” (Felipe, 18 anos, Engomadeira), “*Não saio para um rolê sem beber, gosto de ficar louca!*” (Diego, 19 anos, Narandiba). Em alguns casos, a bebida era vivida como uma experiência de exercício de uma autonomia relativa: “*Aproveito que meupai me deixa ir para a Barra, porque é de dia e bebo mesmo, tem vezes que chego totalmente alta, mas dentro de casa não posso demonstrar.*” (Priscila, 20 anos, Narandiba).

O cigarro também os acompanhava por toda noite. Seu consumo era compartilhado e a forma de fumar era bem semelhante entre eles. Os cigarros, com sabores diversos ou os tradicionais, eram carregados entre os dedos das mãos em constante balançar e a expulsão de sua fumaça era feita de modo prolongado e exibido. O pedido por cigarros era bastante comum entre eles. Aquele que fosse dono de uma carteira do produto acabava a dividindo com os conhecidos e também com outros que se aproximavam pedindo.

➤ Conflitos

O local era repleto de sorrisos, conversas, paqueras, danças, interações. O ambiente era animado, cheio de pessoas, movimentos, encontros. Em conversa com uma vendedora de

bebidas do lugar, ela relatou ser rara a ocorrência de confusões atualmente. Segundo ela, logo quando eles começaram a ficar ali, no ano de 2015, as brigas eram constantes e os motivos citados por ela foram bebidas e mulher. Nessas ocasiões, a polícia chegava espantando todo mundo do local. A conversa com a vendedora se iniciou logo após presenciarmos uma luta corporal entre dois jovens. Todos em volta se assustaram e se afastaram. O desentendimento abriu um enorme vazio no gramado, mas não durou muito, logo surgiram mais dois outros jovens vindos de longe correndo para separarem os envolvidos na briga. A cena foi controlada com uma conversa no pé do ouvido e cada um seguiu para um lado.

Existia um posto móvel da polícia a poucos metros do ocorrido e em nenhum momento apareceram policiais. De onde eles estavam, era muito improvável que não avistassem a confusão. Os jovens ambientados no lugar resolveram suas querelas entre eles para que não houvesse a interferência de agentes da polícia, interrompendo o lazer de domingo.

Outro tipo de tensão ocorrida na Barra aconteceu quando um jovem de seus 17 anos, que já havia chamado minha atenção pela sua constante circulação pelos agrupamentos, encostou na roda de rimadores, falando, em tom de voz alto, sobre ter visto logo ali um rapaz com uma tatuagem de nazista na mão e sua conclusão era de que se tratava de um *skinhead*, insinuando que deviam tomar satisfação sobre sua presença entre eles. Os jovens, mais interessado nas rimas, não se detiveram na informação trazida por ele, nem na sua intenção de cobrar explicações; logo, esse jovem se direcionou para outro agrupamento com pessoas com roupas pretas, de bandas de *rock*, contando-lhes o mesmo fato. Um dos jovens desse agrupamento ficou intrigado, querendo saber mais detalhes e abraçado ao outro jovem, fazia sinal mostrando o local da tatuagem e apontado para o lado que o mesmo poderia estar. Até o momento que estive lá, não vi nenhuma atitude relacionada a isso, mas creio que ambos foram observar o jovem e este teve sua presença, no mínimo, monitorada de longe.

Em nenhuma das oportunidades que estive entre eles, observei desavenças que estivessem relacionadas com questões ligadas a conflitos de bairros, eram relações de conflito que surgiam ali e se resolviam ali.

2.1.3 Rio Vermelho

- **A ocupação dos lugares: rua principal e calçadão da orla do Rio Vermelho.**

O bairro do Rio Vermelho possui particularidades bem conhecidas dos soteropolitanos. É considerado o bairro mais boêmio da cidade, seus espaços públicos e privados são, durante os dias da semana e nos finais de semana, mais no período da noite, repletos de pessoas que buscam lazer e manifestações culturais diversas. O local oferta desde largos com bares ao ar livre e uma rica oferta de comidas e petiscos, a estabelecimentos fechados e com muitos estilos. A iluminação existente por todas as ruas e calçadas permite uma boa visualização do mar e da região.

A chegada dos jovens no local acontecia por pontos e horários diversos. Desde o fim da tarde, já havia a ocupação da quadra na calçada do lado do mar por parte de jovens moradores de localidades próximas e a chegada de ambulantes se posicionando nos dois lados da Avenida Oceânica. Os grupos iam chegando e circulando, para perceberem quem estava no lugar, as possibilidades de ouvirem as músicas que gostavam e de estarem perto de quem já conheciam ou queriam conhecer.

À medida que as pessoas começavam a chegar e com o avançar da noite, a rua principal, calçadas, bares e portas de bares iam ficando cheios. No Rio Vermelho, a ocupação do calçadão da orla acontecia por toda sua extensão e de modo disperso. Os jovens sentavam e se aglomeravam na área da quadra de futebol, em torno dos ambulantes que vendiam bebidas alcoólicas e cigarros, em frente aos estabelecimentos que dispunha televisores transmitindo clipes musicais voltados para os jovens que ocupavam o passeio e parte da rua, assim como, em frente às casas de festa que possuíam músicas tocadas por dj's ou algum som ao vivo. Em alguns casos, frequentavam festas específicas (Batekoo, por exemplo) com valores de ingressos mais acessíveis ou através de permuta, já que alguns deles eram promotores virtuais dos eventos. Por meio de suas redes sociais, divulgavam o evento e as marcas associadas a este, atraindo seus amigos para a festa.

Figura 8 – Jovens na orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Nesse contexto animado, as manifestações ditas alternativas conviviam com o “pagodão”²⁵ baiano, só que este não estava nas casas privadas, mas sim nas calçadas e ruas. A ocupação, assim como na Barra, era diversa. Ali também era frequentado por skatistas, jovens do hip-hop, da roda de violão, dos movimentos *underground*, da dança de rua, do *funk*. A diferença estava na maior fluidez de pessoas em busca das muitas oportunidades de viverem a noite na orla do bairro. No Rio Vermelho, essa movimentação era vivida pelas ruas, entre idas e vindas, paradas e deslocamentos; a ocupação era ao longo da calçada, enquanto que na Barra era num ponto fixo, o Monte do Farol.

Se, na Barra, o ponto de encontro era específico e diverso; no Rio Vermelho, o ponto de encontro variava de acordo com a vontade de estar em lugares e com pessoas diversas. A oferta de mais casas noturnas no lugar despertava uma distinção de classe entre os jovens. Erabem maior a presença dos jovens moradores de periferias pela calçada, rua e frente de estabelecimentos, enquanto que os de outras classes passavam por estes lugares, ficavam um pouco de tempo enquanto bebiam ou fumavam alguma coisa, mas seguiam para algum espaço privado. Existiam poucos agrupamentos compostos por jovens moradores de periferias e de bairros de classe média e alta da cidade.

Os jovens brancos e não periféricos que permaneciam nas ruas e calçadas da orla não necessariamente estavam em contato direto com os jovens de periferias, maioria no lugar. Um retrato disso era a calçada em frente a dois bares localizados lado a lado. Com o passar da noite, a concentração de jovens no local era tão grande que passava a ocupar não só a calçada em frente aos bares, mas metade da extensão da via de trânsito. Nesse espaço os jovens aproveitavam o som que vinha dos ambientes e as promoções de bebidas dobradas que ofertavam. Seus corpos dançavam os mesmos ritmos, se tocavam, passavam um pelos outros, mas a aproximação concreta não foi observada em nenhuma das vezes que estive no local. Para uma jovem vendedora de bebidas em um isopor no meio dos locais, o que existe ali era um estar junto, mas separado. Em um determinado momento do campo, pude confirmar que chega a existir uma separação sutil entre os jovens, ficando os não moradores de periferias mais em frente a um dos estabelecimentos enquanto que os moradores de periferias ficam “metendo dança” no bar bem ao lado. Nesse lugar, a conversa é mais rápida e escassa, o momento é da dança, da observação do ritmo do corpo do outro.

25 O pagode baiano é um estilo de música popular na cidade. Existem muitas bandas de pagode formadas por jovens músicos de periferias. Boa parte das letras falam sobre as rotinas de vida nas periferias e sobre relações afetivas, sexuais e a violência urbana em Salvador.

Entre esses jovens, a presença de jovens LGBTQIA+ é muito marcante. Eles se “montavam” de modo lúdico, travestidos de personagens, de enfermeiras, outros caprichavam na maquiagem e nos acessórios, dançavam e ocupavam boa parte do calçadão. Era uma presença forte na rua e nas casas de festas voltadas para o público LGBTQIA+. Na orla do Rio Vermelho, era forte a presença de apresentações artísticas de grupos jovens de dança de rua, de percussão, de capoeira, das batalhas de rima. Esses eventos também ocorriam na Barra, mas a frequência foi maior no Rio Vermelho.

- **Descobrimo quem são os jovens nas orlas.**

A diversidade de jovens e das origens destes foi um aspecto comum às duas orlas. A particularidade do Rio Vermelho estava no horário de maior frequência de movimentação. Era nas noites de sexta-feira e de sábado que mais encontramos os grupos espalhados por toda a extensão do calçadão principal. Entre paradas e andanças, aproveitavam o que a noite do Rio Vermelho lhes oferecia e do que criavam entre eles, como rodas de violão, batalhas de rap e muita dança. Nos outros dias da semana, também ocorria uma assiduidade de jovens, principalmente, dos skatistas na orla e dos jovens moradores do Complexo do Nordeste de Amaralina na Praça Manuel Devoto e nas praias de Amaralina e do Rio Vermelho.

No local, existia a oferta de transporte público que os levavam até as estações de transbordo da cidade, mas como afirmaram alguns, em menor frequência que na Barra. *“Venho mais pro Rio Vermelho quando tem festa mesmo. Volto para casa quando o dia amanhece e começa a rodar os carros, mas fora isso, prefiro vim quando rola uma carona de amigo, não vale a pena vim para não demorar.”* (Kaio, 18 anos, Mata Escura). Entre os jovens do Complexo do Nordeste de Amaralina era comum que eles fizessem os trajetos de ida e volta a pé.

O casal Drika (20 anos, Castelo Branco) e Camilo (23 anos, Castelo Branco), que conheci num início de noite no calçadão, ficava no lugar até certo horário, isto é, até um horário que tinham certeza de que não lhes faltaria transporte público. Mas, em minhas idas a campo, percebia as ruas e o calçadão bastante cheios, mesmo durante as madrugadas. Presumo que tal aspecto ocorria pela grande presença de jovens que esperavam o dia amanhecer para retornarem para suas casas, por estarem de carona com alguém ou pormorarem em locais próximos.

Figura 9 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Figura 10 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Figura 11 - Jovens no calçadão da orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Somente me aproximando deles e conversando, pude perceber que existiam muitos jovens moradores de bairros próximos, como Nordeste de Amaralina, Chapada do Rio Vermelho e Santa Cruz. Havia a oferta de moto-táxi em pontos do Rio Vermelho: em frente à Companhia da Pizza, no Campo de Futebol e em frente ao Supermercado Walmart. Muitos deles utilizavam esse serviço no retorno para casa, já que táxi e outros meios de transporte particular não eram opções economicamente viáveis para os mesmos.

A forte presença de jovens do Nordeste de Amaralina na orla do Rio Vermelho era um aspecto marcante na realidade local. Em conversas distintas, com jovens de agrupamentos distintos identificou-se a escolha do lugar por variados motivos. Em três ocasiões distintas, pude perceber o que os atraíam até lá. Nas duas primeiras, os jovens estavam acompanhados de amigos do mesmo bairro, enquanto que, na última, estavam com jovens de bairros não periféricos.

Para três jovens que conversavam e bebiam vinho no calçadão, enquanto aguardavam uma lanchonete perto começar a transmitir os cliques com suas músicas preferidas, as suas presenças eram não só porque gostavam de estar ali, mas porque dentro do bairro de moradia as recorrentes situações de violência não as deixavam aproveitar seus momentos de lazer. Para as mesmas, ali podiam curtir sem se preocuparem tanto com a truculência da polícia presente em seu bairro. As garotas se referiam à perseguição da polícia aos jovens do bairro como algo muito mais problemático do que as atividades do tráfico de drogas. As chamadas

“rixas” não seriam o problema mais sério, já que na área onde moram só existia o comando de uma facção criminosa.

Seu discurso demonstrava a necessidade de sair do bairro como uma opção para curtir o final de semana. Para elas, na orla, entre brancos de classe média e num espaço não periférico, a atuação da polícia era diferenciada. Outro jovem que dançava, com um grupo, músicas de pagode no calçadão, relatou ser bom estar ali, porque entre eles só haviam conhecidos; “aqui todo mundo é do Nordeste”. Enquanto dançava e conversava comigo, sua mão apontava para uma reunião de pessoas relativamente grande espalhada por uma extensão do calçadão.

Já o último jovem, enquanto aguardava do lado de fora um grupo de amigos e amigas de classe média voltarem de dentro de um bar onde bebiam *drinks*, disse que ali era possível se ver de tudo. O espaço era propício para encontrar vários tipos de pessoas e festas. Estar fora do bairro era a opção escolhida pelo jovem. A sua vontade de estar com pessoas diferentes lhe atraía para outros lugares da cidade.

A orla do Rio Vermelho é uma opção recorrente de lazer entre todos os jovens que conheci e que são moradores de uma dessas localidades citadas acima. Para eles e elas, no Rio Vermelho, eles podem estar em um espaço diferente e viverem a noite sem tanta preocupação com as conhecidas “batidas policiais”. Existe um grande receio, entre os rapazes principalmente, de serem confundidos com traficantes ou até mesmo de sofrerem algum tipo de violência por parte dos agentes de segurança pública.

No entanto, todos os três casais de jovens que conheci e convivi por um tempo, não deixavam de frequentar algumas festas no bairro do Nordeste de Amaralina, conquanto não haja operações policiais no mesmo. Apenas uma das meninas era moradora antiga do bairro assim como seu parceiro; no caso das outras duas, uma era moradora de Castelo Branco e a outra, da Chapada do Rio Vermelho, mas mesmo estas, que dormem frequentemente nas casas de seus namorados, os acompanham nos lugares. “*A noite só entro lá com ele, aqui as pessoas sabem que não sou moradora, não vou correr esse risco. Ele é nascido e criado lá, todo mundo conhece ele, eu não.*” (Gabi, 19 anos, Nordeste de Amaralina). A jovem até pouco tempo morava com sua família no bairro de Castelo Branco, mas atualmente mora com o namorado e sua família no bairro do Nordeste de Amaralina.

Para estar no Rio Vermelho e viver a sua noite, horário em que as atividades se tornavam mais intensas, era necessário ter condições de retorno para bairros mais distantes e, no caso dos jovens que moravam em bairros próximos, ter condições para entrarem em seus próprios locais de moradia nesses horários.

- **Os deslocamentos e os usos nas orlas**

- **Corpos e manifestações artísticas**

Na orla do Rio Vermelho, os jovens, se espalhavam por pontos em toda a extensão do calçadão. Nesses pontos, ouviam música, paqueravam, bebiam, dançavam, observavam. Essa configuração mais dispersa e ao longo de um espaço maior gerava deslocamentos mais intensos entre eles e elas, pois, a todo o momento, testavam qual o melhor local para ficarem perto de que outros agrupamentos desejavam estar. Jovens do Nordeste de Amaralina, em grande número, se concentravam perto de um vendedor de bebidas conhecido do próprio bairro. Nesse local, muito próximo da quadra de esportes, conversavam e dançavam o pagode baiano. Enfileirados, meninos e meninas empinavam seus corpos ao som de artistas conhecidos da cidade e ocupavam, com seus gestos de braços e pernas, quase toda a extensão do calçadão. Seus rostos ficavam voltados para o mar e seus movimentos de empinar, balançar, sacudir e rebolar eram voltados para quem estava na rua ou passava pela calçada. Logo que chegavam, estes buscavam observar o lugar, as pessoas, compravam bebidas, dividiam seus copos e garrafas e após algum tempo, a grande parte deles dançava ao som de músicas tocadas em sons portáteis que ficavam ao lado das caixas de isopor trazidas pelos vendedores de bebidas.

O ambiente era festivo e propício para o estar junto. Parados, os jovens não permaneciam, moviam-se, tocavam-se, aproximavam-se, conversavam e ocupavam a orla com os seus corpos. Não era rara a presença de grupos culturais ou de dança de rua fazerem apresentações para quem estivesse nos bares ou na calçada. Em um dos largos da orla, em agrupamentos e num mesmo dia, bem próximos uns dos outros, conviviam jovens formando rodas de dança de rua, um grupo de maculelê²⁶ fazendo apresentação para as pessoas dos bares, logo em seguida, outro grupo de percussionistas também se apresentava; mais à frente, ocorria uma roda mais fechada de batalha de rima. Essa é a descrição de uma cena comum nesse lugar, os jovens, em suas múltiplas formas de expressão e ocupação da cidade com os seus corpos, manifestavam formas artísticas e simbólicas de estarem nas orlas. Nesse lugar, viviam entre variadas formas de comunicação de símbolos juvenis associados às suas

26 É um tipo de dança folclórica brasileira de origem afro-brasileira e indígena.

condições urbanas, ao mesmo tempo em que chamavam a atenção para suas habilidades corporais e artísticas.

Figuras 12 e 13 – Jovem dançando no calçadão da orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Dois dos jovens da roda de dança de rua, o casal Drika (20 anos, Castelo Branco) e Camilo (23 anos, Castelo Branco), canalizavam sua arte a fim de ocuparem os lugares da cidade. *“Nós somos jovens que ocupamos com os nossos corpos e a nossa dança, as ruas da cidade”* (Caleb). Para eles, a arte tinha significado nas ruas; no compartilhamento da experiência e no encontro com os diversos usuários da cidade. Eles não faziam parte de um grupo de dança específico, eram jovens que se comunicavam com outros jovens interessados na ocupação das ruas através dos corpos. A dança, entendida por eles, existia em sentido mais amplo, sem recorte de estilo; *“qualquer estilo de dança pode chegar, não tem essa de*

discriminar o pagodão ou o funk, tudo vem do gueto, a gente quer somar e não separar. A ideia é se juntar a outras pessoas que também dançam”.

O encontro de corpos diversos também era vivido através de um certo nível de competitividade; *“Tem dia que o Rio Vermelho está o ó, por exemplo, já vim aqui para tá cheia de bicha branca dançando na rua, elas pensam que dançam, a gente tem que meter dança bem do lado delas para verem que é bicha preta da favela que sabe dançar”.* A ocupação dos corpos negros e, em grande número, de jovens *gays*, de todas as classes sociais, nas ruas e calçadas era recorrente no lugar. Um aspecto relevante era o fato de o bairro fazer parte do circuito de lazer LGBTQIA+ da cidade.

Os corpos juvenis, através da dança, aproximavam estilos e expandiam os usos da cidade. Seja entre os jovens moradores do Nordeste de Amaralina ou entre os jovens de diversos bairros que compunham as rodas de dança de rua, o propósito era desenvolver suas habilidades corporais, ao mesmo tempo em que compartilhavam vivências coletivas de ocupação da cidade, mesmo que existissem conflitos de alguma ordem.

➤ Música e bebidas

A música e a bebida eram os principais ingredientes que moviam a noite do Rio Vermelho. Pelas ruas, como já citado acima, e nas muitas opções de casas noturnas existentes por todo o bairro e na orla, era possível ouvir vários estilos musicais. Mas havia uma festa em especial muito frequentada por jovens moradores de periferias, que era a Batekoo²⁷. Esse evento era itinerante, acontecia em várias casas de festas, em diferentes bairros de Salvador. Os mais recorrentes eram no Cine Teatro Solar Boa Vista que fica no bairro do Engelho Velho de Brotas, no bairro do 2 de Julho, na UFBA, no Pelourinho e também na orla do Rio Vermelho.

Enquanto fazia trabalho de campo, ocorreu um Batekoo num estabelecimento privado na orla do Rio Vermelho. A festa era vivida dentro e fora do ambiente. Antes de o evento começar, uma grande quantidade de jovens se concentrava em frente ao estabelecimento. Nesse momento, muitos encontros aconteciam, *“aproveitamos para ficar loucos cá fora, porque lá dentro a bebida é muito cara e é lógico que a gente já arrasa antes de entrar.”.*

27 Na página da festa, no *Facebook*, eles se definem como um: "Movimento que se expressa através da dança, da musica, do corpo, da pele preta, do suor, da liberdade corporal e sexual, da cultura negra, periférica e urbana, do empoderamento coletivo e representatividade preta dentro de qualquer espaço".

Outra jovem concordou; *“A gente já tem que entrar louco mesmo”*. Do lado de fora, bebiam vodka, cachaça e vinho São Jorge. Alguns compravam de um jovem os chamados “brisadeiros”: são os tradicionais brigadeiros misturados com maconha. A venda do “brisadeiro”, muito consumido pelos jovens, era feita por algumas pessoas, principalmente, estrangeiras que moravam na Pedra da Sereia. Ao longo do tempo de pesquisa de campo (anos de 2018 e 2019) o produto foi se popularizando e muitas outras pessoas passaram a vendê-lo, na maioria pessoas jovens.

Dentro do evento, nem todos consumiam bebidas, mas a pista de dança ficava totalmente cheia. Em um andar superior, alguns jogavam sinuca e numa parte descoberta acontecia o “fumódromo”, nele ficavam as pessoas que queriam conversar, fumar um cigarro e, na maioria das vezes, consumir o cigarro de maconha. A festa durava até o amanhecer seguinte, horário que coincidia com a volta da circulação do transporte público na cidade; *“na Batekoo, eu nem preciso dormir muito na rua até amanhecer, eu já vou direto para o ponto, só saio quando acaba mesmo.”*.

Na orla em si, o uso da bebida era constante, os jovens consumiam, na maioria das vezes, dos vendedores que ficavam espalhados pelo calçadão. O vinho São Jorge, assim como na Barra, era comum, mas no Rio Vermelho havia outra bebida muito comprada pelos jovens, são os chamados Corotes – são “bujõezinhos” que misturam cachaça com essências de sabor pêssego, morango, *blueberry* e outros – todos no valor de R\$ 5,00 a garrafa. O consumo da bebida e do cigarro era feito sem restrição de gênero. As jovens buscavam certo estado de embriaguez tanto quanto os rapazes.

Em uma oportunidade, duas jovens abordaram uma vendedora de bebidas na busca de sugestão do que deveriam beber com a intenção de “ficarem loucas rápido”, a mesma lhes apresentou e indicou o Corote que foi comprado pelas jovens. Nessa ocasião ficou a impressão de que ambas não tinham muito conhecimento sobre o que se vendia na noite e quais efeitos estes produtos podiam causar em seus corpos. A excitação por viver aquele momento foi evidente. A realização em compartilharem suas primeiras experiências nas ruas à noite lhes traziam sensações de adrenalina e euforia.

As bebidas acompanhavam os jovens por toda a noite, assim que chegavam, buscavam estarem próximos de pontos de vendas. Um dos fatores mais complicadores no momento de aproximação com os jovens foi o uso do álcool. Por mais que os mesmos se interessassem pelo tema da pesquisa e permanecessem algum tempo conversando sobre o assunto, as conversas eram superficiais e rápidas. Em uma conversa no dia seguinte ao Batekoo, um

jovem disse sobre o nosso encontro no evento: “Claro que lembro, só não lembro dos detalhes da conversa. Eu tinha usado muitas drogas”.

Figura 14 – Jovens na parte da praia na orla do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

➤ Conflitos

Os meus contatos na orla do Rio Vermelho, como dito antes, foram, na maior parte das vezes, com jovens moradores do Nordeste de Amaralina. Para alguns deles, estar na orla era uma forma de evitar viver situações de violência em seu bairro de moradia. Para três jovens com quem conversei no calçadão, estar ali era uma forma de curtir a noite sem ter medo da polícia lhes ameaçar de morte; “*o grande problema do meu bairro é a forma que a polícia trata os jovens.*”. O tratamento ao qual a jovem se refere é ainda pior com aqueles que frequentam os chamados “paredões” nas ruas do bairro; “*outro dia mesmo estava numa festa e os policiais já chegaram atirando para cima, não tinha que ser assim, a gente fica com medo de tomar um tiro*”. As jovens esperavam que, na orla, entre brancos de classe média e num espaço não periférico, a atuação da polícia fosse distinta.

No entanto, a violência policial tão presente nestes bairros também era vivida nas orlas. Em um dia de campo, conversando com jovens moradores do Nordeste de Amaralina, pude presenciar uma cena de coerção e perseguição a esses moradores. Por volta das 02h00min horas da madrugada, com o calçadão à beira mar repleto de jovens dois carros da polícia militar pararam o trânsito, que naquele horário estava ainda movimentado; das viaturas, começaram a apontar para o grande grupo de jovens, os quais na maioria era gays e negros, e algumas meninas também negras que dançavam pagode em um volume razoável.

Em seguida, uma das viaturas atravessou o carro na pista, os jovens ao meu lado pararam de dançar, mas nem por isso manifestaram uma postura de desânimo, continuaram conversando, rindo, no entanto, foi visível que estavam atentos à chegada abrupta dos policiais. Um vendedor de bebidas foi chamado por um dos policiais, quando aquele abaixou som da música de pagode que tocava e seguiu até o policial que permaneceu no interior do carro. Ambos conversaram rapidamente e logo depois os policiais partiram. Em seguida, toda a cena anterior foi reconstituída.

Era nos caminhos que levam para a orla que as abordagens aos jovens aconteciam. Existiram relatos sobre esses acontecimentos. Igor (20 anos, Nordeste de Amaralina) era um dos jovens que se sentia incomodado com a aproximação de viaturas policiais onde quer que estivesse. Ele as identificava pelo número, observava se os agentes lhe olhavam. Em uma ocasião, falou quase que pensando em voz alta: *“é a (número de identificação do veículo oficial), bom saber, daqui a pouco tá me parando perto da Mc (MC’ Donalds)”*. O jovem se referia a uma parte do percurso até o Nordeste de Amaralina. O trecho era bastante escuro. Não seria a primeira vez que passaria por abordagem policial. Para ele, tudo é uma questão de criminalização de quem é da periferia: *“veja se quem vai descer para vender aqui na orla vai estar com mais de (quantidade em gramas considerado tráfico)”*. A droga chega distribuída, pessoas levam certas quantidades, nada que seja enquadrado no artigo da constituição referente a tráfico. Quando a maconha era para o consumo próprio, era mais comum que os jovens já levassem os cigarros prontos. Eles não deixavam para os prepararem no lugar, pois chamaria mais a atenção.

A comercialização da droga, principalmente maconha, acontecia de modo discreto na orla. Os jovens que a ofertam se misturavam e se aproximavam, inicialmente, como mais um contato de socialização no lugar. A substância, nos casos que pude observar, vinha escondida nos tênis de alguns rapazes, sem portarem os outros elementos necessários para a feitura e consumo da mesma, como o papel-seda e o isqueiro, para no caso de abordagem policial, não existirem indícios de que fossem consumir e nem mesmo vender a substância. O fato de eles estarem comercializando a maconha na orla não necessariamente os faziam sujeitos que traficavam em seu bairro. Nessa situação, o que ocorria era a obtenção da mesma no bairro de moradia e venda de pequenas quantidades na noite da orla.

A perseguição à população jovem e negra da periferia não acaba quando estes estão em meio às juventudes de classe média da cidade. Ela ocorre de outras maneiras, nesse caso, sem o disparo de tiros e coerção direta, mas tão discriminatória quanto a sofrida nos bairros de periferias.

Motivo diferente, mas ainda envolvendo questões de violência, fez Alan (18 anos, Engenho Velho de Brotas) deixar de ir tanto para a orla do Rio Vermelho. A sua experiência foi relatada como traumática após se ver em meio a um confronto entre facções rivais: “*A confusão foi tão grande que tomou boa parte da rua e demorou a passar, fiquei com muito medo de ser atingido de alguma forma.*”. Com uns amigos e amigas do bairro, gostava de paquerar, dançar na frente dos bares e conhecer novas pessoas.

Outra forma de perseguição a essas juventudes apareceu de modo indireto, na repressão aos vendedores ambulantes espalhados pelas calçadas da orla. Em dias distintos de observação de campo e através das mídias sociais, pude acompanhar muitos funcionários da SEMOB (Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana), o chamado “rapa”, abordando os vendedores e os obrigando a retirarem suas mercadorias, caso contrário estas seriam confiscadas e os sujeitos multados. A relação que estabeleciam com os jovens nos lugares se dava pelo fato de serem eles os maiores consumidores dos produtos vendidos nos isopores. A ocupação das calçadas era feita em torno, ao lado, próximos dos vendedores informais de bebidas e cigarro.

Outra ação da prefeitura já foi considerada com desconfiança por jovens usuários da orla: “*uma vez estávamos sentados na calçada perto da quadra e uns jatos de água molhava a gente todo*”. Para alguns dos jovens, esta era uma ação premeditada, com a intenção de que as aglomerações no lugar não acontecessem. Os jatos d’água que deviam estar direcionados para a grama do lado oposto, estavam voltados para a estrutura de cimento que muitas pessoas usavam para sentar e permanecer no local.

Em nenhuma das mais de quinze vezes que estive em campo na orla do Rio Vermelho presenciei qualquer tipo de conflito direto entre os jovens e nem de confronto entre pessoas envolvidas com a venda de drogas. Sobre as relações conflituosas entre os jovens de periferias e a polícia houve o caso relatado e as outras situações (a ver mais adiante) que me foram narradas como histórias sobre os jovens de periferias no lugar. As histórias envolvem pessoas que frequentavam muito a orla, seja para trabalhar (como o caso de um segurança de uma casa noturna) ou para aproveitar a noite e circular pela orla (como no caso dos jovens de periferias na calçada e das abordagens nos caminhos que levam até ela).

PARTE II

2.2 JOVENS EM MOVIMENTO

2.2.1 Os jovens e seus traçados móveis

Os elementos mais comuns entre as vivências juvenis nas orlas são a fluidez dos contatos e movimentos, a diversidade de estilos e símbolos identitários, a busca por novos encontros e a rapidez dos contatos que vão se fazendo e desfazendo a todo o momento. Tudo é rápido, cheio, móvel, diverso, misturado, nada é permanente.

Dos quinze jovens com quem mais pude conversar e acompanhar alguns de seus movimentos pela cidade, nenhuma trajetória e trilhas de movimento foram construídas das mesmas formas. O que os conecta é o fato de muitas práticas de ocupação dos lugares públicos da cidade serem vividas coletivamente, entre amigos e amigas de uma ampla rede de contatos em comum. Logo, não há um perfil dos jovens com quem dialoguei. Seus movimentos urbanos são tão diversos quanto a própria singularidade de suas vidas.

Diante de tantas particularidades e pluralidades encontradas, encontrei-me diante do maior dilema da etnografia: como organizar a arquitetura textual dessas vivências móveis e distintas? A solução que encontramos, foi primeiramente assumir a diversidade condizente à realidade da pesquisa e, em segundo, buscar ao máximo não tornar estático o que é movimento. Sendo assim, apresentamos alguns dos principais interlocutores da pesquisa ao mesmo tempo em que discutimos sobre o quanto cada um conhece da cidade, por quais lugares mais andam, quais experiências vivem nesses lugares e onde mais gostam de estar nela.

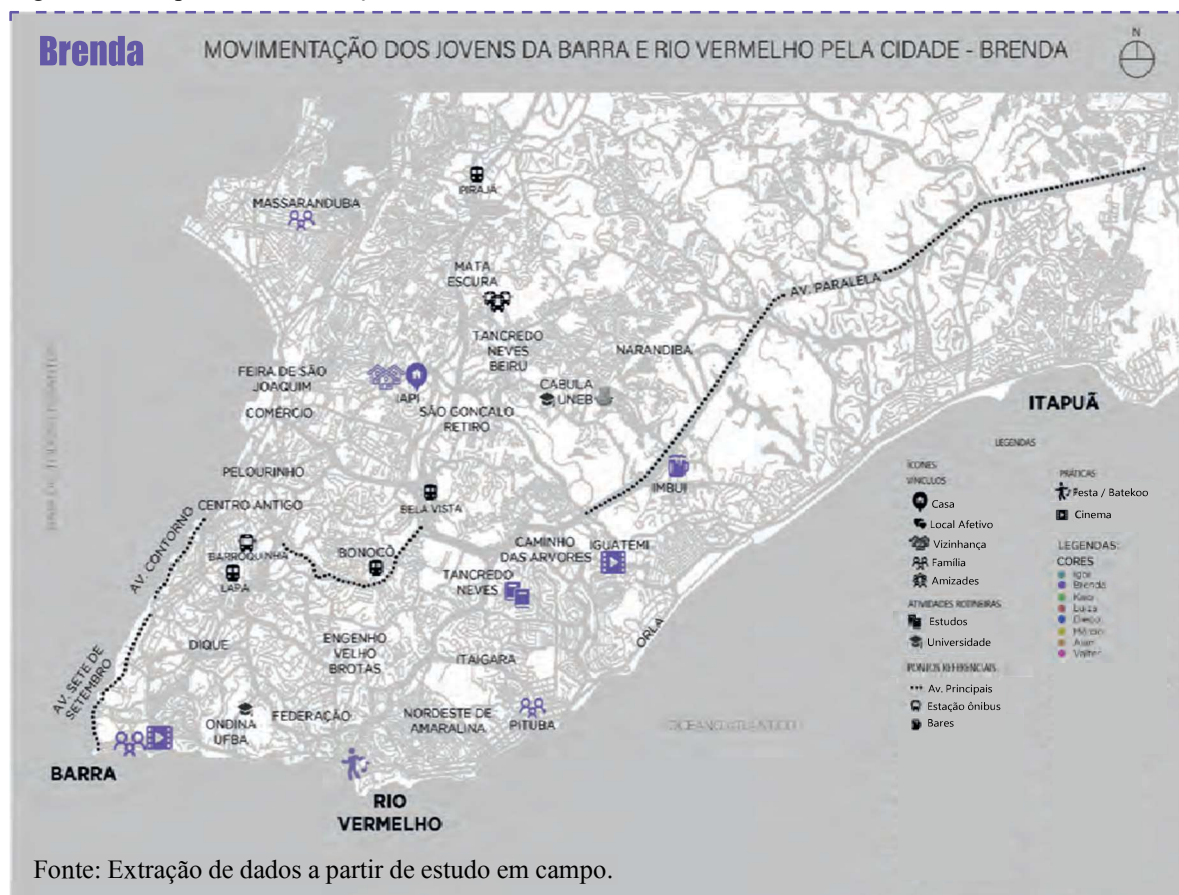
O ponto central do argumento mantido desde o início é de que tudo partiria dos e das jovens. Este é, sim, um estudo sobre a cidade de Salvador, mas, sobretudo, é uma tese de doutorado sobre juventudes urbanas em movimento. Com oito dos quinze jovens, mantive relação mais aprofundada e é sobre eles que falarei a seguir.

Brenda, entre as minhas interlocuções, é uma das jovens com maior deslocamento por espaços da cidade. O contato com ela aconteceu em um dia de campo na orla do Rio Vermelho. Ela e algumas amigas da faculdade estavam no calçadão sentadas, bebendo enquanto aguardavam outros amigos para irem numa boate do bairro. A jovem mora com os pais e irmãos e é de uma família de classe média do bairro do IAPI (próximo ao bairro da Liberdade), tem 19 anos, estudou o Ensino Médio no ICEIA (Instituto Central de Educação Isaías Alves), localizado no bairro do Barbalho e atualmente cursa Publicidade e Propaganda na Unifacs, campus Tancredo Neves (um dos principais centros comerciais de Salvador, próximo à região do Iguatemi). Brenda não milita em nome de nenhum tipo de organização.

Ela se declara uma jovem que conhece apenas uma parte da cidade. Todos os lugares e partes da cidade citados por ela estão ligados às suas relações familiares, de amizade e de estudo. A sua família é extensa e seus parentes moram em bairros distintos da cidade. As casas que mais frequenta, ficam na Pituba, Barra e Massaranduba (Cidade Baixa), as duas primeiras são casas de suas tias e a última é de seus avós. Com suas amigas, frequenta, nos finais de semana e no período da noite, bares do bairro do Imbuí, na conhecida “passarela do álcool”, a orla do Rio Vermelho mais para festas particulares e bares, além de cinemas em shoppings.

A sua rotina é mais ligada à ida de ônibus para a faculdade e em contatos com as amigas que tem no próprio bairro, de vizinhas e colegas do ICEIA. Nos finais de semana se desloca mais por ocasião de lazer fora do bairro de moradia e em visitas às casas de familiares. Para ela, o seu bairro é de periferia e ser jovem moradora do IAPI “*é enfrentar muito perrengue. Acordar cedo, andar com passo ligeiro com medo de ser roubada, pegar 2,3 ônibus para chegar no destino certo*”. Sem nem mesmo ter discutido com ela sobre suas formas de deslocamento na cidade, Brenda colocou essa dimensão da sua vida como algo que é tido como um aspecto negativo.

Figura 15 – Mapa de movimentação individual de Brenda



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Kaio foi um dos jovens que conheci no Rio Vermelho, em uma festa da Batekoo que ocorreu no bairro. O jovem tem 18 anos e atualmente mora com um amigo no bairro de Mata Escura. Há poucas semanas, tinha saído de casa após duras discussões com o pai, incluindo situações de agressão física e moral. A violência do pai não é apoiada pela mãe, a qual tenta lhe proteger, avisando-o quando alguma informação sobre ele chega ao seu pai e lhe auxiliando financeiramente. O seu pai é comerciante de materiais de construção em um bairro vizinho. A mãe e a irmã são pessoas que ele têm bastante apreço. Para ele, a mãe é umavítima da “*insanidade machista*” do pai.

Kaio relatou situações que foram o estopim dessa relação familiar já desgastada, causadas também pela interferência de vizinhos. Em uma parada *gay*, ocorrida no centro de Salvador, quando dançava em cima do trio da artista Pablo Vittar, vizinhos de sua família gravaram um vídeo, que foi posteriormente exibido ao seu pai. Os vizinhos, com os quais não conversa, fizeram questão de também mostrar, em situação mais recente, algumas fotos do ensaio fotográfico nu que Kaio havia feito quando completou 18 anos de idade. As duas interferências externas enfureceram seu pai e acabaram provocando o rompimento da relação.

O jovem não gosta de defender bandeiras políticas, suas ações são baseadas naquilo que lhe é inerente. Para ele, nenhum rótulo o define, nenhuma visão única poderia abarcar todas as possibilidades do que pode ser: “*Sou ele, ela, bicha, viado, travesti, o que eu quiser*”. O seu discurso e práticas na cidade são orientadas por aquilo que acredita e no processo de construção de seu corpo. Kaio se faz a cada dia como deseja ser; nas vezes que estivemos juntos, ele sempre esteve maquiado, usando colares com pedras e brilhos, com blusas e acessórios tidos como femininos. Ele mescla peças do que é tido como masculino com peças tidas como femininas e monta o seu estilo num corpo que é sua forma de existir.

O jovem acredita conhecer mais lugares no centro antigo e em orlas da cidade. Suas práticas nesses lugares são mais voltadas ao lazer. Ele concluiu o Ensino Médio, faz um curso técnico com o qual não se identifica e se realiza em trabalhos com foto, promovendo festas e sendo DJ em algumas delas. Suas vivências não incluem deslocamentos para o subúrbio, cidade baixa ou outras periferias da cidade.

Quando o assunto é trabalho, seus deslocamentos são voltados para a região do comércio da cidade. No Comércio, por exemplo, ele vai em busca de emprego, principalmente nas agências de encaminhamento das demandas por vagas de trabalho. Além do Comércio, ele também identificou a Av. Tancredo Neves, o bairro do Itaigara, a região da Paralela como locais de busca por oportunidades de emprego. Sua última experiência de trabalho foi como atendente em um mercado de Narandiba. A duração neste foi curta, uma vez que o jovem

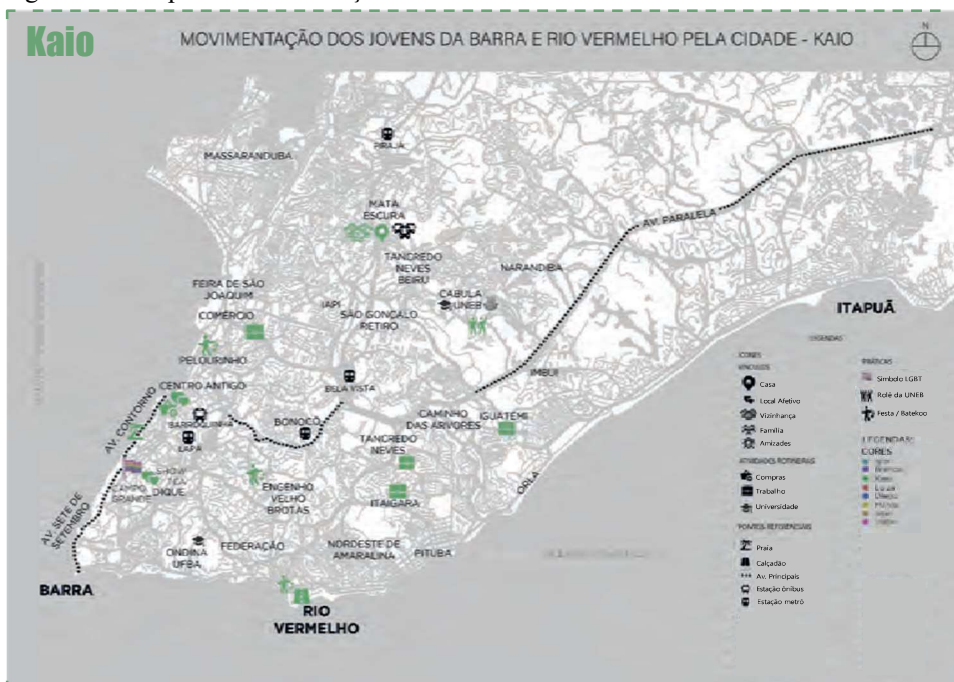
alegou ter sua função desviada e acumulada, além de não receber um salário-mínimo pelas atividades cumpridas.

Suas amizades são de várias partes da cidade, sem com isso, estar em todas elas. O jovem guarda lembranças afetivas pelas experiências vividas em lugares das orlas e centro antigo de Salvador. No Campo Grande, sente “*uma força muito grande e onde foram realizadas coisas muito legais para mim*”. Kaio se refere mais especificamente à Gamboa e ao TCA (Teatro Castro Alves). No teatro, participou de dois espetáculos de música muito importantes para ele, o de Liniker e o de Criolo²⁸.

A Gamboa foi identificada por ele como um lugar afetivo, de boas realizações pessoais e experiências coletivas intensas. Foi na laje de uma casa na Gamboa de Baixo que gravou, como figurante, cenas da novela Segundo Sol da Rede Globo. A cena filmada era de uma festa de travestis. Nas duas ocasiões e em outros momentos, o ponto de encontro e de permanência por algum tempo é a praça do Campo Grande, onde se juntam até seguir para algum lugar do Centro.

Outro ponto destacado por gostar de frequentar é a região da Lapa: “*Lapa eu amo! É um lugar com um monte de coisas baratas. Quando vou bato perna mesmo, vou da Lapa à Sete Portas, andando pela Barroquinha e é babado porque eu procuro tudo mais barato mesmo*”.

Figura 16 – Mapa de movimentação individual de Kaio



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

28 Liniker é uma artista sem definição de gênero. É uma referência para muitos jovens negros de periferias em suas formas de construção de um corpo baseado numa identidade de gênero não binária. Criolo é um poeta das mazelas e belezas do povo das periferias e favelas.

Outra jovem é **Luiza**, ela considera conhecer bem a cidade. Para ela, Salvador é uma cidade pequena, sendo fácil de chegar em qualquer lugar. Suas considerações sempre vêm acompanhadas por sua disposição de estar em lugares novos e de se deslocar da forma que for, seja de ônibus, metrô, de bicicleta ou até mesmo andando. Essas opções de transitar pela cidade são parte de sua vida: “*vou dar um jeito, mas chego*”. Ela afirma não deixar de ir para lugares desconhecidos ou que sejam distantes para ela.

Luiza tem 18 anos e é moradora do bairro de São Gonçalo do Retiro ("Miolo" de Salvador). Ela mora com o pai, policial militar, e a mãe, vendedora de salgados e geladinhos. A sua casa está localizada numa região mais baixa do bairro e é germinada com as casas de outras pessoas de sua família. Ela mora na última de um caminho de becos estreitos com subidas e desvios. A entrada das casas é controlada por um portão gradeado, o qual só os moradores podem acessar. Ela cursa o último ano do Ensino Médio e pretende fazer faculdade para História, de preferência, na UFBA. Luiza faz alguns trabalhos como modelo, em alguns casos, sem retorno financeiro. Sua intenção é de colaborar com amigos que estão tentando emplacar estúdios fotográficos e projetos de valorização da beleza de jovens negros e negras.

Sua relação com os outros moradores de seu bairro é tensa. Luiza demonstra ter interesse, quando pode, em estar fora dele. Na vizinhança todos se conhecem, mas para ela, afora seus familiares que moram bem próximos, estas são, na maioria, pessoas fofoqueiras e ocupadas em falar da vida de todos ao redor. Para ela, o fato dela e sua mãe serem praticantes da religião Candomblé é um dos fatores que gera interesse sobre suas vidas. Para ela, há muito “*pensamento antigo entre os moradores, um monte de visão machista e preconceituosa*”. Luiza não é ligada a nenhum tipo de organização, mas gosta de participar de discussões políticas e se declara admiradora e praticante do Feminismo Negro.

No dia que passamos uma tarde em sua casa e quando ia embora, como de costume entre os jovens que encontrei, ela e Kaio me acompanharam até o ponto de ônibus. No percurso, cruzamos com muitos moradores em suas portas, outros bebendo e jogando dominó em barracas, crianças e jovens soltavam fogos (era período de festas juninas) e rapazes jogavam bola em ruas estreitas. Não houve o cumprimento a qualquer vizinho encontrado ao longo do caminho, apenas a um homem conhecido, que de longe lembrava de sua data de aniversário bem em breve e quando reclamou com uma criança, ao cruzar sua frente de bicicleta, enquanto nós andávamos pela rua.

Suas amizades são de fora do bairro de moradia, uma boa parte de bairros próximos (também no "Miolo") e outras de bairros mais afastados do dela, como Pirajá, Paripe e Periperi. Sua relação com eles e elas acontece, na maioria das vezes, em espaços de

convivência coletiva e pública, em orlas de áreas centrais da cidade, pontos do CentroHistórico, praias da orla da Barra e em algumas festas específicas, como Batekoo, Carnaval ea parada LGBTQIA+ do Campo Grande. Ela sabe onde ficam os bairros de sua redondeza, mas não os frequenta, nem mesmo para ir às casas de amigos. O ponto de encontro de jovens que gosta de frequentar para estar entre amigos e conhecer pessoas novas é no “rolê da UNEB”. A universidade fica próxima de sua casa e é frequentada por muitos outros jovensque ela conhece.

Figura 17 – Mapa de movimentação individual de Luiza



Diego é morador do bairro de Narandiba ("Miolo" de Salvador) e afirma que não conhece bem Salvador, pois seus deslocamentos são mais em seu próprio bairro e nos bairros próximos. Ele e Luiza são amigos, mas não frequentam muito os mesmos “rolês”, a não ser o da UNEB. Ele tem 19 anos, mora com a família e tem boa relação com os seus vizinhos. Seus amigos mais próximos são do bairro e de localidades vizinhas. Ele terminou o Ensino Médio e participa de um curso noturno, na Avenida Paralela, de preparação para o ENEM. Sua intenção é cursar letras na UFBA. Durante algumas manhãs da semana, faz banca com algumas crianças do bairro e recebe pelo serviço que presta. Ele está em busca de um trabalho

formal, tem feito entrevistas em algumas empresas e está na expectativa de ser convocado para um. O seu tempo também é voltado para a prática da religião Candomblé.

Os lugares que mais frequenta fora de seu bairro são o Centro Antigo para comprar e, em algumas ocasiões, a praça de skate do Imbuí, o Dique do Tororó, a Barra aos domingos e, principalmente, a UNEB, mas seu lugar na cidade é a Praça do Retorno de Narandiba (ver mais a frente): “*realmente conheço muito pouco de Salvador, gosto mais de ficar pelo meu bairro mesmo, meus rolês são mais por aqui, se preciso comprar um bijouteria vou em umas lojinhas ótimas de Tancredo Neves, mas também gosto de ver as coisas da Lapa e Avenida Sete*”. Ele não costuma frequentar espaços privados, com pagamentos de entrada, com exceção da Batekoo, seus encontros são mais em espaços públicos de convivência coletiva.

Seus “rolês” são sempre com os amigos do bairro; com eles, sai para lugares fora do bairro ou frequenta suas casas; “*gosto de ficar na casa de umas amigas e da minha tia também, lá a gente compra umas bebidas, dança, conversa, dar risada é muito bom*”. Seu movimento por outros lugares, segundo ele, não está atrelado a uma questão específica, é mais uma vontade de estar perto das pessoas que tem mais amizade. As saídas são esporádicas e depende que alguém “puxe o rolê” para que ele vá.

Figura 18 – Mapa de movimentação individual de Diego



Diego e Luiza conheci através de Kaio²⁹, um jovem que fez contato comigo no dia seguinte à Batekoo do Rio Vermelho. Nos encontramos no evento, entreguei-lhe o meu cartão de apresentação e ele foi uma das pessoas que falou comigo no dia seguinte. Após algum tempo conversando pelo *Whatsapp*, marcamos de nos encontrar no “rolê da UNEB”. Nessa ocasião, fui apresentada a Luiza e Diego, além de também poder conhecer mais Kaio. Desse encontro, comecei a manter contato com os três e a receber convites para estar com eles e ela em outras ocasiões. Desse encontro, fui para a casa de Luiza, para o “rolê do retorno” com Diego e para o aniversário de Vinicius, amigo e com quem Kaio divide uma casa, no bairro da Mata Escura.

O **Márcio**, como gosta de ser chamado, foi um dos jovens que conheci através de Diego no “rolê do retorno”. Nós fomos apresentados em uma noite que estive com eles na Praça do Retorno em Narandiba. Márcio foi um dos muitos jovens que se juntou aos outros reunidos na praça do bairro. O jovem, de 19 anos, também é morador de Narandiba, vive com sua família, a qual considera ser de classe média. Com os pais, faz alguns trabalhos esporádicos.

Sua relação com Diego está mais ligada aos encontros que ocorrem na praça do bairro. Os “rolês” de Márcio estão muito ligados ao seu envolvimento com o Hip-hop e mais ainda com as batalhas de rima que atualmente ocorrem em várias partes da cidade, geralmente em bairros de periferias e em espaços de convivência pública presentes em orlas e parques da cidade. Seus movimentos são mais intensos nos bairros do “Miolo” para as batalhas de rap que ocorrem no final de linha do bairro da Mata Escura, na praça de Tancredo Neves, no campus da UNEB, assim como em bairros localizados em outras áreas da cidade, como Engenho Velho da Federação, Bonocô e Pernambués.

Para ele, o lugar que mais gosta de estar na cidade é o seu bairro e mais ainda na Praça do Retorno: *“aqui todo mundo se conhece. A gente se junta mais e para fazer várias coisas, faz um som, conversa, joga um futebol. A hora que eu aparecer tem alguém que conheço, gosto disso”*. Além de seus movimentos para participar das batalhas, Márcio também frequenta, mais esporadicamente, saraus de poesia no Imbuí e palestras sobre movimentos culturais na UNEB.

Ele já terminou o Ensino Médio e atualmente se dedica às batalhas, as mesmas que o move pela cidade: *“Eu fico aqui, mas eu saio muito também. Eu saio pros lugares, pelos*

29 Com esses três jovens compartilho um grupo de *WhatsApp*. Djhemerson foi quem deu a ideia e criou o grupo. O jovem o chamou de “Rolê da favela”. Nesse grupo trocamos informações sobre vários assuntos, divulgamos vídeos de música e eventos interessantes que vão acontecer na cidade e, principalmente, combinamos os novos “rolês”.

menos três vezes na semana, tirando o final de semana, porque as batalhas são semanais e aí eu vou para a batalha da UNEB, da Mata Escura, do Costa Azul, então constantemente eu estou saindo”. Para ele, o seu bairro não dificulta o seu deslocamento por estes lugares. De ônibus, ele consegue chegar nos destinos de batalha sem grandes dificuldades, já que na Praça do Retorno, ele encontra transporte para os seus destinos.

Figura 19 – Mapa de movimentação individual de Márcio



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

O Retorno em Narandiba é considerado um bom lugar para se iniciar um deslocamento pela cidade. Os jovens garantem que lá existem opções de transporte público para muitas partes de Salvador e em boa quantidade. Isso corre porque o local é passagem para os outros bairros que compõem o "Miolo" da cidade. O retorno, na Praça de Narandiba, fica a poucos quilômetros da Avenida Paralela; antes do bairro, só existe o bairro de Doron e a subida sentido Cabula VI. Situação diferente ocorre no Cabula, na proximidade do *campus* da UNEB. Nessa região, eles afirmam terem retirado as opções de ônibus recentemente: “se antes não era bom, agora piorou, somos obrigados a pegar o acesso norte para de lá pegar o metrô ou uma outra linha de ligação, perdemos muito tempo com isso”. O que ocorre agora é a quase obrigatoriedade em seguir para a estação de metrô Acesso Norte, próximo ao

Shopping Bela Vista, para de lá seguir os rumos desejados, principalmente se estes forem para regiões do Centro Histórico e Centro Antigo, destinos com pouca opção.

Os próximos interlocutores sobre os quais falarei, são moradores de bairros localizados fora da região do "Miolo" da cidade. **Alan** é morador do Engenho Velho de Brotas e **Valter** é morador do Nordeste de Amaralina. Conheci Alan em um dia de campo na orla da Barra e o reencontrei na Batekoo ocorrida no bairro onde ele mora e Valter, conheci através de umas jovens com quem conversei e mantive contato a partir do campo na orla do Rio Vermelho. Com Alan, estive também no SESC da Avenida Tancredo Neves e com Valter, no rapel da passarela da Estação da Lapa, no Vale dos Barris.

Alan é um jovem de 18 anos que reafirmou muitas vezes não conhecer bem a cidade: *“Conheço mais avenidas, acessos conhecidos, ruas principais, não sou muito de ir para outros lugares. Gosto de ficar em meu bairro ou ir onde sei chegar e sei sair, de preferência, onde não seja longe do Engenho Velho”*. Para ele, a cidade é cheia de caminhos difíceis de descobrir como percorrer. Não tem muito tempo, começou a sair com os amigos vizinhos para a praia da Barra, para o Rio Vermelho, mas se é para sair de noite, gosta de ir com um amigo do bairro, a quem ele afirma ser a “puxa o rolê”. Ela é um pouco mais velha e conhece as formas de chegar e sair dos lugares.

Quando está com esses amigos e amigas, a maioria do próprio bairro, colegas da escola e vizinhos de sua casa, gosta de ir a lugares que possa conhecer pessoas novas, paquerar e dançar ao som de muito *funk*. O Rio Vermelho, fora o seu bairro, é o seu lugar preferido, mas é frequentado de modo esporádico.

O jovem está cursando o último ano do Ensino Médio em uma escola do Engenho Velho de Brotas, faz um curso preparatório para o Enem na Lapa, em alguns dias da semana, e também participa do curso de teatro, sua grande paixão, no SESC Comércio da Avenida Tancredo Neves. Não sabe ainda qual profissão deseja seguir.

Alan, assim como Diego, nutre mais amizades pelo seu bairro e pouco sai dele, quando o faz é em busca de lazer e de conhecer novas pessoas. Alan afirma preferir ir sempre para os mesmos lugares, pois nestes, ele tem segurança de saber chegar; *“onde não sei chegar não vou”*. Os seus deslocamentos não abrangem bairros do "Miolo" ou de outras partes da cidade; *“quando saio prefiro ir para esses lugares que sei que vou encontrar pessoas de vários bairros de periferia também. Ir nas periferias não gosto, só se for com alguém que conheço”*. Alan tem receio de se ver em perigo por conta das chamadas “guerras de facções” que amedrontam, principalmente, os jovens de bairros de periferias.

Ele lembra ter ido poucas vezes para outros bairros de periferias. Uma oportunidade foi quando teve um relacionamento com um jovem de Cosme de Farias e no aniversário de uma amiga, no bairro da Engomadeira. “Os dois lugares tem facções rivais daqui, sei por que procuro saber antes, não fico andando sozinho nesses lugares”. No caso de seu relacionamento afetivo, acabou convencendo a pessoa a frequentar mais o Engenho Velho de Brotas ou os “lugares neutros” como muitos jovens chamam. Já no evento de sua amiga, garantiu que esteve acompanhado dela em todos os momentos, incluindo, na chegada e partida no bairro.

Figura 20 – Mapa de movimentação individual de Alan



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Os “lugares neutros” são as orlas em questão ou os lugares públicos de convivência coletiva, praças e locais que estejam fora dos bairros de periferias, que sejam, portanto, espaços onde as facções não atuem de modo mais explícito ou onde se enfrentem diretamente, impedindo aproximações entre jovens de bairros diversos das periferias de Salvador.

Os jovens do Nordeste de Amaralina foram os mais difíceis em manter contato e conseguir ser chamada para estar com eles em algum “rolê”. Segundo a companheira de Valter e o próprio, a desconfiança de que se tratasse de um estudo sobre a violência no bairro, desinteressava-os em manter contato. Após muita insistência e apresentação da proposta de pesquisa, Valter e mais outros amigos me chamaram para estar com eles em um dia de rapel e manter contato em mais algumas ocasiões na orla do Rio Vermelho. O bairro e a região no entorno tem passado por muitos conflitos violentos entre as redes de tráfico local e a polícia.

Para **Valter**, de 20 anos, ele conhece uma pequena parte da cidade e é a prática do rapel que proporciona o seu deslocamento por áreas da cidade, como Paralela, Comércio, Centro Antigo, Lapa e outros pontos que favorecem a realização da atividade. O jovem trabalha em um restaurante no bairro da Barra, já concluiu os estudos e mora com a família no Nordeste de Amaralina, desde que nasceu.

O lugar que mais conhece na cidade é o próprio bairro em que reside: *“Sou de lá, gosto de viver lá, o problema mesmo é o tráfico e a violência, mas fora isso, acredito que moro num bairro nobre de Salvador”*. Para ele, morar perto de familiares e ter os melhores amigos como vizinhos faz do lugar um ambiente importante, uma vez que seus principais vínculos afetivos são vividos no mesmo. Outro aspecto positivo destacado por ele é o fato de estar próximo de bairros como Barra, Rio Vermelho e Pituba; lugares que também gosta de estar e que frequenta muito. Nesses, estabelece relações e vive experiências de trabalho e de lazer.

O lugar que mais frequenta, que gosta de estar com os amigos, é a orla do Rio Vermelho. Lá, para ele, é também um “lugar neutro”. Apesar de conhecer pontos da cidade por conta do rapel, nestes não desenvolve relações com pessoas dos lugares. É no próprio bairro e nas orlas da Barra e do Rio Vermelho que mais passa o seu tempo livre e onde aproveita alguns dias de seu final de semana. Para ele, estar em outros bairros de periferias é complicado pelo mesmo motivo exposto por Alan do Engenho Velho de Brotas.

Valter, em alguns momentos do nosso diálogo, não sabia onde estavam localizados alguns bairros, como Narandiba e Beirú/Tancredo Neves, ambos no “Miolo” da cidade; *“Nessa área eu só estive uma vez para ir num paredão da Engomadeira, mas fui e fiquei com um primo, não vou para ficar de bobeira, é complicado”*. *“O problema em ir para outros bairros, principalmente bairros de periferia é que ninguém do tráfico vai me conhecer lá e vai querer saber de onde eu sou, se for de facção rival do Nordeste eu posso sofrer violência, como já sofri”*. O jovem, além de preferir ir para lugares perto de onde mora, admite que as questões envolvidas com a violência urbana o inibe de estar em outras periferias da cidade.

Figura 21 – Mapa de movimentação individual de Valter



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Igor foi um jovem com quem tive contato após o período de campo na orla do Rio Vermelho. O conheci em uma oportunidade em que estive com jovens de Itapuã na orla. Nossa aproximação foi por acaso, mas trouxe novas experiências e olhares dos jovens sobre a condição das juventudes de periferias em Salvador. Igor tem 20 anos, mora com a mãe no bairro do Nordeste de Amaralina, mas mantém contato regular com o pai que hoje vive comos cinco filhos de uma nova união. Com a mãe tem uma boa relação, para ele, a sua vida é de mais uma trabalhadora que serve à quem lhe explora. Ela é cozinheira em um restaurante e passa boa parte da tarde e da noite fora de casa, em sua jornada de trabalho. O jovem sempre foi morador do local e é bem conhecido no bairro. Ele não terminou o segundo grau por uma escolha própria, segundo o mesmo, estar na sala de aula era uma perda de tempo, “*o ensino era fraco e não preciso nem dele, nem de graduação para conquistar meus sonhos*” e

continuou “*essas coisas mestrado, doutorado é título para branco, a gente tem que ralar, aprender o que livro não ensina*”.

Igor não quer se limitar ao local onde vive e nem ser visto como mais um jovem negro de periferia, para ele, isso lhe traz sentimentos traumáticos. As expressões de seus ressentimentos aparecem nas letras de suas músicas e em poesias que compartilhou comigo em algumas ocasiões (ver sobre mais adiante). É dessa forma que ele se sente melhor; narrando suas experiências de vida. Ele quer ser reconhecido como um artista, um poeta urbano. Ele realiza alguns trabalhos esporádicos (entregador de mercadorias e como ajudante em serviços de carro) para conseguir algum recurso e comprar equipamentos necessários para produzir os arranjos musicais, vídeos, tratar fotos etc; mas sua vontade é se sustentar através de sua arte.

Ele se apresenta pessoalmente e em suas redes sociais como MC, produtor cultural, fotógrafo, modelo independente e poeta. Por conta de seu envolvimento com esse tipo de produção é que o jovem ficou bem conhecido na região onde mora. Dos 16 anos aos 17 anos chegou a ser cantor de funk, mas decidiu parar. Para ele, tudo estava ficando muito intenso, estar na noite com acesso a muitas possibilidades de “se perder” o fez repensar com quem ele gostaria de estar e trabalhar. Além de ter passado por uma separação amorosa que lhe levou à depressão.

Da cidade conhece muitos lugares. Os trabalhos com a fotografia o possibilitou transitar por diversas regiões urbanas, mais as centrais. Alguns ensaios fotográficos disponíveis em suas redes sociais mostram que estes foram feitos em lugares públicos, como o Parque da Cidade, praias, orla do Rio Vermelho, ruas do seu bairro. Vai com amigos, em menor frequência, na orla da Barra, gosta de comprar, principalmente roupas e acessórios de marca de grife no *Shopping* localizado na região do Iguatemi e não costuma andar em outros bairros de periferia por conta das rivalidades entre facções.

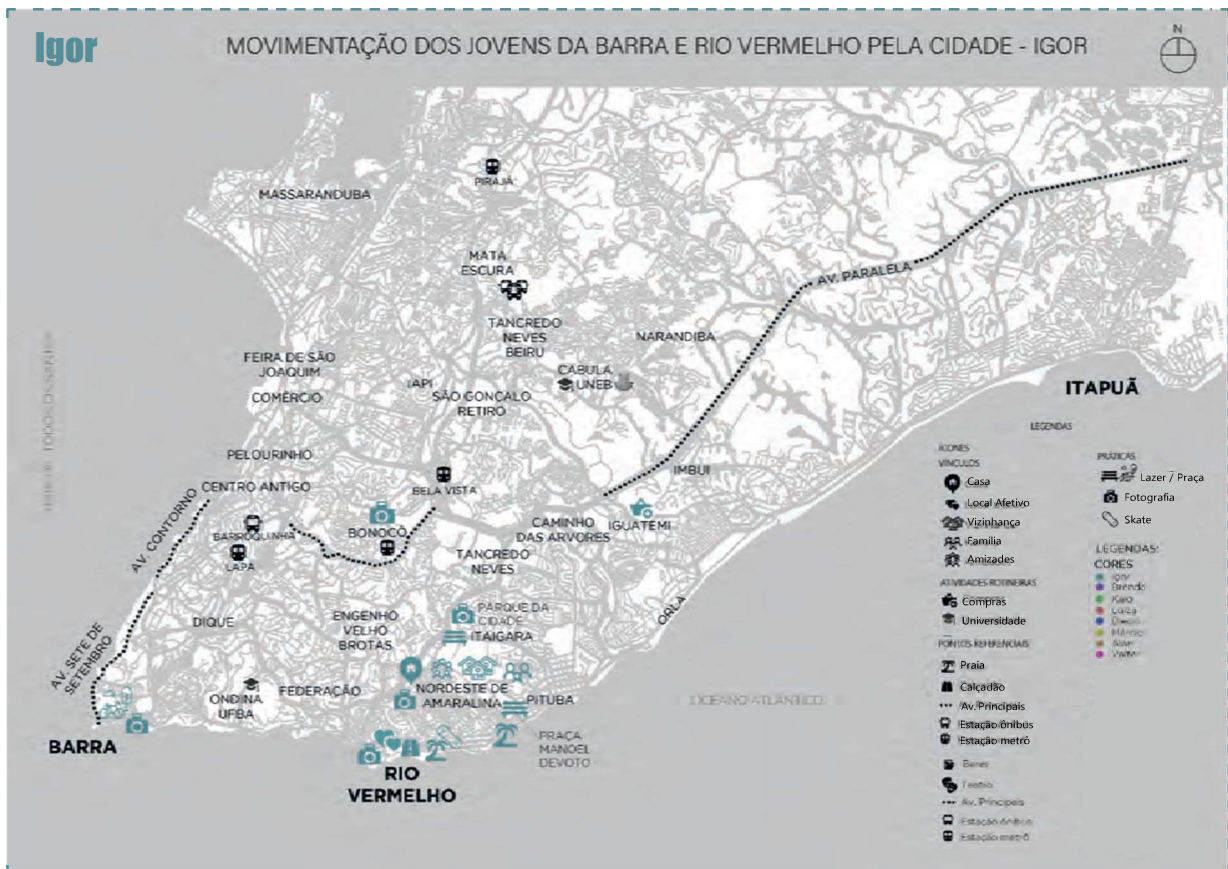
Apesar de sempre estar na orla do Rio Vermelho, seu lugar de afeto é a favela: “*eu sou um jovem de quebrada, não tem jeito, meus parceiros são daqui, mas gosto mais de socializar no Rio Vermelho*”. Igor considera ser uma pessoa sempre disposta a socializar e conhecer pessoas novas. Na orla conhece muitas pessoas, tanto trabalhadores, vendedores de bebidas que são de seu bairro, quanto jovens deste, mas também os DJs que tocam nas casas noturnas, os donos desses estabelecimentos, pessoas que frequentam o lugar de outras partes da cidade, vendedores vindos de outros bairros. Também por isso ele considera a orla uma extensão de “sua área”. Ser um jovem conhecido e conhecedor de muitas pessoas é algo importante para ele. Ele está diariamente circulando entre esses espaços, seu bairro e o Rio Vermelho, seja na

Praça Manuel Devoto (Rio Vermelho), seja na praia (Rio Vermelho e Amaralina) ou nas noites do final de semana na orla.

A sua vontade de se comunicar é notável. Para ele, em alguns momentos, Salvador é um tédio. Ele tem muita vontade de viajar pelo Brasil e para fora do país. O jovem tem vontade de conhecer novas cidades e de estar sempre em movimento. Seu lugar afetivo é a praia do Rio Vermelho, lugar que usa para meditar, beber, fumar e escrever letras de músicas, durante o dia ou a noite. Ele vai ao local constantemente, com amigos e sozinho. Seu trânsito nessas localidades do Nordeste de Amaralina, Pituba, Amaralina e Rio Vermelho é feito sem restrições de horário, a menos que haja ocupação ostensiva da polícia no seu bairro. Além da praia, o jovem é presença constante na orla do Rio Vermelho, geralmente nas noites de sexta esábado, nos bailões de domingo em seu bairro e em dias da semana na Praça Manuel Devoto, no bairro do Rio Vermelho. O que mais gosta de fazer é compor e de estar com os seus amigos. Os seus dois grandes companheiros também são do mesmo bairro que o seu e estes visitam com frequência sua casa, assim como seus familiares que moram próximos.

Igor é um jovem que busca “expandir sua mente”. A prática da meditação é forte em sua vida. O jovem é intelectualmente inquieto. As suas conversas ou respostas muitas vezes surgem como letras de músicas. Ele é bastante crítico. Em muitas oportunidades me colocou questões sobre a importância de construir uma carreira acadêmica e qual diferença essa atividade traria para o mundo. Seus questionamentos iam além, não giravam somente em torno de nossas aspirações, mas também sobre outras situações em que nos deparávamos, nas quais dialogava com crianças vendendo produtos na noite, com usuários de craque, sobre suas percepções acerca da atuação policial na cidade e outras. Seus questionamentos são cheios de inconformismo. Diante de suas indignações, tais como *“porque eu só vejo sangue negro derramar?”*, ele acredita que o seu papel é escrever, é ser reconhecido enquanto um jovem que venceu, lutando pelo que acredita e sendo aquilo que a sociedade não espera deles – mentes pensantes e criadoras; potência. Igor se recusa a seguir as possibilidades profissionais de seus pais e não deseja se prender a um só lugar, seus sonhos e desejos vão além de seu bairro e dos trabalhos manuais. Seu objetivo é viver da arte, de suas criações.

Figura 22 – Mapa de movimentação individual de Igor



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Com esses interlocutores e os demais, através do conhecimento de suas vivências pela cidade, pudemos tecer algumas considerações iniciais sobre os seus movimentos urbanos. Os jovens citados acima são moradores de áreas distintas da cidade, a maioria fica localizada em pontos distantes das orlas da Barra e do Rio Vermelho, mas foi nesses lugares que encontrei alguns deles.

Para os que moram distantes das orlas, as idas a esses lugares são vividas de modo esporádico, condição diferente ocorre entre aqueles que moram próximo. Para estes, a regularidade e a porção de jovens é tamanha, a ponto de serem os mais identificáveis entre os frequentadores com quem dialoguei na etapa inicial da pesquisa.

Um traço comum sobre as suas movimentações é o pouco conhecimento sobre outros bairros de periferias da capital baiana. Há uma quase total preferência em encontrar amigos

que não são da vizinhança em locais fora do bairro e, em muitos casos, fora de áreas consideradas de periferia, como as orlas e espaços de convivência pública localizados em regiões valorizadas da cidade, a exemplo, do Imbuí, Parque da Cidade, Barra, Rio Vermelho. Para os encontros entre amigos da redondeza (no "Miolo"), encontramos o *campus* da UNEB e a Praça do Retorno em Narandiba como locais de grande frequência. Os jovens reunidos nesses encontros são de bairros próximos, não houve a presença de amigos de bairros distantes nesses "rolês". É recorrente o gostar de ficar nos bairros de moradia e em pontos de encontro de jovens nos mesmos. A maioria dos jovens considera que seus principais vínculos de amizade são dos locais de moradia ou proximidades destes, assim como, demonstram a preferência por estar entre outros jovens de periferias, entre agrupamentos compostos por iguais em condição urbana.

Os conflitos violentos existentes entre as facções do tráfico de drogas têm impedido que os jovens transitem por todas as partes de Salvador, mais especificamente, pelos bairros considerados de periferia³⁰. O que os fazem pensar nos lugares públicos das orlas como "espaços neutros", nos quais a violência advinda das relações do tráfico de drogas se manifesta em menor proporção e de outras maneiras, mas aonde, ainda assim, se vêm coagidos pelas ações discriminatórias da polícia.

Outro aspecto é a pouca disposição em estar onde não se sabe chegar e sair. Esse não é um elemento compartilhado pelos jovens desta etapa da pesquisa. Para alguns, o deslocamento pela cidade, seja em lugares já conhecidos, seja em lugares desconhecidos, não só acontece com outros amigos e amigas, mas também como deslocamentos individuais. Nas ocasiões desconhecidas, a condução, por parte de alguém do lugar, deve ser ainda maior. Nessa situação, a pessoa deve lhe dar todas as orientações de como chegar e sair, sempre que possível, lhe acompanhando até o ponto de acesso ao transporte público, na chegada e na saída. Para alguns outros, a vontade de estar em lugares novos, principalmente se forem em locais de orlas e centro antigo da cidade, a descoberta dos trajetos é vivido de forma mais exploratória e independente.

2.2.2 Nos "rolês": encontros juvenis em lugares da cidade

30 Na dissertação que defendi em 2013, discuti, em um dos capítulos, como as sociabilidades de rua de um tipo de galera juvenil, "os bondes", convivem com os conflitos e imposições de territórios gerados pela atividade do tráfico de drogas no bairro do Beirú/Tancredo Neves, Salvador-Ba. Outro ponto de desdobramento da etnografia está na construção de uma discussão, em escala mais abrangente que não somente a de um bairro; como essas "guerras de facções" atingem os jovens em seus movimentos na cidade—como em seus movimentos urbanos, os jovens são afetados por questão de violência urbana.

Os primeiros encontros fora das orlas aconteceram nos bairros de moradia dos e das jovens ou em lugares bem próximos a estes. Entre eles, destaco dois deles por serem “rolês” recorrentes e por reunir um grande número de jovens. O primeiro é o “rolê da UNEB”. O *campus* da universidade fica localizado no bairro do Cabula. É uma região bem central do “Miolo” e é de fácil acesso para os jovens que moram em bairros da região. Nenhum dos jovens com que conversei, era aluno da instituição de ensino superior. Eles e elas frequentavam, principalmente nas tardes de sexta-feira como um ponto de encontro entre jovens desses bairros. O acesso à UNEB era feito sem controle, apesar de existirem seguranças na entrada e espalhados pelo *campus*. Os espaços onde se reuniam ficava na parte de trás da universidade.

O dia do encontro foi um dia atípico na rotina da cidade. As aulas no *campus* haviam sido suspensas, a movimentação de alunos era muito pouca. Era dia 25 de maio de 2018 e a cidade estava bastante instável em termos de locomoção e deslocamento. O país enfrentava uma greve nacional dos caminhoneiros. As cidades sofriam com a falta de combustíveis e a oferta de transportes públicos nas ruas foi reduzida e bem concorrida pelos usuários. Além desse cenário de greve, um dia antes, Salvador havia passado por uma paralisação dos rodoviários.

Chamada por Kaio fui encontrá-lo junto a seus amigos moradores de bairros próximos. O movimento no lugar era de jovens reunidos em uma espécie de canteiro cimentado. Juntamos aos outros já presentes no lugar, sendo que alguns deles já eram conhecidos, se cumprimentaram animadamente, perguntando por outras pessoas e lembrando situações acontecidas em encontros anteriores. Luiza, uma das jovens que conheci no dia, logo quis se juntar a um grupo que conversava sobre política: “*hum, estão falando de política, isso muito me interessa.*”, já kaio não se interessou, virou o rosto e disse que de política não falava, pois achava chato.

Jovens reunidos ouviam um rapaz tecer ideias sobre o atual panorama político do país. Luiza se juntou a esse grupo, fez perguntas a ele e escutou o que dizia. Nesse momento, entre outros que acabara de encontrar, ela expos seus posicionamentos ideológicos. Em seguida, afirmou achar delicado ver um jovem que milita por um partido político discorrer suas posições ideológicas para pessoas que não debatem sobre o assunto. Para ela, haveria nesse tipo de situação, a nítida intenção em manipular os outros em favor de uma causa com bandeiras próprias.

Luiza é uma jovem que se posiciona em muitas discussões que estão em evidência atualmente. No mundo virtual, fala sobre questões de relacionamentos abusivos, feminismo e

o empoderamento negro. Ela e outras três amigas acabaram relacionamentos recentes por conta de parceiros que, de modo subliminar, tentavam controlar suas vidas e culpabilizá-las pelos desentendimentos ocorridos. A jovem não deseja se ligar a nenhum tipo de movimento político e não milita em função de grupo(s) específico(s). Para ela, a sua voz representa uma opinião dentre tantos outros modos de refletir sobre as situações debatidas no atual contexto político do país.

Na UNEB, os jovens criaram um ponto de encontro para moradores dos bairros próximos. Esse ponto central da região é favorável para a reunião de jovens, evitando, assim, o deslocamento deles para os bairros vizinhos. As questões de violência associadas ao tráfico de drogas e a ação criminosa da polícia contra os jovens moradores dos bairros da redondeza são fatores que os colocam em situação de risco.

A forma como os jovens se conheceram, retrata o quanto os encontros vão se fazendo como condutores de novos contatos. A amizade de Kaio com Luiza dura dois anos e foi num ponto de ônibus em frente à UNEB, no Cabula, onde se conheceram. Kaio estava em um relacionamento afetivo com um jovem amigo de Luiza; no ponto, conversaram um pouco e trocaram *Instagram*. Eles passaram a se seguir, mas só um tempo depois Luiza conversou com ele por meio da plataforma digital. Nessa ocasião, falaram de seu corte de cabelo. Ela tinha “um lindo *black*” quando eles se conheceram, e na ocasião do contato já havia feito um corte bem curto. Ele, por sua vez, precisava mudar o seu, pois seu pai exigia dele um corte curto e convencional. Ambos conversaram e desse diálogo a amizade se fez.

Com Diego, houve a intenção de um amigo em comum de apresentá-los. Um jovem heterossexual, como quis frisar, acreditava que os dois (Kaio e Diego) deviam se conhecer, não só porque iriam se gostar, mas também pelo fato dos dois serem jovens não binários. Em um “rolê” na UNEB, entre jovens que moram nas intermediações, encontraram-se e há um ano dura a amizade entre eles.

As descobertas de novas pessoas acontecem a todo o momento, em encontros fortuitos ou planejados para uma apresentação de jovens. As disposições para serem condutores de novos contatos e de descobrirem novos amigos é uma característica comum entre os interlocutores. Estar disposto a conhecer novas pessoas e de apresentar pessoas vai interligando os jovens numa trilha de encontros e de possibilidades de experiências contínuas.

Seus diálogos são variados, tratam desde assuntos mais densos até conversas mais leves e descontraídas. Os jovens emendavam uma conversa na outra, ou melhor, misturavam temas, ideias, situações, histórias. Alguns momentos, falavam sobre a religião Candomblé, seus orixás e a vivência de uma jovem no terreiro e, quase ao mesmo tempo, lembravam

histórias engraçadas vividas por eles no Carnaval, na Parada *Gay* e em outras ocasiões. A todo instante, a possibilidade de um novo “rolê” surgia para vários pontos da cidade: algumas festas fechadas no Rio Vermelho, Centro Antigo e Pelourinho e outros encontros propostos por amigos de alguns deles para a praia da Barra, para a despedida de um jovem na casa de uma amiga. Nenhum evento ficou certo de ocorrer, mas as informações sobre eles vão circulando e novas pessoas vão sendo incluídas.

Para Priscila (20 anos, Narandiba), a UNEB “*é como uma segunda casa. Eu e os meninos costumávamos ir lá depois da aula beber e conversar, sentar na grama, conhecer gente nova. O pessoal que frequenta lá é muito aberto*”. O fato de estar entre jovens universitários e entre jovens que se movem pela cidade é, para ela, um aspecto que torna o lugar interessante e cheio de possibilidades abertas. “*Os diálogos por lá são os melhores, vai de machismo velado, instituições patriarcais ao novo álbum de Rihanna em minutos e não deixa de ser interessante e criativo. Me construiu como uma nova pessoa ao frequentar esse espaço*”. A jovem coloca o lugar como um ambiente diverso, com pessoas com preferências variadas, múltiplos modos de pensar, cheio de diálogos, plural em gostos e aparências. Um ponto de encontro para pessoas abertas a novos encontros.

Ela tinha pouca circulação por lugares da cidade. A sua autonomia é restrita em função do que seu pai a autorizava fazer. Um dos aspectos que, segundo a mesma, impossibilitava sua maior movimentação pela cidade é o fato de ter de estar em casa às 22 horas, independentemente de onde estivesse. Para ela, tal imposição familiar atrapalhava o seu desenvolvimento como pessoa, uma vez que restringia as possibilidades de viver a noite com seus amigos e andar por lugares da cidade em que o fluxo de pessoas começava a acontecer à noite. Por conta disso, até então, nunca esteve na orla do Rio Vermelho, apesar de querer muito. A noite na orla do Rio Vermelho é de interesse da grande parte dos jovens com quem estive.

Por isso, seus deslocamentos eram entre os lugares mais próximos de sua casa, em Narandiba. Ela frequentava a praça do skate no bairro do Imbuí para ver pessoas e estar no sarau de poesia que ocorria na praça, o Parque da Cidade no bairro do Itaigara, a orla da Barra aos domingos, a UNEB e a Praça do Retorno em Narandiba.

No ambiente da UNEB, os jovens tinham contato com muitas ideias e práticas. As pessoas iam ao encontro de outros jovens e juntos vivenciavam experiências políticas, afetivas, conflitos, mas, acima de tudo, a intenção de estarem em conexão com outros jovens garantia o constante conhecer de novas pessoas e o reencontro com outras já conhecidas.

Os jovens nesse espaço se reconheciam por meio de mídias sociais, antes mesmo de se conhecerem pessoalmente, seguiam as páginas pessoais de outros jovens, principalmente via *Instagram*. Nesse mesmo dia, um desses encontros aconteceu:

Luiza falou para os outros: “Olha quem tá ali é Gabi maravilhosa”. Eles olham e num clima de excitação ficam a admirando de longe, quando ela passa por eles, alguns dizem, “Gabi você é ícone, você é maravilhosa”, ela continua andando, encontra um amigo, conversa com este e eles continuam falando dela, olhando para ela, sorrindo para ela, pergunto de quem se trata, eles dizem ser uma jovem com o canal na internet, uma jovem negra que fala sobre beleza, comportamento e estilo com outros jovens negros. “Ela me influencia muito”, eles estavam diante de alguém, também jovem, a quem tinham como mais uma referência de pessoa. O acompanhamento ocorre por meio virtual. O contato direto não aconteceu entre eles, a admiração e o contato ainda vai permanecer distante (Diário de campo do dia 25/05/2018).

Através das mídias sociais, os jovens se observam, seguem outros que os influenciam de várias formas e também passam a influenciar outros jovens; disse Kaio, sobre Gabi, “*essa daí eu não consigo superar, ela é muito perfeita!*”. Na Barra, ele, Kaio, diz ser admirado por muitos, “*não gosto muito de ir para Barra por isso, toda hora alguém quer tirar uma foto comigo, puxar conversa, não sei lidar com isso*”. Esses jovens se cruzam não só através das mídias sociais, mas também pelos lugares que transitam, pelos caminhos que percorrem, por onde vivem a cidade.

Os jovens conhecidos e amigos são as mais próximas referências de beleza e comportamento e, em conjunto, refletem os caminhos da cidade entre os quais vivem. Esse aspecto aparece na construção das imagens. Quando fez 18 anos, Kaio se presenteou com um ensaio fotográfico nu e postou algumas fotos em seu *Instagram*. Em nossos diálogos, era comum eles citarem fotos de outros conhecidos vistos pelo *Instagram* e de combinarem rôles onde seriam ótimos lugares para fazerem registros fotográficos. As fotos eram feitas, na maioria dos casos, em lugares centrais, detentores de caráter marcadamente urbano de Salvador, Kaio possuía fotos nas ladeiras do Pelourinho, no carnaval, em festas no Rio Vermelho, em espaços públicos da cidade como praças, metrô e ruas do Centro Antigo.

Luiza enaltecia as redes sociais não só como um ponto de discussão e debates, mas também como uma plataforma na qual ela e suas ideias pudessem ser os conteúdos principais. A intenção, nesse sentido, era expor seus “rolês”, suas produções para estarem nesses lugares; as pessoas com quem estiveram e os lugares por onde andou. “*É difícil eu saber de alguém pelo nome, conheço muita gente mesmo, mas preciso ver uma foto para reconhecer*”. Como linguagem artística ela expunha seus trabalhos fotográficos mais profissionais. Estes ocorriam

em casarões do Centro Antigo, em praias da capital e em estúdios próprios para a produção das imagens.

Em alguns casos, os encontros entre eles eram antes vividos por meio virtual, seja na observação do perfil de outros jovens, identificando por onde andavam, com quais pessoas, com que estilo ou nos contatos via troca de mensagens; “*a galera toda se conhece de rolê pela cidade e também pelas redes sociais*”. Ter amigos em comum era um aspecto que conectava esses jovens, um ia levando o outro a conhecer seus contatos e assim a teia de relacionamentos dos jovens se estendia cada vez mais, com o auxílio das plataformas digitais.

O “rolê” da Praça do Retorno era o local de encontro de jovens, em sua maioria, composto por moradores de Narandiba, Engomadeira, Tancredo Neves e Doron. A praça ficava em um retorno e em frente ficava um ponto de ônibus, o qual oferecia linhas de transporte para várias partes da cidade. O lugar tinha uma quadra com a grama bem desgastada, algumas bancas vendendo produtos, barracas e vendedores ambulantes portando isopores com comida e bebida, havia brinquedos para crianças e alguns bancos. A iluminação era mais concentrada no centro da praça. Os jovens se reuniam em um dos lados da mesma, onde ficava alguns bancos e a iluminação era menor.

Assim que alguns deles começavam a chegar, Diego, Priscila e Felipe (18 anos, Engomadeira), os jovens se dirigiam aos mercadinhos no retorno, compravam licor, “bujõezinhos” de Corote de vários sabores e salgadinhos. Na praça, juntavam-se aos outros que já se encontravam no local. Eles compartilhavam bebidas, cigarros, lanches e conversavam sobre a batalha de *rap* que iria acontecer no dia seguinte no mesmo local. Queriam saber quem havia confirmado presença, de onde viriam algumas pessoas, animavam-se com o encontro. No dia seguinte, mais de 50 jovens se reuniram na praça, vindos de várias periferias da cidade. Márcio era o jovem para quem eles reportavam suas perguntas.

Muitos outros assuntos permeavam os diálogos, falavam sobre as batalhas de *rap*, sobre amigos que não estavam presentes, festas, no caso, a *Tardal*,³¹ que ocorria em orlas da cidade, sobre preconceito, por serem de periferia, sobre família, religião de seus pais, o que estes os deixavam ou não fazer, das festas e lugares preferidos, de suas experiências sexuais, de relacionamentos afetivos, sobre sexualidade e gênero. Os jovens, nesse encontro, se acariciavam, paqueravam, trocavam beijos, dançavam, tocavam violão, etc.

31 É uma festa de jovens que acontece em espaços públicos nas orlas dos bairros da Pituba, Costa Azul e Itapuã. Em seu *Facebook* se definem como: "Movimento multicultural independente que acontece mensalmente em Salvador - BA".

A todo o momento, outros jovens chegavam e os bancos da praça ficavam rodeados de jovens que se conheciam e estavam juntos, permaneciam no espaço, como um grande agrupamento juvenil. As músicas cantadas eram de vários estilos, as danças eram diversas, os lugares frequentados na cidade denotavam preferências múltiplas, as possibilidades de autonomia para os deslocamentos eram particulares, os modos de viver a cidade não eram uniformes. Os jovens, nesse lugar, eram tão diversos quanto à própria constituição das juventudes urbanas e de seus lugares de origem.

A chegada de um novo sujeito era considerada por eles como sempre bem-vinda, mas a nova presença pode ser questionada e até mesmo refutada. Alisson de 17 anos, morador de Tancredo Neves, foi com um primo, morador de Narandiba, para a praça pela primeira vez no mesmo dia em que também estive lá pela primeira vez. Os jovens queriam saber quem era o rapaz, ele prontamente se apresentava, esticando o braço para um aperto de mãos, tendo feito isso com quase todos os presentes.

Entre um banco e outro, ele ia tentando participar das conversas, ficar próximo de pessoas diferentes. Em alguns momentos fazia perguntas e falava muito pouco. Algumas meninas demonstravam irritação com a sua presença, queriam saber quem o havia levado e o que ele fazia entre eles. Uma jovem dizia: *“ninguém entende o que esse menino fala, vou pegar ranço”*. Algumas pessoas riam e ele tentava falar coisas, ainda bem baixo, que ela não conseguia ouvir.

Entre conversas que tivemos, ele afirmou ter pouco tempo que saía com amigos. A família o deixava ir algumas vezes para festas que não fossem à noite; *“não bebo e não sei falar desses assuntos todos que eles falam, eles conhecem um monte de gente, eu não”*. O jovem que o levou consigo, ofereceu-lhe algumas bebidas, e ele só aceitou experimentar uma de cor azul, *“com sabor de chiclete”*, bebeu algumas vezes, afirmou ter gostado, mas não continuou.

Segundo Priscila, a forma como eles receberam o jovem só acontecia no início do encontro, depois, as relações amenizavam; *“é que primeiro a gente assusta, mas depois fica de boa”*. Eu fui recebida sem muita estranheza pelos jovens, para alguns fui apresentada como uma pesquisadora em juventudes, para outros, como Tatiana apenas. A jovem que havia tensionado com Alisson, depois de ouvir o que fazia ali, comentou; *“e eu achando que você era a namorada de Priscila”* (Dani, 17 anos, Narandiba). O maior interesse deles era saber a minha idade. A minha presença entre eles, aparentemente, não mudava o rumo das relações. Assim como um jovem levou os outros para os encontros, eu fui levada pelos três jovens com

quem mais dialogava. A condução da minha relação entre eles, daí em diante, ocorreu em função da minha capacidade de interagir com os próprios.

A maioria dos jovens voltava para casa a pé, pois moravam perto da praça, apenas Felipe, morador da Engomadeira, naquela ocasião, precisou pegar ônibus. Por um aplicativo de celular, sabia qual o horário estimado de passagem do transporte pelo local. Fomos com ele até o ponto, o motorista não parou, este era o último ônibus que iria até o final de linha do seu bairro. Já passava de 23h00min da noite, perguntei como faria para ir embora, e o jovem afirmou que pegaria outro que passasse pela UNEB e de lá caminharia até a sua casa. Por ser um dia de sexta-feira, as ruas de seu bairro estariam movimentadas.

Não estive na batalha do dia seguinte à minha ida ao retorno, mas no dia 5 de agosto de 2018, em um domingo, fui a batalha de *rap* no mesmo local.

Os jovens se reuniam em uma parte da quadra de esportes e em volta da aparelhagem de som que montaram em uma pequena mesa. Uma caixa de som com microfone conectado a um computador tocava músicas de *hip-hop*, enquanto todos aguardavam a chegada de mais participantes para a batalha.

O agrupamento era formado por jovens que já havia visto na primeira vez que estive no bairro e alguns outros poucos de outras localidades. Alisson, o jovem que iniciava seu contato com os jovens da Praça do Retorno no mesmo dia que os conheci, estava também entre os que assistiam as batalhas, nessa ocasião; parecia mais entrosado com os jovens presentes. Nenhuma menina participaria da batalha. Priscila, que gosta de escrever letras de música e contos, disse que ainda não tinha coragem de fazer rimas em público, pois era tímida. As duplas que disputariam já haviam sido definidas previamente. O campeão ganharia uma camisa.

Assim que a batalha começou, Márcio, o responsável pela organização do encontro do bairro, falou ao microfone as regras do lugar. Em suas palavras, não era permitido: “*pederastia pesada, agredir fisicamente, não pode citar facção e não pode ter panela na decisão*”. Os jovens ouviram as regras e acataram o dito. Assim que começaram as rimas, a maior parte dos presentes se juntaram em uma roda de corpos. Em alguns momentos, surgiam gritos de empolgação pela provocação feita por alguém em um verso. As avaliações eram tomadas por três jovens que compunham os jurados do dia. Cada batalha durava mais de dez minutos e a animação dos envolvidos era constante.

Alguns outros jovens ficavam mais próximos, vez por outra, juntando-se à roda. Uma minoria conversava, dançava e consumia bebidas compradas nos mercados em frente a praça. Apenas jovens faziam parte do evento, não havia outros moradores ou transeuntes que se

aproximassem para saber do que se tratava, como ocorrerá na batalha de dança do Rio Vermelho (falarei a seguir). A batalha do Retorno era conhecida na região, ela acontecia quase que semanalmente. Ao final, na madrugada, como relataram algumas jovens com quem conversei, o som passava a ser de pagode, funk e outros estilos que não o *Hip-hop*; “*ai fica bom mesmo, no final fica tudo misturado e a gente dança até pagode*” (Dani, 17 anos, Narandiba).

Fora dos bairros de moradia, estive entre os jovens em algumas oportunidades. Um evento de dança foi marcado pelas redes sociais, mas o convite me chegou por meio de Drika (20 anos, Castelo Branco). Jovens de várias partes da cidade, a maioria de periferias, reuniram-se no Largo da Mariquita, bairro do Rio Vermelho, no final da tarde de uma sexta-feira de maio. O evento foi promovido pelo grupo Finu. Foi a 3ª edição do Festival Finu INsight Urbano – Festival de Danças Urbanas de Salvador, e aconteceu em vários lugares da cidade. A sua abertura foi no largo do Rio Vermelho e nos dois outros dias o evento ocorreu no Pelourinho com workshops, oficinas (de *yôga*, palhaçaria, grafiti), festas, batalhas (competições de dança), feira de produtos (camisas do evento, alimentos, quadros artísticos) e disposição de serviços (*piercings*, tatuagens). Esses dois dias foram pagos e o valor era oferecido em forma de uma “contribuição consciente”, cada um contribuía com o quanto achava que valia a experiência.

Alguns jovens que estavam na abertura, e com os quais já havia estado nos primeiros dias de campo na orla do Rio Vermelho, afirmaram que participariam apenas desse encontro, onde batalhas de dança ocorreriam em ambiente público e sem cobrança de valores. O evento durou mais de cinco horas. Os competidores se revezavam em batalhas individuais, em duplas ou em grupos, não havia separação por sexo. Uma comissão com três dançarinos, também jovens, avaliavam as performances e escolhiam os melhores. Drika participou competindo até a semifinal.

Figura 23 - Batalha De Dança Em Largo Do Rio Vermelho



Fonte: Imagem da autora

Muitos outros jovens observavam as batalhas, bebiam vinhos, conversavam, todos ali se conheciam, uns com mais intimidade que outros. Nos momentos de intervalo e entre uma competição e outra, os corpos se tocavam como se dançassem juntos, estilos musicais se revezavam. O largo se tornará uma pista de dança. Muitos que se dirigiam para os bares do largo observavam os jovens reunidos, alguns paravam para olhar as apresentações, outros perguntavam do que se tratava e seguiam adiante.

A presença dos jovens reunidos e suas danças eram notadas por todos do lugar, seus gritos de incentivo aos competidores eram ouvidos de longe. A energia do encontro era vivida com muitos abraços, toques de mãos e danças juntos. Os toques dos corpos aconteciam como se os passos de dança não parassem de acontecer. O discurso do organizador do evento era de *“valorizar a dança que vem do gueto”, “é preciso juntar as galeras, do hip-hop, do pagode, do funk, todo mundo é gueto, tem que vim pra rua, misturar tudo e fazer dança”*.

Drika é uma jovem de 20 anos, aluna de dança da UFBA, moradora do bairro de Castelo Branco (região afastada do Rio Vermelho, margeando a saída principal da cidade). É feminista e companheira de Caleb, um jovem com quem compartilha o amor pela dança. Em suas mídias sociais existem postagens de vídeos nos quais ela e seu companheiro aparecem dançando em várias partes das orlas centrais e no Centro Histórico da cidade. A sua relação com a cidade se expandiu no momento que começou a trabalhar fora do bairro e a estudar na universidade, mas foi frequentando festas noturnas e participando de apresentações de dança que ela passou a circular mais pelas orlas mais centrais.

Hoje, ela anda por toda a cidade, trabalha como professora de dança no bairro da Pituba, frequenta as noites do Rio Vermelho e, por conta disso, tem amigos de Castelo Branco e tantos outros espalhados por vários lugares. Sua permanência no local de moradia é pequenadiante de tantos e diversos vínculos estabelecidos fora dele. A dedicação à dança de rua tem proporcionado uma mobilidade para além de Salvador. Drika é integrante de um movimento de dança feminista. O grupo, com conexões em Aracaju e Salvador, propõe a ocupação urbana de mulheres através da dança nessas cidades. O uso político e artístico da dança, para ela, está atrelado a sua movimentação pela cidade e às relações que vai construindo pelos caminhos.

Outro encontro vivido entre jovens por lugares da cidade é a prática do rapel. Maicon (19 anos, Nordeste de Amaralina), Gabi (19 anos, Nordeste de Amaralina), Carol (18 anos, Chapada do Rio Vermelho), Valter (20 anos, Nordeste de Amaralina) e tantos outros jovens moradores do Nordeste de Amaralina começaram a participar dessa atividade através de encontros de jovens ocorridos numa igreja do bairro. Um praticante do esporte em contato

com outros grupos de trilhas e rapel decidiu organizar pessoas interessadas em explorar lugares da cidade na prática do rapel; *“nós somos um grupo aberto, que surgiu da conexão com outros grupos urbanos que praticam aventuras pela cidade e ocupam espaços públicos. Nós começamos com jovens do bairro, mas hoje temos conexão com aventureiros de toda a cidade, a troca faz da gente um coletivo sempre com novas pessoas interessadas”*.

Figura 24 – Rapel Em Passarela Da Lapa



Fonte: Imagem da autora

Algumas pessoas são mais frequentes que outras nos encontros; esses são os responsáveis por organizar o material necessário para a prática, assim como, pelas normas de segurança dos envolvidos. Nos encontros, vivem o rapel assim como tecem vínculos de amizade entre si. Na ocasião, houve a celebração de aniversário de uma jovem praticante. Os outros integrantes levaram, para surpresa da aniversariante, um bolo e refrigerantes. Todos os presentes bateram parabéns e a passarela da Lapa se transformou em um espaço festivo. O espaço projetado para ser um equipamento de passagem, ligando pontos opostos de uma via de grande circulação de veículos, foi reconfigurado pelos jovens através do uso aventureiro e comemorativo de vínculos afetivos. Os encontros se faziam como práticas urbanas de jovens em meio as suas movimentações e ocupações da cidade.

Figura 25 – Rapel Em Passarela Da Lapa



Fonte: Imagem da autora

O rapel, para Maicon (19 anos, Nordeste de Amaralina) e Valter, era a forma que os proporcionava estar em lugares que não são seus bairros de moradia e os lugares próximos a estes. Através da prática do rapel e da conexão constante com novas pessoas interessadas na experiência, eles iam conhecendo outros jovens de partes diversas da cidade.

Com Igor (20 anos, Nordeste de Amaralina) estive em alguns “rolês” por espaços no bairro do Rio Vermelho. Nessas oportunidades pude conhecer a Praça Manuel Devoto; o local fica localizado próximo a Escola Estadual Manuel Devoto, em ruas de dentro do bairro, paralela à avenida principal do bairro. O local era frequentado por jovens moradores do Complexo do Nordeste de Amaralina, na maioria, estudantes da escola e outros jovens que se juntavam a estes. A praça é de porte médio e não havia sinais de qualquer reforma recente.

Eles iam chegando aos poucos e sentando próximos de quem já estava no local, formando pequenas aglomerações por todo um lado da praça. Quem ia chegando era sempre observado por quem já estava no local, alguns se falavam, outros perguntavam pela presença de alguém, buscavam juntar dinheiro para comprar bebida no supermercado próximo, além de pessoas que pudessem oferecer maconha sem custos. Ao final do dia, todos seguiam a pé quase que ao mesmo tempo para o bairro de moradia. Esse era o ponto de encontro de jovens mais frequentado durante os dias de semana, pós turno de aulas.

Nos espaços da orla, durante noites dos finais de semana, o jovem Igor transitava por toda a extensão do calçadão, parando a todo o momento para conversar com pessoas que conhecia ou com outras pessoas que estavam no lugar e ele passava a interagir. Em uma noite interagiu com um jovem vendedor de doces e cigarros que estava em frente a um local de música alternativa. Igor buscava saber por quanto ele comprou as mercadorias e por quanto estavam vendendo. Para Igor, o rapaz estava perdendo a oportunidade de lucrar mais, argumentando que ali era um local frequentado por pessoas que estavam dispostas a pagar

mais caro para ter acesso rápido àqueles produtos. Os dois não concordaram com relação a tal ideia. Para o rapaz que vendia o preço que ele cobrava já continha a sua margem de lucro e estava condizendo com os valores cobrados pelos outros vendedores no lugar. Esse foi um dos diálogos construídos por Igor e seus interlocutores na noite.

Igor fazia questão de falar com as pessoas, de saber sobre elas e manter contato dali em diante. Em uma outra noite na orla do Rio Vermelho ele percebeu a presença de um jovem muito popular nas redes sociais, no caso o *Instagram*. Esse jovem era morador de uma localidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Suas postagens se referem ao seu dia a dia na cidade e muitos de seus vídeos eram ele se filmando e falando, de modo divertido, o que pensa sobre as relações afetivas, sobre ser um jovem em busca de relacionamentos, de como os rapazes deviam agir para conquistar quem lhes interessasse. Eles nunca haviam se visto até então, mas assim que Igor o avistou, foi falar com o jovem, se apresentou, pediu uma foto, trocaram algumas palavras rápidas e saiu. O jovem abordado por Igor parecia já estar acostumado com esse tipo de contato. No dia seguinte, a foto tirada com o jovem com muitos seguidores, estava em todas as suas redes sociais. O comentário do jovem sobre sua postagem foi visto como um título de reconhecimento de sua importância no meio virtual. Igor também almejava ser conhecido e reconhecido nas ruas. A ideia de ser famoso lhe agradava.

O jovem tinha seus movimentos mais voltados para os espaços da rua, entrando vez por outra nos espaços privados mais frequentados por jovens de periferias. Ele e seus amigos buscavam sempre que possível conversar com pessoas, conhecer garotas, uma vez que Igor tinha a preferência por se relacionar afetivamente com mulheres de fora do seu bairro. Com os amigos combinava luaus, com rodas de violão, e alguns jogos no intuito de testar os limites de cada um para o uso do álcool ou da “ganja” e causar estados mais elevados de alteração da consciência, que era quando diziam “estarem chapados”. Esses jogos eram organizados com antecedência. Eles combinavam como seria a compra das bebidas, na maioria das vezes, vodka com energético, ou, no caso da maconha, quem conseguiria a erva para uso coletivo.

O consumo de ambas as substâncias era feita na calçada, uma vez que os estabelecimentos não aceitavam a entrada de bebidas não adquiridas no local. Eles incentivavam, de tempos em tempos, a ingestão de uma só vez das bebidas. As risadas e brincadeiras uns com os outros era constante e animada, faziam vídeos que os mostravam dançando e cantando para postarem em seus status das redes sociais. Nesses momentos acontecia de sonhos se transformarem em projetos. Entre eles compartilhavam ideias e anseios que iam se tornando planejamentos de clipes musicais, de vídeos e músicas para produzirem juntos. As plataformas digitais eram os veículos de divulgação de suas criações. A

internet era o principal meio de comunicação e exposição de suas ideias e formas de fazer arte. Alguns deles tentaram manter canais na internet como *youtuber*, mas não mantiveram por muito tempo.

Sobre o uso da maconha havia um cuidado com a vigilância policial. Nessas noites na orla do Rio Vermelho existiam viaturas que circulavam pelo local, algumas vezes, em momentos de grande aglomeração de jovens na área da quadra. Os policiais, em suas viaturas, adentravam na porção larga da calçada para observarem os presentes. A área da quadra era o local mais escolhido para o uso da maconha: *“daqui a gente consegue avistar de longe a polícia chegando, seja de um lado da rua como do outro. Fica fácil despistar”*, diz um jovem que acredita ser uma grande hipocrisia da sociedade a não legalização da erva.

Os jovens aprendem a usar os espaços da orla a partir das vivências que vão desenvolvendo com o lugar e com as pessoas nestes. Os usos dessas orlas em questão aconteciam, em certos casos, como estratégias performáticas atravessadas por aprendizados espaciais.

CAPÍTULO III

“UNS MAIS IGUAIS QUE OUTROS?”

No dia 13 de junho de 2018, um adolescente de 12 anos foi abordado por um segurança, que trabalhava no Shopping da Bahia, no intuito de impedir que o mesmo se alimentasse em uma lanchonete dentro do estabelecimento. O contexto: um adolescente, que vendia balas na porta do Shopping, afirmou estar com fome para um transeunte que passava pelo local, o mesmo, dessa forma, decidiu pagar-lhe um almoço no referido Shopping. O tratamento discriminatório dispensado ao garoto tomou uma grande proporção na cidade de Salvador e outras regiões do país. A mídia televisiva local e as redes sociais discutiram o ocorrido por um tempo. A maioria dos comentários foi de indignação, mas houve também aqueles que relataram sentir incômodo na abordagem por parte de pessoas pedindo por comida, dinheiro, por algum tipo de ajuda.

A situação teve desdobramentos. No dia 16 de junho de 2018, foi organizada, por meio do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*, uma ação coletiva no mesmo Shopping Center. O encontro foi chamado de "Rolezinho das Caras Pretas³²". Na tarde desse dia, quem tivesse interesse, segundo a mensagem de protesto, em "mostrar que a população negra não admite mais violência e exclusão" teria como ponto de encontro à praça de alimentação do Shopping da Bahia.

Nesse mesmo dia e local - no Shopping da Bahia - em horários distintos, ocorreria o encontro "Pirraças Urbanas". O "Ocupa Lajes³³" sairia de sua laje no bairro do Lobato, subúrbio da cidade, e iria para o maior centro comercial de Salvador. *"As pirraças urbanas nascem da exclusão e da nossa criatividade de não se deixar reduzir pela invisibilidade"*(José Eduardo, responsável pelo Acervo da Laje - Lobato). O evento foi uma reunião de artistas discutindo arte política nas ruas de Salvador. A visão da iniciativa é de que a cidade é um ambiente hostil para a parcela da população negra e periférica.

³² Folheto de divulgação do encontro recebido por meio de um grupo de *WhatsApp* do qual fazia parte e mantinha contato com os jovens, o grupo se denominava "Rolê da Favela".

³³ O "Ocupa Lajes é um projeto de democratização das artes plásticas que oferece oficinas de artes gratuitas para crianças, jovens e adultos da periferia de Salvador" - <https://www.facebook.com/pg/ocupalajes/about/?ref=page_internal>.

Nesse mesmo período, no dia 20 de junho de 2018 ocorreria o "Incomode" promovido pelo "Coletivo Cipó"³⁴. O Coletivo, juntamente com outras parcerias, iria caminhar pelas ruas do Subúrbio Ferroviário contra o extermínio, o feminicídio e o hiperencarceramento da juventude negra. Esta foi uma caminhada de enfrentamento à postura omissa do Estado com relação a não promoção de políticas voltadas para as juventudes das periferias e contra a criminalização dos jovens negros por parte dos agentes de segurança pública.

Dentre tantas outras iniciativas realizadas, majoritariamente, nas ruas de Salvador, estes são eventos que demonstram o quanto a cidade tem um caráter reivindicatório e as pautas são, muitas vezes, em prol dos adolescentes e jovens negros dessa cidade. Todos mostravam-se comprometidos com a busca da concretização dos direitos da população negra à cidadania, mas também reivindicavam o direito de estarem nas ruas da cidade sem serem inviabilizados, violentados, constrangidos nos usos dos ambientes, sejam eles públicos ou privados. Era um momento de intensa disputa pela cidade.

Os episódios citados são clamores por existir na cidade através de suas linguagens artísticas, com os seus corpos como moradas de identidades variadas, seja através do lazer em lugares diversos, seja por manifestações organizadas, ou por pedidos de socorro. As formas de ocupar a cidade, para essa juventude, são atravessadas pela busca por prover necessidades mais básicas, como também pelas estratégias adotadas para manterem-se vivos devido à ineficiência do Estado na promoção de políticas que os beneficiem ou mesmo pela própria violência urbana que são acometidos em sua vizinhança e na cidade. Mas acima de tudo, as ações insurgentes prezavam pela movimentação urbana dos corpos negros vivos e respeitados.

O garoto foi constrangido do Shopping, mas é comum que jovens de periferias que ocupam aos domingos o Monte do Farol da Barra, por exemplo, sejam vigiados de muito perto por policiais militares em seus momentos de encontros e observados com ressalvas por outros usuários do lugar. A perseguição aos jovens que andam com os chamados "bondes" em locais particulares ou em áreas de moradia de classes altas também é ostensiva. Essas medidas de controle e repressão são mecanismos de expulsão dos jovens de periferias de lugares não periféricos situados nos locais mais valorizados pelos investimentos governamentais, partes da cidade com maioria da população branca.

Em um único dia, na cidade de Salvador, um conjunto de mobilizações sociais, articuladas por organizações da sociedade civil independente, promoveu eventos buscando o

³⁴ CIPÓ, Comunicação Interativa, é uma organização não governamental que reuni projetos voltados para o público jovem de Salvador, buscando "transformar a vida de meninas e meninos de classes populares por meio da comunicação". (Site: <https://cipo.org.br/#>)

envolvimento da população no amplo debate sobre os usos da cidade e o racismo estrutural que a sustenta. Por meio da conflagração de entidades envolvidas com a causa, de pessoas afetadas pela situação do jovem com fome, da violência institucional e, por meio da arte urbana engajada, a cidade se viu ocupada em pontos e locais diversos, mobilizando, como pauta, o uso da cidade pelos jovens que não estão posicionados socialmente nos lugares privilegiados.

Na luta pela transformação das relações excludentes, os atos expõem e questionam as bases desiguais pelas quais se solidificaram as estruturas sociais de Salvador. Os três eventos, ocorridos, expunham as dores enfrentadas pelas crianças e jovens negros moradores das periferias da capital baiana.

O trecho escrito acima não pretende ser a introdução de ponderações macrosociais. É um retrato social dos reflexos que os subsequentes governos produzem ao consolidarem políticas públicas que atingem desigualmente as classes sociais, impactando na forma como estas usam os espaços da cidade. Nesse contexto vale, portanto, indagar: que cidade é essa que tem medo de ouvir, ver, estar, falar com jovens de periferias que saem de seus bairros de urbanização popular para estarem em lugares valorizados da cidade; ambientes de consumo e de lazer turístico, no nosso caso, as orlas centrais e do eixo norte de Salvador.

Agora, para esta etapa da pesquisa, cabe trazer as discussões que emergiram das suas movimentações. O capítulo não é meramente teórico; não trata apenas das análises de campo. É uma reflexão de como se dão as vivências móveis de jovens moradores de periferias por Salvador em relação a outros trabalhos que dialogam com o tema e suas principais categorias. A organização do pensamento acontece em função de como as categorias foram surgindo na pesquisa e de como elas se entrelaçam, contribuindo para a construção do conhecimento antropológico sobre juventudes de periferias e suas movimentações pela cidade. As categorias exploradas nessa etapa da pesquisa são: agrupamentos juvenis flexíveis; lugar e território; “rolê” e ação política.

3.1 Agrupamentos juvenis flexíveis

Os dados empíricos expostos na tese se diferenciam em alguns aspectos das grandes linhas em que se enquadram os estudos de jovens no Brasil. Mas, primeiramente, valerecuperar a trajetória de construção dos objetos associados aos modos de vida dos jovens urbanos e suas inspirações teóricas. A partir dos anos de 1980, os trabalhos nacionais são, em grande parte, influenciados pelos Estudos Culturais da Escola de *Birmingham*. Naquele

momento, as pesquisas estavam interessadas nos tipos de grupos juvenis de camadas populares e suas formas de expressão e estilos voltados para a contestação de condutas hegemônicas.

Nos primeiros trabalhos abordando o tema de juventudes urbanas no Brasil, a atenção era voltada para jovens de classe média, universitários e grupos envolvidos com questões políticas e econômicas do país³⁵. Após as décadas de 1980 e 1990, e, principalmente, através do estreito diálogo com as questões investigadas pela Antropologia Urbana, buscou-se conhecer os espaços onde se desenrolavam as variadas relações juvenis, dentre elas, as ocorridas em espaços ditos como marginais e periféricos. As juventudes, nesse cenário, despontam como objeto específico de interesse da academia e as etnografias urbanas passam a discutir a diversidade empírica das culturas juvenis no Brasil (TAVARES e CAMURÇA, 2010).

No contexto internacional, em 1964 surge, na Inglaterra, na Escola de *Birmingham*, o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). Contrapondo-se criticamente aos estudos sobre os movimentos de comunicação de massa, seus intelectuais estavam comprometidos em analisar as novas formas de cultura popular que surgiam. Os Estudos Culturais (EC) produziram importantes trabalhos sobre as subculturas juvenis. Com forte recorte de classe, as pesquisas estavam voltadas para a classe trabalhadora do país, que era impactada naquele período por uma grave crise econômica. Em meio a altas taxas de desemprego e violência, as mídias nacionais se direcionavam para a comunicação de aspectos de pouca importância para essa população empobrecida. Suas programações transmitiam massivamente a vida da família real, enquanto milhões de pessoas passavam fome (DUARTE e BRAGA, 2014).

É em meio a esse cenário de crise que aparecem os grupos de *punk* como fenômeno juvenil de contracultura. O movimento *punk* surgiu como uma forma de comunicação entre os jovens, posicionando-se a favor da justiça e da igualdade e confrontando os padrões burgueses e a sua hegemonia no poder. Através da música, expressavam a defesa dos direitos do povo e a revolta contra os privilégios dos ricos.

³⁵ É necessário destacar o pioneirismo sobre o tema nos trabalhos de Ianni (1968) e Foracchi (1965), uma vez que ambos salientaram o momento histórico vivido pela juventude naquele período. Na década de 60, Otávio Ianni escreve *O Jovem Radical*, extraído de seu livro *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil* (1962), abordando, naquele texto, a partir de uma perspectiva estruturalista, as tensões inerentes à condição juvenil na sociedade capitalista, analisando as implicações de cunho político-econômico e de classe nos papéis sociais desempenhados pela parcela jovem da população brasileira. Outro trabalho é o de Marialice Foracchi (1965). Em *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, a autora constrói a categoria social "estudante" e se dedica a refletir sobre o movimento estudantil, concentrando suas análises sobre o papel dos jovens estudantes na transformação da cultura e da sociedade no Brasil.

O CCCS rompe com a ideia de juventude como um grupo geracional coerente e homogêneo (crítica a tradicional abordagem feita pela Escola de Chicago), ou seja, rompe com os estereótipos de uma possível "cultura juvenil". Outro aspecto que o caracteriza é a intenção de desconstruir o conceito mercadológico que envolvia a ideia dessa "cultura juvenil" (FEIRE FILHO, 2005). A visão, segundo Silva (2016, p. 46) é de que: "Não se tratava de consumo passivo, ao contrário, o processo de formação das subculturas era de natureza conflitiva, sendo permanentemente negociado em face à cultura hegemônica". A dimensão do conflito aparece como elemento orientador das práticas inerentes as subculturas juvenis.

Nos EC, primava-se por avaliar qual função o uso criativo da cultura de consumo assumia diante das instituições hegemônicas da sociedade. As análises buscavam contextualizar as práticas desses grupos, articulando os elementos culturais aos políticos. Os fenômenos ligados às subculturas juvenis eram tidos como interpretações complexas da vida urbana; leituras que os jovens construía, enquanto atores políticos, dos conflitos estruturais entre segmentos sociais. Ou seja, o CCCS concebia as práticas culturais juvenis como "espaços de luta", onde "a dimensão etária se articula às questões mais amplas relacionadas às transformações socioeconômicas e socioespaciais" (SILVA, 2016, p. 44).

Suas pesquisas tinham o foco nas experiências, nas identidades e nas expressividades culturais como formas de resistência às estruturas vigentes de poder. Segundo Stuart Hall (2006), a identidade se realizava em torno de sujeitos diversos, em tempos específicos. Sobre aquele momento específico no qual as subculturas juvenis eram pensadas, podemos dizer que se vivia o primeiro descentramento do sujeito moderno cartesiano. Era o momento do "sujeito sociológico", onde a realidade e a identidade eram concebidas como construções sociais e, nesse sentido, o sujeito possui uma conotação mais social; suas ações seriam, portanto, inseridas dentro das grandes estruturas formadoras da sociedade moderna (HALL, 2006).

Outra crítica dos EC foi direcionada ao marxismo ortodoxo e suas metanarrativas. A perspectiva pós-marxista a que se alinhava os EC se interessava pela experiência cotidiana, considerando as esferas culturais e políticas de forma associada. Nessa visão, não cabe entender as relações sociais a partir de uma grande força, mas sim como forças que se articulam, produzindo representações e sentidos culturais variados, sem hierarquizar uma cultura em detrimento das outras (BRAGA e DUARTE, 2014).

A partir do ano de 1980, começam a surgir revisões dos estudos das subculturas juvenis. Os chamados estudos pós-subculturalistas instauram uma posição diferente e crítica diante de seus precursores, revisando os temas, pressupostos e a metodologia da CCCS³⁶.

Apoiados em teorias pós-modernas, como a Sociologia do Gosto de Bourdieu, a Teoria da Performatividade de Butler e o Tribalismo de Maffessoli, os estudos pós-subculturalistas assumiram uma nova perspectiva. Outras terminologias são elaboradas, tais como: "canais; subcanais; redes temporárias de subcorrentes; cenas; comunidades emocionais; culturas *club*; estilos de vida; neotribos". "Em substituição ao conceito de subcultura, cujo valor heurístico - alega-se - solapa diante das mutáveis sensibilidades e múltiplas estratificações e interações de culturas juvenis do pós-punk" (FREIRE FILHO, 2005, p. 142).

Nesse período, a identidade ganha contornos subjetivos. O "sujeito pós-moderno" é o que caracteriza esse momento; segundo Hall, este seria o segundo descentramento do sujeito moderno cartesiano, o qual corresponde aos modos de vida plurais e seus sujeitos fragmentados, descentralizados em identidades múltiplas (HALL, 2006).

Uma das críticas feitas pelo pós-subculturalismo recaía sobre o aspecto de que nem toda subcultura era baseada em proposição alternativa aos ditames dominantes; seria esse o caso, por exemplo, das subculturas espetaculares. Estas, não se organizariam em função da produção de mudanças sociais. Freire Filho (2005, p. 145) enfatiza que "sem meta ou ação política mais generalizada e organizada, as subculturas juvenis da classe trabalhadora não podiam sustentar-se por longo período de tempo; não conseguiam crescer, convertendo-se em genuínos movimentos de massa, aptos a produzir mudanças estruturais de larga escala". Suas ações criavam modismos, atraíam a atenção da mídia e de instituições dominantes, produziam críticas sobre os padrões morais hegemônicos e sobre os modos de subjugação e exploração dos trabalhadores, mas pouco tinham o efeito de causar transformações na realidade.

Nesse período, os pós-subculturalistas, sem uma narrativa única e nem teorias próprias, destacavam a condição de que os grupos juvenis estavam cada vez mais tragados pelos ideais liberais, como o consumismo, e menos envolvidos na produção de práticas resistentes propositivas. Para essa linha de pensamento, o que existiam eram práticas juvenis mais associadas ao prazer do que a política.

³⁶ A abordagem teórico-metodológica dos EC era interdisciplinar/antidisciplinar, no sentido de não fomentar a produção de um conhecimento fechado ou rígido; buscava, além disso, valorizar os estudos etnográficos. Os EC não se configuram como uma disciplina, antes, como uma área na qual diferentes disciplinas agem sobre múltiplos objetos de estudo, todos ligados a aspectos culturais da sociedade contemporânea. Em comum, havia a crítica aos padrões textuais divorciados dos contextos nos quais se desenvolviam as práticas culturais.

Nesse processo interpretativo oposto, entre subcultura e pós-subcultura, o que se percebe é que, enquanto em uma, a associação da cultura com aspectos políticos retira do foco as questões mais subjetivas, a outra se volta para o conteúdo individual das relações e, com isso, atribui menos peso ao caráter político das experiências juvenis. Por fim:

Enquanto o foco dos teóricos de Birmingham se concentrava nas estratégias estéticas, nos rituais de consumo dos jovens da classe trabalhadora, os pós-subculturalistas de filiação pós-moderna costumam enfatizar o "hedonismo", o "individualismo", o "cinismo", o "pessimismo", o "niilismo", o "consumismo" e a "apatia política" dos membros flutuantes das neotribos, num cenário de relativa indeterminação estrutural, amplificada saturação midiática e múltiplas possibilidades de identificação (FREIRE FILHO, 2005, p. 148).

No Brasil³⁷, muitas pesquisas foram inspiradas pelas teorias utilizadas nos Estudos Culturais da Escola de Birmingham, principalmente as posteriores aos anos de 1970. O foco das pesquisas, no Brasil, era sobre os estilos culturais dos jovens, na maioria, das periferias urbanas. Mais especificamente, para as formas de manifestações artísticas e de organização de grupos urbanos, tais como os jovens do *funk*, do movimento *hip-hop*, a galera de roqueiros, os *punks* e os *darks* e, atualmente, os coletivos e as tantas outras formas de colaboração em redes. Enquanto na Inglaterra as conexões eram feitas em torno dos temas juventude, cultura e política, no Brasil, estas ficaram mais concentradas entre juventude e cultura³⁸.

Sobre a nossa tese, nas primeiras idas aos campos, quando eu ainda observava de longe, minhas percepções estavam voltadas para o reconhecimento de grupos juvenis frequentadores dos lugares. Naqueles momentos, não pude perceber quais e quantos grupos existiam nos espaços, tamanha era a fluidez de contatos e movimentação entre eles. Após as aproximações iniciais, pude ter impressões diferentes. Nas oportunidades de convívio próximo, observei que apesar de existirem pessoas com signos que as identificavam a determinadas linguagens, todos eles formavam agrupamentos, interagindo de várias maneiras, ora conversando, ora disputando, ora paquerando, ora dançando.

³⁷ Vale destacar que no Brasil, com a aprovação em 2010 da Proposta de Emenda Constitucional nº65, conhecida como PEC da Juventude, o termo "jovem" passa a ser incorporado ao texto da Constituição Federal e a representar os brasileiros com idade entre 15 e 29 anos completos. Dentro desse intervalo de idades, se estabelecem subdivisões, sendo elas: a) o jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos. b) o jovem-jovem, com idade entre 18 e 24 anos. c) o jovem-adulto, com idade entre 25 e 29 anos. Em 2013 entra em vigência o Estatuto da Juventude; instrumento legal de promoção e proteção dos direitos dos jovens brasileiros (BRASIL, 2010).

³⁸ Importante ressaltar, entre trabalhos mais clássicos e recentes, obras realizadas em outras capitais e em Salvador. No Rio de Janeiro, Hermano Vianna (1988), em São Paulo, Tiaraju (2013) e em Salvador, Célio José dos Santos (2012), dentre outros.

Na literatura brasileira sobre o tema, os grupos e as galeras juvenis são concebidos como entidades com signos próprios que os determinam e diferenciam dos outros grupos. A concepção é de que são grupos de pessoas que se relacionam de modo similar, compartilhando uma identidade comum, apoiados em gostos, gestos, expressões e práticas semelhantes. Em alguns casos, possuem uma territorialidade específica, como por exemplo, os grupos de esquina. Em outros, têm sua origem em função de rivalidades e conflitos entre grupos, como por exemplo, galeras de times de futebol, gangues de bairros distintos, etc.

A questão aqui é, então, posicionar a pesquisa entre alguns destes estudos e suas perspectivas analíticas. Abramo (1996), ao analisar o grupo juvenil dos *punks* em São Paulo, na década de 1980, discute como, no Brasil, um tipo de grupo formado por jovens de bairros periféricos inspira toda uma geração.

Pode-se dizer que, de forma geral, o imaginário e o comportamento dos grupos juvenis nos anos 80 foram bastante marcados pelas questões lançadas pelos *punks*. Principalmente a proposta de uma atuação – em vez de passividade – no próprio campo do lazer e do consumo, expressa pelo “faça a sua música, o seu estilo, não se acomode na postura de um espectador passivo” (ABRAMO, 1996, p. 84).

A crise do futuro dos jovens no Brasil era uma questão latente nesse período, em que existia uma frustração nas instituições educacionais do país, uma crise econômica, reestruturação política e o esmorecimento de concepções de mundo ligadas à cultura alternativa como forma de contraposição a crescente indústria do lazer e do consumo juvenil.

É nesse contexto nacional e influenciada pelos estudos culturais da Escola de Birmingham, que Abramo (1996) adentra no estilo de vida de jovens *punks* e constrói uma noção de grupos juvenis. Para ela, trata-se de formações coletivas com um estilo próprio, “com espaços específicos de diversão e atuação, elegendo e criando seus próprios bens culturais, sua música, sua roupa, buscando escapar da mediocridade, do tédio da massificação e da própria imposição da indústria da moda” (ABRAMO, 1996, p. 83). Estes jovens, em seu grupo de identificação, diferenciam-se em seus modos de manifestação na cidade, criando atitudes próprias de atuar no meio urbano, logo, produzindo territórios juvenis.

A autora relata que “Depois dos *punks* vieram os carecas, os metaleiros, os *darks*, os *rappers*, os rastafáris, os *rockbillys*, etc., pondo em evidência a grande diferenciação e fragmentação que atravessa a juventude” (ABRAMO, 1996, p. 83). Os grupos, nesse sentido, são formações culturais relativamente fechadas, com um grau de coesão interna, possuidores de normas comportamentais específicas para o estabelecimento de vínculos estáveis entre os membros do grupo. São, portanto, formações detentoras de estruturas organizativas,

perpassadas por questões de apropriação de territórios da cidade e definições ideológicas compartilhadas por todos do grupo.

Magnani (1992), assim como Abramo (1996), elaborou importantes reflexões acerca das dinâmicas urbanas de grupos juvenis paulistanos na contemporaneidade. Ele construiu uma discussão crítica sobre o uso do termo “tribos urbanas”³⁹, bastante utilizado nos estudos acadêmicos e também nos meios de comunicação, questionando se esta forma de agrupamento se configura como uma categoria ou é apenas uma metáfora. Para ele, o que ocorre é o empréstimo do termo, utilizado no estudo das sociedades tradicionais, reconfigurado como meio de definir um fenômeno marcante das relações urbanas nas sociedades modernas e as suas múltiplas cosmologias.

A referência aos estudos etnológicos feita por Magnani (1992, p. 49), salienta que “trata-se de um pacto que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais”. Já as chamadas “tribos urbanas” se referem usualmente como sendo o contrário de tal concepção. “Pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades” (MAGNANI, 1992, p. 49).

De acordo com o autor, a dinâmica urbana guarda uma multiplicidade de sociabilidades juvenis, estabelecendo pequenos recortes, revelando símbolos e marcas de uso e sentidos restritos. Portanto, são termos que significam formas sociais distintas. A utilização do termo “tribos urbanas” aciona contextos com os quais não se intenta aludir. No contexto das sociedades tradicionais, as tribos apontam para o estabelecimento de alianças mais amplas, enquanto que nas sociedades contemporâneas, designa particularismos.

Há, nesse caso, uma conjunção de grupos cujos integrantes fazem parte de inúmeras realidades, assumindo muitos papéis. Magnani (1992), dessa forma, avalia que a participação nas “tribos urbanas” ocupa uma parte de seu tempo e acontece em determinadas cenas.

Na nossa pesquisa, a busca por estar entre pessoas diversas, atravessando agrupamentos, é o que de mais forte existiu entre os jovens. Em nenhuma conversa e encontro houve uma distinção por grupos ou mesmo barreiras que os isolassem de outros

³⁹ O termo é uma referência ao trabalho de Maffesoli (1987) sobre as “tribos urbanas” e sua “nebulosa afetual”. As “tribos” seriam a concretização do sentir em comum, para o viver em comunhão de sentimentos, ou seja, a vida social seria guiada pela lógica da “estetização da existência”. Tais manifestações seriam observadas no cotidiano e na realização do ideal comunitário tão observado pelo autor. Esse ideal vislumbra um mundo compartilhado, um mundo cheio de estilos que se combinam, concretizando processos grupais de entendimento. O mundo moderno, sob tal contexto, seria uma grande “tribo” formada por uma multiplicidade de outras tribos menores. Com relação a nossa discussão, assim como o conceito de grupos e galeras, o de tribos também se aproxima da ideia de território.

agrupamentos. As vivências vão se misturando, ainda que, entre os jovens moradores de periferias, nem todos concordem entre si sobre seus gostos, modos de vida e estéticas. Os agrupamentos são permeados de jovens com diversas experiências de ocupação dos lugares e modos de ser particularizados pelos seus movimentos na cidade.

Em outro estudo, Magnani (2005) desenvolve a noção de “pedaço”. Este vem carregado de conotações que indicam ser um lugar intermediário, nem totalmente público, por possuir inscrições simbólicas específicas aos frequentadores do lugar; nem totalmente privado, por não ser fechado aos laços familiares ou isolado fisicamente. Ocupar um “pedaço” significa compartilhar experiências concretas; por sua vez, também inscreve peculiaridades demodadas de ser, “há uma totalidade vivamente experimentada tanto como recorte de fronteira quanto como código de pertencimento pelos integrantes do grupo” (MAGNANI, 2005, p. 6).

Magnani (2005) é o antropólogo que articulou sobre o fenômeno dos “pedaços” se deslocarem para partes centrais da cidade, mas aqui temos um elemento diferenciador. Nossa experiência é de que os agrupamentos se formam em lugares de moradia e vizinhança, mas também entre espaços centrais e das orlas da cidade. Outro aspecto diferenciador é o caráter fluído dos encontros; há uma disposição para estar entre pessoas amigas e ter a oportunidade de conhecer outras. São combinações relacionais que se fazem mesclando encontros, como chamam, “aleatórios”. Os agrupamentos, com isso, tem a característica de serem arranjos relacionais abertos ao novo jovem.

Os rearranjos os caracterizam e, as novas pessoas que chegam, juntam-se, não necessariamente aderindo a um grupo específico. Os agrupamentos não são estanques e definitivos, os encontros não são os mesmos, porque as pessoas nunca são as mesmas. Os jovens estão dispostos a estarem com novas pessoas para além de traços grupais distintivos.

Há, entre eles, uma mobilização para que novas pessoas se misturem aos “rolês”. Sendo assim, mais do que pensá-los em grupos diversos, o que pude perceber eram agrupamentos de práticas coletivas entre jovens, que se deslocam para os encontros que geram novas possibilidades de ser com outros jovens, seja em seus bairros, proximidades destes ou fora deles. As interações, em sua maioria, mostraram-se sendo entre pessoas predominantemente advindas da periferia da cidade⁴⁰.

O que se verificou foi bem diferente de uma mera soma de estilos ou junções com pouca expressividade no meio urbano. Sobretudo nos lugares públicos das orlas, os espaços

⁴⁰ Jovens de classes diferentes compartilham os mesmos espaços, sentam para beber e conversar na calçada da orla do Rio Vermelho, mas os contatos entre os jovens de classes diferentes, quando existem, são mais por disputas de performances de dança, paqueras ou pela presença nos lugares e menos por interações mais próximas íntimas.

territorializados por eles e elas se fazem entre agrupamentos que se montam constantemente como combinações plurais. Estilos e identidades se encontram numa mistura de símbolos, mas também se fazem como cruzamentos de histórias de vida que possuem em comum a violência estrutural do racismo, da marginalização de seus lugares de moradia e convivência na cidade e da deslegitimação de suas representações.

Os agrupamentos juvenis são considerados flexíveis, não só por manterem características de serem perpassados por fluxos entrecruzados de pessoas e serem abertos a novos contatos (preferencialmente com outros jovens também de periferias), mas também por serem móveis. Os jovens, nesse sentido, podem ser vistos como vetores flexíveis que se cruzam pela cidade, sofrendo a ação de outras ações e processos, bem como, interferindo nestes. A vida urbana é mutação, transformação e inter-relação constante; e mesmo não sendo a recorrência para estar além do bairro tão frequente para todos os jovens, é nessas movimentações que os encontros sociais possibilitam que os mesmos interajam com uma variedade maior de forças.

Não quero com isso preconizar que os grupos, tal como concebido nos estudos acima, não existam nos lugares desta pesquisa, mas, sim, que as análises feitas até então - após estar ao lado dos mesmos -, foram de que se fazem ali socialidades múltiplas entrelaçadas por pessoas diversas, para além dos grupos que possam os identificar. A tese permite que atualizemos as discussões sobre os grupos e galeras de jovens, quando compreendemos que, para além de delimitações intragrupos, o que se percebe são vazamentos⁴¹ de fronteiras.

Mais do que grupos, são encontros de jovens que ocorrem pela cidade, dentro e fora dos bairros de moradia; são, como estamos chamando, *agrupamentos juvenis flexíveis*, celebrando práticas urbanas abertas, móveis e plurais entre lugares de Salvador. Nesse sentido, os agrupamentos são como “coisas vivas” em constante movimentação. O que garante tal propriedade vital são as suas características principais, ou seja, pelas movimentações urbanas serem perpassadas pelas dinâmicas espaciais, atravessadas por fluxos de jovens oriundos de periferias diversas da cidade e permeadas de múltiplas identidades.

As pesquisas que se desenvolveram no Brasil olharam para formas de expressão da cultura juvenil e suas "diferentes modalidades do ser jovem nas metrópoles brasileiras"(SILVA, 2016, p.41). Para os EC, era a perspectiva de classe articulada às problemáticas envoltas nos elementos estruturantes da sociedade inglesa pós-guerra que

⁴¹ Se atribuirmos aos agrupamentos um caráter de "coisa", nos termos de Ingold, pensaríamos estes como sendo uma substância: "porosa e fluída, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente" (INGOLD, 2012, p. 25). Para o antropólogo, é no vazar que descortina-se a vida das coisas, e não em sua captura ou contenção. As coisas estão vivas, em movimento, agindo, portanto, elas vazam.

norteavam os interesses acadêmicos. Aqui, no âmbito da Antropologia, foram as esferas mais ligadas ao lazer e as linguagens artísticas que se firmaram como dimensões privilegiadas de análises. A crítica feita por Silva (2016) é de que as pesquisas pouco se dedicaram a pensar as implicações dessas dimensões com fatores como a segregação urbana, o racismo, a violência, dentre outros.

O nosso trabalho, longe de ter um caráter macrossocial ou generalista, pôde discutir alguns aspectos sobre as condições periféricas através das vivências móveis de jovens moradores de periferias da capital baiana. Com isso, a proposta é de que a categoria *movimentação juvenil* apareça como recurso teórico dotado de potencial analítico disponível na realidade em questão, a fim de acrescentar conteúdos relevantes à discussão do viver urbano em Salvador.

E assim como a CCCS, a perspectiva da pesquisa é de transgressão a noções teóricas e metodológicas que discutam sobre os jovens de periferias como um conjunto uniforme. Os territórios juvenis, por mais que sejam apropriações espaciais que são percebidas através das práticas existentes entre os agrupamentos, em nada se apresentam como uma reunião coerente e composta por expressividades ou identidades iguais. Os agrupamentos juvenis se manifestam, até então, como disposições heterogêneas e plurais de estarem entre lugares da cidade.

3.2 “Rolê”: movimentações urbanas interconectadas

A ideia de discutir as histórias das movimentações urbanas de jovens das periferias surge da hipótese de que estas não estão, majoritariamente, confinadas em seus locais de moradia. Tal pretensão de pesquisa demandou pensar como eram vividas as condições urbanas de movimentação de jovens pelos espaços de Salvador. O “rolê” é a manifestação oral mais recorrente em suas narrativas. É a partir dele que pensamos em seguir seus descobrimentos de caminhos entre lugares da cidade.

Os “rolês”, para alguns jovens - aqueles que possuem suas redes de relacionamentos e deslocamentos mais restritas ao seu local de moradia e regiões de entorno -, dizem respeito às movimentações que envolvem o encontro com outros jovens, em momentos de descontração ou mesmo de exercício de atividades que lhes proporcionem momentos de prazer em conjunto.

Para os jovens que mantêm uma rotina de maior deslocamento por espaços da cidade, o “rolê” está associado ao ir para além da região onde moram. Nesses casos, é comum que os

lugares do centro da cidade sejam envolvidos, bem como os espaços valorizados e de ampla e diversificada origem de seus usuários, como as orlas, os parques, os largos e algumas avenidas. Para esses jovens, “estar de rolê” pressupõe uma constante preparação para o deslocamento, ou seja, ter meios de custeio com transporte e com as necessidades de permanência nos lugares, no caso das noites na orla do Rio Vermelho, por exemplo, com bebidas e cigarros.

Com isso, não existe uma determinação conceitual única do que seja “estar de rolê”. Esta vai depender das relações que os jovens mantêm com os espaços urbanos. Mas, em comum, podemos pensá-la como práticas sociais que pressupõem deslocamentos urbanos, em graus diversos, envolvendo experiências de encontros sociais que geram tanto disputas pela ocupação dos espaços, quanto produzem “agrupamentos juvenis flexíveis”.

As pessoas não se movem por espaços abstratos, mas sim, através de caminhos. O espaço, para Ingold (2015, p. 212) é um vazio, um “não mundo, como ausência, em vez de copresença”. Com base nisso, o autor quer dizer que o lugar não existe no espaço, ele é o “chão da experiência real”, bem dizer, o lugar é ao longo do caminho; “só podemos viver, e conhecer, em lugares”. A vida não existe dentro de lugares, mas em torno, de um para outro; ela existe num peregrinar e nos rastros que o agir deixa ao longo do caminho. É quando as vidas se cruzam e os nós se atam. “Lugares, então, são nós, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação” (INGOLD, 2015, p. 220).

O “ator-perceptor” ao descobrir caminhos e “mover-se de um *lugar* para outro em uma *região*” (INGOLD, 2015), experimenta relações por onde passa, ao mesmo modo que preenche sua existência de orientações espaciais variadas, construindo, a partir daí, imagens dos lugares. A imagem que cada pessoa forma do ambiente é fruto de um complexo processo de movimentação, observação e experimentação, ou seja, ao longo das jornadas vivenciadas.

Nesse sentido, o campus da UNEB, a Praça do Retorno, as orlas em questão, as passarelas para a prática do rapel, os largos e parques para as batalhas de *rap* e saraus de poesia, dentre outros, são lugares construídos pelas vivências entre jovens em seus movimentos conectados. Esses jovens se conectam na medida em que se tornam condutores de novos encontros, quando um leva o outro para estar entre lugares, fora e dentro do bairro de moradia, com pessoas com quem experimentam relações já conhecidas e também outras não conhecidas. Nesse trânsito, desenvolvem um maior conhecimento dos caminhos, ligam trilhas percorridas e estendem suas teias de relacionamentos pela cidade.

Numa perspectiva ecológica, Ingold (2005) argumenta que “descobrir-caminho” é mais do que seguir um “esquema cognitivo” predeterminado pelo saber de informações gerais e

coordenadas, quase sempre invariáveis, contidas em mapas; é aventurar-se pelas rotas possíveis, “sentindo” os entrecruzamentos dos itinerários e, assim, contribuindo para a formação contínua do ambiente: “Assim, descobrir-caminho comum assemelha-se mais a contar histórias do que utilizar um mapa” (INGOLD, 2005).

Na oportunidade em que estive com alguns jovens em seu trajeto urbano, a maior preocupação deles era justamente saber por quais caminhos seguiriam o transporte público. Em uma noite de domingo, após as 18h, saímos de uma batalha de *rap* na Praça do Retorno em Narandiba e seguimos com alguns jovens para a orla da Barra. Éramos oito pessoas: três dos jovens que estavam na Praça e alguns moradores conhecidos do bairro da Engomadeira com os quais nos juntamos. No ponto de ônibus da Praça, existem duas linhas que levam à orla da Barra, cada uma segue um trajeto diferente. O grupo optou por entrar no primeiro que passasse mesmo sendo o de percurso mais longo, afinal, era domingo e a frota de ônibus público é reduzida em 50% de sua capacidade.

Ao avistarmos o transporte, seguimos para a entrada. Dois jovens entraram pela saída do veículo, sem pagar o valor da passagem. Sentados, todos no fundo do coletivo, a primeira questão era saber por aonde iríamos. Um jovem, depois de perguntar a uma passageira, explicou-nos todo o percurso, afirmando que iríamos dar uma grande volta, sairíamos pela Avenida Paralela, Rodoviária, Iguatemi, Caminhos das Árvores, orla da Pituba, do Rio Vermelho, de Ondina e, por fim, da Barra.

Figura 26 – Mapa do trajeto



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Ao longo desse caminho, eles iam dizendo por onde estávamos passando, principalmente os lugares públicos: praças, parques, algumas avenidas. Um deles lamentou a demora, os dois que mais conheciam os caminhos lembravam experiências vividas em dias de praças, festas e passeios em alguns desses lugares e os outros permaneciam sempre observando tudo que se passava lá fora. Entre eles, os trajetos percorridos são percebidos, seus deslocamentos entre lugares são acompanhados de uma atenção aos seus acessos e vias.

A existência humana desdobra-se ao longo de caminhos como malhas que se entrelaçam em nós. A pessoa e suas linhas vitais existem em um mundo sempre em construção, agindo no mundo e sofrendo a influência deste mesmo mundo. “Mas estas linhas não estão contidas dentro de casa tanto quando fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós. Juntos eles formam o que chamei de malha” (INGOLD, 2015, p. 220).

Cabe observar os jovens em seus “rolês” pela cidade como “habitantes peregrinos” na malha urbana, como indica Ingold (2015), visto que as pessoas não existem confinadas em lugares, suas experiências podem construir horizontes irrestritos. A noção de “peregrinação” pressupõe um engajamento da pessoa no mundo, sendo esta uma construtora de “malha de linhas”; em contraposição, ao “transporte” que requer destinos orientados com precisão, como rotas prescritas de direção. Para Ingold “peregrinar é o nosso modo mais fundamental de estar no mundo” (INGOLD, 2015, p. 224). Os jovens das periferias, em algumas situações, estariam peregrinando pelos lugares da cidade como linhas numa malha.

Os “rolês” acontecem entre os “agrupamentos juvenis flexíveis” seguindo práticas urbanas, dos tipos: culturais, artísticas, de lazer, corporal e política. Acima de tudo, são práticas urbanas em constante recombinação, voltadas para conectar pessoas, seja no rapel, seja na batalha de dança e de rima, seja no encontro para o lazer, seja onde for para o que for; conhecer é a maior expressão comum entre todas as experiências juvenis até então.

As movimentações desses, por menor que sejam, são abertas. Suas vivências, em agrupamentos de jovens, permitem que outros se agreguem, cheguem e vivam apenas um encontro, fazendo-os sempre renováveis, ou permaneçam como amigos mais frequentes nos “rolês”. Suas vivências na cidade os levam para novas pessoas mais do que para novos grupos. Os jovens se relacionam e conhecem outros jovens com experiências particulares de deslocamento na cidade.

Em outro trabalho sobre o tema, Silva e Leite (2013), ao buscarem compreender as experiências de deslocamento de jovens moradores de favelas pacificadas na cidade do Rio de Janeiro, discutem o acesso que estes têm à cidade. O debate traçado por eles constata que a

experiência urbana desses jovens é extremamente restrita. Seus deslocamentos são mais concentrados no próprio bairro de moradia ou proximidade, sendo os percursos maiores percorridos de ponto a ponto. O perímetro de circulação, quando existe fora do bairro, fica limitado entre rotina de trabalho, escola, família e amigos. Os percursos dificilmente sofrem desvios ou geram novas possibilidades de circular pelos caminhos da cidade.

A nossa discussão possui objetivos comuns aos de Silva e Leite (2013) e, a cidade de Salvador, assim como a do Rio de Janeiro, conformaram espaços com modelos de urbanização semelhantes, “que conjuga proximidade espacial e distância social”. No caso da tese, o “rolê” dos jovens é uma importante motivação para que os mesmos estejam em movimentação pelos espaços urbanos. A prática do *rap*, do rapel, a fotografia, a dança, a disposição de estar entre agrupamentos juvenis, são usos da cidade que proporcionam aos jovens viverem experiências entre os lugares, assim como construir territórios juvenis itinerantes.

Tais práticas são vividas em espaços dos bairros e proximidades, como a Praça do Retorno em Narandiba, mas em muitos casos, esses usos móveis do urbano se fazem em espaços fora dos bairros de moradia, mais especificamente, em orlas de Salvador. Para os jovens moradores do Nordeste de Amaralina, a proximidade com a orla é um fator que facilita estar no lugar com mais frequência, mas assim como verificado por Silva e Leite (2013), o recurso para o deslocamento entre os jovens que moram em regiões distantes é um aspecto que impede os deslocamentos constantes para as mesmas.

Nesse sentido, sair de uma periferia distante das orlas da Barra e do Rio Vermelho não se faz com mais recorrência pela dependência que os jovens têm em garantir a quantia de dinheiro necessária para os transportes de ida e volta e, para muitos, a bebida no local. Por esse motivo, ocorre de optarem por aguardar o dia amanhecer para que possam voltar de transporte público para seus bairros, uma vez que outro tipo de condução não seria viável financeiramente.

Os encontros vividos os conduzem a novas possibilidades de conhecer pessoas e, do mesmo modo, a novos lugares. Os “rolês”, sejam eles mais próximos ao local de moradia ou nem tanto, também conduzem os jovens para outros lugares. Estar de “rolê” já é um indicativo de estar envolto em algum tipo de movimentação. Ademais, certos usos móveis do urbano os conduzem a experiências que os permitem conhecer locais mais centrais, no caso de periferias distantes do centro e de regiões das orlas da cidade, e a se conectarem, sobretudo, aos espaços não periféricos.

Para alguns jovens da tese, a movimentação por Salvador requer “aprender a sair” do bairro. Isso significa que precisam adquirir conhecimento de por onde devem andar pela cidade para chegarem aos lugares desejados, quais transportes acessarem, em quais pontos de ônibus devem ficar e saltar para seguirem seu caminho. Danilo (21 anos, Bairro da Paz), na oportunidade de um “rolê”, teve de ir sozinho de seu bairro para a Estação da Lapa e de lá seguir à Praça da Piedade, tendo enfrentado dificuldades na segunda parte do deslocamento. Seu percurso foi feito da estação de metrô de Mussurrunga à estação de metrô da Lapa; o restante do trajeto deveria ser feito a pé, seguindo as ladeiras estreitas e ruas da Piedade que levam à Praça. O jovem, sem saber como chegar, pediu orientações para algumas pessoas, mas sentindo que poderia não seguir muito bem as instruções, preferiu entrar em contato comigo e esperar a minha chegada na própria Estação da Lapa. O jovem já havia estado no Centro da cidade e até mesmo na região da Piedade, porém sempre acompanhado de muitos amigos que conheciam a região ou em ocasião do Carnaval de Salvador e, por esses motivos, não se preocupou em ficar atento aos percursos.

Ingold (2005) pensa o movimento como fluxos. O processo de conhecimento do ambiente é, na visão de Ingold (2005), o mapear de trilhas e itinerários a partir da exploração dos caminhos. O mapeamento existe no caminhar, no “descobrir-caminho”, e na possibilidade de mobilidade e continuidade que a circulação traz, transformando as percepções dos lugares em permanente construção de conhecimento sobre “regiões”. Para ele, mapear é conhecer e o conhecer é regional. A “região” é mais do que uma junção de lugares formando uma estrutura ordenada de espacialidades delimitadas. É sim, uma teia entrelaçada por lugares, constituindo o ambiente; “os lugares existem não no espaço, mas, como nós, em uma matriz de movimento” (INGOLD, 2005, p.83), unindo idas e vindas.

Outro aspecto analítico, que emerge da necessidade em ter de “aprender a sair”, diz respeito a uma condição urbana que atinge mais intensamente as rotinas de movimentação dos jovens de periferias. Para estes, os percursos, principalmente quando feitos sem a companhia de um amigo que conheça o trajeto, devem ser feitos com cautela e munidos de determinadas informações sobre a dinâmica urbana. Uma informação tida como imprescindível por quase todos os jovens da pesquisa, foi sobre qual é a facção de comando do bairro ou região onde querem ir. As guerras entre as quatro principais facções que atuam pela cidade de Salvador e Região Metropolitana interferem na movimentação dos jovens pela cidade e, principalmente, se esta circulação se der entre periferias.

O conhecimento sobre como as facções repartem a cidade em áreas de comando rivais gera medos e insegurança na movimentação dos jovens moradores de periferias, sendo eles

atrelados ou não à atividade de venda de drogas; esse conhecimento é o que faz com que estes decidam se é seguro ou não ir e estar em certas localidades. Por esse motivo, eles evitam frequentar outras periferias, principalmente se forem comandadas por grupos rivais aos de seu local de moradia. Entre os jovens, principalmente os rapazes, foi raro existir movimentação destes por outras periferias que não as que eles habitam. Nesse contexto, os jovens buscam os espaços da orla para se encontrar e viver experiências diversas.

Portanto, a condição urbana de ter que “aprender a sair” é compreendida como um elemento no processo de conhecimento das regiões urbanas e seus caminhos. Nesse processo, os jovens trocam informações sobre suas experiências urbanas, orientando ou até mesmo acompanhando uns aos outros em seus deslocamentos. Logo, tal condição exige dos jovens o compartilhamento de seus aprendizados ao estarem entre lugares.

Em outro ponto da discussão, os autores Silva e Leite (2013), nos trazem a noção de “pontos nodais de interação”, locais públicos com certa proximidade das favelas, mas que por conta disso não são ocupados por pessoas de fora dela. Sendo assim, são espaços com características ocupacionais mais homogêneas e de quase nenhuma copresença com jovens de outras classes sociais. Segundo os autores, nesses contextos espaciais, os jovens se sentiriam mais confortáveis e menos expostos a situações de preconceito. Nas ocasiões de copresença, circunstância mais comum entre jovens de origens de moradia distintas em espaços mais distantes das favelas, os autores relatam ser inexistente a comunicação entre eles, em suas palavras: “Também foi recorrente a afirmação de ausência de interação, em situações de copresença, com jovens de outros segmentos sociais, presumidamente moradores de bairros tidos como ‘regulares’ e não de favela” (SILVA e LEITE, 2013, p. 152)⁴². O desconforto social gerado nesses encontros os levava a evitar os espaços menos próximos das favelas e compostos por diversos tipos urbanos.

Nas orlas da pesquisa de tese foi possível encontrar espaços semelhantes aos “pontos nodais de interação”, como a Praça Manuel Devoto que fica localizada em parte interna do bairro do Rio Vermelho, mas não na orla. Na tese, a praça está localizada no que chamamos de “espaços intermediários”, locais nem dentro das periferias, nem na orla, onde os jovens de periferias compartilham vivências em meio a usuários menos diversificados.

⁴² O presente trabalho de tese não considera a inexistência de interação entre os jovens de periferias e outros usuários urbanos. Os relatos de encontro social demonstraram - por meio de contatos conflitivos, posturas de observação do outro e, em algumas circunstâncias, trocas pontuais e efêmeras - existir sim formas de aproximação entre os jovens de classes sociais distintas. Portanto, mesmo que não sejam interações substanciais, há episódios de experiências de usos espaciais compartilhados.

Porém, a disposição dos jovens está mais voltada para se movimentarem por lugares onde possam encontrar múltiplas possibilidades de estar na cidade, mesmo que entre estas esteja a disputa por espaços e produção do contraste com a montagem de territórios juvenis frequentados por agrupamentos flexíveis, em lugares públicos de orlas valorizadas da capital baiana. Por mais que as situações de disputas ocorram em função de estigmas e preconceitos historicamente estabelecidos no Brasil, os jovens de periferias não deixam de frequentar esses espaços e ocupa-los de seus modos, com seus estilos e identidades.

3.3 “Rolê” e disputas por espaços urbanos

Ao discutir culturas juvenis ao longo dos anos no Brasil e suas influências estrangeiras, Carmo (2001) se lembra dos jovens de origens populares, moradores de favelas e subúrbios do Rio de Janeiro no ano de 1992, que frequentavam, em galeras, as praias de bairros valorizados da cidade. Essa juventude ele chamou de “nada dourada” e recordou: “O arrastão nas areias das praias do Arpoador era a ‘passeata’ de um grupo de adolescentes de rostos não pintados, chamados de funkeiros, que invadiu a Zona Sul do Rio, deixando os banhistas em pânico” (CARMO, 2001, p.168). O episódio lembrado pelo autor, apesar de ser retratado como momento vivido com grande medo pelos banhistas do local, não provocou situações de furtos ou saques. O considerado “bárbaro” dessa situação, pelos moradores da região valorizada, como bem disse Carmo (2001), ficou a cargo de “manifestação de algazarra” entre jovens negros de periferias em local da Zona Sul carioca.

Aspectos citados na narrativa do autor se associam ainda hoje às formas como grupos de moradores de orlas valorizadas da cidade de Salvador e a mídia local encaram as rotinas de frequência nas orlas por juventudes de periferias. Assim, como no episódio da Zona Sul carioca, aqui, as falas de moradores nos grupos das redes sociais, os olhares direcionados a suas presenças, interações e formas de ocupação das orlas, demonstram o descontentamento por terem seus locais de moradia e consumo “invadidos” por jovens das periferias; pessoas que estariam fora de seus espaços urbanos, merecendo, com isso, um tratamento vigilante por parte dos policiais.

A ideia da chegada de um arrastão no lugar de uma galera de jovens se divertindo ao seu modo, na cidade do Rio de Janeiro, é feita para denotar justamente a prática de uma ocupação indesejada, associando suas presenças e práticas à pré-noção de que estariam ali para realizarem atos refutáveis ou ilegais. Já quando se fala em galera de jovens *funkeiros*, a associação entre grupos juvenis e cultura musical das favelas está comumente relacionada aos

jovens que produzem e consomem o estilo musical do seu território, nas periferias ou subúrbios. A ideia de invasão é uma maneira desumanizada de ver essa juventude, que se movimenta pela cidade entre agrupamentos justamente como uma forma de estarem entre os seus, em lugares hostis às suas presenças. A prática dos “rolezinhos” fala muito bem sobre tal estratégia juvenil.

O “rolezinho” é um fenômeno eminentemente formado por jovens das periferias urbanas. Eles começam a ganhar destaque social e midiático a partir do ano de 2013. As juventudes, comumente, buscam andar em pares ou com amigos e conhecidos; nos “rolês”, essa reunião de jovens é ainda maior. O que o caracteriza é um evento peculiar, com grande presença de jovens para além de seus territórios periféricos e arredores, quando as juventudes passam a frequentar os grandes centros de consumo de classe média, que são os *Shopping Centers* e os espaços de convivência pública localizados em regiões valorizadas das cidades, como grandes parques, orlas e avenidas.

Outro aspecto que o torna particular é o uso de dispositivos tecnológicos. Através de redes sociais são combinados grandes encontros entre jovens de várias periferias da cidade com aqueles que desejam se aventurar pelos espaços urbanos; além disso, os jovens exibem *online* as fotos e vídeos dos “rolês” em suas contas pessoais, como forma de se tornarem populares e reconhecidos nos eventos coletivos.

Os luaus⁴³ organizados pelos jovens no Porto da Barra são um exemplo de “rolê” em Salvador com as mesmas características. O encontro possui páginas em redes sociais e reúne jovens de várias regiões da cidade, mas quando destacados na mídia local, os eventos são anunciados como grandes tragédias que terminam em brigas ou tiros⁴⁴. O mesmo ocorre com os paredões, outro tipo de evento que concentra uma grande quantidade de jovens. Nesses casos, que são mais recorrentes nas ruas dos bairros de periferias, os mesmos são combatidos com grande violência pela Polícia Militar. Nas oportunidades em que os jovens tentaram transpor esses eventos para as orlas da Barra e do Rio Vermelho, foram impedidos pelos agentes de Segurança Pública. No entanto, sem a música esses jovens não ficam. Ela fica por conta, no caso do Rio Vermelho, dos ambulantes localizados ao longo de todo calçadão ou nos bares próximos a este e, no caso da Barra, os jovens levam seus sons portáteis para os encontros.

⁴³ São “rolês” que acontecem na beira da praia, na faixa de areia, no período da noite.

⁴⁴Um exemplo é esta reportagem publicada do ano de 2018: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/adolescente-e-esfaqueado-durante-confusao-em-luau-no-porto-da-barra/>

Machado-Pinheiro e Scalco (2014) analisam o fenômeno dos “rolezinhos” na cidade de São Paulo a partir do seu caráter de consumo. Os autores concluem que as pressões sociais discriminatórias fizeram que o “rolezinho” adquirisse atuação política na cidade apresentando como fundamentação uma pesquisa do Instituto Datafolha do ano de 2014, mostrando a aprovação da repressão policial nos eventos pela sociedade paulistana de classe média-alta, que declarava rejeição ao fenômeno e legitimava em seus discursos o uso da violência pela Polícia. Para aqueles consultados pela pesquisa, os “rolezinhos” eram causadores de tumulto nos locais onde ocorriam, por gerarem expressiva aglomeração de jovens. “O grande descontentamento vinha das camadas médias e altas que sentiam a sua paz ameaçada em um lugar até então protegido da desigualdade” (MACHADO-PINHEIRO e SCALCO, 2014, p. 11).

Os “rolês”, em uma parte das situações, levam os jovens para fora de suas periferias, os quais carregam em seus corpos seus modos de ser e interagir. Com os “rolês”, os agrupamentos juvenis passam a ser movimentações entre os lugares da cidade. Assim como afirma Joseph (2018) ser a cidade “domínio da circulação”, acreditamos que com os “rolês” dos jovens de periferias, a cidade, além de ser feita de circulações de pessoas, coisas e ideias, ela também é feita essencialmente de disputas. Os espaços urbanos, nos “rolês”, são constantemente disputados por estes jovens, seja antes de ocupá-los e mesmo quando montam temporariamente seus territórios itinerantes nestes. As relações contestatórias e de competição que estabelecem com os considerados “donos estabelecidos” dos lugares - alguns moradores, alguns jovens brancos, alguns comerciantes, seguranças e policiais - os mantêm em constante estado de vigilância e proteção de seus corpos ocupantes desses espaços.

Ao resistirem às demonstrações de que são sujeitos não desejados nestes espaços e proporem formas outras de ocupação dos lugares públicos das orlas, os jovens se mantêm em meio a composições espaciais marcadas pela diversidade. Por mais que, nestas orlas, permaneçam basicamente entre territórios juvenis, alguns jovens demonstram interesse em interagir com pessoas diferentes e de estar em espaços que propiciem uma variedade de estilos musicais.

As orlas centrais da Barra e do Rio Vermelho são esses espaços de copresença limitada em suas interações, representando a “continuidade de um processo histórico da exclusão dos grupos populares dos centros urbanos de camadas médias” (MACHADO-PINHEIRO e SCALCO, 2014, p. 2-3). Para além, os autores complementam que os “rolês” falam de “dois brasis” que podem estar lado a lado, mas que não se tocam; em referência a elite branca dos bairros bem urbanizados e a população negra das periferias da autoconstrução.

A tese se ampara no conceito de classe social desenvolvida por Bourdieu (2010). Esta designa uma “classe dominante”; “uma população verdadeiramente real detentores dessa realidade tangível que se chama poder” (BORDIEU, 2010, p. 28) em antagonismo relacional a outra parcela da população. Logo, Bourdieu apresenta um conceito que deve ser pensado relacionalmente, ou mesmo como bem compreendeu Serpa: “como um conceito relacional, ‘classe social’ como condição e posição, conceito cuja operacionalização apresenta também repercussões e implicações espaciais” (SERPA, 2018, p.29). Desse modo, entendemos as diferenciações sociais enquanto “relações de força entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social” (BORDIEU, 2010, p. 29).

Para retornar ao debate iniciado e trazendo agora o contexto de Salvador, indicamos a abordagem do tema por alguns estudos⁴⁵ sobre esse tipo de movimentação juvenil. O tema estava voltado para os “bondes”; tipos de galeras de jovens de periferias que circulam em seus bairros de moradia, entorno e alguns eventos e lugares fora do bairro. A dissertação que defendi no ano de 2013 pelo Programa de Sociologia da UFBA, trata desse tipo de galera e suas formas de sociabilidade de rua e os códigos de pertencimento espacial compartilhados. As narrativas analisadas retrataram jovens que mantinham forte vínculo de convivência nos territórios de seu bairro periférico, sendo os momentos de saída em seus “bondes” eventos esporádicos. Em nossas reflexões finais consideramos que:

Os jovens de "bondes" não querem sair pela cidade disfarçados ou anulando suas identidades em meio a multidão urbana. Eles desejam assinar suas presenças com as marcas simbólicas das periferias. A intenção, definitivamente, não é de romper com o conjunto social, ao contrário, é se envolver, mas ao seu modo. Estes jovens reagem de formas jocosas, criativas, muitas vezes pela intimidação, diante dos processos de rejeição ou recusa em compreender suas referências locais como construções identitárias tão autênticas quanto qualquer outra. Ao se movimentarem pelo tecido urbano, eles determinam que sim, fazem parte das múltiplas vivências na cidade e as representam (RIBEIRO, 2013. p. 149).

Em termos semelhantes, Machado-Pinheiro e Scalco (2014) avaliam que os “rolezinhos”, os “bondes”, por mais que tenham se iniciado como encontros para estarem juntos e “curtirem” a partir de suas movimentações pela cidade, foram e são práticas sociais que produzem tensões sociais. Tornaram-se fenômenos juvenis que negam a pobreza como carência e que tem “a apropriação de espaços urbanos e simbólicos da sociedade capitalista e o próprio reconhecimento do racismo sofrido” (MACHADO-PINHEIRO E SCALCO, 2014, p. 15) como atos de contestação política das juventudes de periferias.

⁴⁵ Cf. Duarte (2010) e Moura (2012). Estudos que dialogam com objetos da pesquisa. Ambos discutem o fenômeno urbano juvenil dos "bondes" em Salvador, o primeiro delimita a atuação dos grupos em *shoppings* da cidade e o segundo em suas manifestações públicas por meio da *internet*.

Em termos mais específicos, Silva e Leite (2013) elencam determinados elementos que condicionam a reduzida circulação e experiências dos jovens na cidade do Rio de Janeiro. A limitação de recursos, as situações de preconceito e estigmatização que enfrentam quando estão em espaços frequentados por outras classes sociais e a violência que os atinge tanto por meio das abordagens policiais quanto por aquela gerada com as guerras de facções. Estes são os principais fatores que impedem os jovens de vivenciarem experiências urbanas para além de seus locais de moradia e arredores.

Os autores se apoiam na hipótese de que “mais segregação corresponderia a mais controle repressivo” (SILVA e LEITE, 2013). A sociedade engendra mecanismos, como o racismo estrutural, a estigmatização, a ação opressiva das policiais, como forma de manter os jovens de periferias e favelas restritos a estes espaços.

A nossa pesquisa encontrou pontos em comum, mas uma questão diverge da pesquisa realizada em contexto urbano carioca. Para os autores Silva e Leite (2013), a pouca circulação ocorre em função da repressão intensa exercida pelo Estado e pela sociedade de classes a esses jovens, levando-os a se manterem segregados em suas favelas cariocas. No nosso caso, entre os jovens das periferias de Salvador, o que verificamos foi o contrário. A permanência no bairro deixa de ser uma boa opção com o acirramento cada vez maior da violência repressiva das forças policiais aos moradores das periferias, com o argumento de cumprimento do dever no combate a atividade do tráfico de drogas.

A ação de sair do bairro e procurar por lugares urbanos onde não exista tanto a incidência de operações violentas, provenientes tanto dos agentes de Segurança Pública com o tráfico quanto da guerra de facção - na forma de troca de tiros - fazem os jovens se lançarem em espaços ocupados por diversos tipos de habitantes da cidade. Em Salvador, os lugares públicos das orlas são o mais explícito exemplo das situações de ocupação juvenil.

A ideia de “lugares neutros”, concebida por alguns jovens da pesquisa de tese, se fundamenta na realidade descrita acima. Sendo assim, podemos presumir que as condições de violência cotidiana as quais estão sujeitos os jovens moradores de periferias de Salvador provocam movimentações dos mesmos para espaços urbanos não periféricos. Tal condição urbana, ao mesmo tempo em que gera medo e a vontade de não estar em meio a estas situações de conflitos inesperados, também oportuniza o encontro e certa convivência entre jovens de periferias diversas e, em alguns casos, com facções de influência divergentes: *“aqui (orla do Rio Vermelho) é de boa, quem é de Itapuã a gente convive normal aqui, apesar de ser rival, mas lá nas áreas não, a facção não aceita, mas você pode ir comigo, te apresento aos caras se quiser”* (Jorge, 20 anos, Nordeste de Amaralina).

Nesse sentido, as experiências juvenis se expandem, alargando os espaços de circulação dos jovens de periferias. No caso dos espaços das orlas, mesmo que para os moradores de localidades distantes estes deslocamentos não sejam frequentes, as suas presenças esporádicas já transformam as condições de movimentação dos jovens na cidade e seu conhecimento sobre outros lugares da mesma, além de propiciar o encontro com jovens de periferias diferentes que em outras circunstâncias não seriam muito prováveis de acontecer.

Estar de “rolê” fora do bairro é compreendido como uma possibilidade de deslocamento dos usos juvenis para espaços não periféricos e, na ideia de “lugar neutro”, para espaços com menores possibilidades de opressão policial ostensiva. Desse deslocamento espacial das práticas surgem as instalações temporárias dos territórios juvenis itinerantes e a frequência renovável das interações entre os agrupamentos juvenis.

Apesar de alguns jovens considerarem o “lugar neutro” como possibilidade de uma circulação urbana menos opressora por parte da violência policial, que tem como alvo principal os jovens das periferias, o que podemos observar é que as perseguições a estes mesmos jovens se mantêm nesses lugares, o que nos leva a relativizar tal visão de neutralidade. Igor é um jovem que está sempre atento as aparições de policiais, a ponto de conhecer os horários que transitam em viaturas e a numeração de cada uma delas. A sensação do jovem não é de ter naqueles profissionais pessoas que estarão à disposição de seu bem estar e segurança, mas sim agentes protagonistas de ações que violentam o seu corpo e de seus amigos em várias ocasiões, também fora do bairro.

Os relatos dos jovens dão conta de inúmeras abordagens policiais para averiguação de algo ilícito, sendo frequentemente mais acentuadas nas mediações da orla, nos caminhos que levam a ela. Em uma ocasião em que estive na orla com Igor, o jovem, ao avistar a passagem pela segunda vez de uma viatura policial, disse em tom de voz baixo: *“Essa 12xx tá passando muito por aqui, já tô vendo quando eu tiver voltando, eles me pararem na McDonalds, vou ficar boladão”*. Esse jovem costuma voltar andando para casa, mesmo nas madrugadas, seja sozinho ou com amigos.

O local citado é um trecho do caminho e é de pouca iluminação. A situação de ser abordado pela Polícia não aconteceria pela primeira vez e tanta atenção à circulação dos policiais na noite se justifica pela tensão de não saber como eles estarão intencionados no momento da abordagem policial. Este é um aspecto que permeia os pensamentos de tantos

jovens que carregam consigo a preocupação de terem suas vidas violentadas ou ceifadas por um Estado que mata a população jovem e negra⁴⁶.

Na orla, os veículos oficiais da Polícia ficam direcionados para a calçada ocupada majoritariamente por jovens de periferias e vez por outra as adentram, observando por horas às suas movimentações em toda sua extensão. Em nenhuma ocasião observei esse tipo de ação acontecendo em pontos de pouca concentração dos jovens de periferias. “Os enquadramentos”, como chamam as averiguações policiais, ainda assim se apresentam como situações com menor potencial de risco à vida.

Igor, em referência sarcástica, criou um grupo de *WhatsApp* intitulado de PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), cujo símbolo é um leão. O programa foi concebido pelo departamento de Polícia da cidade de Los Angeles, Estados Unidos, em 1983. No Brasil, chegou em 1992 através da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Desde 2002 se encontra em todos os Estados brasileiros. As atividades são desenvolvidas nas escolas públicas e particulares, através de “mensagens de valorização da vida e a importância de manter-se longe das drogas⁴⁷”.

O grupo criado pelo jovem tem a intenção de promover justamente o contrário. Através desse canal de comunicação, trocam informações sobre certos tipos de drogas, marcam encontros para o uso dessas e de bebidas alcoólicas. Nessas conversas, demonstram ter conhecimento sobre as substâncias, suas combinações possíveis, as formas de uso de cada tipo, os níveis de alteração da consciência, os efeitos que produzem nos corpos e mesmo a origem dos locais onde são cultivadas. Os encontros para o uso acontecem na casa de algum jovem, enquanto seus responsáveis estão trabalhando, nas praias próximas, nos horários de final do dia, na Praça Manoel Devoto, no calçadão da orla ou em eventos no próprio bairro.

A ideia, como bem explica, “*é ficar chapado, não se importar com nada*”. A intenção, ao contrário do que propunha a iniciativa original, é justamente inverter o sentido do uso de

⁴⁶ A revista Carta Capital, no dia 30 de setembro de 2019, publicou matéria em que expunha uma realidade constante na capital baiana. “Em três dias, PM de Salvador matou 15 jovens negros”, todos em operação policial e em ditos confrontos armados, no entanto testemunhas afirmam que os jovens estavam rendidos e desarmados. Esse episódio engloba a chamada “Chacina das Barreiras”, bairro de periferia onde ocorreram as mortes. A tragédia brutal não ocasionou comoção local e nacional e tampouco teve os seus envolvidos julgados como culpados. Esse é um caso dentre tantos outros que ocorrem nos becos e vielas das periferias de Salvador. (<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-tres-dias-pm-de-Salvador-matou-15-jovens-negros-5479>)

⁴⁷ PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Programa_Educacional_de_Resist%C3%A0ncia_%C3%A0s_Drogas_e_%C3%A0_Viol%C3%A0ncia&oldid=60534890>. Acesso em: 27 fev. 2021.

drogas. Como declarado na frase exposta na imagem do grupo, o que os motiva é: *“Por um único dia seremos o que queremos ser, faremos o que queremos fazer!”*. A relação de uso com as substâncias, principalmente cigarros de tabaco, de maconha e com as bebidas alcoólicas, não está associada, como bem preconiza as instituições de segurança pública, à prática da violência.

Nesses momentos, entre eles, os jovens buscam alterar o estado de suas consciências em conjunto, falar sobre os assuntos que lhes interessam, do jeito que são, sem serem marginalizados por isso. O grupo funciona como um mecanismo de construção de momentos de libertação daquilo que os tenta aprisionar e diminuir, de compartilhamento de experiências em que se busca esquecer, pelo menos momentaneamente, as realidades que os fazem indesejáveis, invisíveis, perigosos: *“a gente gosta de falar de música, rap, funk, poesia, de coisas que nos enaltecem”*.

É também um momento de compartilhamento de dores: *“aqui eu consigo, pelo menos por algumas horas, diminuir meus pensamentos de ódio”* (Igor, 20 anos, Nordeste de Amaralina). Nesses eventos, falam de perdas de outros jovens conhecidos, conversam sobre a pessoa, lembram-se dos momentos juntos, dos “rolês” no bairro, das conversas nas lajes de casas, nos bailões. Igor teve o primo que morava em sua casa morto pela Polícia no dia 25 de novembro de 2019. O jovem de 22 anos foi morto nas imediações do bailão que acontecia na madrugada de um domingo no bairro do Nordeste de Amaralina. A dor por essa perda violenta o fez odiar ainda mais *“os homens fardados que destroem famílias com sangue”*. Igor sabia do envolvimento do jovem com o tráfico de drogas local. As suas lembranças são dos momentos em que davam risadas juntos em casa e em dias de lazer com os amigos no bairro.

Silva (2007), em estudo sobre o que dizem os favelados a respeito da atuação do crime e da polícia em sua vida cotidiana, analisa como o direcionamento das ações dos agentes do Estado demonstram o quanto os jovens são percebidos como “potencialmente criminosos”. O imaginário social de que morar nas favelas é ser conivente, em algum nível - seja familiar, de vizinhança, de amizade, com o crime, é recurso utilizado para justificar o intenso controle às populações desses espaços, em especial, aos jovens.

O autor nos lembra o fenômeno de “juvenilização dos bandos de traficantes”, mas exalta o fato de em nada tal dado representar a realidade da maioria dos jovens moradores de favelas, lembrando existir mais entre eles a “convivência que não implica engajamento”. Esse seria o caso de Igor e tantos outros jovens com quem convive. O assunto não foi posto nas conversas de modo direto, mas ficou implícito que os mesmos tem relações de amizade,

conhecidos, familiares, de estar em festas, com outros jovens que se envolvem diretamente com o tráfico de drogas em suas localidades.

As primeiras representações acerca dos locais de moradia das populações pobres se baseavam em concepções de que esses eram espaços desorganizados socialmente; locais da cidade com forte traço de atraso cultural. Mais recentemente, as periferias e favelas são percebidas como os centros dos problemas da violência urbana. O pensamento social brasileiro, com a colaboração de um período das próprias Ciências Sociais, se fundamentou na visão de que periferia e favela são lugares que necessitam de um olhar vigilante, denotando para a sociedade ser esse o espaço da cidade com o caráter predominantemente perigoso e, com isso, autorizando a atuação ostensiva das forças de segurança pública.

No mesmo passo, este pacote interpretativo orienta as práticas extra-oficiais dos policiais no tratamento dos moradores de favela, e implicitamente, delega a eles as decisões a respeito de quando, como e contra quem adotar medidas repressivas mais diretas e duras, liberando-os para ir além do uso da ‘força comedida’ que é sua atribuição institucional (SILVA e LEITE, 2003, p. 551).

Em sua pesquisa, Silva e Leite (2003) verificaram ser a “explosão de violência” causada pelas incursões policiais motivo de preocupação maior para os jovens do que a atuação do tráfico, enquanto fatores causadores de “desestabilização de suas rotinas”. Os jovens das periferias, por serem um dos principais “inimigos” das forças de segurança pública do Estado, sabem dos riscos que correm ao se movimentarem pelos lugares da cidade, ainda mais se esses lugares forem de domínio de uso e habitação das classes altas.

As relações de controle social direcionada aos jovens moradores de periferias nas orlas não são orquestradas apenas pelos policiais, mas também pelos profissionais de segurança de certas casas noturnas, que em alguns casos também são policiais temporariamente afastados das funções do cargo público ou que estejam realizando trabalho extra. Estes atuam mantendo a polícia local ciente de possíveis delitos ou atividades de tráfico que ocorram no interior do estabelecimento ao qual prestam serviço. A relação com estes costuma ser bastante conflituosa, uma vez que os episódios de captura de jovens pelos policiais acionados pelas seguranças das casas comumente são feitos mediante violência física e psicológica.

No espaço da casa noturna particular, atualmente, o mais frequentado pelas juventudes de periferias, houve algumas mudanças na dinâmica de usos. A casa não cobra pelo ingresso no local e não permite a entrada de produtos adquiridos fora do estabelecimento. No ambiente sempre tem som comandado por *DJ's*, tocando músicas dançantes voltadas para o público jovem. O uso da maconha no local é feito por jovens de todas as classes. Em um período

inicial da pesquisa, a presença dos jovens de periferias era grande, mas depois de algum tempo notei a diminuição em sua intensidade. Em conversa com um segurança que controla a entrada e saída no local, descobrimos que houve uma violenta repressão policial a certos jovens frequentadores.

Em um longo relato, ainda com o local sem muita agitação, ele me disse: “Sou policial militar, mas estou afastado de minhas funções por problemas psicológicos, trabalhar aqui para mim é muito melhor do que ficar na rua, mas também aqui tem suas questões, por exemplo, os jovens dessas favelas próximas estavam entrando armado para vender droga, tinha que fazer vista grossa, tenho minha família e prezo pela minha vida, fingia que não via nada, até que chamamos o comando X para resolver isso, é caso para eles. Não deu outra, entraram aqui, levaram uns e pegaram outros por ali (apontava para o calçadão) e quebraram no pau na praia, cadê que eles voltaram de novo? Uns deram uma sumida do Rio Vermelho, mas tem outros que eusei que já estão por aí. Aqui você tem que saber fazer as coisas”. A conversa continuou por um longo tempo, sempre se referindo aos jovens das periferias de maneira geral, como possíveis traficantes, perigos a serem eliminados. Na mesma oportunidade, o segurança/policial, associou as presenças dos jovens de periferias à prática do tráfico de drogas: “Eles chegam aqui, a gente sabe para que, querem fazer o corre deles, mas meu trabalho é coibir isso, estavam demais, se não fizessemos nada, aqui ia virar um ponto de venda (de droga) e poderia acontecer coisa pior. No Rio Vermelho você tem gente de todo lugar, de todo tipo”, esse final faz referência ao receio de enfrentamento entre gangues de facções rivais no estabelecimento. Só deixamos de falar sobre o ocorrido, muito mais eu o ouvindo, quando solicitaram sua presença na entrada para controle das pessoas que chegavam em maior número. Em todas as outras vezes que estive no local, mesmo depois de algumas semanas sem aparecer, ele rapidamente me reconhecia, cumprimentando-me. Não consigo ter certeza porque o homem quis manter aquela conversa com duas pessoas que até então ele não conhecia e falar de questões sobre as quais quase ninguém gosta de abordar, por ser um tema delicado. Estava na companhia de um amigo de seus 42 anos, alto, com porte físico forte, de cor negra, sério e aparentemente bem sucedido, presumi que talvez ele tenha visto nele alguma figura com posição militar ou, para ele, alguém que lhe causava confiança, alguém com quem poderia compartilhar as mesmas visões sobre os jovens de que falava (Diário de Campo/Rio Vermelho).

Logo depois desse evento, voltei ao local, a entrada estava sendo monitorada por detectores de metal. O mesmo segurança controlava o fluxo de pessoas e vez por outra repreendia o consumo da maconha dentro do ambiente. É nítida a diminuição de jovens das periferias, principalmente de rapazes, no local. As juventudes de classe média continuam frequentando e fazendo o uso da maconha no espaço da sacada aberta. Os jovens chegam em agrupamentos separados, os que são das periferias e os que não, comumente as interações entre os mesmos são efêmeras e pontuais.

Nas vezes que pude observar, algumas jovens brancas tentaram contato com jovens negros que dançavam próximos. As mesmas queriam que eles se aproximassem delas e lhes ensinasse os passos de dança, os jovens não aceitaram a aproximação e os primeiros permaneceram observando seus movimentos corporais. Em outra oportunidade pude ver

rapazes brancos buscando informações com jovens negros de onde e com quem poderiam conseguir comprar drogas, no caso a maconha.

Nos “rolês”, os jovens disputam os espaços com vários outros agentes. A ideia de “lugar neutro”, com isso, não carrega em si a presunção de que nas orlas suas movimentações estarão protegidas e serão isentos de enfrentamentos. Nos bairros, existe o conflito mais direto, ocasionando a morte de muitos jovens pelos agentes públicos, além dos conflitos armados oriundos das guerras de facção e das facções com os policiais. Talvez por esse motivo os jovens considerem as orlas do Rio Vermelho e da Barra como “lugares neutros”, mas não por isso são lugares harmoniosos em suas relações.

Assim sendo, o “rolê” na cidade propicia tipos de expansão do urbano na vida dos jovens de periferias. Ao se deslocarem para fora dos bairros de moradia, na maioria dos casos, para lugares públicos das orlas ocupados por classes, gêneros, gerações e raças diversas, os jovens atravessam fronteiras segregacionistas. Nesses espaços, montam territórios juvenis, expõem seus modos de usos da cidade e se relacionam em agrupamentos compostos por jovens de diversas periferias; como argumentam Leite e Silva e Leite (2013), promovem “a flexibilização das fronteiras da cidade”.

3.4 Espaços públicos vivos

As análises dos usos juvenis dos espaços, a partir das orlas de Salvador, são feitas considerando a dimensão pública e de convivência coletiva de suas movimentações urbanas. Os territórios jovens, majoritariamente das periferias, existem na cidade, não somente nos bairros de moradia. Eles se lançam nos lugares urbanos, como as orlas, parques, praças, principalmente em ambientes de rua e de convivência coletiva pública e, em algumas situações, também em espaços privados. Nestes vivem práticas multifacetadas, através de consumo de bebidas alcoólicas, de danças, de namoros, do consumo de drogas, de práticas esportivas, de ações políticas e artísticas.

O domínio público foi uma categoria explorada por Sennett (1998). Em sua obra, o autor buscou entender como a vida pública se tornou um espaço da expressão de intimidades e personalidades individuais.

Em tempos do Império Romano, as aparições públicas eram encenadas como obrigações formais. As relações vividas fora do âmbito familiar eram tidas como responsabilidades cívicas da coletividade. Nos tempos modernos e através das “mudanças concretas do comportamento público, discurso, vestuário e crença”, Sennett (1998) discute uma “teoria da

expressão em público”. Para ele, uma “ideologia da intimidade” surge nas sociedades modernas ocidentais. A cultura pública contemporânea seria permeada por impessoalidade, alienação e frieza, ou ainda, “esta ideologia transmuta categorias políticas em categorias psicológicas (...). A procura pelos interesses comuns é destruída pela busca de uma identidade comum” (SENNETT, 1998, p. 317-319). Nesse entendimento, a tirania da intimidade se constrói no medo do que é estranho e não familiar; “prioriza-se pessoas, em detrimento de relações sociais mais impessoais” (SENNETT, 1998, p. 17). Os sentimentos íntimos ganham expressão pública e ser identificado em sua particularidade é o que mantém os relacionamentos.

Nessa lógica, a organização do espaço urbano moderno, para ele, é reflexo dessa falta de sentido político nas relações públicas. Assim, segundo Sennett (1998), o mundo urbano foi se constituindo em espaços públicos mortos. A noção de público pensada por Sennett pode estar esvaziada de sentido nas configurações sociais atuais, mas rearranjos e novos significados se fazem nos espaços de convivência coletiva. Na Salvador de hoje, as orlas são ocupadas por jovens que as vivem, produzindo sentidos dos mais variados, a prática política atualizada é um desses aspectos que serão abordados no decorrer do estudo.

O predomínio do uso individualizado e sem vida não é a realidade que observamos nos campos da pesquisa. Os espaços são repletos de movimentos de corpos, cruzamentos de identidades, circulação de ideias e disputas territoriais. Os jovens compartilham os espaços entre agrupamentos juvenis e suas ocupações preenchem de vida coletiva os lugares públicos das orlas. As experiências juvenis existentes nesses espaços possuem dimensões para além do uso da política clássica ou de qualquer outro tipo de uso que seja analisado em separado.

O domínio político das apropriações espaciais juvenis é constituído por categorias que devem ser pensadas em seus arranjos sistêmicos e suas interrelações. A política de que falamos não é pura, ela é combinada a outras dimensões da vida (raça, classe, geração, espaço, poder, corpo, afetividades); a outros conceitos norteadores do social.

O caráter conflitivo dos encontros sociais é analisado por Teixeira e Baptista (2015) como elemento atribuidor de vida às relações vividas nos espaços públicos. Para eles, “uma prova da vida nos espaços públicos são os conflitos mais evidentes quando os espaços reúnem grupos de diferentes classes ou etnias” (TEIXEIRA e BAPTISTA, 2015, p. 136).

No caso da tese, nas orlas, admitimos existir interação entre jovens de classes distintas, mas estas se fazem, na maior parte das vezes, de modo superficial e pontual; mais do que isso, é uma convivência permeada por momentos tensos. Em uma oportunidade de campo na noite da orla do Rio Vermelho, um jovem falou em voz alta enquanto passava por alguns jovens

brancos aparentemente de classe média: *“ranço, muito ódio desse povo branco que se acha melhor que todo mundo”*. Perguntei o que havia ocorrido e ele disse que uma pessoa do tal grupo havia jogado copos de plástico no chão. Para ele, a ação deste demonstrava o seu desprezo pelos trabalhadores que irão limpar a rua em seguida. Em outras oportunidades, observava o transitar entre esses encontros com pequenos esbarrões, com declaração de falas provocativas, com olhares de aversão. Enfim, por mais que não houvessem interações duradouras e mais estreitas, a presença de jovens de origens não periféricas não deixava de ser notada por aqueles que o são.

Teixeira e Baptista (2015) criticam o fato das principais teorias sobre os usos dos espaços públicos se apoiarem na ideia de que os mesmos estão vazios ou retraídos de suas funções sociais. Os autores advertem o fato de alguns desses estudos tecerem suas conclusões a partir de análises sobre a crescente privatização da vida das classes médias e altas de cidades brasileiras e seu recente “efeito fortificação”, fenômeno de autossegregação que surge juntamente com o advento dos condomínios de luxo.

A premissa de esvaziamento do sentido coletivo se produz, nesses estudos, em razão do interesse de pesquisa estar voltado para os usos que as elites brancas fazem dos espaços públicos. Teixeira e Baptista (2015) criticam as generalizações dessas teorias, uma vez que se dedicaram muito pouco a refletir sobre os encontros sociais que os espaços públicos propiciam. Nessa perspectiva, os autores entendem que a heterogeneidade de grupos e usos encontrados nos espaços públicos de hoje é o que garante o seu dinamismo.

Também Serpa (2007) considera os encontros sociais existentes nos espaços públicos, mas, para ele, essa possibilidade de convivência não se faz em forma de contato mais estreito. Assim como Serpa, a tese entende os territórios como expressões locais de desigualdades estruturais; expressões de desigualdades que se tocam, mesmo que seja em relações de controle e disputa: “O espaço público revela, em última instância, as profundas desigualdades existentes na cidade contemporânea [...]” (SERPA, 2007 p. 186). Ao falar das praias e parques de Salvador, Serpa vislumbra: “O espaço público torna-se um espaço de justaposição de diferentes territórios, todos juntos, mas, de fato, separados” (SERPA, 2007, p. 180). Cada território, nesse sentido, constrói linhas simbólicas que os separam, distinguindo quem faz parte ou não deles.

Sennett (1998) fala sob a ótica das expressões públicas, já o geógrafo Serpa (2007), discute como espaços públicos contemporâneos são apropriados por moradores de Salvador e Paris. Serpa (2007) analisa a qualidade das formas de apropriação social por populações urbanas em parques públicos das duas capitais. Para ele, os projetos de intervenção

urbanística nesses lugares são parte do processo de *marketing* político, de gestões públicas de sociedades modernas e ocidentais.

No nosso caso, as orlas a que nos referimos nesse capítulo, estão localizadas em regiões mais centrais da cidade (por estarem localizadas próximas da região do centro antigo), em locais de grande valorização imobiliária, de forte interesse turístico e regiões de moradia das classes médias e altas. Na cidade de Salvador, o interesse político de intervenção pública está voltado para estas áreas da cidade, ficando a população das periferias sem o mesmo investimento para a manutenção e melhoria dos seus parques espaços de convivência pública. O mesmo ocorre com os espaços localizados em áreas não periféricas, mas fora do perímetro da orla, como é o caso da Praça Manuel Devoto, no bairro do Rio Vermelho, que é frequentada majoritariamente por jovens moradores de áreas periféricas próximas ao bairro.

A Praça do Retorno, localizada no bairro de Narandiba, "Miolo" da cidade, não possui a mesma atenção que os espaços públicos das orlas da Barra e do Rio Vermelho. Na Praça do Retorno, não existem sinais de qualquer tipo de manutenção recente, os equipamentos disponíveis no lugar estão danificados e os elementos utilizados na construção do local não lembram em nada os materiais das orlas em questão. Como discute Serpa (2007), trata-se da hierarquização de investimentos dos governos nos espaços públicos da cidade.

Os projetos de requalificação das orlas de Salvador são padronizações de estéticas e consumos modernos; “na verdade, estamos diante de um estilo de vida de classes médias, que homogeneiza as diferenças culturais em prol de modos de consumo mundializados” (SERPA, 2007, p. 26). Neles, são utilizados símbolos de consumo associados a uma população de classe média. Refiro-me às feiras de artesanato, aos encontros de comida de *ruagourmetizada*, assim como aos materiais utilizados para reforma dos espaços, como vidro, alumínio e granito.

Nos dois casos da tese, são orlas reformadas onde existem pouca disposição de equipamentos para sentar em grupos, para ficar, reunir, aproveitar, usar de várias formas os lugares. Os equipamentos instalados não favorecem a concentração de pessoas. O posicionamento dos bancos é disposto em linha reta, com intervalos relativamente grandes entre eles. Não existem casos em que estejam um em frente ao outro ou que sejam posicionados de modo a propiciarem o contato próximo entre os usuários. Nenhuma configuração circular foi observada nessas orlas.

No entanto, os locais escolhidos pelos jovens para montarem seus territórios não são espaços onde tenham alguma forma de disposição de bancos, talvez mesmo pelo fato destes não propiciarem suas aglomerações. As suas experiências são vividas em espaços das orlas

que facilitam o contato entre eles e a circulação entre os agrupamentos. Em ambos os casos, são locais que supostamente seriam passagens para outros locais: na Barra, para o Farol, e no Rio Vermelho, para tantos bares, praia, quadras. As formas de ocupação dos jovens nos espaços se relacionam com o planejamento urbanístico para os locais, no nosso caso, reconfigurando usos e equipamentos e, com isso, o próprio espaço urbano.

Os jovens, com suas formas artísticas e simbólicas de estarem nas orlas, fazem desses espaços lugares ainda mais diversos. Nessa convivência pública e coletiva, a diferença de tipos urbanos se encontra em seus múltiplos usos e em suas experiências de encontro - embora fluido, sem assiduidade, mas presente. Jacobs (2001) sustenta a ideia de que a vida nos espaços públicos urbanos depende dos usos variados que possam existir neles. A autora propõe um urbanismo que valorize o caminhar pelas calçadas, a ocupação das ruas e a convivência nos lugares públicos como meio de garantir a segurança e a pulsação da vida nas cidades. Sua avaliação é de que a cidade é para as pessoas e não para os carros, e a substância que a humaniza é o encontro entre diferentes. Tal realidade é possível através de um planejamento urbano que favoreça não a padronização dos usos, mas sim a interação entre usuários diversificados.

Os jovens vêm ressignificando os espaços das orlas reformadas, se apropriando deles com suas presenças agrupadas e tornando-os mais diversificados, logo, fazendo os espaços existirem para além dos anseios turísticos de divulgação do *marketing* político e do cuidado com os bens privados de uma camada média e alta da cidade de Salvador. Lefebvre (1974) define a apropriação de espaços por tomar como próprio o espaço urbano, ou seja, “organiza para seus fins, o espaço preexistente, modelado anteriormente” (LEFEBVRE, 2000, p. 8). Serpa, utilizando-se da noção cunhada por Lefebvre, “inclui o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer, que caracterizam o homem como espontaneidade, como energia vital” (SERPA, 2007, p. 38).

Serpa (2007) analisa os projetos como ideias de poder que priorizam a valorização muito mais do que está em volta dos espaços e parques, do que propriamente destes e de quem os usam. “Na cidade contemporânea, o parque público é um meio de controle social, sobretudo, das novas classes médias, destino final das políticas públicas, que, em última instância, procuram multiplicar o consumo e valorizar o solo urbano nos locais onde são aplicadas” (SERPA, 2007, p.45).

A busca pela valorização desses espaços para parte de sua população de moradores não conseguiu afastar os jovens de periferias dos mesmos. Eles estão lá com seus sons, corpos, consumos, artes, conflitos, por mais que os ambulantes que os atendam sofram com ações de

órgãos fiscalizadores do Município, que exista perseguição policial os constrangendo, que haja pouca iluminação ou jatos de água onde se concentram e que exista pouca estrutura de cobertura que lhes protejam da chuva e do sol; eles estão transformando e fazendo os lugares públicos com suas movimentações.

Para Serpa (2007), o resultado desse modo de gerir as cidades segrega uma grande parte da sua população que mora distante desses locais e que possui uma precária e insuficiente oferta de transporte público urbano. Os jovens das periferias seriam, então, os imprevistos do planejamento. Mesmo não sendo estes lugares pensados para seus usos e permanências, os jovens estão neles, ainda que esporadicamente e que seus deslocamentos por estes lhes exijam estratégias de chegada e saída.

As juventudes de periferias estão nessas orlas, principalmente após as recentes reformas destas. Por mais que não sejam pensadas para eles “e ainda que os grupos de alta renda tenham o poder de definir a direção das mudanças que atingiram as cidades nas últimas décadas, eles não são tão hegemônicos a ponto de imporem uma forma única de uso dos espaços públicos” (TEIXEIRA e BAPTISTA, 2015, p. 135). As presenças e formas de usos dos jovens de periferias reconfiguram as projeções dos sujeitos de poder que olham para os espaços de longe, atravessando de vida as rotinas dos lugares tomados como deles.

Para Teixeira e Baptista (2015, p. 138) são “os espaços urbanos programados para usos públicos”, a maior expressão da vida cidadina. Os espaços públicos, pensados como esferas de exercício de uma moral comunitária e de performances que prezem pelas máscaras coletivas, são hoje dotados de pouco sentido. Em contrapartida, com as juventudes de periferias, percebemos estes sendo preenchidos por movimentações de identidades heterogêneas, convivências múltiplas e interesses pulverizados, perfazendo, assim, novos sentidos. Logo, quando analisamos os usos juvenis desses espaços, é de vida pública que estamos falando.

3.5 Territórios juvenis itinerantes entre lugares das orlas

As orlas em que estivemos são espaços urbanos compostos por heterogeneidades de pessoas e de usos. São frequentadas por diversos grupos, classes sociais, gerações, identidades e estilos, os quais compartilham os mesmos espaços, existindo interações de vários níveis entre os seus diferentes usuários. As apropriações juvenis de espaços das orlas de Salvador se fazem como processos de territorialização de lugares. Nesse entendimento, as orlas são lugares territorializados pela itinerância espacial dos “agrupamentos juvenis flexíveis”.

Serpa (2017), baseado em uma ontologia espacial, discute as noções de lugar e território de forma a superar dicotomias e relativizar aplicações teóricas de acordo com as experiências de apropriação dos espaços. Para ele, “lugar e território se exprimem como modos geográficos de existência no espaço público” (SERPA, 2017, p. 586). A partir dessa perspectiva, o autor problematiza visões e pesquisas que separam os conceitos, tendo o lugar, inspirado em Lefebvre, como o “espaço vivido” e o território, como espaço de poder, mais atrelado a questões sobre as esferas do Estado Nacional.

Nessa perspectiva, lugar e território existem em separado, o primeiro acomodando “o amor, o compromisso e senso de responsabilidades”. Por ser espaço aberto, as relações no “lugar não se defende, ele sobrevive pela abertura, pela interconexão em rede” (SERPA, 2017, p. 590). Já a segunda categoria é determinada por relações de poder e domínio. O território, nessa visão, deve ser defendido, fechado aos de fora e conduzido por normas e regras específicas e conhecidas pelos de dentro. Num sentido ideal, o território divide, separa diferenças, particulariza identidades/grupos; o lugar reúne diferentes, os envolve em situações onde é necessário negociar o compartilhamento espacial.

Para a tese, as orlas são consideradas lugares públicos, espaços de convergência de diferentes e compartilhamento de diversas identidades, podendo comportar territórios variados. São espaços abertos à convivência sem com isso garantir aproximações entre os territórios produzidos nestes. Nos lugares, as classes se encontram, jovens góticos e pagodeiros se aproximam, jovens em cultos evangélicos abertos observam outros jovens aparentemente homoafetivos que se beijam intensamente. Enfim, as oportunidades de encontros entre os diferentes usuários da cidade são maiores e mais densas nos espaços das orlas de Salvador, principalmente, nas ruas, largos, calçadas e avenidas. As orlas, na tese, são consideradas lugares atravessados por territórios juvenis móveis. Os jovens ocupam os lugares das orlas se movimentando entre territórios compostos por agrupamentos juvenis.

Para Serpa, as características específicas referentes a cada categoria espacial devem ser ultrapassadas. Superadas as dicotomias, deve-se relevar as relações dialéticas entre diferença e igualdade nas relações entre “agentes/sujeitos/grupos/indivíduos/classes”. A proposta de romper com dicotomias estabelecidas pressupõe analisar como determinados grupos ou pessoas existem e reagem diante de outros iguais e outros diferentes. A visão existencialista, na qual o autor se apoia, busca entender “quando nos voltamos intencionalmente para dentro e nos colocamos entre iguais ou quando estamos voltados para fora e entre diferentes” (SERPA, 2017, p. 589).

Essa visão salienta a ideia de que os contextos espaciais são mutáveis; a depender de como os arranjos relacionais são configurados, pode-se ter a existência de lugares ou de territórios, ou mesmo um dentro do outro, um entre o outro. Estes podem estar em contato, formando fronteiras em tensão ou em entrecruzamento.

Nas periferias, como no caso da Praça do Retorno, os jovens constroem territórios juvenis voltados para a convivência entre conhecidos. Situação diferente se produz quando os jovens montam seus territórios nas orlas em questão, os quais vão se fazendo à medida que jovens de várias partes da cidade vão se aproximando e interagindo. A convivência, nesse caso, será repleta de disputas espaciais por estarem entre diferentes.

Serpa (2017) propõe uma visão que questiona as polaridades - onde tais formas de existir nos espaços se tocam, quando um se transforma no outro, ou se misturam? As formas de viver experiências é o que definiria os conceitos, sabendo que estes se refazem; se transformam a cada nova/outra experiência que surja nas interações. Dessa forma, Serpa (2017) concebe a transformação de uma situação espacial na outra: “transitar entre lugar e território significa finalmente negociar o singular e o universal, buscar superar o particular em direção ao universal, dialeticamente” (SERPA, 2017, p. 591).

Há, nesse sentido e no caso da orla da Barra, um recorte temporal a ser considerado na interpretação. Se até o pôr-do-sol o Monte do Farol é um lugar usado por turistas e moradores da região, com o anoitecer ele se torna território jovem, de periferias de Salvador. As experiências vão se transformando com o passar das horas. No início, quando o espaço é compartilhado com os outros usuários do lugar, os jovens se relacionam de um modo; com o anoitecer suas interações se intensificam, ficam mais íntimas e explícitas, em pé se movimentam mais agitadamente, bebem mais abertamente, os contatos ficam mais frequentes e o local já não é mais tão diverso, uma vez que este é tomado por jovens. O Monte do Farol passa a ser apropriado por jovens através de seus fluxos de contato e práticas de lazer.

A dialética entre exterior e interior, proposta acima por Serpa (2017), articula “experiência e processos espaciais específicos”. Os jovens da orla da Barra e da orla do Rio Vermelho se apropriam de espaços que não foram pensados para eles. Tanto no Monte do Farol quanto no calçadão da Avenida Oceânica, os jovens territorializam-se, adaptando a estrutura local às suas dinâmicas de usos. Nos dias e horários de grande movimentação juvenil, eles e elas se movem pelo entorno do Monte do Farol e se distribuem por grande parteda extensão da calçada da avenida.

Os territórios juvenis se fazem como cenas provisórias. Logo, eles não são territórios fixos no espaço, eles podem se apresentar como tal nos horários do pós-pôr-do-sol, em dias de

domingo na Barra, e nas noites de sexta-feira e sábado no Rio Vermelho. Entre ocupações regulares de jovens de várias periferias da cidade, se movimentam por territórios transitórios. As dinâmicas de construção dos territórios não dizem respeito à frequência dos mesmos jovens, isso porque o que há de regular são os agrupamentos juvenis em constante interação nos dias e horários já citados. Os jovens nunca são os mesmos, visto que estes variam suas movimentações entre territórios juvenis pela cidade.

Nesse sentido, as dinâmicas de territorialização dos espaços das orlas mostram como os agrupamentos juvenis se montam e desmontam conforme os encontros acontecem e os usos juvenis se realizam, destacando-os dos outros usuários dos lugares.

Os jovens demonstraram estar em busca de novas apropriações urbanas, por mais que as práticas vividas nestas se apresentem similares. A composição dos arranjos identitários e de estilos pode variar, mas a disposição para estar entre novos jovens e em lugares que lhes proporcionem experiências de dança, música, bebidas, encontros e relações diversas, se mantém. Ou seja, as territorialidades se deslocam junto com os jovens, assim como as práticas de apropriação dos espaços.

A ideia de territórios itinerantes remete ao fato de as qualidades particulares dos usos dos espaços das orlas existirem com regularidade e de que seus usuários não são os mesmos, mas são específicos - jovens de periferias. No entanto, os agrupamentos que os compõem, são itinerantes. Os territórios se movem com os jovens e transitam entre lugares. Em um determinado dia podem estar na orla do Rio Vermelho e no final de semana seguinte no Monte da orla da Barra. Nesse trânsito espacial os jovens vão se associando aos agrupamentos disponíveis nestes. Desse modo, estas territorialidades se fazem potencialmente renováveis e transitáveis entre lugares.

A territorialidade dos agrupamentos juvenis se produz na recorrência de usos em tempos e espaços específicos. As combinações das identidades e estilos presentes em cada encontro podem diversificar, o que os agrupamentos não deixam de manifestar é a disposição em estarem abertos para novos encontros e de serem motivados por novas oportunidades de viverem o urbano.

As pessoas encontradas nos agrupamentos juvenis não são as mesmas, os arranjos relacionais que tecem em cada encontro são criados naqueles momentos, podendo gerar novas experiências do urbano. Os encontros são abertos, feitos por oportunidades de estarem com muitas pessoas, podendo a partir desses contatos conhecerem outros fluxos urbanos. Entre negociações, disputas, aproximações e misturas, os territórios são atravessados por condições urbanas diversas.

Sendo assim, estar no calçadão da orla do Rio Vermelho, estar no Monte do Farol da Barra, estar praticando rapel na passarela da Lapa, ou estar na Praça do Retorno e na UNEB, são situações que demonstram o quanto as dinâmicas das formas de ser das territorialidades jovens são feitas de movimentações abertas; motivadas pelo encontro.

Os territórios nas orlas não existem circunscritos em limites visíveis, seus contornos se fazem de maneira simbólica, demarcando estilo e práticas específicas a certos tipos de usuários da cidade. Os territórios jovens produzidos no Monte do Farol da Barra e nas ruas do Rio Vermelho não existem enquanto fenômenos isolados. Estes além de estarem inseridas em lugares, as orlas, são perpassados por outras experiências, de outros sujeitos não jovens e de jovens de outras classes sociais: “Acrescentemos que os limites colocam em evidência continuidades e descontinuidades manifestas nos processos de produção e reprodução do/no espaço” (SERPA, 2017, p. 588).

Indo além na análise, trazemos a discussão de Serpa (2017) sobre como fronteiras e limites podem se manifestar nos espaços. Para ele, estas se manifestam em nossas relações com o outro. No nosso caso, a interface entre os espaços é produzida, no Monte do Farol da Barra, nas ocasiões em que jovens mantém contatos com os outros (classes, gerações, usuários da cidade), sejam sentados próximos para admirarem o pôr-do-sol, seja em conversas rápidas enquanto compartilham a mesma grama do local, seja para se paquerarem, seja observando as condutas uns dos outros, escutando suas linguagens e, principalmente, disputando permanências. Desse modo e de acordo com o entendimento de Serpa (2017), poderíamos pensar que é nessas situações de encontros entre os jovens e os outros, que a copresença se perfaz.

O que existe, principalmente na orla do Rio Vermelho, é um contato muito próximo entre jovens de classes distintas, no entanto não houve trocas mais substanciais entre eles. No Rio Vermelho, em espaços do calçadão e em determinado espaço particular da orla, percebi a aproximação de jovens brancos de classe média com jovens de periferias. Em algumas situações, a intenção era saber como ter acesso a drogas como maconha, “doce” e “bala”. Alguns dos jovens das periferias, principalmente as localizadas nas proximidades, conhecem as dinâmicas do lugar. Eles são acessados por conhecerem quem vende as drogas na noite, com quem devem falar e a hora que devem falar, uma vez que monitoram a presença da Polícia no espaço.

Além dessas experiências, as relações de contato ocorrem quando jovens negros de periferias disputam, por meio da dança, espaços de permanência e de expressão de suas identidades na calçada da orla do Rio Vermelho; ou quando jovens brancos e de classe média

observam sem se aproximar de jovens negros, sentam próximos, bebem as mesmas bebidas, dançam as mesmas músicas, fumam as mesmas marcas de cigarro no mesmo espaço, mas se relacionam disputando espaços de permanência na noite; ou quando uma jovem relatou uma situação em que um morador do Rio Vermelho publicou, em rede social, um texto hostilizando a ocupação das calçadas por jovens de periferias, deixando explícito a sua indignação com a presença de suas existências no lugar.

Uma jovem que vende bebidas em frente a dois bares de grande aglomeração na calçada disse firmemente sobre o que observa no local: *“todo mundo tá junto aí, mas para trocar ideia é mais difícil, é favela com favela”*. Os dois bares, um em sequência do outro, costumam juntar muitos jovens na calçada e na rua, por vender bebida dobrada e dispor de sons que alcançam a calçada, tocando músicas que atraem jovens. A concentração em frente pode aparentar que são pessoas misturadas, mas apesar de bem próximos, um lado é ocupado por jovens brancos e de classe média e o outro por jovens negros das periferias.

Os passos de dança podem ser semelhantes, mas o calor de seus corpos pouco se mistura. Igor opinou sobre o fato:

Vamos dizer que poucos interagem, pois independente de onde sou mostro disciplina, educação e ética, para diversas classes sociais e, com isso ganho o respeito merecido. Entretanto vejo muitos jovens de ambos os lados que possuem o ego aflorado, e graças às desigualdades interna e social gera um conflito meio receoso dos mesmos em quebrar o gelo e iniciar uma conversa (Igor, 20 anos, Nordeste de Amaralina).

As interfaces entre classes são efêmeras e breves. Existem algumas frases trocadas enquanto compram bebidas e cigarros com os ambulantes, ou curtos olhares para observarem certos passos de dança. Segundo Serpa (2017), a interface fala de agenciamentos de interações espaciais, e *“tende a provocar uma dicotomia entre as identidades territoriais, conforme se pertence ou não a um território”* (SERPA, 2017, p. 588).

No caso de Igor, ele afirma gostar de estar na orla do Rio Vermelho, socializar com pessoas diferentes: *“vou muito lá, no meu bairro eu já conheço muita gente, é quase sempre a mesma coisa. Não sou de me envolver com meninas do Nordeste, prefiro conhecer pessoas novas na orla”*. O jovem demonstra ter interesse nesse contato diversificado, mesmo que não ocorra com frequência. Ele é um dos poucos que busca se relacionar com as pessoas de classes distintas, inclusive, se relacionando afetivamente em algumas ocasiões.

Enfim, as movimentações dos jovens de periferias nas orlas produzem territórios transitórios, itinerantes e renováveis. Suas fronteiras sendo tensionadas pelos contatos frágeis entre jovens de classes distintas e entre as conturbadas abordagens dos policiais. As realidades

espaciais móveis são vividas enquanto disputas pela cidade. O mesmo analisou Frúgoli e Cavalcanti (2013), entre usuários de crack em São Paulo e Rio de Janeiro.

Frúgoli e Cavalcanti (2013), ao discutir sobre as dinâmicas espaciais das chamadas “Cracolândias” em São Paulo e no Rio de Janeiro, destaca o caráter móvel de suas territorialidades. Estas “Cracolândias” referem-se a “conjunções de espacialidades” e também de arranjos relacionais. As territorialidades desses espaços se fazem no movimento criado pelas relações que envolvem os usuários da substância *crack*, dos traficantes que a vendem, dos poderes públicos (Polícia, assistentes sociais, organismos da saúde pública) e de Organizações não Governamentais.

Para entender as “dinâmicas relacionais e espaciais urbanas” em questão, considera os processos macropolíticos e locais que interferem na produção das territorialidades; no caso de São Paulo, como projetos de requalificação da região central da cidade geram tensões que levam ao deslocamento das territorialidades dos usuários para outras regiões também centrais da capital paulista. No caso do Rio de Janeiro, como as obras do PAC-favelas e as ações das UPPs impactam em dinâmicas de permanência e retirada dos usuários de áreas próximas a determinadas favelas cariocas.

As táticas cotidianas de convivência com as territorialidades das “Cracolândias” foram analisadas na relação dos moradores, comerciantes e dos próprios usuários com as lógicas estatais de produção da cidade, com redes de traficantes e seguranças de obras desocupadas pelo Estado para serem implodidas. É em função dessas relações que as tensões entre os fluxos e as permanências dos usuários de *crack* levam o autor a entender que a circulação dos usuários torna os territórios, espaços dotados de territorialidades móveis.

A discussão feita Frúgoli e Cavalcanti (2013) nos inspirou na medida em que associa práticas urbanas ligadas a usuários específicos em relação com diferentes agentes e em movimentação na cidade. Para Serpa (2017), territórios tratam de conectar iguais, distinguindo os diferentes, ficando os interstícios relacionais nas fronteiras, já Frúgoli e Cavalcanti (2013) entendem que as territorialidades dependem das relações tramadas entre os de dentro e os de fora. Assim sendo, concebemos as fronteiras e as movimentações enquanto relações reais de disputa por afirmação de espaços territorializados.

Os encontros entre usuários diversos da cidade se concretizam em contatos de disputa, sejam eles fronteirços, sejam eles movimentações de resistência. A relação dos jovens com a Polícia nas orlas da Barra existe enquanto dimensões de controle do Estado, direcionadas a uma população jovem que se sente ameaçada por este mesmo Estado. Na Barra, as relações de

conflito direto entre jovens são logo apaziguadas entre eles no intuito de evitar que os agentes da Segurança Pública os atinjam com sua violência institucionalizada.

Mas falar o que das orlas em questão? Que são espaços compartilhados por diferentes grupos e classes e apropriados por jovens moradores das periferias. Jovens que saem de seus bairros nas periferias para viverem encontros, dispostos a conhecer novas pessoas; para estarem em lugares com maior diversidade de usos, de pessoas, de oportunidades. As orlas são lugares onde os jovens negociam e disputam a cidade. São lugares públicos sem serem, necessariamente, arenas para o exercício da vida civil pública. As orlas em questão são lugares atravessados por territórios juvenis flexíveis (transitórios, itinerantes, renováveis).

As experiências dos jovens em seus agrupamentos móveis territorializam lugares por estes serem atravessados/preenchidos por práticas jovens que particularizam o espaço, mas possuem traços de abertura, na medida em que tais jovens se colocam interessados em estarem entre diferentes, mesmo que estes interstícios causem conflitos e disputas.

Enfim, deduzimos que a orla não é tão somente um lugar, nem o Monte da Barra, ou o calçadão do Rio Vermelho, exclusivamente, um território jovem; o que percebemos são orlas enquanto lugares transpassados por territorialidades jovens móveis e abertas e os territórios existindo enquanto os fluxos das experiências dos jovens transcorrem nos espaços.

3.6 “Éramos as Cinzas e Agora Somos o Fogo⁴⁸”

Os usos juvenis das orlas de Salvador, em uma observação mais superficial, aparentavam tratar-se de práticas voltadas para o lazer, porém, no contato mais próximo com os mesmos, pude acompanhar a dinâmica de múltiplas dimensões políticas dos usos. Ademais, esse tipo de experiência não é exclusivo aos ambientes das orlas. Em praças, pontos de finais de linha, largos de bairros das periferias, os jovens também transformam espaços de convivência coletiva em locais para o exercício juvenil de habilidades artísticas. Perto de casa, onde vizinhos, parentes e conhecidos possam ver, os jovens emitem discursos poéticos sobre as formas de existirem na cidade.

⁴⁸ Referência ao nome da obra do artista plástico Maxwell Alexandre, morador da favela da Rocinha - RJ, nome importante na arte que retrata o empoderamento negro (ver imagem da obra abaixo).

Figura 27 – Éramos a cinza e agora somos o fogo (2018) de Maxwell Alexandre, em exibição durante a exposição Histórias Afro-atlânticas no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)



Fonte: MASP, 2018.

Ao longo do processo de interlocução com os jovens, percebi formas de manifestações políticas expressas individualmente ou em coletivos, através das danças, das poesias, das batalhas de rima, de diálogos travados nos encontros, das disputas pela ocupação de lugares. Eles e elas, através da afirmação positiva de seus corpos e de suas palavras “empoderadas”, demonstravam posicionamentos alinhados com teorias que reconhecem o “lugar de fala” das juventudes negras das periferias.

Esses são os casos de Drika e Luiza, duas jovens que se identificam enquanto feministas negras. Para Drika seu posicionamento é também conectado com coletivos de mulheres, como o grupo de *hip hop* feminino ao qual faz parte, além de sua atuação como dançarina e participante de batalhas de dança de rua, em performances majoritariamente formadas por rapazes. Para Luiza, não menos insubordinadas são suas ideias e condutas ao dialogar sobre questões que afetam sua existência, enquanto jovem negra de periferia. Entre outros jovens, nos lugares que frequenta, em encontros fortuitos, nos “rolês” e entre conhecidos, a mesma mantém posturas de valorização constante da estética das mulheres negras e da ancestralidade do povo negro.

Para o jovem Kaio, seus movimentos urbanos são corporificações de resistências. Ser um jovem negro, de periferia, em busca da mudança de gênero, que gosta de estar nos centros e orlas da cidade, lhe tornou um corpo consciente em constante estado de enfrentamento às formas de racismo e transfobia disponíveis. Ele garante não aceitar ser diminuído e disputa, através de seu corpo que dança, que namora, que fala, que transita, a ocupação dos lugares da cidade como deseja ser.

Um aspecto recorrente no campo foi jovens autodeclaradas feministas e com narrativas e práticas engajadas com a “teoria do lugar de fala” (RIBEIRO, 2017). Antes de seguirmos no tópico, é bom salientar que estamos falando de juventudes que além de consumirem, hoje em dia produzem ideias; de jovens que, além de estarem nas ruas mobilizando pautas nacionais e específicas para jovens, também estão cada vez mais ativos politicamente, assessorando e sendo agentes nas plenárias representativas, ocupando cargos de poder. Enfim, existem juventudes que estão pensando as agendas políticas para o Brasil e fazendo parte das decisões administrativas do país.

Uma parcela significativa de jovens das periferias tornou-se mais consciente da origem das desigualdades e de como estas são forjadas ao longo do tempo. Os jovens direcionam um olhar crítico para a atuação das Instituições Sociais nas suas vidas e de como estas serviram e servem para privilegiar grupos brancos. É fato que o entendimento do lugar social dos grupos não necessariamente gera uma “consciência discursiva” sobre cada posição social, mas, em grande medida, contribui para despertar uma postura crítica com relação à ideia falaciosa de que no Brasil as raças convivem harmoniosamente e que as necessidades de todos os grupos sociais são ouvidas.

Nessa discussão, Ribeiro (2017) questiona quais vozes são ouvidas, quais são e em quais posições determinados grupos se beneficiam de projetos de poder, enquanto uma enorme parcela da população é desassistida em seus direitos fundamentais e tem suas existências desumanizadas. Ao refletir sobre as questões, com base em Teorias Feministas, a autora constrói o argumento de que as experiências de opressão vividas em comum pelas populações negras são resultado do lugar social que ocupam na sociedade. “O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntas a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (RIBEIRO, 2017, p. 33). Ou seja, reconhecer a localização que cada grupo social ocupa é importante quando contextualizado enquanto coletivos historicamente determinados. Localizar socialmente é, portanto, contextualização de experiências comuns no interior de um sistema de poder.

A teoria, em sendo assim, não negligencia as trajetórias individuais. O que se almeja é refutar pretensas universalidades (epistemológica, de raça, de gênero, de classe, etc.). Nesse sentido, não existe o papel da mulher, mas sim, por exemplo, como as mulheres brancas e as mulheres negras tem acesso às oportunidades no mercado de trabalho. Trata-se de “pensamentos que reflitam diferentes olhares e perspectivas” em sua multidimensionalidade. Enfim, trata-se de construir novos lugares de fala, “discutindo e disputando projetos” de sociedade (RIBEIRO, 2017).

Para Priscila seus movimentos urbanos poderiam ser mais livres. Ela lamenta as poucas oportunidades em que os seus pais permitem que ela esteja em movimento entre lugares de Salvador. A sua limitação em sair de seu bairro de moradia e a imposição de horário para estar em casa afetam suas formas de viver o mundo urbano e de conhecer outras realidades. Mas apesar de pouco conhecer outros lugares da cidade e de lamentar tal situação, a jovem constrói signos de resistência em sua existência urbana. Priscila gosta das palavras, de cantar, de escrever e de ler. Só não se inseriu nas batalhas de rima que tanto frequenta na quadra da Praça do Retorno, como ela diz, por uma questão de timidez; no entanto, essa não é uma participação comum e nem incentivada pelos rapazes.

Em todas as batalhas observadas, seja nas orlas ou nas periferias, a presença feminina nesses eventos é mínima. Nas orlas, pode ser nenhuma e, em alguns casos, as poucas jovens presentes nos locais apenas acompanham mais afastadas e, por pouco tempo, alguns momentos dos duelos. Elas não necessariamente conhecem ou estão com os jovens envolvidos nas batalhas. Nas situações das batalhas semanais da Praça do Retorno, a presença das jovens é um pouco maior, são amigas, namoradas, vizinhas, conhecidas, na maioria das vezes, moradoras da região que também acompanham mais afastadas todas as etapas da dinâmica da atividade.

Priscila é presença constante nesses encontros de domingo. Ela conhece todos os participantes e, para ela, estar nos momentos da batalha é uma importante oportunidade de encontro com os amigos, podendo beber, conversar, conhecer outras pessoas e se envolver afetivamente com quem lhe interessar. Apesar de expectadora das batalhas, ela é uma pessoa que agrega nos encontros entre jovens, não hesita em expor suas opiniões a respeito de discussões atualizadas sobre temas relevantes (gênero, raça, sexualidade, violência, religião, drogas) e se coloca com argumentos que valorizam e respeitam as diversidades.

A prática das batalhas de rima foi recorrente no campo, quase sempre avistava jovens aglomerados em círculos, um colado ao outro, e mesmo que não estivesse em todas, sabia de encontros em vários pontos da cidade, quase que semanalmente. É a partir do ano de 1990 que

o movimento *hip hop* ganha destaque nas pesquisas sobre fenômenos urbanos e sobre juventudes brasileiras. O foco de tais pesquisas era o mundo concreto, etnografando a rotina de vida dos moradores de periferias e mais especificamente dos jovens. Muitos trabalhos destacavam esses grupos culturais como os autênticos narradores dos dramas vividos nas periferias. Suas letras de música eram retratos biográficos de tantos jovens que sangravam diante das violências que os rondavam. Suas performances corporais e estilos lançavam sentidos de força e superação diante de situações de preconceito e desamparo que os atingiam. Sobre o movimento artístico, o que mais se concluiu é que são manifestações culturais com forte caráter político.

Nesse panorama, mais presente na cidade de São Paulo, a autoridade acadêmica perde o monopólio sobre a discussão dos modos de ser nas periferias. Os jovens passam a potencializar o uso do termo e seus significados interligados. Como bem analisou (ROLNIK, S., 2006), essa juventude não nutre identificação com os modos de fazer política dos anos anteriores (partidos, sindicatos e movimentos sociais). Nenhum dos jovens com quem dialoguei participam de organizações ou entidades políticas formais, com exceção de Drika, que é integrante de um coletivo de dança de rua formado somente por mulheres; todos os outros usam politicamente a cidade de outras maneiras, sem vínculos convencionais que regulamentem suas práticas.

No contexto soteropolitano temos a detalhada retrospectiva das ações do movimento *hip hop* feminista feito por Freire (2018). Em um momento de seu trabalho, relata o enfraquecimento da atuação organizada dos grupos. Nos períodos pós 2005, mais especificamente, de 2006 a 2010, a autora registra a ocorrência de eventos pontuais promovidos por mulheres, enquanto que em anos anteriores houve iniciativas que fortaleceram o movimento de mulheres do *hip hop* baiano na cena nacional⁴⁹. Para Freire, “este cenário é resultado de uma desarticulação de alguns segmentos do movimento *hip hop* e de outros movimentos sociais” (FREIRE, 2018, p. 67).

A questão é que muitos dos usos urbanos entre os jovens estão atrelados aos agrupamentos artísticos que falam sobre as condições dos jovens de periferias que dançam e cantam as manifestações culturais criadas nas margens urbanas. Desse modo, podemos compreender que estas são formas de intervenção juvenil que reconfiguraram um modo de agir politicamente. Se o sujeito político, em um tempo passado, era aquele que levantava a

⁴⁹ Um exemplo foi, no ano de 2010, em Salvador, a realização do Seminário “Lugar de mulher é também no *hip hop*”, dentre outros eventos protagonizados pela militância feminina do movimento artístico baiano (FREIRE, 2018).

bandeira de grupos específicos organizados, hoje, os sujeitos políticos estão transitando pelos lugares urbanos, agindo politicamente independentemente de onde estejam e com quais agrupamentos circulem.

O caráter político dessas movimentações juvenis se legitima enquanto práticas que contestam as normatividades hegemônicas postas, ao mesmo tempo em que criam novos juízos do que seja ação política. As juventudes “empoderadas” de que falamos desafiam as mentalidades rígidas, elas estão atualizando modelos comportamentais através da combinação de estilos e da mistura de referências, isto é, produzindo novos conceitos sociais.

A reinvenção de discursos críticos sobre o lugar das periferias e dos jovens nas cidades tornou as movimentações juvenis um campo de disputas políticas. Logo, suas ocupações e usos urbanos podem ser analisados enquanto ações de resistência. Os jovens de periferias pós anos 90, vêm, de várias formas, firmando-se como referências no fazer político do mundo urbano.

As gerações jovens das décadas de 20 a 50 eram vistas, de modo geral⁵⁰, como pouco hábeis para as questões de política nacional, inaptas para interpretar as tratativas envolvendo os arranjos de poder. Nas representações correntes, eram vistos como “rebeldes sem causa”, “categoria social potencialmente delinquente”, grupos a quem o Estado deveria agir de forma controladora e disciplinar. Foi um período de “demonização” do *rock n’ roll*.

Nos anos entre 60 e 70, ocorreu uma explosão demográfica nas principais capitais brasileiras, aumento no número de casos das doenças sexualmente transmissíveis, juntamente com os excessos juvenis. Os jovens passaram a ser vistos como os grandes causadores dos problemas sociais, moralmente desajustados, “inimigos do Estado”. Movimentos estudantis de classe média enfrentaram o autoritarismo dos governos, ganhando visibilidade pelo clamor por democracia e direitos participativos. Foi o tempo de buscar novas experiências estéticas e comportamentais. Foi o tempo do movimento *hippie*.

Os anos 80 e 90 viveram o saudosismo político dos anos 60 e 70. Essa juventude foi encarada como consumistas conformados com os desdobramentos políticos do país. Jovens acomodados, expectadores assíduos de telenovelas, individualistas em alto grau e apáticos politicamente. O país vivia altos níveis de criminalidade urbana e é nesse período que os jovens de periferias são maciçamente marginalizados pela mídia televisionada. Nos anos 90 ocorreu uma ocupação maior das ruas, houve uma insurgência juvenil baseada em demandas mais variadas, conectadas cada vez mais com debates globais.

⁵⁰ Para leitura mais detalhada sobre as gerações ao longo dos anos no Brasil consultar; Sposito e Carrano (2003) e Gohn (2018).

Nos anos mais recentes, pós anos 2000, os jovens buscaram ser sujeitos de direitos. A juventude passou a assumir papéis nas esferas das políticas públicas, nos Conselhos Estaduais de Juventude - CEJUVE e declararam ser capazes de analisarem os processos políticos. Nesse sentido, as juventudes exigiam não serem encaradas mais como uma etapa da vida a ser superada, mas sim devendo ser vivida em suas potencialidades, considerando as particularidades dos contextos sociais aos quais os jovens faziam parte. Esses jovens de agora sabem que são capazes de propor projetos de governo e querem ser protagonistas de novas propostas de poder; dentre elas, argumentam a favor dos direitos das populações de jovens negros mortos impunemente aos montes pelo Brasil⁵¹.

Além das jovens de quem falamos acima, a maioria dos demais com quem dialoguei, demonstrou ter consciência do quanto seus movimentos urbanos de ocupação e usos da cidade carregam em si valores éticos alimentados por perspectivas teóricas que valorizam “estratégias de superação das opressões estruturais” (RIBEIRO, 2017). De diversas formas, cada um deles e delas constroem modos de existir e viver em Salvador, sem esquecer a posição que detém as periferias na cidade. Sendo assim, dificilmente, as suas presenças urbanas deixarão de acrescentar um significado político aos lugares.

Segundo (ROLNIK, S., 2006), não cabe mais pensar as mobilizações juvenis com base em signos passados. Para ela, os jovens das periferias de hoje comunicam suas demandas e anseios por meio de linguagens artísticas múltiplas. (ABRAMO, 1998 apud CARMO, 2001), em entrevista no ano de 1998, já chamava atenção para a falsa ideia de que as juventudes brasileiras, pós anos de 1960 e 1970, eram consideradas avessas à política e voltadas para o consumo de estilos e para performances de suas personalidades nos ambientes públicos.

Abramo e Branco (2005) nos adverte sobre a existência de tipos de participação diferentes; se em décadas passadas os jovens de periferias, em alguma medida, poderiam se engajar politicamente atrelados aos chamados “novos movimentos sociais urbanos”⁵², nos

⁵¹ Segundo dados do relatório final da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens, do ano de 2016, a cada 23 minutos um jovem negro é morto no país. (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>).

⁵² Na década de 1970 os "novos" movimentos sociais urbanos se estabelecem com base em associativismos que vão além das lutas sindicais ligadas as causas operárias; o que se vê são novos padrões de atuação no espaço político e da manifestação de demandas que buscam sanar carências da vida cotidiana das populações pobres. Eram lutas organizadas em prol de melhores serviços de transporte público, de serviços básicos em seus locais de moradia periféricos, como: creches, saneamento básico, saúde, luz, lazer e etc. Os chamados "novos" movimentos sociais urbanos emergem como forças políticas compostas por camadas populares, organizadas internamente em seus bairros contra os pactos de poder entre sócios do capital e as elites políticas, que os relegam no acesso aos benefícios da urbanização. (PERRUSO, 2012; JACOBI, 1983). Mais do que trocas eleitoreiras, as populações das periferias estavam mobilizadas em participarem do "processo de construção coletiva de uma nova cidadania" (PERRUSO, 2012).

dias atuais, seus engajamentos estão mais envolvidos com as lutas por reparação social através de diversas linguagens e entre variados lugares.

Em virtude das transformações derivadas de atuações juvenis no campo da política, Carmo (2001) elenca a visão pós-moderna como um elemento interpretativo capaz de explicar a ideia de que há um fim das ideologias, assim como dos grandes movimentos políticos. Para ele, “a revolução que está sendo travada é molecular”, fazendo alusão ao paradigma da fluidez e da fragmentação das relações contemporâneas.

Indo mais além, o autor expõe a crença de que “os jovens não estão preocupados em partir para grandes projetos de transformação social. Abrem-se a toda espécie de rebelião, sem um objeto único” (CARMO, 2001, p. 261). Por fim, admite que, apesar das transformações nas formas de fazer político, a rebeldia juvenil pode estar nas “pequenas iniciativas”. Sem adentrar em análises de narrativas concretas, reconhece que contestar e resistir ainda não caiu de moda para as juventudes, apesar de tais práticas terem assumido novas roupagens políticas.

Entre as juventudes desse atual momento, não necessariamente o fazer político é admitido como uma ação organizada a partir de discursos partidários consolidados. A atuação e interação de seus corpos em construção, a partir de arranjos identitários que agregam referências de mundo variado, é uma forma de ser que resiste às mentalidades estabelecidas na sociedade desigual que é a brasileira. Dizer que suas presenças nesses espaços são meramente de lazer seria, inegavelmente, uma estratégia de desvalorização de suas novas formas de fazerem, dos espaços urbanos, espaços públicos dotados de vida política. Antes, a visão que podemos ter é de que é uma política associada sim ao lazer, as artes, as manifestações de dança, de ocupação fluida dos lugares, ou melhor, uma resistência do tipo sub-reptícia e capilar.

Dentro dessa discussão e considerando as práticas acompanhadas entre os jovens com quem dialoguei, entendemos que uma das principais pautas de engajamento emerge nos posicionamentos acerca de questões que valorizem uma leitura de mundo pelo prisma/recorte das relações de raça e gênero e, como bem falamos em tópico anterior, questões de território e lugar urbano, todas elas entrelaçadas. Logo, pensarmos em uma falta de objetivo claro não seria o caso, mas sim uma multiplicidade de manifestações e organizações em torno de pautas de natureza estrutural.

Entre os tipos de posicionamentos críticos dos jovens, em comum existe a narrativa da presença de seus corpos na cidade com forte dimensão de território. Nesse sentido, pensar jovens negros das periferias conecta-se com muitas dessas dimensões - raça, gênero, espaço - da vida, uma vez que os seus movimentos são impactados por todas estas em justaposição.

Logo, seus relatos são de que, por fazerem parte das realidades periféricas e por serem jovens, na maioria, negros, essas são condições indissociáveis que carregam consigo nas interações vividas em diversas situações urbanas.

Em seu texto, Ribeiro (2017) responde às interpretações equivocadas de que teria o “lugar de fala”, uma visão pós-moderna das relações. Segundo seu posicionamento, a perspectiva é outra. As questões problematizadas estão voltadas aos processos historicamente construídos de hegemonia dos grupos brancos. Da mesma forma, estão dirigidas aos sistemas sociais e seus mecanismos institucionais de subjugação das vozes, corpos, vidas das populações femininas negras e outras minorias: “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 66).

Para tanto, é imprescindível considerar nas análises das relações as condições sociais em que as experiências de grupos são compartilhadas. Para assim compreender, dentre outras coisas, “como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades” (RIBEIRO, 2017, p. 63). Nesse sentido, a discussão acerca do “lugar de fala” dirige um olhar questionador sobre como se formam as localizações de grupo na sociedade, tendo aqueles que são privilegiados e os que são oprimidos. A proposta teórica não é de viés analítico único, ela se inspira nos escritos do Feminismo Negro, mas acima de tudo é constituída pela discussão dos arranjos de poder estrutural e seus efeitos sob as minorias.

Ribeiro (2017) nos apresenta a visão do “lugar de fala” como sendo, sobretudo, um processo estrutural. Ela explica tratar-se de uma postura coletiva de conscientização das posições de grupos na sociedade. E de como a ciência “eurocristã” construiu uma narrativa hegemônica que silenciou as vozes negras do país e do mundo na história de construção do conhecimento. É um tratado que fala, acima de tudo, sobre relações sistêmicas. Para Ribeiro (2017), discutir a “branquitude” é problematizar séculos de desumanização de toda uma população que veio de forma violenta para o Brasil e aqui foi escravizada, tendo seus descendentes discriminados e subjugados e não ouvida até os dias de hoje.

No caso dos e das jovens negras de periferias muito se deve ao processo de conscientização de seus lugares nessa cidade. Jovens negros tornam-se cada vez mais referências, não só através dos meios digitais, mas em muitos âmbitos da vida - na arte, na moda, no esporte, na estética, na política. Para esses jovens, uma outra jovem empoderada de periferia pode ser uma influência simbólica em sua vida. Nessa conexão de histórias de vida, a energia inovadora que existe no ser jovem se associa à potência que existe em ser jovem

morador de periferia. Como bem enaltece Celso Athayde⁵³, em suas entrevistas e seminários, salientando que “não devemos pensar as periferias como comunidades carentes, mas como lugares potentes⁵⁴”.

O jovem Igor gosta de manter diálogos trazendo as suas reflexões na forma de rimas. Ele coloca em palavras o que pensa e sente sobre sua existência. Em uma ocasião suas inquietações me vieram assim:

Porque eu só vejo sangue negro derramar pelo racismo e preconceito que um jovem negro vive na comunidade, ser imundo que só vem para contaminar a sociedade, é essa pressão mental que vivemos, tratados pior que lixo que ainda é reciclado, os que não se revoltam segue o genérico e, eu sou uma exceção. Raramente você tem a atenção que merece dos pais, seu ego se inflama, sua mente embaralha e você tem o ódio e o amor dentro de você se fundir e causar uma grande confusão psicológica, é isso! (Igor, 20 anos, Nordeste de Amaralina).

A referência feita a postura de se revoltar fala dos jovens que estão “cheios de ódio” dessa sociedade que os exclui das oportunidades e que os tratam como caso de Polícia, que entram para o tráfico; e ser genérico é seguir a trajetória profissional dos pais, cozinheiros, pedreiros e tantos outros trabalhos poucos valorizados socialmente. O jovem quer ser artista reconhecido, quer poder falar sobre a realidade em que vive e valorizar seu lugar na cidade: “*escrevo pros meus me entenderem e para não deixar de acontecer revoluções, quem leu a história entendeu, quem viveu são vencedores, mas os que morreram não foram em vão*”.

Igor e tantos outros jovens se recusam a ter que sobreviver na cidade. Eles querem aparecer como pessoas com voz ativa, serem vistos como corpos belos, que fazem política, pensam as estruturas sociais e podem mudar o sistema desigual sob o qual a sociedade brasileira se fundou. Para esses jovens, viver lutando por espaço não lhes condiz; agora, eles querem transformar as bases sociais, abolir a forma como os arranjos classistas e de raça excluem das melhores condições urbanas as populações negras e pobres de periferias. Entre suas estratégias políticas para tal, a arte é ferramenta potente de demonstração da força dos jovens, registro contundente da não aceitação em seguir o que a sociedade vem impondo

⁵³ Empresário, produtor de eventos e ativista social brasileiro, especializado em favelas e periferias. Um dos fundadores da CUFA (Central Única de Favelas) e criador da Favela Holding que consiste em um conjunto de empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores atuando junto a empreendedores comunitários, fomentando e promovendo novas oportunidades de negócios, empreendedorismo e empregabilidade.

⁵⁴ Exemplos podem ser encontrados em < <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2020/08/05/celso-athayde-a-favela-e-um-local-de-potencia.html>> ou < <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/20/celso-athayde-da-favela-holding-pessoas-sao-maior-potencia-das-favelas.htm>>.

como o lugar da população negra; um lugar marginal e desvalorizado. Nesse sentido, os jovens sabem que fazer arte urbana engajada é ter voz.

Em outra produção, o jovem nos diz:

Só segue... se ao estrelado sem lua me faz pensar e essa *bad* louca deprê quer me parar, mas eu não vou parar, sei que não vou parar, pelo meu futuro eu tô nessa batalha e é pelo meu futuro que eu vou guerrilhar, descalço na areia da praia, na mãoesquerda um som bolado, na direita um *drink* e na boca um baseado, tô pensando alto, lembrando das noites perdidas na atividade, monitorando o fluxo de quem entra quem sai, vejo da vida somente realidade, se você vai correr pelo certo ou pelo errado a escolha é sua, é você quem faz, na vida seja cego, surdo e mudo, se quiser viver siga, vão te criticar pelo que você faz, sonha ser, e dessa vez vai ser diferente, e dessa vez não vou me arrepender, fica suave, mano, vamos deixar acontecer, parei no tempo e fiquei pensando, né mano, a vida é cheia de altos e baixos, isso é fato, insano, tempos atrás andei perdido, agora é recomeço, um novo ano, metas traçadas, sigo trabalhando, meu destino é ficar rico, ainda esse ano, meu plano, e nessa “vida loka” eu não paro, nem descanso e pros que tentam me atrasar só um recado, vai tentando, sou brasileiro, revolucionário, não vivo de encanto e quem não é visto não é lembrado, então saia do canto, não me teste, não me rete, não me frete, minha paciência tem limite, então deixe de *stress*, sigo no *funk*, mandando no *rap* (Igor, 20 anos, Nordeste de Amaralina, em *rap* enviado pelo *WhatsApp*).

O MC é entusiasta do *rap gangster*⁵⁵. Igor relatou se tratar de uma letra que fala da história de dois jovens, uma é a dele próprio e a outra de um primo que se envolve diretamente com as atividades do tráfico de drogas no bairro onde moram. Sobre sua vida, ele expõe suas dores de ter que lutar por recomeços, apesar das muitas adversidades e empecilhos que tem de enfrentar em seu desejo de ser rico. Sobre o seu primo, relata sua rotina “monitorando o fluxo de quem entra e quem sai”, atividade que faz um jovem ser mais fixo aos espaços de seu bairro e conhecer a realidade “da quebrada”. Esse jovem foi morto pela Polícia nas proximidades de um “bailão” que ocorria no mês de outubro de 2019 no bairro onde morava.

As palavras de Igor narram, mais do que as experiências de vida de dois jovens de periferias; elas são a voz de um lugar na cidade e de como ser desses lugares acarretam em desdobramentos de vida cheios de dificuldades que lhes são impostas por serem de onde são. Ou seja, além das dúvidas e questões da existência individual, esses jovens têm de enfrentar rótulos e violências sociais que lhes atingem em seus propósitos de vida e, em muitos casos, lhes adoecem emocionalmente.

Os usos juvenis dos espaços urbanos de que falamos expressam, assim, como e quais determinadas questões sociais impactam as juventudes. É falar, no nosso caso, de usos

⁵⁵ O *rap gangster* (*Gangsta Rap*) é um estilo musical do *hip hop* que tem por característica a descrição do dia a dia violento dos jovens das periferias e subúrbios de algumas cidades. (Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gangsta_rap)

políticos da cidade, especialmente sobre os usos que as juventudes negras de periferias fazem dos lugares e territórios. Para eles e elas, estarem entre diversidades, com os seus corpos negros, sua estética negra, suas formas de falar por meio de batalhas de rima e suas disputas de dança são, como bem disse (ABRAMO, 1998 apud CARMO, 2001), formas de manifestar o empoderamento da juventude em sua multiplicidade.

O empoderamento que se fala atualmente está relacionado, assim como o conceito de “lugar de fala”, com as teorias do Feminismo Negro e da Interseccionalidade. Trata-se da tomada de consciência de como se dão as relações de poder, de entendimento do “sistema de dominação machista e racista” que leva ao enfrentamento das formas de opressão historicamente postas e ao apoio para a emancipação política de grupos minoritários. Logo, ao empoderar-se, o jovem constrói uma visão crítica das relações urbanas e da condição social e política da qual faz parte. Esse jovem passa a entender que as posições sociais não são coisas dadas, mas produzidas por anos de desigualdade nas relações de poder.

O empoderamento é feito, portanto, por “autoaceitação de suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca [...] criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade” (BERTH, 2018, p. 14). De acordo com o entendimento, estar empoderado é viver as potencialidades de uma coletividade no confronto às regras que subjugam grupos (BERTH, 2018).

Estamos falando, inspirados na discussão de Berth (2018), em tipos de subversão das lógicas de atuação urbana política. Para ela, o empoderamento fala bem mais do que de inversão de sentidos. Para ela, deve-se considerar que “o significado atual de poder pressupõe” o questionamento prévio de qual poder estamos falando, como trouxe Abramo (ABRAMO, 1998 apud CARMO, 2001), de que tipo de participação estamos falando, e para Ribeiro (2017) de que vozes estamos escutando nos processos políticos. Nesse sentido, fala-se em novas lógicas sendo construídas; novos processos que contemplem a “emancipação social e política” das heterogeneidades humanas, buscando alterar, com isso, as estruturas sociais atuais.

Deparei-me com jovens que buscam permear suas vidas com os discursos de mundo que acreditam. Com jovens, não em todos os casos, que orientam suas visões de mundo e direcionam seus modos de agir nos fluxos urbanos inspirados pelas teorias de “lugar de fala” e “empoderamento”; conceitos aos quais vão adicionando novos elementos. Em suma, encontrei-me com jovens que se preocupam em aplicar, em alguma medida, as ideias sobre o

Feminismo Negro a todas as instâncias de suas relações, entrelaçando e fazendo dos usos dos territórios e lugares, momentos engajados com os discursos políticos que os incorporam e os motivam. Falamos de jovens negros de periferias que difundem com potência e embasamento os seus posicionamentos de vida, os seus desejos. Eles e elas buscam serem corpos políticos na cidade, logo, os seus usos móveis de Salvador são feitos de resistência rotineira e capilar.

Desse modo, buscam transformar as estruturas por todos os seus lados - das relações de rua, de vizinhança, da conversa no momento de lazer até as caminhadas de manifestação coletiva pelas avenidas da cidade. Seja adotando a estética do cabelo crespo, seja entrando para as universidades públicas, seja na caminhada em favor da vida da juventude negra de periferia ou na batalha de dança na noite de bairro boêmio em Salvador; as suas existências, em qualquer uma dessas oportunidades, é política; e mais do que agência pontual ou “pequenainiciativa”, elas são efetivas formas de lutar por mudanças estruturais.

Logo, estamos falando de uma juventude que é real. A força transgressora que existe nos usos do urbano por estas juventudes nos mostra o quanto é preciso mudar as estruturas desiguais e racistas em que se assentaram a mentalidade do povo brasileiro.

CAPÍTULO IV

A ORLA DE ITAPUÃ: PRÁTICAS JUVENIS E OS USOS DOS ESPAÇOS

Apresentação

O presente capítulo mantém a estrutura de itens similar à do capítulo dois (referente aos campos da orla da Barra e do Rio Vermelho). No entanto, esse apresenta um aspecto diverso. A parte dois do presente capítulo (Jovens em Movimento) não será construída com base na descrição das experiências vividas pelos jovens quando fora das orlas, em outras periferias ou em regiões do Centro e espaços públicos variados. Isto significa que a pesquisa pouco se deslocou com os jovens pela cidade, uma vez que a movimentação dos mesmos se manteve mais circunscrita ao bairro de Itapuã. Nessa perspectiva, a orla do bairro ganha uma posição central no texto, acompanhando, assim, a real dimensão manifestada nas movimentações urbanas dos nossos interlocutores. A referida região reúne, guardando certas particularidades a ver adiante, as características de usos encontrados nos espaços das periferias, nos espaços intermediários (como a Praça Manuel Devoto) e mesmo nas orlas da Barra e do Rio Vermelho.

Metodologia

A chegada à orla de Itapuã foi de grande expectativa. O lugar não me era familiar, não mantinha conhecidos e/ou amigáveis que ali residissem e com quem poderia contar para me acompanhar nas primeiras idas ao campo. Inicialmente estive em uma tarde de sábado sem companhia, circulei algumas vezes de uma ponta a outra da orla, da Pedra da Sereia até a quadra de esportes, um pouco depois da igreja. Na ocasião, busquei captar os sons do lugar, identificar se existiam pontos específicos de aglomeração dos jovens, observei os cidadãos que trabalhavam no comércio informal, me aproximando de alguns para tentar perceber a dinâmica do lugar. Logo percebi que a orla de Itapuã era frequentada durante todos os dias da semana.

Nessa primeira ida, tive a sensação de era tão observada quanto observei. Os jovens estavam localizados na faixa de areia, passando pelo calçadão ou junto a alguns vendedores ambulantes ao longo do trecho. Diferentemente da orla da Barra e do Rio Vermelho, onde a presença reunida de jovens é notada facilmente (até mesmo para quem não é usuário dos

locais), na orla de Itapuã esta foi uma informação a ser descoberta. A resposta quase sempre era a mesma: “*eles estão por ali, estão sempre ali, logo na frente*”, o discurso geralmente vinha acompanhado de dedos apontados na direção da Praça da Quadra (chamada assim pela proximidade da quadra de esportes situada na orla). A questão estava no fato do local estar em um ponto inferior do calçadão da orla, e por isso, era menos visível.

Posteriormente, após mais algumas visitas (sozinha e/ou acompanhada por amigos), pude então me aproximar dos jovens e conseguir identificar por onde geralmente transitavam e os horários predominantes com que frequentavam a orla. Foi no terceiro dia de campo que identifiquei os pontos específicos de uso. Nesse mesmo dia, um policial, proprietário de um bar, reiterou os mesmos pontos, mas me alertou dos perigos da região e dos indivíduos que frequentavam o espaço. O oficial informou se tratar de pessoas que brigavam, traficavam, usavam drogas e eram perigosas. Não cheguei a me assustar diante de tantos alertas, afinal se tratava da narrativa feita por um policial que deixou claro seu descontentamento com os jovens que frequentavam o local.

O bairro de Itapuã sempre demandou mais atenção pelo meu desconhecimento acerca da localidade. Havia estado no mesmo poucas vezes e sempre a passeio. Suas ruas e calçadão eram novidade. Como em muitas localidades da cidade, era perceptível o fato de muitas pessoas que trabalhavam ou eram donos de algum estabelecimento, serem moradores do bairro. Seus espaços comerciais eram pontos de encontros de outros moradores. Busquei frequentar esses lugares a fim de me aproximar, saber mais sobre a orla e sobre o bairro. “*Aqui é uma cidadezinha do interior com praia*”, essa foi a impressão que tive após algumas idas. Muitos moradores são nascidos em cidades do interior. Há uma considerável presença de pessoas de cidades da Região Metropolitana e de Feira de Santana. Itapuã é um bairro populoso e de extensão territorial vasta e, mesmo assim, a sensação, na região da orla e do comércio, é de clima de cidade pequena.

Outro aspecto que me afetou logo de imediato foram as muitas considerações sobre a violência no bairro. As mensagens de cuidado, com quem devia falar e por onde andar, confesso, me fizeram estar em campo com cautela. Queria ouvir as pessoas, tanto conversar com elas sobre vários assuntos quanto também poder ouvir seus diálogos, queria estar entre os usuários da orla, sentir quais temas lhes afetavam no dia-a-dia do bairro para, no momento apropriado, falar sobre a pesquisa.

Foi somente quando tive contato com os jovens, no caso, com os dois primeiros, que pude perceber se tratar de narrativas geracionais distintas e contrárias, e, dessa vez, somente nessa experiência de campo, pude estar entre elas. Entre os adultos com quem conversei, a

visão era de que os jovens frequentadores do lugar eram, acima de tudo, usuários de drogas e álcool e, entre os jovens, a ideia era a de que os adultos não sabiam o que os mesmos faziam realmente nos espaços por serem preconceituosos e, como gostam de falar, “*são mentefechada*”.

O primeiro jovem com quem conversei conheci no bar supracitado que ficava localizado do lado oposto do calçadão da orla, na esquina da igreja e em frente à Praça da Quadra. Ícaro é sobrinho do proprietário e trabalhava como garçom no estabelecimento. Desse local pude observar a dinâmica dos jovens na orla, seu trânsito entre a Praça da Quadra e a frente da igreja, Praça Dorival Caymmi, além das idas a *bomboniere*, anexa ao bar. Na *bomboniere*, eles constantemente adquiriam bebidas, vodka, cigarros e refrigerantes.

O segundo jovem, Danilo (22 anos, Bairro da Paz) conheci no paredão⁵⁶ que ocorreu em uma sexta-feira próximo à igreja. Nessa oportunidade fiquei somente no início, pois evento começa por volta das 00h00, horário em que já estava de saída, pois ainda tentava perceber as dinâmicas de usos dos jovens na orla. Após esse período mais exploratório de campo, passei a estar todas as sextas-feiras na orla e, em seguida, pós-aproximação com outros jovens, em dias da semana variados.

Nessa parte do campo tive um contato mais estreito com dez jovens moradores de Itapuã, com seis deles foi possível manter um vínculo mais constante. Com Ícaro (20 anos, Retiro) estive apenas na orla de Itapuã, sempre combinando previamente um horário antes dele começar a atender no bar e em seu dia de folga. Por conta de sua rotina cheia entre estudo e trabalho, mantive mais contato com ele pelo *WhatsApp*. O jovem sempre foi bastante disponível à pesquisa. A carreira acadêmica era algo que lhe interessava. Assim como Ícaro, Danilo foi um jovem que comecei a conversar por acaso, no momento de uma briga quando estávamos no paredão. Com ele estive mais algumas vezes na orla de Itapuã e na orla do Rio Vermelho.

Com os demais rapazes tive contatos mais esporádicos, mas a partir de uma noite de sexta-feira em que fiquei sentada com uma amiga num banco na Praça da Quadra e conheci Elis (20 anos, Itapuã) toda uma rede de relações se desenrolou. A partir de então conheci todos os outros principais interlocutores da pesquisa, alguns fui apresentada pela jovem e outros conheci nas oportunidades em que com ela pude estar entre outros tantos jovens frequentadores da praça. Com Elis estive muitas vezes, durante meses, na orla de Itapuã, em

56 Gíria utilizada para designar grandes e potentes aparelhos de som.

dias de paredão, de partido alto⁵⁷ do Dendê (rua localizada atrás da igreja), na praia, em sua casa e por duas vezes na orla do Rio Vermelho.

A jovem me apresentou àqueles que ela considerava como sua rede de conhecidos mais extensa. Foi quando conheci Ana (17 anos, Itapuã). Ana é a jovem que mais transita por todos os locais do bairro (e fora dele) estando entre vários tipos de pessoas. Com ela estive regularmente na orla de Itapuã, uma vez no Farol da Barra e uma vez na noite da orla do Rio Vermelho. A partir de Ana conheci Luiz (24 anos, Itapuã). Com Luiz estive por vários meses na orla de Itapuã, no paredão da igreja, na praia de Itapuã e por três vezes na noite da orla do Rio Vermelho.

Na Praça da Quadra, durante um dia de semana, Elis me apresentou Carla (20 anos, Itapuã). Com a jovem estive por algumas vezes na orla de Itapuã e, em uma oportunidade, no Farol da Barra. Com o jovem Michel (19 anos, Itapuã) tive contato em meio às vezes que convivi entre os jovens na Praça da Quadra. Através dele me aproximei da batalha de *rap*⁵⁸ que acontecia no local, e, em uma oportunidade, estivemos no Farol da Barra. Em muitas situações, os encontros na orla da Barra e do Rio Vermelho aconteciam com os próprios jovens de Itapuã e, dessa oportunidade conhecia mais jovens, sendo que em sua maioria, moradores do Nordeste de Amaralina.

Nas circunstâncias em que estive com os jovens de Itapuã em outras orlas, marcávamos para estar juntos, sendo que outros jovens, nesse contexto, se juntavam a nós, geralmente vindos de outras periferias; além de tantos outros jovens de Itapuã que, até então, não havia tido a oportunidade de conhecer e, ainda, outros que passávamos a conversar no momento do “rolê⁵⁹”. Esse foi o caso de Michel, que já havia visto em Itapuã, mas foi no encontro com jovens de Itapuã na Barra que pude me aproximar mais e desse “rolê” em diante manter contato.

57 Variação carioca do Samba nascido nos morros do Rio de Janeiro. Tocado com os instrumentos tradicionais do samba, tem nas palmas e no coro sua principal manifestação. Muitos de seus versos são feitos no momento, de forma criativa e, de certa forma, de desafio, pois os participantes da roda são convidados a cantar o verso de acordo com o refrão da roda.

58 Estilo de canto contido no hip hop. As batalhas são encontros de hip hop onde dois mestres de cerimônia (*MC*) batalham entre si com rimas improvisadas, podendo ser a capela (sem som) ou com um *beat* (batida) tocada por um DJ, o tempo varia de acordo com a organização da roda cultural.

59 Gíria utilizada para indicar um ajuntamento de pessoas em algum local com o objetivo de socializar e se divertir.

Os jovens com quem mais convivi demonstravam ter bastante interesse pela pesquisa. Acredito que pelo fato de alguns deles cursarem o ensino superior e já terem passado pela experiência por algum tempo, outros por terem o desejo e admirarem aqueles que vão adiante com a carreira acadêmica e também, em alguns casos, por considerarem importante o tema de interesse da mesma. Estes foram aspectos que influenciaram na colaboração deles. Com os jovens de Itapuã tive de impor menos minha presença. Não foi tão necessário estar sempre lembrando de que estava disponível para ir ao encontro deles onde fosse. Fui convidada, convocada e chamada em várias ocasiões.

A percepção que tiveram de mim foi aparecendo aos poucos. Para alguns eu era mais uma pessoa chegando à orla. O interesse, para essas pessoas, era de saber de onde sou e o que me levará a estar no lugar. Em uma das primeiras vezes que estive com eles na Praça da Quadra, um rapaz de 23 anos, que sempre bebia ao lado da vendedora ambulante (conhecida como a Tia), me chamou querendo se apresentar. O rapaz disse seu nome, onde morava em Itapuã, quem são seus amigos e os nem tanto. O rapaz também pediu que me apresentasse e dissesse de onde sou e como conheci as pessoas com quem andava por ali. Nessa oportunidade conversamos por um bom tempo, ao final, quando fui puxada por alguns jovens para seguirmos para outro ponto da orla, ele me colocou a disposição sua casa, caso precisasse dormir em Itapuã. Essa era uma oferta que ouvi de alguns jovens, uma vez que tinham noção do quão distante e custosa era a minha volta para casa, nos horários noite adentro.

Para as jovens com os quais mais tive contato, a minha presença foi vista com desconfiança; uma delas indagou o que poderia querer uma pessoa mais velha tão interessada em se aproximar das pessoas jovens do lugar, já que eram vistos com “maus olhos” pelos outros, referindo-se aos não jovens. Elas concluíram tratar-se de algum interesse afetivo em alguma delas: *“a gente estranhou no primeiro momento, mas agora a gente já conhece mais o seu jeito e sabe da pesquisa”*. A pesquisa em alguns momentos justificou minha presença para aqueles com quem não tive contato, mas que indagavam, para as pessoas que conhecia, a minha frequência no mesmo.

Em duas oportunidades, sempre à noite na Praça da Quadra, tiveram de explicar por mim o que fazia ali. A primeira delas foi logo no primeiro dia em que conheci o local. Um jovem que nos observava conversando com as meninas se aproximou e nos foi apresentado. Não dialogamos com ele, mas no dia seguinte ele entrou em contato com uma amiga que me acompanhava insinuando interesse nela. No entanto, com o passar do tempo e das conversas, ela percebeu que a aproximação dele estava mais voltada para saber o motivo de nossa atração pelo lugar e sobre o que tratava a pesquisa. Em outra oportunidade, o mesmo jovem me

reencontrou no bairro, continuou me observando de longe e novamente se aproximou das meninas com quem estava, dessa vez, conversaram ao meu lado de modo menos discreto. O mesmo não quis esconder sua ligação com a venda de drogas no local.

Em uma noite bem agitada e cheia, por sinal era dia de uma grande “batalha” da Praça, um jovem, que eu nunca havia visto até então, sentou-se abruptamente na minha frente, falou rapidamente com quem estava comigo e estendeu sua mão para que a tocasse. O seu aperto de mão foi firme e longo, ele me disse seu nome e logo quis saber quem eu era, tentei ser rápida na resposta, mas antes que ele seguisse com outras perguntas, os jovens com quem convivía no local, me chamaram insistentemente e logo me afastaram do lugar. Não tive como perguntar nada sobre o rapaz, os jovens com quem estava demonstraram não querer seguir com qualquer tipo de conversa sobre ele. Nessa oportunidade, momento em que me senti tensa, pude saber um pouco como é ser “encurralada”; prática descrita pelos jovens a ser discutida ao longo deste capítulo.

As conversas via grupos de *WhatsApp* aconteceram para ter ciência detalhada da programação de encontros que aconteceriam entre eles, acompanhar suas rotinas e organizações dos “rolês”, além dos debates que teciam sobre para onde ir. O fato de poder encontrá-los facilmente na orla possibilitou o contato direto e constante com os jovens. Se nas orlas da Barra e do Rio Vermelho, a cada nova ida a campo me levava a pessoas diferentes (em virtude da renovação semanal dos presentes nos lugares), com exceção do calçadão do Rio Vermelho, onde pude rever jovens moradores do Nordeste de Amaralina, na orla de Itapuã, as presenças dos jovens frequentadores eram costumeiras.

Na orla de Itapuã, os encontrava voltando do trabalho, da faculdade ou da escola, indo comprar algo no comércio local, juntos conversando ou saindo da praia. Por isso, os grupos de *WhatsApp* que fazia parte não foram utilizados como um recurso a mais para a pesquisa de campo. Estes grupos já existiam, nenhum foi criado em função do meu interesse em manter contato. A ferramenta tecnológica, nesse caso, foi mais utilizada como recurso para acompanhar seus diálogos, debates e rotinas do que para me inserir. Entre esses jovens, com exceção de Ícaro, a maior parte das conversas acontecera presencialmente. Os diálogos iam se desenvolvendo à medida dos encontros. Em nenhum momento houve a necessidade de realizar entrevista com um roteiro de perguntas.

O período de campo de Itapuã foi do final de Fevereiro de 2019 a Janeiro de 2021. Uma boa parte da convivência também aconteceu no período da pandemia, foi quando passava estar entre eles nas suas relações familiares, de vizinhança, em meio as suas rotinas diárias. Foi por conta desse contexto de reclusão, onde frequentar a orla era inibido pela força policial,

que adentrei no bairro e passei a circular por muitas localidades do mesmo. O tempo maior de dedicação a este campo se deu pela necessidade de um período exploratório mais prolongado do que nos demais campos. Itapuã é uma parte da cidade com uma dinâmica urbana muito particular. O bairro é um ponto de partida com vastas possibilidades para se pensar os processos relacionais pelos quais se assentam a vida urbana. A pesquisa esteve em maior predominância na orla e seus arredores. Para os jovens com quem estive, era mais interessante conviver entre amigos nos espaços da orla do que nas proximidades de sua casa, na vizinhança.

PARTE I

4.1 JOVENS NA ORLA DE ITAPUÃ

- **A ocupação dos lugares: Praça da Quadra e da igreja**

O percurso da pesquisa vai da Pedra da Sereia até a quadra de esportes da orla, uma extensão de aproximadamente 250 metros. No trecho inicial, parte da Avenida Octávio Mangabeira, antes da entrada para a Avenida Dorival Caymmi, fica o monumento da Pedra da Sereia. No sentido orla, existe um píer onde muitas pessoas admiram a beleza do lugar, abaixo deste ficam, ao longo do dia, muitos pescadores jogando dominó e cartas, enquanto bebem cachaça e outras bebidas. Logo a frente encontra-se a colônia de pescadores. Daí em diante, inicia-se a atividade intensa dos bares, com seus sons ao vivo, quase sempre tocando sambas e pagodes, e muita oferta de bebidas vendidas em isopores e comidas em carrinhos portáteis.

Os vendedores com suas caixas de isopor se espalham por toda extensão da orla, e, no caso de Itapuã, agregam mesas e cadeiras ao redor. Alguns deles enfeitam as mesas de plástico com tecidos de chita, com malhas coloridas, todos oferecendo mais conforto para aqueles que não querem ou não podem pagar os preços cobrados nos bares e quiosques.

São três bares ao longo do calçadão. Estes, geralmente, não cobram pelo som ao vivo e possuem, em dias da semana, os chamados combos; são preços promocionais que combinam comida e bebida. Os banheiros destes estabelecimentos são utilizados apenas por clientes. Na porta fica um funcionário do local, conferindo o cartão que garante se tratar de consumidores. Mais próximo da quadra ficam mais dois quiosques, estes são espaços menores que os bares, sem estrutura de cobertura para as mesas e cadeiras e sem sanitários. Os usuários da orla, caso

não possam utilizar o sanitário dos bares, possuem cinco sanitários químicos dispostos na parte final da quadra, próximo ao mar.

As atrações musicais nos bares são diárias. A segunda-feira, inclusive, é um dia de grande movimento, pois é quando acontece a chamada “segunda-feira gorda de Itapuã”. As praias e bares ficam cheios de pessoas que trabalharam todo o final de semana e tem nesse dia a folga semanal e de tantas outras que são atraídas pela movimentação do lugar. Itapuã, assim como Barra, é muito procurada pelas belas praias e, assim como o Rio Vermelho, é procurada pela sua agitação noturna. Entretanto, diferentemente da Barra, os usuários das praias são, segundo os jovens, majoritariamente, do bairro e de localidades próximas; e diferente do Rio Vermelho, o perfil social das pessoas que frequentam a noite da orla, tanto nos espaços privados quanto nos espaços públicos, não é tão diverso. A partir da inserção em campo, desenvolveremos a análise de que em Itapuã estamos falando de uma orla negra e menos diversa em termos de seus usuários e usos.

Nessa orla, existem muitas ofertas de serviços. São pessoas, normalmente moradores do bairro e proximidades, que montam, a partir do final da tarde, brinquedos infantis diversos, alugam carrinhos, bicicletas também para crianças, além da enorme variedade de estruturas móveis com comidas e lanches. À noite, a sensação de movimento se intensifica. Em frente à igreja, no lado do calçadão, uma kombi bastante colorida estaciona e se transforma em ponto de vendas de energéticos mais baratos e água. Placas com os valores do produto são posicionadas ao redor de todo o veículo. Ao seu lado, com a chegada da noite, carrinhos de lanche e drinks feitos na hora acendem suas luzes chamando a atenção e criando pontos iluminados na noite, principalmente para as pessoas sentadas nas mesas postas pelos ambulantes na calçada.

No lado oposto ao mar, os estabelecimentos oferecem basicamente os mesmos produtos. São vários depósitos de bebidas, alguns açougues, lanchonetes, bares, uma churrascaria e uma loja de roupas. Entre estes, existe a 12ª Delegacia de Polícia, localizada a poucos metros da Praça Dorival Caymmi e um estúdio de tatuagem. Nesse trecho da orla não existem hotéis e pousadas. Bem próximo, na Avenida Dorival Caymmi, no entanto, existe uma vasta e variada rede de comércios e serviços, atendendo a população do bairro e de localidades próximas como, por exemplo, os bairros de classe média e média alta; Stella Maris e Praia do Flamengo.

Figura 29 – Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Figura 30 - Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Figura 31 – Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Os jovens se aglomeram no período da manhã e da tarde com maior intensidade nas praias ou na Praça da Coelba⁶⁰, e no final da tarde e noite se concentram mais na Praça da Igreja e na Praça da Quadra, que fica localizada na parte inferior do calçadão, em um ponto mais discreto e menos iluminado da orla. O seu espaço, ao lado da rua, é em formato de “concha acústica”. Para o lado do mar, ficam alinhados quatro bancos de madeira, no meio está disposto um equipamento fixo de brinquedo infantil com três balanços.

Nesses espaços, os jovens, compartilham muitas experiências. Na Praça da Quadra, em uma noite é possível avistarmos uma reunião de jovens evangélicos cantando músicas de louvor, sentados bem próximos da quadra, com uma caixa amplificadora ligada a um microfone e a uma guitarra. Na mesma quadra, outros jovens jogam basquete, enquanto casais namoram em sua arquibancada. Na escadaria muitos outros jovens dançam, bebem, conversam, riem, brincam, observam quem passa, e mais a frente, próximo aos bancos, cerca de quinze jovens improvisam suas rimas em uma batalha de *rap*. Nos bancos próximos outros jovens preparam seu cigarro de maconha e tantos outros transitam entre eles. O fluxo de contatos só não existiu entre os jovens evangélicos. Estes permaneceram na praça apenas durante o tempo em que celebravam o culto religioso.

⁶⁰ Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia.

Figura 32 – Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Já na Praça da Igreja temos a missa e o paredão. Nela, o movimento dos jovens começa quase que ao mesmo tempo em que inicia a missa na igreja. Eles começam a aparecer com maior recorrência em grupos pequenos, entre 2 a 5 pessoas, passam, conversam com alguns transeuntes que vão encontrando pelo caminho, alguns vão ficando e outros seguem para a Praça da Quadra. De início se sentam nas laterais da igreja e alguns poucos ficam na frente em pé ou encostados na cruz de madeira posicionada no meio. A frente do local é bem iluminada, enquanto que as laterais são menos. Não há a instalação de bancos no lugar e nem mesmo os ambulantes colocam cadeiras na frente da Igreja, somente depois desta.

Figura 33 – Praça da Quadra



Fonte: Imagem da autora

Figura 34 – Paredão da Igreja



Fonte: Imagem da autora

Figura 35 – Paredão da Igreja



Fonte: Imagem da autora

Quando passam carregam consigo caixinhas de som, alguns chegam com garrafas de vodka e vinho, mas é nas proximidades que compram bebidas, nos isopores ou na *bomboniere*/depósito que ficam bem próximo à igreja. A *bomboniere* vende vinhos a preços acessíveis, corotes, vodkas, além de várias marcas de cerveja, seu funcionamento é de 24 horas nos finais de semana. Os ambulantes e donos de carrinhos do lugar afirmam ficar até quando houver movimento.

Após o final da missa, com a igreja fechada, o lugar é tomado de jovens, em grupos menores ou em aglomerações maiores, vão se movimentando entre as pessoas; conversam, se olham o tempo todo, consomem bebidas. Não há música no local até o início dos paredões. Em algumas sextas-feiras, quando não há o impedimento da polícia, ocorrem os chamados paredões na rua bem ao lado da igreja em horários que “atravessam” a madrugada.

- **Descobrimo quem são os jovens na orla de Itapuã.**

Nos finais de semana e à primeira vista, a orla de Itapuã se assemelha um pouco com a agitação matutina da orla da Barra, praias cheias, pessoas transitam pelo calçadão, há oferta de serviços voltados ao consumo nas praias, guardadores de carro disputam a atenção dos motoristas, as ruas ficam com o trânsito intenso, funcionários dos bares tentam atrair clientes com os seus cardápios em mãos, barraqueiros gritam chamando a atenção de quem chega; tem-se uma típica atmosfera praieira de Salvador. Mas é no período da noite e em dois pontos em específico que é possível identificar os usos juvenis da orla: a Praça da Quadra e da Igreja.

É maior a concentração dos jovens nos dias de sexta-feira e aos sábados, mas durante toda a semana é possível encontrá-los, principalmente nas praias e Praça da Quadra. Aos finais de semana, os jovens chegam, alguns em dupla, outros em maior número, em grupos mistos, em casais; suas presenças, a partir daí, passam a ser mais notáveis. Eles aparecem de todos os lados da orla, basicamente, a pé. Ocorre que os jovens que moram próximos uns dos outros marcam em determinados pontos do caminho, preferencialmente na Avenida Dorival Caymmi e seguem juntos para a orla. A Avenida Dorival Caymmi era quase sempre a escolhida para transitar durante a noite, pois os jovens consideravam ser menos perigoso, nas ruas de dentro, ou “*dentro da favela*”, como comumente falavam, seriam alvos mais fáceis para assaltos. Esses jovens são moradores de localidades mais afastadas da orla do bairro.

Assim como uma grande quantidade de jovens chegam na orla, existem aqueles que, em menor quantidade, saem da orla no mesmo período da noite. Em pontos de ônibus é possível avistar jovens, portando os estilos de empoderamento de uma parcela da juventude popular, seguindo para outros pontos da cidade. O bairro possui uma ampla oferta de transporte público e ainda conta com a oferta do transporte complementar, estes atendem, principalmente, localidades do subúrbio e do miolo da capital. Dentro do horário de circulação do serviço público, não é difícil sair e chegar em Itapuã.

Entre os jovens que frequentam a orla, nos espaços públicos já citados acima, a predominância é de jovens moradores do bairro, de diversas áreas de Itapuã, locais mais próximos e mais afastados da orla e de bairros próximos. É nos finais de semana que a frequência de jovens aumenta e se diversifica. Jovens de bairros próximos usam as praias, bares e espaços públicos de Itapuã. Em meio a atividade de campo, a presença de certos jovens foi regular na orla, quase que diariamente, eles frequentavam a Praça da Quadra: “*é certo a gente tá por aqui quase todo dia, ficamos bebendo, ouvindo nossas músicas, resenhando, gostamos de ficar juntos*” (Ana, 17 anos, Itapuã).

A Praça da Quadra é o principal lugar do bairro e da orla onde consolidaram o que chamamos de territórios juvenis. Ana relata haver entre os jovens da praça gente de muitos lugares próximos e “*de trás de Itapuã*”. Os jovens que mais usam a orla de Itapuã pouco se deslocam para a rua de seus conhecidos, a não ser em caso de aniversário ou reuniões esporádicas. Nesse sentido, a Praça da Quadra exerce a mesma dimensão espacial que a Praça do Retorno para os jovens de Narandiba e arredores. E a Praça da Coelba, localidade que não é na vizinhança dos jovens, nem na orla, é um espaço intermediário, assim como a Praça Manuel Devoto é para os jovens moradores do Nordeste de Amaralina.

Na orla, Elis relata que todos se notam, quando não se falam, ao menos se conhecem de vista, sabem com quem andam e algumas informações sobre suas vidas particulares. Elis, assim como outros, afirma gostar de estar na Praça da Quadra resenhando, também porque dali pode ter a chance de acontecer o que muitos deles chamam de “rolê aleatório”: “*De boa aqui pode acontecer de aparecer alguém que vai pro Vila (casa de shows particular na orla do bairro), e tem entrada pra gente ou uma carona para ir pro Rio Vermelho, semana retrasada mesmo foi assim, eu e as meninas fomos pra a Red (casa noturna) no Rio Vermelho e foi um rolê aleatório massa, velho. Conheci um gatinho, quero ir hoje também se rolar*”.

O local, Praça da Quadra, é considerado um bom ponto de encontro entre pessoas conhecidas: “*aqui, muitas vezes, a gente decide qual vai ser o rolê da noite ou aqui posso encontrar uma galera que tá indo pra algum lugar e ir com eles ou, se não rolar nada, ficar por aqui mesmo conversando e vendo o movimento*” (Ana, 17 anos, Itapuã). A Praça da Quadra funciona como ponto de encontro para amigos de áreas diversas do bairro e de outros lugares, mas também pode ser um ponto de passagem para outros espaços da cidade. Estar na praça não necessariamente garante que os jovens estejam em circulação apenas pela orla, mas sim combinando e buscando formas de sair da mesma.

Entre os jovens com os quais convivi, existiu a presença esporádica de moradores de bairros mais distantes de Itapuã. Estes, muitas vezes, já foram moradores do bairro, conheceram a orla através de algum morador e passou a tecer laços de amizade com outros jovens, estiveram por ocasião da batalha na Praça da Quadra ou passaram uma noite no lugar pós-praia ou eventos noturnos na mesma, como luaus e raves (eventos com uma divulgação mais extensa nas redes sociais), comumente também acompanhadas de pessoas do bairro.

A saída efetiva e a intenção de sair para outros lugares da cidade foram mais recorrentes do que a real percepção de jovens de localidades mais distantes da cidade entre os jovens em seus usos territorializados da orla de Itapuã. Logo, o fluxo de saída do lugar é maior do que o de entrada de jovens de periferias e bairros distantes. O motivo principal da

não frequência fora do bairro de Itapuã, para aqueles que assim almejam, se refere mais as questões financeiras, de custeio de transporte e gastos no local, do que a distância do bairro em relação a pontos de interesse dos mesmos, como por exemplo, as orlas do Rio Vermelho e da Barra.

O paredão é um evento que agrega jovens de outros bairros próximos. Em uma noite, conversei com jovens de São Cristovão e Bairro da Paz. Um dos jovens Paulo (19 anos, São Cristovão) prefere o paredão da Igreja, em Itapuã ao do seu bairro. Ele frequenta a orla mais aos finais de semana, pois trabalha durante a semana. O jovem relatou chegar ao bairro de transporte público e a volta ser feita de uber com outros conhecidos também moradores do bairro. Paulo conhece pessoas de Itapuã e arredores, o paredão é uma oportunidade para reencontrar pessoas e conhecer outras: *“aqui é melhor, sair um pouco do bairro é sempre bom, ver pessoas novas”*. Outro jovem com quem também conversei rapidamente disse: *“Hoje em dia tá melhor que a polícia não chega mais batendo em todo mundo, eles aparecem, ficam rodando nas viaturas, mas raramente descem”*.

O evento é esperado por aqueles que vivem a orla constantemente, saindo pouco para outros espaços urbanos. Para estes, estarem em um ambiente sem cobrança de entrada, por ser em espaço público, com música e, entre outros jovens, é um momento que exige preparação, rateio de dinheiro para bebidas e para outros fins. Em uma oportunidade, enquanto chegava com um jovem morador, Michel (19 anos), ele, assim que avistou o movimento, disse empolgado: *“aqui é meu lugar, me sinto bem quando estou aqui”*. Michel logo encontrou e cumprimentou pessoas conhecidas e eram muitas. O jovem vive experiências no evento de pagode baiano semanalmente, mas é ouvinte do rock e do hip hop também. O paredão acontece a poucos metros de sua casa.

Assim como eles afirmam, nos lugares, Praça da Igreja e da Quadra, é tudo misturado, *“a gente tá lá e cá, não tem essa de ser ou estar num lugar só, nada é isso aí”*. Os lugares são bem próximos, nos agrupamentos tem o jovem que curte rock, o do samba, o bruxo, o do hip hop, o da quebradeira; entre amigos, os conhecidos, os notados, os nem tão amigos assim, os jovens vão vivendo encontros com pessoas recorrentes. Novos contatos não acontecem em todo evento, uma vez que a chegada de pessoas novas, principalmente de localidades distantes, não é tão comum. A chegada de alguém certamente de fora ou nem tão frequente assim nos espaços seria logo notada e, assim como ocorreu comigo, algum tipo de aproximação para saber informações sobre a pessoa nova e desconhecida aconteceria.

Os locais, como bares e quiosques, são mais frequentados por adultos, muitos moradores do bairro e de áreas próximas, além das pessoas que valorizam o samba e o pagode

e sabem que o bairro tem uma vasta opção de locais que oferecem tardes e noites ao som desses estilos musicais. Já os ambulantes têm um público mais de jovens e de pessoas sem condições de pagar os preços dos outros espaços. É comum encontrar pessoas alcoolizadas bem próximas a estes. Nesse período do ano, pós-carnaval de 2019, não existia a presença expressiva de turistas na orla de Itapuã.

As relações sociais que são vividas no cotidiano do bairro de moradia, caracterizadas pelos laços de vizinhança, e, em muitos casos, pelos vínculos familiares, ou seja, por aspectos que lhes são muito próximos, estão associadas, pela maioria dos jovens, como o lugar do mesmo, do repetido, do conhecido. Já as experiências ligadas a tudo que é fora desse espaço urbano – ou seja, da periferia, da favela – é concebido como o diverso; lugares onde podem ser atravessados por múltiplas formas de viver o urbano.

- **Os deslocamentos e os usos da orla.**

- **Corpos e manifestações artísticas**

As questões que perpassam a discussão do corpo, no caso de Itapuã, emergiram como aspectos relacionados às afetividades juvenis. O modo como se envolvem emocionalmente com outras pessoas ou que trocam experiências sexuais é tema comum nos encontros entre os jovens. No entanto, diferente da orla da Barra ou do Rio Vermelho, não é ordinário vê-los em contatos íntimos entre si, a não ser quando são casais de namorados. Os jovens relatam acumularem muitas decepções amorosas, histórias de traições e decepções que os fizeram ser bastante cautelosos nas relações afetivas. Alguns chegam a serem convictos de que não vale a pena gostar de outra pessoa, frases como essas são recorrentes: “*se apegar para que? sou coração de gelo, quero saber de ninguém*”. Outros são mais discretos com os seus relacionamentos e pouco falam das experiências amorosas que vivem, deixando apenas para os mais íntimos saberem de seus envolvimentos.

Em Itapuã, não existe tanta demonstração explícita de envolvimento. Isso em nada quer dizer que os jovens não mantenham relações afetivas entre si. Ana, em tom de brincadeira, relata “*quase todo mundo aqui já se pegou*”. A jovem cita os nomes daqueles e daquelas com quem já se envolveu e até mesmo por quem foi apaixonada. Esses envolvimentos podem ser apenas de trocas de beijos e carícias, mas, em boa parte dos casos, resulta em relações sexuais. Entre os jovens da praça é comum dividirem uma casa com

amigo(s). Alguns moram com familiares e entre estes, existem os que podem levar seus parceiros sexuais para casa, desde que não sejam “*peças aleatórias*”.

As aproximações entre os jovens ocorrem na convivência do bairro e a praça é um cenário importante nesses encontros. Mas o envolvimento direto ocorre em lugares discretos, como a praia à noite, casa de amigos ou mesmo a própria casa de um dos jovens.

Existem também jovens que preferem não se envolver com pessoas que frequentam a praça. Elis é uma dessas jovens. Ela vai à praça para fumar seu cigarro de maconha e encontrar amigos, mas envolvimento afetivo ela busca com pessoas de fora ou que frequentem outros lugares no bairro, como casas de show particulares ou os bares. Apesar disso, ela teve um rápido namoro com um jovem que participa das batalhas da quadra. O relacionamento não foi adiante, pois o rapaz, de 20 anos, estava sem trabalhar e sem buscar uma oportunidade de emprego. O fato dele ainda viver na dependência financeira da mãe era algo que não a agradava. A jovem não via nele a ambição de querer ter e viver coisas, assim, mesmo gostando dele, decidiu se afastar.

O local não foi palco, durante o tempo da pesquisa, de eventos culturais. Algumas pessoas relataram, que em um passado não distante, ocorriam saraus de poesia. Hoje existe semanalmente a batalha de *rap* da praça. Quase sempre são os mesmos jovens do bairro e de localidades próximas que se juntam para disputar suas rimas. A prática da batalha acontece de modo semelhante às outras observadas durante a tese. É um momento de intenso contato corporal, todos muitos grudados uns aos outros dizendo palavras que expressam seus modos de viver na cidade, seus sentimentos de revolta por serem de áreas mais populares, entre outros. Os jovens geralmente ficam em pontos mais separados da praça, eles não se misturam tanto com os outros frequentadores. As pessoas se conhecem, existe um trânsito entre os agrupamentos, mas este não é tão intenso quanto na Barra por exemplo. As jovens não participam das batalhas, ficam olhando mais afastadas.

Cristal, assim como Priscila de Narandiba, afirma não participar dessas ocasiões por achar os jovens da batalha muito fechados e machistas, mas garante que quando bebe um pouco mais se arrisca com algumas rimas só para provocá-los. Por mais que as pessoas que não são recorrentes na batalha possam participar de algumas disputas, é entre um agrupamento de jovens mais constantes que a prática se consolida no lugar.

Há, em datas específicas do ano, uma organização maior para a batalha. Nessas ocasiões os jovens confeccionam cartazes, promovem inscrições com os valores destas revestidos em premiações para os vencedores, além de disponibilizarem caixas de som potentes com microfone. Essas são batalhas mais divulgadas nas redes sociais e entre

aplicativos de conversas, atraindo um número bem maior de espectadores e de *rappers*. A presença de mulheres também é marcante, mesmo sem estarem batalhando. O movimento na praça, em função da batalha, é maior, apesar de nem todos estarem envolvidos com o evento. Só o fato de existir uma programação no lugar já gera agitação de pessoas circulando.

Figuras 36, 37, 38 e 39 – Batalha da Quadra



Fonte: Imagem da autora

O paredão já é um agrupamento voltado para um momento festivo e de busca por envolvimento afetivo. Há a presença de mais pessoas reunidas no lugar. Os jovens compartilham a busca por paqueras, conhecer pessoas e por alterar o estado de consciência por meio da bebida e de alguns tipos de substâncias químicas. Os contatos corporais são mais intensos, assim como a aproximação entre os jovens, mesmo que estes ainda não se conheçam. Não visualizei o uso de maconha no evento em frente à igreja, mas sim a venda de drogas.

➤ Música e bebidas

Muitas vezes os jovens vão para a Praça da Quadra já sabendo, por meio de conversas via *WhatsApp*, quem são as pessoas que lá estão ou aparecem para verem os presentes. Antes mesmo de irem já se preocupam em saber quem irá levar uma caixa de som ou aparelho. Os jovens conectam o aparelho em uma tomada improvisada pelos donos dos quiosques. O volume do som não costuma ser alto a ponto de abafar as conversas de outros agrupamentos. Os estilos musicais são sempre os mesmos: *funk*⁶¹ e pagode baiano⁶², apesar de na praça existir a frequência de diversas pessoas interessadas em estilos musicais variados. Os quiosques perto da praça quase nunca ofertam som ao vivo e nem mesmo os vendedores ambulantes do local levam consigo os equipamentos portáteis.

Assim que chegam, procuram saber quem irá participar do rateio da bebida e buscam ouvir música. A bebida escolhida, quando é consumida por um número maior de pessoas, geralmente é vodka. A compra do produto é feita nas *bombonieres* e depósitos disponíveis no lado oposto da orla. A bebida é misturada com algum refrigerante ou energético. A garrafa fica na responsabilidade de alguém que participou do rateio e sabe quem vai beber. Essa pessoa, geralmente Ana, controla o consumo para que não acabe rápido e a quantidade da mistura que é realizada aos poucos. A garrafa não fica exposta, ou guardam na mochila de

61 **Gênero musical** que surgiu nos Estados Unidos por intermédio da música negra no fim da década 1960. Ele teve sua origem a partir da mistura de vários ritmos como o *soul music*, *jazz*, *blues*, assim como por influências do R&B, do rock e da música psicodélica. Hoje em dia, o *funk* está dividido em diversas categorias. Há vários ritmos diferentes, os quais são classificados de acordo com o gosto e estilo de cada *MC*. Há o *funk carioca*, *funk melody*, *funk pop*, *funk proibidão*, *funk consciente*, *funk antigo*, *funk nejo* e o ***funk ostentação***. Os mais famosos e conhecidos são os funks cariocas, com seu ritmo mais pesado e com linguagem bem carregada. Os bailes *funk* estão presente em todos os lugares onde costumam ser o *point* de muitos jovens.

62 Por vezes também chamado pagodão, swingueira ou quebradeira, é uma variante do pagode criada em Salvador. Por ser um gênero de origem baiana, é erroneamente confundido com o *axé music*. Caracteriza-se por letras de duplo sentido e refrões simples, sendo mais popular entre as áreas periféricas de Salvador. O gênero é muito criticado por questões morais. Muitos evidenciam suas letras como sendo machistas e pornográficas, além de fazer apologia à violência e às drogas.

alguém ou ficam em sacos plásticos. Há uma constante atenção para saber quem está com o produto e de quem está bebendo. Os jovens oferecem para alguns que não participaram do rateio, geralmente as pessoas mais próximas que não contavam com dinheiro, mas nem todos podem compartilhar do consumo.

Alguns jovens preferem beber individualmente ou em menor grupo, nesse caso, consomem vinho da marca São Jorge. A cerveja é pouco consumida. Estas bebidas são compradas com “a tia do isopor”. Na parte da praça, durante a noite, é “a tia” que fica voltada para os frequentadores da praça. Seu ponto fixo é entre os quiosques e a descida para a escadaria. Existem aqueles que não bebem e preferem ficar conversando e dançando.

A Praça da Igreja já apresenta uma dinâmica um pouco diferente, o som alto das caixas de som que ocupam toda extensão das malas dos carros é o grande atrativo para os jovens. O estilo é do som de paredão; uma prática de som muito alta. Essa prática traz consigo muitos dilemas e questões para a vizinhança de onde ocorrem os encontros. Junto com o som, vem as coreografias das músicas mais escutadas pelos moradores das periferias. As danças são feitas de expressões corporais que valorizam o “empinar das bundas e remelexo dos quadris”. Não é raro assistir, pelas redes sociais, vídeos dos jovens dançando em casa ou na casa de amigos. Nesses eventos existe um forte recorte de gênero. Alguns rapazes, por exemplo, ficam com suas bebidas nas mãos observando as danças e conversando, enquanto as garotas não param de movimentar seus corpos em ritmos frenéticos. O público frequentador dos paredões é basicamente de jovens.

Nesses eventos a bebida é bem presente, sendo raro avistar alguém que não esteja segurando um copo. Inclusive, com o avançar da noite, é usual vermos jovens alcoolizados, passando mal e até mesmo escorados na rua. Na manhã seguinte aos paredões, horário que se encerra o evento, as ruas e a Praça da Igreja ficam repletas de copos e garrafas de bebidas. Nas noites de paredão acontece a venda de drogas, como cocaína, maconha, *crack*, “doces” e “balas”. Os jovens, em algumas oportunidades, tentaram comprar doces para usarem especialmente nos paredões. Nestes, há uma intenção “*de ficar louco*”.

Os jovens fazem daquele espaço um ambiente festivo, entre muitas conversas, bebidas e danças, vão ocupando a Praça da Igreja com suas práticas.

➤ Conflitos

Antes de me aproximar dos jovens na orla ouvia que devia temer estar nos mesmos lugares que eles frequentavam. Já, entre eles, ouvia que na Praça da Quadra não é permitido

fazer confusão; “*os caras não deixam*”, essa regra era algo internalizado por eles. “*Os caras não deixam*” é uma forma de dizer que o tráfico atuante no bairro de Itapuã não quer que a polícia esteja presente no local. De fato, soube de poucos conflitos diretos na mesma e não presenciei nenhum tipo de confusão explícita enquanto estive na Praça da Quadra. As situações de violência mais graves, envolvendo baleados e crimes com faca, eram sabidas por meio da mídia local ou pelos jovens. Essas situações ocorreram nos bares da orla e em um paredão que aconteceram na Praia do Saco e na Praça da igreja.

As situações de conflito presenciadas na orla não envolveram jovens de classes distintas. A atuação policial no bairro e na orla é o maior fator causador de tensão para os jovens. Foram muitas as situações, durante o dia e a noite, em que pude presenciar agentes de segurança abordando jovens que passavam pelo calçadão sem apresentarem nenhum tipo aparente de comportamento perigoso ou ameaçador. Em uma ocasião, jovens gravavam um vídeo dando risada: “*sexto em Itapuã, olha a cordinha de caranguejo dos caras*”. O vídeo gravava a cena de vários jovens, aproximadamente 20, todos de mão dadas e pernas bem abertas, a ponto de encostarem umas nas outras, tendo seus bolsos e corpos averiguados por policiais. A cena ocorria na porta da igreja que já havia encerrado sua missa do dia. No último degrau, os jovens se alinhavam de um ponto a outro da igreja. A situação, que chamava a atenção de quem passava e estava próximo, ocorreu em dia de paredão, logo que começou a movimentação de jovens no local.

Na Praça da Quadra, a atuação policial foi bem semelhante. Enquanto muitos jovens estavam na parte inferior, eu inclusive, na parte do calçadão, outros jovens sentados em bancos e em pé, aparentemente saídos da escola, por vestirem farda e portarem mochilas, foram abordados por policiais. Bem próximo da descida para a Praça da Quadra, estes jovens foram posicionados um ao lado do outro, sem “cordinha de caranguejo” dessa vez, e tiveram seus pertences vasculhados. Os seus cadernos foram abertos e folheados para que se certificassem de que havia anotações nos mesmos, e até mesmo as jovens entregaram o que tinham para que olhassem; com elas, não houve contato corporal como com os meninos. Os policiais não encontraram nada ilícito com os rapazes e nem chegaram a descer para onde havia mais jovens. A aglomeração mais próxima aos jovens “baculejados” era a que eu fazia parte.

Outra situação de conflito envolveu a “tia do isopor” e três jovens que frequentavam bastante a praça. A SEMOB, assim como no Rio Vermelho, tem uma atuação bastante forte na orla de Itapuã. Diria que a atuação em Itapuã chega a ser semanal, pelo menos durante o período em que estive mais assiduamente no bairro, diferente do Rio Vermelho, em que

presenciei operações esporádicas e da Barra, que não presenciei. Ambas possuem um número muito menor de vendedores ambulantes no local.

Alguns jovens da praça sempre que avistavam o carro da Secretaria ajudavam “a tia” a esconder sua mercadoria e ficar com uma quantidade menor numa bolsa térmica discreta e escondida entre eles. As bebidas e outros produtos vendidos por ela eram levados para dentro do quiosque localizado bem próximo à quadra. Em uma noite, Luiz soube que a “tia” estava lhe acusando de ter furtado algumas cervejas quando ele e outros jovens foram esconder as bebidas no tal quiosque. O jovem ficou muito indignado, ameaçou fazer uma ocorrência na polícia caso “a tia” não retirasse, na frente de todos da praça, a acusação feita. Luiz explicou em seus grupos sociais e, mesmo na praça, que tudo não passou de um mal entendido. Outro jovem, com quem “a tia” tinha maior proximidade, afirmou que poderiam pegar algumas cervejas com a sua permissão. Na ocasião de se encontrarem, uma confusão se formou, Luiz expôs de modo firme seu descontentamento a ponto de causar forte emoção na “tia”. A “tia” ouviu o rapaz, o dono do quiosque e alguns jovens presentes e, arrependida, pediu desculpas. O desentendimento entre os dois foi apaziguado, não houve queixa policial e hoje a relação entre eles segue sem atritos.

A relação entre os jovens muitas vezes é mediada por pequenas rugas, ou como falam por “*pegar ranço*” de pessoas. A reunião de jovens na praça é quase sempre numerosa, mas nem todos são próximos. Eles podem se conhecer, conversar, mas as amizades surgem apenas entre alguns. Com outros, podem ter pequenos atritos, não terem tanta afinidade, nem gostarem do comportamento. É desse modo que ficam com “*ranço*” de alguém. O ouvir falar algo desagradável sobre uma situação, sobre si ou sobre um amigo é um elemento causador dessa sensação de menosprezo. E é comum deixar transparecer para a pessoa que falou o seu desagrado e, em alguns casos, até mesmo ir dizer diretamente o seu ponto de vista.

O fazer *bullying* também foi citado. Entre eles, os jovens afirmam gostar de fazer *bullying* com o outro, e explicam que essa é uma forma de se protegerem das situações de violência e racismo que sofrem fora do convívio amigável. Entre amigos, nas ruas, nos encontros, rotulam o outro daquilo que mais os estigmatizam (gordo(a), bicha, viado, sapatão e maconheiro são alguns exemplos). Eles afirmavam que ouvem muitos insultos pelas ruas, de pessoas que não conhecem e que não os conhecem: “*não vou ficar doído pelo insulto de alguém que não conheço. Minha melhor resposta é essa, a indiferença*”.

Segundo eles, assim ficam preparados para enfrentarem um tipo de violência que sabem que viverão na rotina de suas vidas. Serem vistos pela lente do preconceito os fazem sofrer, os fazem se sentirem menores, mas entre eles, em momentos de encontro e lazer,

criaram uma forma de se relacionarem que torna a ofensa algo jocoso, mas eles alertam, “*é claro que só a gente pode se chamar assim, alguém de fora que esteja chegando não vamos aceitar*”.

Há os conflitos diretos entre os próprios jovens e, na maioria das vezes, estes se iniciam por questões que envolvem o rateio para compra de bebidas ou o uso excessivo dessas. Em outras situações, brigas se desenrolam em função de fofocas feitas sobre o nome de algum jovem e essa informação dada sem o consentimento do envolvido vai circulando entre as pessoas e ganhando uma maior proporção, gerando discussões públicas. Esses são fatores que denotam a constância das redes de relações existentes entre os jovens.

Outras circunstâncias ocorreram em razão da proximidade espacial existente entre os lugares territorializados pelos jovens e as relações de vizinhança e parentesco – ambas são vividas no mesmo bairro. Os territórios juvenis, na orla de Itapuã, passam pela vigilância e a atenção da rede de conhecidos do bairro. É nesta condição que se formam os agrupamentos juvenis costumeiros, nesse sentido, os jovens ganham a característica de serem não só controlados pelas forças policiais, mas também pelas relações de vizinhança.

Em um dia de paredão, uma jovem que dançava entre amigos foi arrastada pelo braço por sua mãe enfurecida. A jovem aparentava ter, no máximo, uns 16 anos. De alguma maneira a mãe soube de sua presença no lugar, saindo com ela a pé para casa. Alguns jovens presentes sabiam de quem se tratava e onde moravam no bairro. Nesse mesmo dia, duas jovens se agrediram fisicamente no meio do paredão. Durante o acontecimento uma enorme roda se abriu, uma das garotas saiu correndo da outra, que partiu em sua direção. Não se soube ao certo o motivo da briga. Os comentários eram de que as jovens moravam numa mesma rua e uma tentava atrair afetivamente o companheiro da outra. O paredão foi o palco para o enfrentamento direto de uma relação de vizinhança que já vinha se desgastando no cotidiano.

PARTE II

4.2 JOVENS EM MOVIMENTO

4.2.1 Os jovens e seus traçados móveis

Na orla de Itapuã o contato com os jovens foi mais intenso e constante do que com os jovens conhecidos a partir das outras orlas. A realidade dos jovens interlocutores em Itapuã é mais circunscrita ao próprio bairro e regiões adjacentes, ou seja, eles e elas costumam

trabalhar, estudar, consumir, ter amigos, viver o lazer e outras atividades no próprio lugar do habitar. Essa situação urbana possibilitou que os encontrassem com maior regularidade em seus territórios. Em comum aos outros campos foi a possibilidade de seguir a trilha de contatos dos jovens. A cada nova ida ao bairro conhecia pessoas novas através daquelas anteriormente familiarizadas. Os contatos com algumas dessas pessoas foram perdurando e com outras se mantinham mais afastados e em situações presenciais. A partir dos jovens de Itapuã, a pesquisa se movimentou menos pela cidade, havendo maior deslocamento para os mesmos lugares da cidade (orlas da Barra e do Rio Vermelho), além de ter permanecido mais tempo entre suas movimentações na própria orla. Dentre os muitos jovens com quem conversei e convivi, foi com seis deles que mais mantive contato próximo. E assim como no capítulo 2, faremos aqui uma descrição de suas relações móveis na cidade, sem a pretensão de criar um perfil dos jovens que utilizam a orla de Itapuã.

Ícaro foi o jovem que primeiro conheci na orla, quando ainda não sabia maiores detalhes acerca do trânsito e da dinâmica dos mesmos. Ícaro tem 21 anos e mora com a mãe no bairro de Fazenda Grande III, Cajazeiras. Ele nos atendeu no bar do tio onde trabalhava como garçom e onde havia estado para observar a movimentação. O bar fica do lado oposto ao mar, em frente à Praça da Quadra e ao lado da Praça da Igreja. O jovem é estudante do segundo semestre no curso de direito em uma faculdade particular situada na Avenida Paralela. Ícaro afirma com veemência que gosta muito de estudar e trabalhar, apesar de ser bastante cansativo.

Para ele, as reformas na orla foram importantes para valorizar o bairro: *“é uma orla que agrada muitas pessoas. Principalmente as pessoas de fora, vêm muito gringo. Tem que ser preservada, porque é um lugar bonito, ser preservada para todo mundo. Tem que sempre está sendo reformada, pra deixar tudo arrumadinho, bonitinho”*. Ícaro, além de trabalhar quase todos os dias da semana na orla, também gosta de passar seu tempo livre na mesma. Em suas folgas opta por estar em Itapuã, ir à praia, lanchar e ficar conversando com as pessoas conhecidas no próprio bar onde trabalha.

A sua movimentação pela cidade é basicamente para os mesmos lugares, faculdade, trabalho e moradia. O jovem se considera caseiro e de poucos amigos. Não é de sair com muitas pessoas e, tampouco, de ir para bairros desconhecidos. Ícaro transita sempre pelos mesmos lugares da cidade. Seu lugar afetivo é a orla de Itapuã: *“Deixo de descansar pra me divertir em Itapuã, mas existem outros bairros que eu frequento, mais pra ir para o shopping”*, nessas ocasiões costuma ir ao cinema no Shopping de São Cristóvão.

A Barra é um lugar que gosta por conta da praia, ele foi o único que não citou, apesar de conhecer, os agrupamentos juvenis do Farol da Barra. Lá faz muito tempo que não frequenta; em um momento, reflete que realmente não conhece muitos lugares da cidade: *“não diversifico os lugares por onde ando não”*.

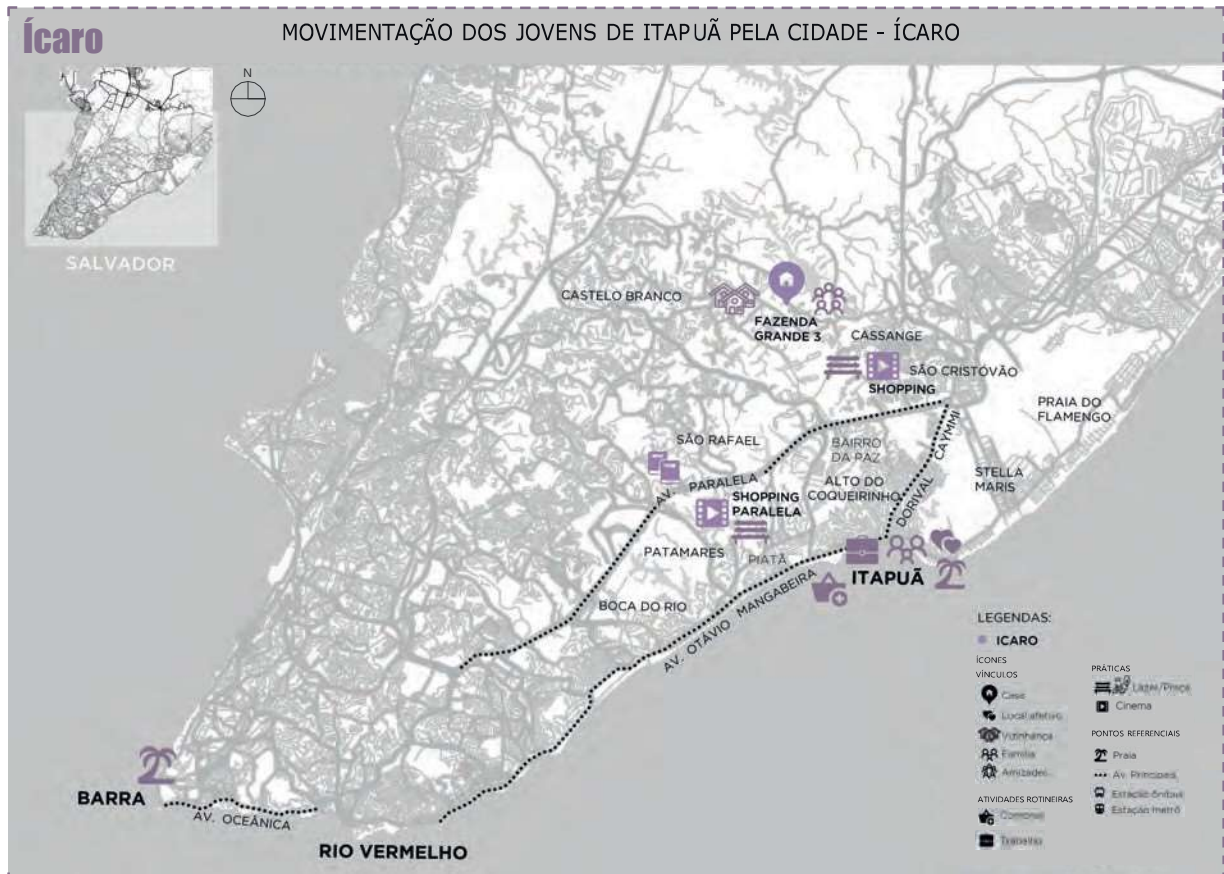
Ele não faz parte de nenhum grupo específico ou movimento político. Ícaro relatou ter sido convidado para participar de um grupo de jovens da igreja, o mesmo ao qual sua melhor amiga frequenta. Ícaro sempre afirma que prefere andar só *“a estar com pessoas que não vão estar felizes com a minha presença, sabe?”*. O jovem recorre às questões religiosas quando quer explicar o que pensa das relações humanas: *“Um exemplo aqui, eu respeito todas as religiões, não tenho nada contra, mas grupo jovem de igreja é muita hipocrisia, sabe? Porque a maioria está ali na falsidade, a maioria está ali não pra cumprir o que tem que ser feito, mas pra fazer o que não tem que fazer, entendeu? Fazer coisas erradas, aproveitar ali que só tem jovens, meninos e meninas e ficarem fazendo coisa errada, coisas que não são pra fazer, entendeu? Então eu prefiro não participar, eu prefiro ficar na minha.”*. E comumente corrobora com a sua escolha em andar só ou com poucas pessoas que confia, sobre grupos, ele é categórico em não querer participar de nenhum tipo.

Nos momentos de lazer gosta de estar com uma grande amiga moradora do mesmo bairro que ele. Quando está em seu bairro de moradia, costuma ficar em casa jogando em seu celular ou na companhia de sua melhor amiga. Nesses momentos ficam conversando na frente da casa da jovem ou a jovem vai até sua casa. Ele não é o jovem que fica circulando pelas ruas para ver a movimentação ou buscar conversar com muitas pessoas e saber das novidades da vida do bairro e das pessoas que o habitam, o que chamamos de “resenhar”. Ele prefere uma vida mais tranquila e reservada. Apesar de conhecer muitas pessoas, tem contato íntimo com poucas: *“eu não faço questão de estar em festa, em paredão, gosto assim de olhar, mas não faço questão de estar lá presente, prefiro tá de boa, é o melhor pra mim, é o meu gosto”*.

Sobre quem são os jovens que frequentam a orla de Itapuã, Ícaro considera que não deve generalizar, uma vez que tem consciência de que existem muitos tipos de jovens. *“A gente sabe que em todos os lugares vai existir gente certa e existir gente errada e eu acho quena orla de Itapuã frequenta todo tipo de gente, mas eu não posso dizer, ah lá só tem playboy, ou lá só tem vagabundo, ou lá só tem gente boa, ou lá só tem gente ruim, (...) então eu posso falar que existe todo tipo de jovem lá, entendeu? Existem jovens que bebem muito, que usam muita droga, existem jovens que realmente só vão pra se divertir, existem jovens que só vão pra namorar, existe todo tipo de jovem lá”*. Segundo o próprio, ele é o tipo de jovem que usaa orla de Itapuã pra se divertir, para aproveitar a praia, para trabalhar, mas também percebe

que existe outro tipo de jovem, o que a usa “*para utilizar droga, que vai pra vê se encontra alguma prostituta, não tem como generalizar, é uma coisa variada, é uma coisa que não tem um só tipo*”.

Figura 40 – Mapa de movimentação individual de Ícaro



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Danilo, assim como Ícaro, conheci me apresentando em dia de observação de início de movimentação do paredão na Praça da Igreja. O jovem tem 22 anos e mora aos finais de semana em sua casa no Bairro da Paz e durante a semana em uma casa alugada com outras pessoas no bairro de Marechal Rondon, localidade perto da BR 324. Ele trabalha na empresa da família, com consertos de carros e venda de peças. A escolha por morar durante a semana em Marechal Rondon é para estar próximo ao trabalho. Danilo trabalha de segunda a sexta, oito horas por dia, e, aos sábados, pela manhã. Ele brinca relatando que: “*Bairro da Paz é sua casa de praia, local de descanso*”.

O jovem é nascido no interior da Bahia, quando criança residiu certo período em São Paulo e há 14 anos vive em Salvador, no Bairro da Paz. Seus pais e irmãos moram na mesma cidade onde nasceu, no sudeste baiano, mas não mais juntos. O pai é cantor na cidade e a mãe vive de pequenos serviços. Danilo é pai de um menino de 11 meses. A mãe da criança é sua ex-namorada e moradora também do Bairro da Paz. Com ela e sua família mantém uma relação cordial por conta do filho. O jovem lembra que antes de ser pai seu tempo e dinheiro eram todos voltados para o seu lazer e consumo de roupas e acessórios, hoje, ele afirma priorizar os gastos com a criança e sempre que pode objetiva estar com ela. Esses encontros só acontecem aos finais de semana. Para ele, relacionamentos amorosos tomam muito tempo e energia das pessoas: *“Já fui muito largadão, mas hoje com meu filho penso antes nele e depois em mim, principalmente nos gastos, mudou muita coisa em minha cabeça”*.

Danilo possui o segundo grau incompleto. Ele sonha em conseguir terminar os estudos e cursar uma faculdade de medicina veterinária, mas, no momento, só se dedica ao trabalho, pois tem responsabilidades com o seu sustento e o do seu filho. Para ele, conciliar trabalho o dia todo e estudo à noite seriam inviáveis por conta do cansaço que sente no final do dia. Os custos com a sua sobrevivência são provenientes apenas de seu trabalho, Danilo não recebe auxílio financeiro de outros, nem dos pais.

O rapaz afirma que o seu lugar afetivo é a orla de Itapuã. Ele gosta de estar com os seus amigos no Bairro da Paz, mas prefere os lugares da orla. Ele enaltece os jovens do Bairro da Paz que organizam e participam de batalhas de *rap*, de dança de rua e o pessoal que faz grafite. Ele transita por todos esses agrupamentos, apesar de não se envolver diretamente com nenhuma dessas atividades.

Danilo conhece muita gente no Bairro da Paz, *“já fui muito enturmado, andava com todo mundo, depois percebi que muitas das pessoas que achava que eram meus amigos, na verdade só queriam tirar de mim, se aproveitar por eu ser trabalhador”*. Entre os vínculos que tinha no bairro, relatou sua aproximação com quem vende drogas, saiam juntos, curtiam festas juntos, e, foi nesse momento da vida, que recebeu convites, como mesmo enfatiza *“de gente grande do tráfico no bairro”*, para participar dos esquemas de venda do tráfico de drogas local. Aos poucos foi percebendo que o que realmente desejava era estar com poucas pessoas com quem poderia contar. Disse que gosta de andar com poucos amigos, com um grande amigo do bairro e ir conhecendo as pessoas *“de momento”*, principalmente jovens para se relacionar afetivamente.

O jovem considera que a sua postura de hoje vem das conversas que tem com a mãe e após a experiência de ser pai: *“Minha mãe disse que deveria procurar amigos fora do meu*

bairro, conhecer pessoas em outros lugares, para não ficar gastando meu dinheiro com os outros". A sua rotina de vida é muito voltada para o trabalho na oficina de seu tio. O jovem não é satisfeito com a função que exerce, segundo o mesmo, é um trabalho que exige muito esforço físico e quase nada de sua capacidade intelectual; *"sou inteligente, sempre tirei notas boas em matemática, química, gosto de filosofia, história, mas nesse trabalho só me canso, chega de noite só quero dormir"*.

Para ele estar na orla de Itapuã não é estar completamente fora de seu bairro de moradia, já que nela se depara com muitas pessoas conhecidas e com as pessoas que passou a conhecer por conta de sua frequência no local. Seus momentos de lazer são quase sempre na orla, pela manhã e tarde na praia de Itapuã e a noite nos espaços de convivência que existem na orla, principalmente a Praça da Quadra, a Praça da Igreja e, algumas vezes, nos bares do local, dependendo de quem vai encontrando.

O deslocamento do Bairro da Paz para Itapuã é feito com facilidade. Existem ônibus, moto táxis e uma cooperativa de carros que faz o trajeto no valor de quatro reais. A cooperativa existe somente no Bairro da Paz. Os carros são reconhecidos pelos adesivos e pelo fardamento dos motoristas. Estes costumam estacionar na parte de trás da Praça Dorival Caymmi, bem próximo da igreja.

Outro lugar que gosta de ir, com menos frequência, aos domingos pela tarde, é a orla da Barra e destacou que gosta de ficar no monte do Farol da Barra. Para ele, nesse local da Barra *"é bom para se encontrar com diversos estilos de pessoas, vai encontrando, conhecendo, daqui a pouco está todo mundo misturado"*. O jovem ressalta que o lugar é ideal para conhecer gente nova, mas também encontra, às vezes, pessoas conhecidas, inclusive do Bairro da Paz. O lugar é bom para paquerar. O jovem é desenvolto e afirmar ser direto em suas conquistas. Ele destacou que no lugar pode-se ver e participar de várias situações diferentes; *"lá tem roda de rima, grupos de dança que fazem ensaio, se apresentam, tem muita coisa pra ver"*. Percebe o lugar como um lugar plural.

O jovem frequentou outros espaços públicos da cidade em função de eventos musicais. O "Tardal⁶³" é um evento lembrado. Danilo o frequentava quando ocorria no Jardim de Alah: *"uma sonzeira eletrônica e aquele céu de fumaça, era bom demais"*. O evento nesse local, na orla da Pituba, é citado por unir um som de seu agrado, ter muita gente para conhecer e ser um local em que muitos compartilham o uso de algumas drogas, no caso dele, o uso do cigarro de

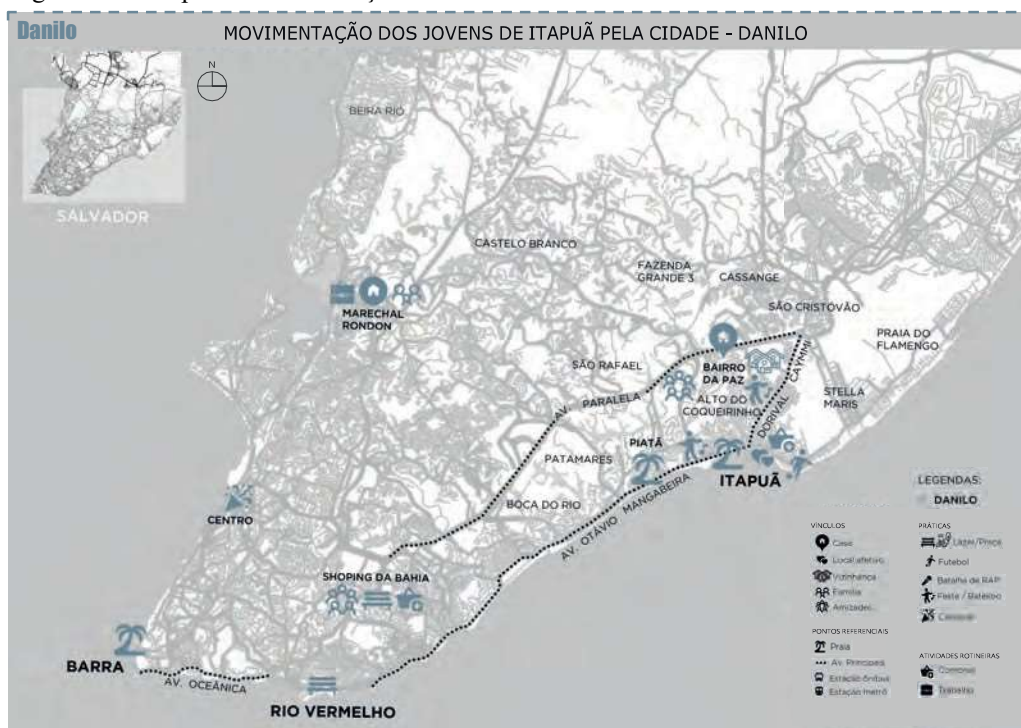
63 Movimento musical e multicultural independente realizado nos coqueirais de Jardim de Alah que acontece mensalmente em Salvador.

maconha. O Centro da cidade, em que quase nunca vai, segundo o rapaz, é um lugar perigoso, com muitos assaltos e de circulação massiva de dependentes de crack.

As suas despesas são concentradas nas lojas da Avenida Dorival Caymmi, em particular, uma que vende roupas com um preço acessível, material de boa qualidade no estilo surfista/skatista, que é o que lhe agrada. Em shoppings, compra tênis e acessórios, correntes é sua preferência. O shopping não é um lugar onde se sente bem. O local privado é associado a situações de racismo: *“nóis leva muito preconceito nesse ambiente de shopping por isso nós busca mais lazer na orla, rolê na praia é mais suave!”*. O tratamento que recebe daqueles que, provavelmente, também são de periferias, é o que o jovem destaca: *“Também até os próprios atendentes das lojas, tratou nós com bastante ignorância, fiquei chateado porque todos estavam testando as peças da loja, mas sobrou pra nós, o foco foi em nós”*. Nessa ocasião ele e seus amigos foram chamados à atenção, enquanto faziam vídeos com produtos da loja para postar em suas redes sociais.

Para Danilo, Itapuã é como uma extensão de seu bairro de moradia, só que na orla e com diversidade de classes. Ele considera a orla de Itapuã um lugar também com diversidade de pessoas, menos do que a orla da Barra. Em ambos, pode encontrar pessoas novas que vão passar férias, aproveitar as belezas do lugar. As orlas, nesse sentido, é um lugar diverso, distante da ideia que constroem do bairro de periferia: *“orla sempre tem galeras novas, muitos estilos”*.

Figura 41 – Mapa de movimentação individual de Danilo



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Elis, a jovem de 20 anos é moradora do Alto de Abaeté. Vive em uma casa com a mãe, o pai e o irmão menor. A mãe trabalha em um laboratório e o pai é funcionário da justiça. Ela considera não ter uma condição financeira ruim, mas sabe que deve “*correr atrás*” do que é dela. A jovem possui o ensino médio completo e atualmente faz um curso técnico de enfermagem durante alguns dias da semana no bairro do Campo da Pólvora, Centro da cidade. Elis, através de um grande amigo do bairro, se aproximou, recentemente, de uma casa de Candomblé localizada no Final de Linha do Garcia. Atualmente, está sempre envolvida com as atividades do terreiro, chegando a ir quase que semanalmente à “*casa de axé*”⁶⁴.

A jovem não é ligada a nenhum grupo específico, mas traz em seu corpo e discurso muito do seu lugar de fala: “*sei que eu, como mulher negra, sempre vou correr mais risco do que uma patricinha, mas não vou deixar de andar na rua com minhas amigas por causa disso, antes mulher que ficava nas ruas curtindo eram tidas como prostitutas, hoje é menos isso, mas a discriminação e o risco que corremos ainda são grandes*”.

Elis teve algumas experiências de trabalho em lojas, mas em nenhuma das oportunidades passou muito tempo, ficando até findar os três meses do período de treinamento. Atualmente ela está em busca de trabalho. O seu anseio é ser autônoma e não ter pessoas hierarquicamente superiores. Apesar de estar no curso, Elis, sonha em trabalhar com estética ou no ramo do entretenimento. A jovem chama a atenção por sua beleza, por onde passa costuma ouvir elogios.

A conheci na primeira vez que estive na Praça da Quadra. Elis fumava um cigarro de maconha com outras amigas em um dos bancos da praça. Sentada próxima delas, pude me aproximar e conversar com a jovem. Ela sempre frisou o seu apreço pela maconha. Em nossas conversas relatou o fato de sua família saber de seu uso diário: “*minha família hoje em dia aceita que eu use, eles sabem que fico de boa. Na verdade, uso desde muito cedo*”. Ela faz o consumo do cigarro de maconha tanto na laje de casa, quanto em espaços públicos da orla de Itapuã e de outras orlas, principalmente do Rio Vermelho.

A sua relação com a maconha é algo realmente importante para ela, a ponto de buscar saber com seu “*pai de santo*”⁶⁵ e como os seus orixás⁶⁶ percebem essa ligação. Já com a

64 Também conhecido como Ilê Axé, é o local sagrado para o povo do santo, onde acontecem as festas públicas, e pode abrigar uma grande parte dos convidados.

Pessoa responsável ou autoridade máxima de um terreiro ou tenda de Umbanda. Um sacerdote das religiões afro-brasileiras. Também conhecido por Pai de Terreiro, Babalorixá, Babaloxá ou Babá. Seu equivalente feminino é a Ialorixá ou Mãe de Santo.

66 Entidades que governam o mundo em nome da divindade, representam elementos da natureza ou poderes primordiais e estão relacionados com antepassados míticos.

profissão na área da saúde, ela acredita que o uso constante não é compatível, inclusive, lembrou-se do discurso de seu professor sobre o uso de drogas e o exercício da enfermagem.

Elis se acha uma pessoa precoce em muitas questões de sua vida. A jovem se casou muito cedo, perdeu o companheiro com pouco tempo de união, e ainda muito nova começou a utilizar constantemente o cigarro de maconha e a conviver com as malícias da rua. A jovem é usuária de maconha desde os 13 anos. Para ela, os jovens de agora querem se expressar mais e a rua é um espaço propício para isso. Essa expressividade pública, a jovem, encara como uma forma de manifestar poder: *“essa juventude de agora sabe que tem poder”*, logo, em seguida, conclui: *“Os jovens é que falam e mudam tudo, a cada geração as coisas são de um jeito”*.

Elis, aos 16 anos de idade, passou a morar com um jovem em outro bairro também da orla norte da cidade. O rapaz, que era carioca, veio morar em Salvador para escapar das ameaças de morte que sofria em função de seu envolvimento com as atividades do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Elis sempre soube do envolvimento do jovem, mas admitia que isso, de certa forma, também a atraía. A jovem gosta de vivenciar experiências perigosas e estar com ele lhe causava adrenalina. O envolvimento com homens que possuem certo prestígio em periferias da cidade é uma situação que a movimenta pela cidade. Em função desse vínculo afetivo, a jovem já esteve em periferias localizadas nas orlas mais centrais. Sua movimentação com os mesmos era restrita a casa do rapaz ou em lugares das orlas.

A sua família não a apoiou na decisão de viver com o jovem, não só pela pouca idade, mas pelo risco de vida que ela corria. Em Salvador, seu companheiro manteve o envolvimento com o tráfico. Em Itapuã todos sabiam e comentavam sobre sua união, inclusive sua volta ao bairro, com 19 anos, e o pós-assassinato do jovem. O retorno ao bairro, para ela, foi difícil por conta dos julgamentos que as pessoas faziam. Ela afirma nunca ter se envolvido diretamente com nada da atividade do tráfico. Essa era uma vontade do próprio parceiro. Elis nos conta que ele a incentivava a seguir nos estudos e trabalhar. A intenção do seu parceiro era de que a jovem pudesse prosperar no caso de sua ausência ou morte: *“ele sempre me preparou pra perder ele, por isso vivíamos intensamente nossas vidas, ele fazia tudo por mim, nós viajávamos muito, o que ganhava com o meu trabalho era todo meu, não tinha quer gastar com nada na casa, nem com a gente”*.

Com ele, mantinha uma vida confortável, de muitas viagens e festas, mas em contrapartida, não podia andar em qualquer lugar da cidade. Ser a companheira de alguém envolvido com o tráfico lhe impunha uma cautela maior na movimentação do que para aqueles jovens que buscam pelos chamados “lugares neutros”.

As localidades da cidade que atualmente mais frequenta são as orlas. Em Itapuã, a sua preferência é pelo partido alto e as casas de show, mas constantemente está na Praça da Quadra e principalmente nas praias com seus amigos. A sua vizinhança é pacata e, conforme seu relato, só se anima com os churrascos de final de semana.

Elis mantém contato mais íntimo com poucas pessoas, apesar de conhecer muitas e saber dos acontecimentos no bairro. A sua grande amiga é sua companheira de infância, Cristal, também é moradora de Itapuã. Seus relacionamentos, depois da sua união, a tornaram uma pessoa desconfiada: *“a gente vê do que as pessoas são capazes pra prejudicar as outras”*.

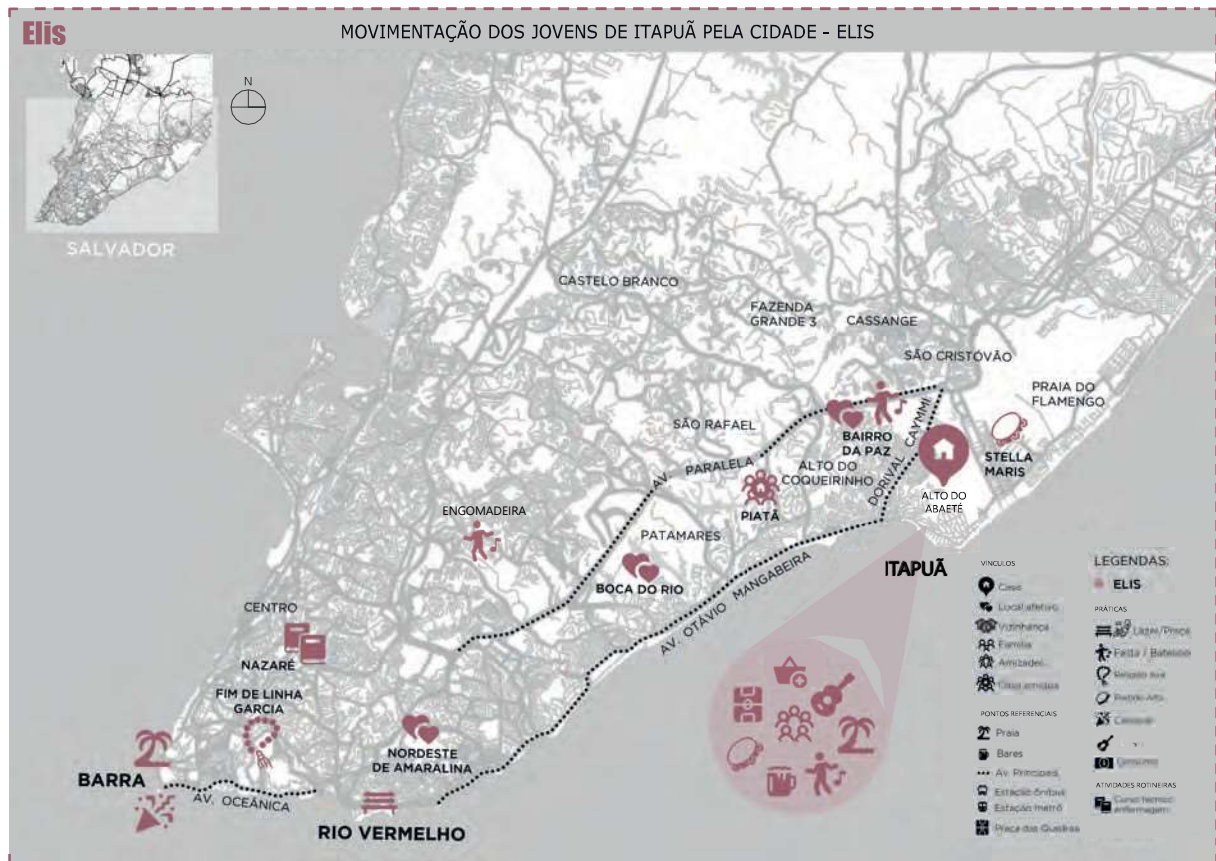
Seu consumo é feito basicamente no próprio bairro, nas lojas disponíveis na Avenida Dorival Caymmi e proximidades. Elis, apesar de andar pelo Centro por conta da religião e do curso técnico que faz, não mantém experiências para além dos espaços de culto e estudo. Seu deslocamento para regiões do Centro é específico e pontual, além das festividades de carnaval.

Para o lazer, a jovem já foi para alguns paredões fora de Itapuã. No da Ribeira, na Ponta de Humaitá, esteve poucas vezes, prefere outras partes da cidade. No paredão da Engomadeira e do Bairro da Paz foi apenas uma vez. Na Engomadeira esteve próxima de um tiroteio da polícia com as pessoas envolvidas com o tráfico e no Bairro da Paz foi *“encurralada”* por jovens moradores da área, também envolvidos com o tráfico.

Nessa ocasião, ela teve sua presença vigiada pelos jovens e quando sentiu o clima tenso decidiu partir com sua amiga. Dois rapazes lhe abordaram perguntando se já iam, em tom incisivo, indagavam de onde eram e com quem estavam. As jovens seguiram na intenção de ir embora. Elis decidiu não mais voltar nesses paredões sem estar com pessoas da área, *“por causa da covardia”*. A sensação de se ver *“encurralada”* lhe causou insegurança.

A jovem gosta mesmo de sair, principalmente para noite do Rio Vermelho e tardes de domingo na Barra, mas é a orla de Itapuã seu lugar afetivo e onde acaba ficando mais. O Centro é, para ela, um lugar inseguro, de muitos assaltos.

Figura 42 – Mapa de movimentação individual de Elis



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Luiz é o jovem que já manteve um fluxo de movimentação constante pela cidade de Salvador, mas hoje acredita que só deve sair de Itapuã se valer muito a pena. O que valoriza nesses momentos é a oportunidade, de que mesmo indo para lugares já conhecidos, possa conhecer pessoas novas. Luiz, de 24 anos, se apresenta como bruxo. Ele se dedica a conhecer tudo que for de fácil compreensão sobre espiritualidade e magia. Ele se apresenta como alguém interessado por questões existenciais, esotéricas e ocultas. Tem outros amigos também interessados pelo tema e em questões interligadas a esfera mística, com estes, compartilha um grupo de *WhatsApp* chamado “Labirinto das Serpentes”, nele, 17 pessoas, entre elas: “*tem macumbeiros, bruxos, astrólogo e wiccanos*⁶⁷”. Para ele, a bruxaria é uma forma de existir no mundo, a qual envolve o “*papel de repassar o que aprendemos para evoluir, farei minha parte*”.

67 Religião neopagã influenciada por crenças pré-cristãs que afirma a existência do sobrenatural (como a magia) e os princípios físicos e espirituais femininos e masculinos que interagem com a natureza, e que celebra os ciclos da vida e as festividades sazonais, conhecidos como sabás. Seus seguidores são conhecidos como wiccanos ou bruxos.

O jovem sempre estudou em escolas da rede pública no bairro, atualmente, busca emprego e mora numa área chamada Beira Rio. Um tempo depois que nos conhecemos, ele trabalhou como atendente de uma grande rede de lanchonetes no próprio bairro, saiu deste com três meses de trabalho. Suas experiências de trabalho são de curtos períodos. O jovem já trabalhou como auxiliar administrativo, auxiliar de cozinha, garçom e venda externa de plano de saúde. Nenhuma das funções desempenhadas atendia seus anseios pessoais, eram meios de manter sua sobrevivência de forma mais independente de seus pais. O jovem conta com o apoio financeiro de sua mãe em momentos de maior dificuldades com os gastos diários.

Há cerca de cinco anos mora sozinho, em alguns momentos divide a casa com algum amigo. Já se mudou de casa algumas vezes, sempre em busca de valores de aluguel mais acessíveis à sua condição financeira e em localidades com incidência de violência menor. Afirmo que não muda de bairro de forma alguma, nem que consiga uma casa de graça em outro bairro. Seus pais e familiares também são moradores de Itapuã. Com eles mantém uma boa relação.

Luiz cursou algumas graduações em faculdades particulares, tais como, Tecnologia da Informação, Nutrição e Contabilidade, mas, em todas às vezes, teve de abandonar o curso por ter tido dificuldades em arcar com os custos do FIES⁶⁸. O seu desejo é de conseguir se graduar em alguma profissão, que ainda não decidiu qual será, tamanho é seu interesse por variadas áreas do conhecimento.

O seu discurso não é alinhado com nenhum grupo militante, mas afirma se envolver em debates “*com aqueles que se dizem héteros, mas não são*”. Gosta de discutir com algumas pessoas sobre machismo e homofobia, inclusive, com os jovens do bairro que participam das batalhas. São como, diz Luiz: “*os héteros que rimam sobre violência, sobre o preconceito que sofrem por serem da favela, mas que cometem preconceito, porque muitos são machistas e homofóbicos*”.

Na praça conhece quase todo mundo, com alguns tem boa relação com outros não. Ele cita os jovens do grupo religioso que promovem encontros na praça, com alguns desses mantém conversas, com respeito, mas não bebem, não dançam e nem ficam juntos. Alguns se aproximam dele e de seus amigos algumas vezes, mas em contatos rápidos. As conversas são mais sobre algum acontecimento no bairro.

68 Fundo de Financiamento Estudantil. Criado pelo governo federal em 1999 é um programa do Ministério da Educação (MEC) que viabiliza o ingresso ao ensino superior. Destinado ao financiamento da graduação de estudantes que não têm condições de pagar as mensalidades das faculdades da rede de ensino privada. Como se trata de um empréstimo, ao concluir o curso, o estudante beneficiário terá de pagar a dívida.

Aos 17 anos começou a sair mais de Itapuã, quando ainda frequentava uma *lan house* no bairro onde começou uma amizade com outro jovem morador que o levou para outras regiões da cidade. Na Praça do Campo Grande conheceu pessoas que, assim como ele, gostavam de rock, o que ele chama hoje de “*rock de lan house*”: “*Quando mais novo criei afeição pelo rock, e aqui em Itapuã não tinha muitos cenários do rock. Então acabei encontrando essa galera por aí*”.

Nos fins de tarde das sextas-feiras gostava de estar no Centro para encontrar com a galera do rock, com eles transitava por outras localidades do Centro, explorando seus caminhos e lugares: “*a gente gostava de ir para vários lugares, quando queríamos bebida barata íamos para um bar na Piedade ou no Comércio, quando queríamos ouvir som íamos andando pro Rio Vermelho*”. O ponto de encontro era sempre o Campo Grande, quando decidiam por não ficar apenas lá seguiam juntos andando pelo Canela, Federação, Garibaldi e Rio Vermelho, lá, em determinada casa de show, se juntavam a tantos outros que gostavam de rock.

Da Praça do Campo Grande, quando não seguia para outros lugares, voltava sempre de ônibus até as 22:00 horas, mas, quando seguiam, dormia em casa de amigos ou retornava no dia seguinte quando já havia a circulação da frota de ônibus nas ruas. Desses encontros no Campo Grande pôde conhecer mais pessoas que o levaram a outros lugares da cidade e a novos contatos. Em determinado dia, no Parque da Cidade, teve contato com algumas pessoas que também se interessavam por bruxaria. Desse encontro, seus laços foram variando, a ponto de não mais circular apenas com os jovens do rock.

Luiz, ao longo desses deslocamentos pela cidade, foi conhecendo mais pessoas, se misturando, indo para mais lugares, conhecendo os bruxos no Parque da Cidade, tendo contato com outras galeras, até que se inseriu entre agrupamentos com pessoas de múltiplos estilos. Dessas vivências em diante escolheu estar em experiências que contemplassem vivências mais abertas, sem expressão de signos específicos, como o do rock por exemplo. Ele diz que deixou de ser “*da galera do rock*” e transformou-se em alguém que tem amigos diversos e gosta de conhecer pessoas e lugares. Para ele, quanto mais circular por novos lugares, maior a possibilidade de conhecer pessoas diferentes.

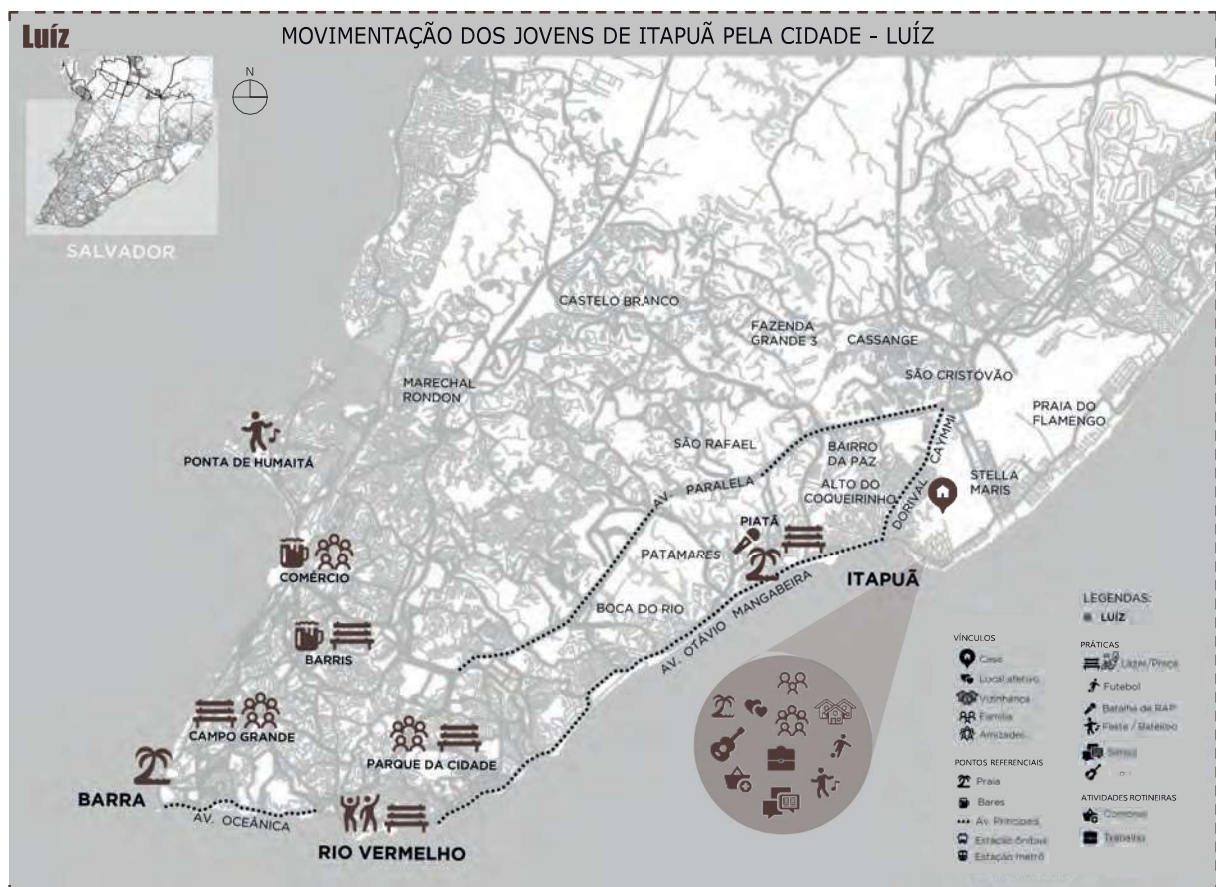
Hoje em dia, Luiz se desloca com menos frequência pela cidade. O Rio Vermelho, por exemplo, já não é mais tão interessante para ele. O jovem prefere ir para um piquenique no Parque da Cidade ou um pôr do sol no Farol da Barra, por acreditar que, nesses lugares, pode conhecer mais pessoas. Mais do que as localidades em si, ele busca por oportunidades de estar com novos contatos ou agrupamentos: “*é muito bom conhecer gente nova, falou que tem*

alguém chegando na área, sou o primeiro a querer conhecer, é muito bom trocar ideia com quem não conhecemos, descobrir coisas novas com os outros, melhor do que ficar num rolê sempre a mesma coisa, isso eu faço aqui”.

Itapuã é seu lugar afetivo e a orla do bairro é onde mais gosta de estar, seja na praia ou na praça com os amigos. Sua frequência nesses lugares é quase diária. É presença garantida nos luaus costumeiros que ocorrem na Praia da Poesia, em Itapuã, e na praia de Piatã. Outro espaço que é ponto de encontro para os jovens que frequentam a orla é a Praça da Coelba. Esta fica bem próxima da Praça da Quadra, localizada duas ruas antes da avenida da orla.

Hoje em dia, até pela falta de emprego, Luiz se desloca pouco pela cidade, não frequenta tanto o Centro, nem outras periferias; suas relações e movimentações estão, atualmente, mais concentradas em Itapuã, sua orla e proximidades. Ele possui um vasto conhecimento de lugares da cidade, exceto da área do Subúrbio Ferroviário.

Figura 43 – Mapa de movimentação individual de Luiz



Fonte: Extração de dados a partir de estudo em campo.

Carla, a jovem tem 20 anos, sempre viveu no bairro, mora com a madrinha e a avó. A sua vizinhança é basicamente de familiares, sua mãe mora próximo, foi criada pela madrinha. Carla considera ter três mães, sua avó, sua madrinha e sua mãe biológica. Ela relata não conviver muito com os familiares. Segundo a jovem, são relações muito mediadas pela fofoca, o que a incomoda. Sua presença nos almoços e festas de família é por pouco tempo e de maneira mais reservada. Com a irmã e a companheira tem relações de intimidade e confiança. Seu cunhado é alguém com quem tem mais proximidade. A experiência de ter fumado maconha com ele nos fundos da casa em um encontro familiar é o que os conectou. Nesses encontros não gosta de beber muito, por receio de perder o controle de sua postura reservada e menos falante. Sua mãe sabe de seu uso de maconha e não problematiza. A jovem não tem contato com o pai.

A história de seu nascimento traz para ela, aparentemente, lembranças engraçadas. Foi numa segunda-feira gorda da orla de Itapuã que a jovem nasceu. Os pais, que estavam num samba, saíram às presas para o hospital. Em meio a gargalhadas, disse que ambos estavam bêbados e acha que, por conta do estado de embriaguez da mãe, ela tenha nascido tão rápido. O parto normal havia sido sem intercorrência e em pouco tempo.

Sua avó mora em Cajazeiras, assim como sua namorada. Vai visitar a avó periodicamente e com a namorada costuma passar os finais de semana em Itapuã. A programação do final de semana das jovens é basicamente na orla do bairro, as manhãs na praia e as noites no calçadão da orla. Carla trabalha há dois anos numa loja de produtos eletrônicos que se mudou para Lauro de Freitas, antes estavam localizados em um pequeno shopping de Itapuã. A relação empregatícia não é registrada em sua carteira de trabalho. O dono da loja alega problemas com o CNPJ da empresa. Ela considera este emprego um momento transitório, pois pretende se dedicar exclusivamente à enfermagem. Carla faz curso técnico de enfermagem no próprio bairro e em breve pretende estagiar. O seu desejo é começar a trabalhar logo com a profissão e depois tentar uma graduação na mesma área.

Para ela é importante ter seu próprio dinheiro. Os dois anos que passou sem trabalhar foram os anos mais difíceis de sua vida conforme seu relato. Após ter concluído o ensino médio, em escola da rede pública do bairro, passou por esse período de busca por ocupação laboral, uma vez que seria essa renda garantiria o custeio de seu curso técnico. Carla gosta das palavras, de ler, de aprender. Sua trajetória escolar é linear e de boas lembranças. A jovem costuma expor em suas redes sociais as ótimas notas que recebe nas avaliações do curso.

Carla se apresenta como poeta e compositora. Explana que sua postura tímida é o que lhe impede de cantar e fazer apresentações. Ela é muito conhecida em Itapuã e conhece muita

gente, inclusive, os artistas locais, os projetos culturais que atuam no bairro, muitos jovens do *hip hop*⁶⁹ e de outros lugares. É com os jovens envolvidos com arte de Itapuã que ela tem mais produzido letras e músicas. Através dela conheci um jovem fotógrafo e outros compositores.

Ela não participa de batalhas, gosta mais de assistir, não aprecia a pressão de rimar na hora da disputa. Para ela, o ambiente das batalhas e do *hip hop* ainda é muito machista, como ela mesma disse; “*é hostil às mulheres*”. Apesar de conhecer muita gente da cena e de ter muitos amigos e parceiros de produção, ela não renuncia a se posicionar com a sua voz de mulher jovem que não tolera preconceitos e violências. Carla participou de um coletivo “puro malte⁷⁰”, mas este não foi adiante e hoje participa do coletivo “papo de rua”. Nos encontros fazem som, bebem, fumam, e “*trocam muita ideia*” sobre o que estão escrevendo ou querem escrever. A jovem está sempre com poesias novas, seus temas abordam, principalmente, relações afetivas, questões de gênero e as desigualdades urbanas. O coletivo “papo de rua” almeja se formar como uma banda de música e se tornar uma referência artística de Itapuã, assim como é a banda “Quarto de Ilusões” (possuem alguns clipes no *youtube* e apresentações em eventos na cena do *hip hop* de Salvador).

O uso de bebida alcoólica é, segundo sua concepção, essencial em sua vida e em seus momentos de efervescência artística. Estar sob o efeito do álcool é importante para compor e para se relacionar mais com as pessoas, uma vez que sempre foi muito tímida. Ela considera ter melhorado um pouco após participar de uma experiência de teatro no próprio bairro, o Teatro dos Oprimidos⁷¹, uma iniciativa da Casa Verde em parceria com artistas locais e estrangeiros. No projeto, as cenas eram sem fala e através de muito trabalho corporal. As apresentações, em escolas públicas do bairro e em instituições para menores em conflito com a lei, retratavam histórias de vida passadas por pessoas de África trazidas a força em navios negreiros.

O uso da bebida também lhe encoraja a se expressar através do grafite e da pichação: “*picho também, aí na Dorival tem vários pichos meus, gosto da adrenalina, de buscar um lugar mais difícil, fico treinando as letras no caderno, os manos comentam que viram minha assinatura, é da hora*”. A jovem se orgulha em falar de um trabalho que tem com o grafite no

69 **Gênero musical com uma subcultura** que surgiu entre as comunidades afro-americanas do subúrbio de Nova York na década de 1970. **A música é sua principal manifestação artística**, que também tem na dança e no grafite forte representação.

70 Alusão ao produto que compõe a fabricação da cerveja.

71 Técnica teatral que possui como principais objetivos a democratização dos meios de produção, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo e do teatro.

muro de uma escola pública bem próxima à sua casa. Ela e outros amigos foram convidados para fazerem a arte no muro da instituição valorizando o livro e a aventura que é a leitura.

Carla é a mais categórica em dizer que não gosta muito de sair de Itapuã. Exalta que o seu bairro a supre em tudo que precisa. Nele estudou, fez seu curso, já trabalhou, tem amigos, seus momentos de lazer, de produção artística, de consumo. A Praça da Quadra é um espaço que se destaca em sua fala de enaltecimento do bairro; local de ponto de encontro dos amigos (mais de conhecidos do que de pessoas novas). Outra praça que tem estima é a Praça da Poesia, localizada em uma rua sem saída a umas quatro quadras da avenida principal, nela aconteciam os saraus da praça, mas há algum tempo não ocorre. Sua movimentação é por espaços públicos, o espaço de shopping só usa muito esporadicamente e os mais próximos do bairro. Sair do bairro só no caso de um “*rolê que vale a pena, por exemplo, um sarau de poesia do Slam*”⁷².

Antes de começar a trabalhar, a jovem admite que até saia mais do bairro e ia para regiões mais distantes de Itapuã. O Parque da Cidade é um lugar que já frequentou com os amigos do *hip hop*. Em uma ocasião que estavam no local, decidiram ir para a noite da orla do Rio Vermelho. O caminho cogitado para seguirem foi pelo bairro do Nordeste de Amaralina. Carla confessa ter ficado muito desconfortável com a decisão do grupo, mas os acompanhou. Ela afirma só ter entrando no Nordeste por estar com um amigo morador do bairro. No Nordeste, atua a facção rival de Itapuã. Todo o trajeto foi feito com bastante tensão. Ela relata ter tido muito medo de “*ser encurralada*”. Sua presença pode ser encarada como uma afronta e machucá-la seria uma forma de mandar um recado de poder à facção rival.

Carla conhece a região do Campo Grande, já bebeu com amigos no lugar; no Pelourinho esteve em eventos de *hip hop* e gosta de ir a algumas apresentações de poesia pela cidade, no Imbuí e em Nazaré. No *youtube* tem postado uma poesia sua intitulada de “Amélia”. No início do vídeo aparece com dois amigos de Itapuã, seguindo a pé pela rua na orla de Piatã. Suas falas iniciais exaltam o “*bonde do prensado*” fazendo alusão a um tipo de tratamento da maconha, em seguida, numa quadra do espaço público, declama sua poesia de rejeição ao papel da mulher que faz o que o homem quer, exaltando os desejos femininos e seu poder de decisão sobre sua vida. Com uma garrafa de vinho São Jorge na mão, em pé,

72 Onomatopeia utilizada no inglês pra representar algo como um bater de palmas. É o nome dado as batalhas de poesia que se espalham principalmente entre as periferias do hemisfério sul. O movimento “pegou carona” no que já vinha sendo construído pelos Saraus. Essa ferramenta, além de ser uma impulsionadora de empoderamento individual, de superação de barreiras como a timidez ou mesmo a falta de espaço para expor sua poesia, é também uma ferramenta de organização política coletiva. O movimento é hoje um forte aliado das causas sociais, um grande propulsor de visibilidade para as pautas negras, indígenas, LGBTQIA+, feministas, pessoas com deficiência, anticapitalista, ambiental, etc.

Michel é um jovem que participa das batalhas da praça. Sua rotina é bastante voltada para o *hip hop* e para a vida na orla. Ele, de 19 anos, é uma figura bastante conhecida e está diariamente circulando pelo bairro, em especial, suas praias, praças e calçadão. O jovem deixou de frequentar a escola no ano de 2019, é jogador de *randebol* na escola estadual que estudava no próprio bairro. Seu projeto é de viver da música e conseguir, através da arte, proporcionar uma vida confortável à sua mãe e ter meios de comprar as coisas que deseja, como carro, relógios, joias.

O jovem fala com orgulho que vem de uma família de mulheres ganhadeiras, muitas delas, inclusive sua mãe, é baiana de acarajé. É sua mãe que fica com o seu cartão do banco e quem controla os gastos do que ele recebe como pagamento de seus serviços. Sua avó materna e tia fazem parte do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”. Com o pai não possui muita relação. Em Itapuã, vivem a maior parte de seus familiares que são seus vizinhos.

Michel se envolve em várias atividades temporárias que podem lhe trazer algum retorno financeiro. Já trabalhou como ajudante na obra de construção de uma casa em Itapuã, cuidou de casas de moradores na sua ausência, mas é auxiliando sua mãe com a venda do acarajé que mais se ocupa. O seu interesse em se projetar no meio da música, mais do *hip hop* e do *rock*, é o que guia seus sonhos. Atualmente aguarda o lançamento de uma letra sua e como bem ele define é uma criação que mistura *rap* e pagode. O jovem tem o suporte artístico de uma produtora local.

Seus relacionamentos íntimos são, na maioria das vezes, com pessoas do bairro. Um dos motivos para querer sair de Itapuã é buscar por outros lugares da cidade onde possa conhecer pessoas para se envolver afetivamente. Mas também gosta de participar de batalhas, como a do Farol da Barra, e ir para shows, em espaços públicos, de estilos musicais que aprecia. Quando pode vai aos shows de *rock* em Piatã e no Jardim dos Namorados e não deixa de ir ao Palco do *Rock* em período de carnaval em Salvador.

As saídas do bairro acontecem em função de momentos de lazer. Esta é programada com antecedência para que possam viabilizar os recursos necessários para subsidiar os gastos no local. O jovem prefere sair do bairro com alguns amigos. Pode acontecer de uma pessoa disponibilizar uma quantia maior para gastarem, geralmente, são os jovens que trabalham e, nesse caso, contribuem mais na compra de bebidas, cigarros e com o transporte. Ao Pelourinho foi algumas vezes com um amigo do *hip hop*. Suas experiências no lugar foram guiadas pela busca de locais que oferecessem bebidas baratas e a música que apreciam. Uma ocasião ele lembra com alegria, foi quando experimentou apresentar uma canção sua para um público desconhecido e receber elogios sobre a composição.

Esses foram os jovens com quem mais mantive conversas, mas ao longo dos meses e das idas semanais ao bairro pude me aproximar de muitos outros e estive entre suas vivências coletivas. Entre os seis jovens referidos acima, dois não moram no bairro, os outros habitam áreas diversas do bairro. Apenas Elis possui uma condição financeira familiar menos vulnerável. Todos os outros com que obtive contato, incluindo, os que não constam nesse item, a condição de classe social era baixa.

Os jovens possuem uma realidade de permanência no bairro de Itapuã e intenso uso dos espaços públicos da orla. Essa orla apresenta, segundo eles, uma menor oferta de possibilidades de lazer e de estar entre pessoas novas, no entanto, a maioria deles tem a orla como seu lugar afetivo na cidade. Entre os casos, apenas Elis tem a preferência por sair, mas deparei-me com outros jovens também mais interessados em viver experiências, principalmente durante a noite, em outras orlas. O que mais os impedem de sair do bairro para outras localidades, como as orlas da Barra ou do Rio Vermelho, não é a distância ou a dificuldade de mobilidade, diz respeito a questões que refletem a condição financeira para prover tais movimentações urbanas.

A maioria mantém encontros diários nos espaços da Praça da Quadra. Para aqueles que trabalham ou estudam é ponto de parada na volta para casa, mesmo que o lugar não esteja em seu trajeto. Para muitos outros, os que não estudam e nem trabalham, é um ponto de encontro para “resenhar” e manter-se atualizado sobre as informações e os acontecimentos no bairro e na vida de pessoas.

A atividade artística é uma prática comum a dois dos jovens, sendo atividade de interesse também para aqueles que não se envolvem diretamente com as batalhas e saraus de poesia. Os jovens que mais frequentam a orla, quase que diariamente, são figuras populares na região, conhecendo rapidamente quem é de fora e demonstrando interesse em se aproximar de novas pessoas. É comum entre os jovens se considerarem pessoas privilegiadas por morarem em uma orla turística como a de Itapuã. Até mesmos para os que não são moradores do bairro, a orla de Itapuã é valorizada dentre outras e dão preferência em ocupá-la em seus momentos de folga.

A maioria dos casos de saídas do bairro é para lazer, indo preferencialmente de uma orla para outra, ou mesmo, indo em direção a outros pontos de concentração de jovens de periferias. No caso de quem trabalha, vivem práticas religiosas e estuda fora, as relações nos lugares são mantidas apenas no espaço de exercício das atividades.

Muitos deles apresentam pouco conhecimento de onde ficam e por onde chegam a bairros de periferias distantes e associam o Centro a questões de insegurança e violência. As

rivalidades envolvendo facções na cidade é um fenômeno muito citado como impeditivo para transitar pelas periferias.

4.2.2 Nos “rolês”: encontros juvenis em lugares da cidade

Durante a pesquisa de campo, as movimentações juvenis dos jovens fora da orla de Itapuã ficaram circunscritas a algumas orlas da cidade. Os deslocamentos dos jovens e com os jovens ocorreram entre orlas, em específico, as da Barra e do Rio Vermelho. Não houve a interferência da pesquisa no direcionamento desses trânsitos. As escolhas foram feitas por eles e elas.

No caso da orla de Itapuã, os “rolês” são, na maioria, no bairro de moradia da maioria dos interlocutores que usam os territórios juvenis. Sendo assim, não há, de modo geral, tanta saída do local de moradia. Outro aspecto é o predomínio de suas vivências serem no próprio bairro e arredores deste e com pessoas do seu convívio. Diante dessas particularidades, vale pensarmos os “rolês” na orla de Itapuã e fora da orla.

As saídas ocorreram de modo esporádico e com a presença de poucos jovens. Muitos deixavam de ir por não ter condições de custear os deslocamentos para fora. Durante o período de campo estive seis vezes com jovens distintos na orla do Rio Vermelho e três vezes na orla da Barra.

Os “rolês” na orla de Itapuã, durante nove meses, foram quase que semanais. Para os jovens, a ida para a Praça da Quadra, no intuito de encontrar pessoas, era estar de “rolê”. Em um dia de sexta-feira, na volta da praia com Elis, encontramos alguns jovens pelas ruas do bairro. Em um diálogo rápido procurou-se saber quem estava na praça e quem pretendia aparecer no lugar. Todos afirmaram que sim, e outros diziam que já estavam indo se arrumar para ir ao local.

Na Praça da Quadra ficamos na parte superior conversando perto do isopor “da tia”. Na parte superior, próximo a quadra, sentados nos níveis da arquibancada, estavam reunidos jovens, em sua maioria mulheres, cantando músicas religiosas. Enquanto algumas pessoas dançavam *funk* em outro ponto, as jovens se revezavam cantando louvores em um microfone ligado a uma caixa de som portátil. Nos bancos bem próximos, da parte inferior, estavam algumas pessoas fumando maconha e, bem próximo a estas, estava uma aglomeração de jovens rapazes em uma batalha de *rap*. Outra concentração de jovens mais a frente bebiam e conversavam animadamente. Na quadra de esportes, rapazes jogavam futebol.

Nesse dia, revelaram-se as vivências mais variadas até então no local, ouvia-os dizer que ali tinha todo tipo de prática, assim como, na orla do Rio Vermelho por exemplo. Apesar de estarem em aglomerações aparentemente separadas, todos os jovens realmente se conheciam em diversos níveis de intimidade; dentre as junções, a única que não se misturou foi a dos jovens que participavam do culto religioso, todos os outros se misturavam. Os rapazes do *rap* conversavam com as meninas que fumavam maconha, alguns jovens que bebiam se aproximavam, conversavam mais com as jovens, riam sobre situações que ambos conheciam e circulavam pelo lugar.

O movimento constante dos jovens de um ponto para o outro, de um agrupamento para o outro, dificultava manter um diálogo mais duradouro, mas o ganho em poder acompanhar entre eles os trânsitos de seus corpos e interações era riquíssimo. As conversas nunca são as mesmas; falam sobre festas, encontros, pessoas, situações ocorridas que precisavam ser comentadas e atualizadas (o supracitado resenhar), questões sobre o desenrolar da noite, descobrir o que aconteceria nos locais do bairro e, para alguns, avaliar se existia a possibilidade de saírem do bairro para outros locais da cidade.

A batalha de *rap* era o espaço dos rapazes - refiro-me somente aos rapazes, por serem os participantes todos do sexo masculino, assim como as batalhas do Farol, na orla da Barra, a do Rio Vermelho, no largo de Cira ou a da Praça do Retorno, em Narandiba. Em Itapuã, Cristal afirmou que as meninas só “*colam para paquerar os rapazes*”, mas que ela, quando está muito altinha (alcoholizada), às vezes, se anima e participa, só assim perde a timidez para se aventurar no jogo de palavras entre os jovens.

Numa tarde no Farol da Barra com jovens de Itapuã, Michel se aproximou de uma roda de batalha que acontecia próximo ao local onde estávamos, ele não conhecia ninguém que fazia parte da roda. Ele participou de uma disputa, em seguida reclamou por não ter ganhado nenhum combate. Para ele, tratava-se de jovens que praticavam uma panelinha, ou seja, é a proteção entre aqueles que já se conhecem. Mas foi nessa oportunidade que uma jovem, observando mais afastada os rapazes, se aproximou dele para elogiar sua performance.

A ideia não é de ratificar a prática da batalha como algo masculino, mas de constatar de que nos espaços públicos das orlas e alguns espaços periféricos onde o trabalho de campo se deu, essa é uma experiência na qual as jovens são a grande minoria, ou mesmo, não fazem parte. Cenário diferente existe em outros contextos e locais. É possível encontrarmos, principalmente na parte do Centro antigo da cidade, jovens que declamam poesias e *raps* nos ônibus, grupos de meninas que se organizam em coletivos de poesia e criam eventos de

batalha, como por exemplo, o “Slam das Minas-Ba (SDM-BA)”, que ocorreu no dia 27 de abril de 2019, em um bar no bairro dos Barris, Centro de Salvador.

A divulgação do evento anunciava a volta da batalha de poesia do SDM-BA. A atuação do grupo é declarada como “militância poética”. Seus discursos falam de afirmação do feminismo negro, do racismo, do passado de escravidão de pessoas negras no Brasil, da história do patriarcado brasileiro, dos comportamentos machistas e do extermínio dos jovens das periferias da cidade. A prática poética e urbana do *Slam* é voltada para um discurso político engajado com questões que emergem no atual momento de resistência do feminismo negro no país e no mundo ocidental, situação diferente refere-se às questões proferidas nas rimas dos jovens das batalhas. A constatação não almeja medir a intenção e importância política de cada uma das expressões artísticas juvenis, mas de retratá-las em sua empiria.

Assim como as minas do SDM-BA, outra participação de mulheres jovens é marcada em Salvador, tem os espaços do sarau da Onça, no bairro de Sussuarana, do sarau da Jaca, em Cajazeiras, e tantos outros. A diferença entre os jovens que encontrei e estas outras formas de manifestação artísticas está em como constroem seus discursos. As vivências periféricas estão relatadas como conteúdo principal de suas rimas: “*não pago de revoltado apenas me expresso e jogo no papel tudo que me aconteceu*” (Michel).

As rimas são relatos baseados em suas histórias de vida, inclusive, valorizam-se aqueles que acumulam mais experiências de rua, de movimentações urbanas; aqueles que mais conhecem os códigos de vivência da cidade, principalmente, das periferias. Entre os rapazes, os temas de rima são ligados as suas rotinas de vida, ao uso de bebidas, sexo, conquistas amorosas, jogos eletrônicos, provocações pessoais, estilos de se vestir, futebol, preconceito policial, família e afins. A ausência do pai na vida de alguns jovens foi um aspecto mencionado em algumas vezes, bem como, situações de racismo.

Se no caso do *Slam* a atividade é eminentemente política, com abordagens mais macrosociais, entre os rapazes a reunião é mais em torno de vivências diárias, não deixando de ser política, contudo, exprimindo-se em dimensões diferentes. Segue a parte de uma disputa entre jovens da batalha da quadra:

- *tudo que vai volta, mano, cê sabe que o bagulho é doido, mano, e aqui vai tremer ô, leva minha cabeça e bota na mochila, estudo e conteúdo pra ver se vira um mc melhor.*

- *colé de mesmo você não enxerga o seu rap é feio, você só enxerga o caminho do meio.*

- *Exatamente, meu parceiro, essa é a sessão, quem não enxerga as suas falhas não alcança a perfeição. Então, vê se aprende comigo, pode pá, se você não falhar, nunca você vai acertar.*

- *Mas só que aqui na batalha você ainda é menino, você não alcança a perfeição, perfeição só o ser divino. Então, cê sabe, cero (parceiro), cuida do seu raciocínio.*

- *Nem ele foi perfeito, pode crer, ele não foi perfeito porque fez pessoas como você, então vê se aprende, essa é a tragédia, é claro que é a divina, eu sou a divina comédia.*

- *Eu sou plebeu, (nome do outro mc) é da realeza, acho que ele não entende a rima da pureza, mas tá tranquilo parceiro, tá beleza, se ele não é perfeito porque ele fez toda a natureza?*

- *Sabe porque ele não é perfeito, seu sequela, porque ele fez a natureza, mas também fez quem quer acabar com ela.*

Em uma noite, na orla de Itapuã, lá estão os rapazes, sempre muito próximos uns dos outros; os jovens rimam, gritam palavras de motivação, se provocam, torcem para um dos MCs, fazem *beatbox*⁷³ e durante muito tempo disputam a colocação de melhor *rap*. Ouvi-los não é tarefa fácil, por isso também se mantém tão juntos. Numa noite, os gritos eram de valorização por serem do *hip hop* do nordeste, “*cabras da peste do nordeste*”. A atividade das batalhas é constante na vida dos jovens que se envolvem com elas. São encontros semanais que possibilitam, em certos eventos, fluxos de jovens por orlas, periferias, centros, conduzindo-os ao movimento entre lugares e territórios.

As batalhas se tornam, pela regularidade dos encontros, exercícios intensos do uso das palavras e ideias juvenis, compartilhando sentidos de mundo, na disputa de rimas, constroem discursos e histórias que falam das vidas dos jovens das periferias. Os jovens que mais frequentam a batalha em Itapuã moram no bairro e em localidades próximas, assim como na praça do Retorno, em Nalandiba. Na orla da Barra e do Rio Vermelho, os jovens são de várias partes da cidade. Pelas redes sociais combinam e compartilham o dia dos encontros, também existem aqueles que se aproximam no momento.

O “rolê” na praça, para Danilo, é interessante para encontrar pessoas e poder fumar seu cigarro de maconha. Ele exalta o fato de o lugar ser menos iluminado e posicionado em um ponto mais discreto da orla. Muitas vezes quem está passando pela parte de cima do calçadão não consegue ver todo o espaço inferior. Para ele, lá é ideal para “*trocar ideia, se aproximar de pessoas, podem até ser de grupos, mas na hora todo mundo acaba interagindo*”. Ana, em outros momentos, completa a ideia do jovem quando diz fazer parte de

73 Refere-se à percussão vocal do hip-hop. Consiste na arte de reproduzir sons de bateria com a voz, boca e nariz. Também envolve o cacarejo, imitação vocal de efeitos de DJs, simulação de cornetas, cordas e outros instrumentos musicais, além de outros efeitos sonoros.

um “bonde” grande, enaltecendo o fato de ser uma “*galera bem diversificada*”. Ela explica que “*o bonde tem espírita, tem bruxo, tem candomblecista, tem umbandista, tem ateu, tem de tudo no nosso bonde, roqueiro, funkeiro, rapper, é um negócio muito doido*”. Ao final, reafirma que eles são tão heterogêneos por serem dispostos a estarem com pessoas novas e diferentes e que brigas entre eles sempre surgem.

Luiz, em uma conversa, afirma que hoje em dia “*as tribos se misturaram*”. Ele transita por vários agrupamentos juvenis e está sempre disposto a conhecer pessoas. Em anos anteriores fazia parte de um grupo de roqueiros e agora não se vê pertencendo a algum tipo de “*galera mais fechada*”, composta por uma linguagem ou signo único. Hoje se considera um “*jovem misturado*”, que está entre vários estilos e é atravessado por identidades múltiplas: “*No nosso bonde mesmo tem alguns roqueiros. O que era raro há alguns anos atrás*”.

Tanto ele quanto Ana trazem a variedade de estilos musicais e vínculos religiosos como forma de demonstrar o quão diversas são as pessoas que fazem parte de suas redes de relacionamentos. Tal validação de diversidade demonstra que os jovens querem estar entre pessoas com visões de mundo diferenciadas; eles desejam participar de experiências que lhes afetem no encontro com um outro divergente, mas nem por isso impossível de conviver. Seus discursos denotam o quanto os agrupamentos juvenis podem ser atravessados por variáveis que transformam os modos de se relacionarem.

Apesar dessa rede de relacionamentos ser extensa e diversificada, existem os núcleos de jovens mais íntimos, formados por aqueles que “*realmente se pode confiar*”. Entre esses, os contatos são mais privados, um frequenta a casa do outro, conhece sua família, participa da rotina mais particular. E como enfatizam: “*tem aqueles em que posso me meter na vida, boto o dedo na cara e se for preciso falo umas verdades*”. Entre estes, no entanto, as relações não são sempre estáveis, em muitos momentos podem se manter estremecidos e menos próximos em função de alguma discussão; de alguma “*treta*”. O que não significa que deixarão de frequentar os mesmos lugares e de estarem entre os mesmos agrupamentos.

O “*rolê*” na Praça da Quadra não é somente nesse espaço, ele é vivido no trânsito entre a Praça da Igreja, a Praça da Coelba (espaço intermediário), em algumas ocasiões, a praia e outros locais como os partidos de samba. Em um dia de paredão, os jovens que estavam horas antes participando da batalha de *rap* passam a circular no evento de *funk*, assim como outros jovens. Eles fazem parte da concentração de pessoas em torno do paredão. O dia do paredão atrai ainda mais jovens para orla, eles enchem todo o arredor da igreja.

Nesse espaço não acontece tanto o uso da maconha, mas sim de muita bebida, cigarro e drogas sintéticas. O uso da cocaína também é bastante comum entre meninas e meninos.

Entre os jovens que convivi, cinco deles assumiram a prática esporadicamente, mas afirmam conhecer muitos jovens da área que fazem o uso mais recorrente. O uso da maconha é feito, basicamente, na praia e praças, mas ultimamente os jovens vêm se queixando da presença mais intensa da polícia; segundo eles, essa vigilância maior é fruto das queixas que os seguranças de dois bares novos na orla fazem aos policiais. Os seguranças também seriam policiais: *“agora eles chegam cercando e pegam todo mundo no baculejo. Eu mesmo tenho evitado fumar lá, vou pra Piatã, na Praça da Coelba, ou na praia que é mais de boa. Lá é mais escondido, só fica a gente mesmo”*.

Mas o uso da maconha não é regulado apenas pelas ações policiais, as pessoas que comercializam o produto também intervêm nesse uso. Em uma noite, como em tantas outras ocasiões, crianças estavam correndo e brincando no equipamento infantil instalado no meio da praça, enquanto jovens fumavam em um dos bancos próximos ao brinquedo, quando um jovem se aproximou e rapidamente falou duas frases para uma delas. A jovem não o escutou e pediu para repetir o que havia dito, ele novamente falou do que se tratava. Logo em seguida ela pediu desculpas, disse que nem tinha visto as crianças e apagou o cigarro de maconha imediatamente.

Logo após, o mesmo jovem foi em direção a um homem que preparava seu cigarro de maconha sentado em um dos balanços do brinquedo e, também, deu o mesmo recado, com esse homem, o jovem conversou um pouco mais e subiu em direção à calçada. O homem terminou de preparar seu cigarro e partiu em direção as pedras da praia para fumar. Esse é o local que mais utilizam quando há uma movimentação maior na praça. Eu estava sentada ao lado de uma das jovens no momento da aproximação do rapaz, e mesmo tão próxima não pude escutar o que ele veio dizer, tamanha foi a discrição de sua aproximação.

Um tempo depois, um jovem que já havia conhecido em outra oportunidade na praça, também se aproximou, querendo passar seu novo número de celular para uma jovem (não utilizarei os nomes das pessoas). Ela o indaga sobre sua ausência na praça. A explicação revela a maior atenção da polícia civil com algumas pessoas frequentadoras do local, inclusive, estava ciente de uma investigação sobre algumas dessas pessoas, podendo ser ele um dos investigados. E por conta disso estava se resguardando, aparecendo só de vez em quando na orla. Em meio a conversa, relatou que há pouco tempo a procurou para entregá-la um tipo de erva. E na minha presença, narrou a história vivida dias atrás, quando foi em um determinado ponto da cidade comprar uma quantidade de 12 kg com um amigo, ficando ele com 1kg. Esse rapaz é o mesmo que, há alguns meses, trocou mensagens com uma amiga após a primeira vez que estivemos na praça.

A venda no local é feita nessa área próxima da praça e os jovens conhecem com quem podem adquirir a erva. Desde o início, o que sempre deixaram claro é que na praça não é permitido haver conflitos e realmente, em nenhum momento, presenciei brigas no local, apenas na Praça da Igreja em momento de paredão. Os jovens relatam que quem frequenta o local sabe dessa regra. O motivo de tal preceito é tentar conter a atuação policial na praça.

A circulação de pessoas na orla é de jovens conhecidos, mas existem aqueles de fora que vão por conhecerem pessoas do bairro ou de localidades próximas. A chegada de pessoas novas, principalmente de fora da região, é percebida pelos jovens. Na orla de Itapuã, assim como em bairros das periferias, o mais comum, são pessoas de fora chegarem e permanecerem acompanhados de jovens que frequentam a orla e são conhecidos no local. Diferente da orla da Barra e do Rio Vermelho aonde os jovens chegam sem necessariamente estarem com pessoas dos respectivos bairros.

A orla de Itapuã é ocupada, sobretudo pelos jovens de Itapuã. As orlas do Rio Vermelho e da Barra, pela diversidade de usuários e de espaços, não se designa como lugar próprio de uma juventude de periferia específica, apesar da marcante presença dos jovens moradores do Nordeste de Amaralina no caso do calçadão da orla do Rio Vermelho.

Em uma noite, Luiz me apresentou a um amigo que morava no bairro de Castelo Branco, chegou na praça com ele e outros amigos de Itapuã. Esse rapaz e um outro morador de São Rafael são os únicos que conheciam de fora e que gostavam de frequentar a orla de Itapuã com eles. Para Luiz o contrário não é cogitado: *“Af, nem sei onde fica direito Castelo Branco, só sei que é muito longe e nem quero conhecer na verdade, melhor ficar aqui mesmo”*. O rapaz de fora, sempre que frequenta a orla, dorme na casa de um dos seus amigos moradores de Itapuã.

A presença de pessoas de fora é notada; os jovens do bairro buscam apresentar a pessoa para todos e incluí-la nas conversas, as aproximações vão ocorrendo ao longo da noite de modo espontâneo. No caso de pessoas aparecerem sem estarem acompanhadas de frequentadores do bairro, a postura de aproximação é diferente. Os jovens desconfiam de tais presenças, principalmente tratando-se de rapazes. Nessas ocasiões, *“os caras”* indagam alguns jovens do bairro sobre a procedência dos desconhecidos. Esses mesmos jovens, que são os mais próximos do “movimento”, se aproximam das pessoas, procuram iniciar uma conversa, edesse diálogo buscam descobrir de onde são e quem conhecem ali. Esses contatos são feitos de forma aparentemente despreziosa, mas o intuito é identificar a origem urbana das pessoas e dessa informação descobrir qual a intenção dos mesmos no lugar.

Na orla de Itapuã, é possível ter a presença de jovens moradores de áreas da cidade com comando de facções rivais à de atuação em Itapuã, o que não quer dizer que estas presenças deixaram de ser notadas e, em certo ponto, vigiadas pelas pessoas do lugar: *“Nosso bairro não é fechado, mas acaba que todo mundo se conhece, lá na orla não tem isso, só não pode vim estarrando ou querendo vender na área. Gente de área distante que os cria ficam ligados. Vem gente nova, mas é mais dos bairros próximos mesmo”*.

Fora da orla de Itapuã, as suas movimentações foram em busca por territórios juvenis situados em outras orlas, no caso, as orlas mais centrais. E assim como em Itapuã, frequentando os espaços públicos. A busca pela diversidade de usos e de pessoas é a motivação que mais os levam aos locais.

A ida é feita juntos, sempre havendo uma combinação de quanto cada um deve levar para comprar bebida e garantir o transporte, se bem que em algumas situações utilizam o recurso do que chamaram de “a isca”. Um jovem fica mais exposto no ponto de ônibus e é ele quem acena para o motorista, e assim que esse abre a porta do veículo, todos os outros se dirigem para a saída do carro, a fim de não pagarem pelo transporte. Essa entrada é feita de vez e com muita “zoação”. Para o motorista, não haveria como retirar todos do carro; para isso acontecer, teria de estar disposto a discutir com os jovens, que de forma jocosa agradecem a “carona”. O trajeto é feito com muita animação, em meio a muitas risadas, bebem os produtos que compram em mercados no bairro, além de acontecerem paqueras que, em alguns casos, se estendem para o destino, como por exemplo, o Farol da Barra. O dinheiro não usado com o deslocamento é revertido, com muito gosto, em mais bebidas, lanches e cigarros.

Nesses encontros os jovens, a todo o momento, se aproximam de outros jovens em conversas rápidas ou em envolvimento mais extensos. Entre as meninas os contatos são permeados de elogios a sua estética de valorização da beleza negra. Ana, em uma conversa com duas jovens, trocara informações sobre o material das tranças que utilizavam, o tipo de corte que pretendiam usar, entre outras dicas. A conversa é um momento de exaltação do que compartilham em seus corpos; a afirmação da estética negra. Em outros momentos, as jovens eram enaltecidas por pessoas que passavam por elas ou as observava enquanto caminhavam pelos lugares, foi comum ouvir frases como: *“que deusa”*, *“maravilhosa”*, *“seu cabelo é lindo demais”*. Esses elogios eram feitos, na maioria das vezes, por outras jovens ou por jovens LGBTQIA+.

Cristal e Elis são muito amigas e saem do bairro sempre juntas. Enquanto as acompanhavam no calçadão do Rio Vermelho, um jovem, que estava sentado com outras

meninas se aproximou delas, as elogiando: “*acho lindo o cabelo trançado*”. O jovem animado continuou olhando e sorrindo para as meninas enquanto elas caminhavam. Elis sorriu, aparentemente satisfeita com o elogio, e Cristal se manteve imparcial ao comentário. O jovem era branco e seu grupo aparentava ser de classe média. Vivemos o momento de valorização da beleza negra em suas mais variadas formas de ser. Esse tipo de comportamento foi observado nas vivências dos jovens de Itapuã fora do seu bairro.

Os jovens com quem tenho conversado não possuem, em seus discursos um envolvimento com os debates mais atuais sobre negritude e periferia – sobre empoderamento negro e o lugar de fala. Nem todos transitam pelo Centro, não conhecem festas como o Batekoo⁷⁴, exceto Ana, e se dedicam ao trabalho na maior parte do seu tempo. Suas posturas são de afirmação de suas identidades, mas sem articulação com os conceitos recorrentes sobre feminismo negro, por exemplo.

Ana faz parte de uma rede de relacionamentos virtual apenas para pessoas negras, o Afropop. Em uma noite na orla do Rio Vermelho, avistou um jovem que faz parte desse aplicativo de paquera, por quem nutre um interesse afetivo. A jovem foi até ele, se apresentou e disse de onde o reconhecia. Os dois conversaram rapidamente e fizeram uma foto pedida por Ana. No dia seguinte a foto estava postada em todas as redes sociais da jovem. Os encontros com pessoas conhecidas pelo meio virtual aconteceram algumas vezes, tanto na orlada Barra quanto na orla do Rio Vermelho. Os jovens acompanham outros jovens influenciadores digitais das periferias, da beleza negra, os *MCs*, e nesses lugares sabem que podem os encontrar em alguma oportunidade.

Em outra movimentação dos jovens fora da orla de Itapuã, em uma tarde de domingo, no Farol da Barra, estava acontecendo uma mobilização política de apoio a Lula e contra sua prisão. No evento, muitos artistas participaram cantando e discursando sobre a prisão de Lula. Os jovens não estavam sabendo do evento e, em alguns momentos, iam para perto ver o que acontecia. Para um deles tudo aquilo era uma grande besteira e me perguntaram o que achava da mobilização. Em seguida à minha resposta, Michel disse: “*se soltarem Lula tem que soltar o líder do PCC também. É tudo facção, as duas são formas de corrupção e matam, você não acha?*”. Na conversa pontuamos a diferença nos casos. Michel se posicionou com a ideia de que, para Lula, havia todo tipo de apoio de intelectuais, artistas e representantes das classes sociais médias, em contrapartida, para o povo da favela, as políticas eram do encarceramento

74 Movimento periférico que prega o respeito pelo ser humano em suas mais variadas distinções. Possui o objetivo de divulgar a produção cultural da juventude urbana brasileira dentro e fora do País sempre com foco nas juventudes negras e LGBTQIA+.

em massa, da anulação de suas dores e opressões policiais cotidianas. Ficou evidente no diálogo que importava para Michel associar os acontecimentos políticos do momento com a vida nas periferias, com a violência que os cercam diariamente.

Ele, como tantos outros jovens com quem conversei, sempre que podia, lembrava que a vida é curta e que nunca sabemos se estaremos vivos amanhã. Esses jovens têm uma urgência em viver, eles não querem deixar para amanhã um “rolê” se podem vivê-lo hoje. São muitas perdas de jovens conhecidos e amigos, que acumulam em suas histórias, mortes violentas e por overdose (causada por uso excessivo de cocaína) e também o suicídio. Nesse dia, em alguns momentos lembraram a perda de uma jovem do bairro que se matou em uma clínica psiquiátrica na qual estava internada havia alguns meses.

Esses jovens, apesar de poucos anos de vida, acumulam em suas existências muitas dores. Os sentimentos sobre como encaram a vida aparecem muito nas rimas que fazem. Michel também é *MC* e suas letras são carregadas de crítica política e valorização de seu lugarna cidade. Os jovens carregam em seus pensamentos os muitos “nãos” que recebem da vida e o quanto sabem que não devem parar de lutar duro para conquistarem seus sonhos. É comum dizerem que não acreditam em sorte. Para muitos deles o que encontram em seus caminhos são obstáculos e pessoas que tentam diminuir seus sonhos. Eles vivem a realidade fugindo de qualquer tipo de ilusão, o que sabem desde meninos é que devem batalhar muito por uma oportunidade: *“nada vem fácil, tenho que correr muito atrás do que quero e sei que no caminho ‘não’ é o que mais vou receber”* (Michel).

Os conflitos fora do bairro foram ou por desavenças pontuais ou por disputa por espaços com jovens brancos. Um amigo de Michel, Junior, em certa oportunidade, se envolveu numa briga com outro jovem num ponto de ônibus da Barra. Ele não gostou da forma como foi encarado pelo mesmo. O rapaz estava sozinho no momento, mesmo assim foi questionar os jovens sobre tal postura. A pergunta gerou uma confusão. Ao final disse que estava na Barra novamente e queria ver se iriam querer lhe enfrentar. Nesse domingo Junior não encontrou os mesmos rapazes da semana anterior.

Esses conflitos no ponto de ônibus eram recorrentes. Esse é a opção de local para as pessoas que precisam pegar conduções que lhes levam as estações. Em uma oportunidade passei bem próximo a uma briga entre rapazes neste mesmo local. Há alguns metros dali, mais próximo ao Shopping Barra, estava estacionada uma viatura policial com quatro agentes. No momento da briga muitas pessoas correram chamando a atenção dos oficiais. Eles passaram algum tempo observando o que ocorria e, em seguida, entraram na viatura e foram embora.

Os taxistas, ao verem tal atitude dos policiais, disseram não achar estranho a indiferença com a situação. Alguns deles diziam que a polícia dali estava para proteger morador rico e turista, “*o povo da favela eles querem é mais que se matem, vai se meter para quê? Todo final de semana é isso!*”.

Os jovens que gostam de sair da orla de Itapuã buscam viver experiências afastados das relações de bairro e de vizinhança. Para Elis, sentar-se em certos bares da orla de Itapuã é complicado, uma vez que ela se sente constrangida ao ser encarada pelo dono ou atendentes que sabem de sua vida e de seu casamento com um jovem traficante. Na orla do Rio Vermelho se sentem menos vigiadas. Para Cristal, o Rio Vermelho tem outra “*vibe*”, muitas opções de lugares para ficar e outras pessoas para olharem e conhecerem. Segundo a jovem, em Itapuã as pessoas se conhecem e o círculo de frequentadores é quase sempre o mesmo: “*lá é bom para encontrar com quem você vai seguir no rolê, tomar uma cerveja e depois seguir*”. Ela destaca a pouca opção de lugares e de sons: “*Lá é sempre samba, sabe, aqui não, a gente sabe que vai ter de tudo um pouco. Eu gosto de samba, mas também quero variar*”.

Em outro momento, opina dizendo tratar-se de lugares iguais: “*Se você observar bem, aqui não é tão diferente assim de lá*”, apontando para uma concentração de jovens ao nosso lado e pondera: “*Aqui você vê gente dançando, bebendo, conversando, fumando, lá você tem isso tudo também, o que muda é que lá sei quem são as pessoas e aqui, a grande maioria, não sei*”. O “*rolê*” é diferente porque, além de ter mais opções de diversão, é também um lugar que tem pessoas novas para elas. Na orla de Itapuã a frequência é de jovens que moram no próprio bairro da orla ou em suas intermediações, no caso, do Rio Vermelho, é possível encontrar jovens tanto de Itapuã quanto de Castelo Branco ou Mata Escura. Tal aspecto, por si só, já faz do local um lugar sempre novo, por ter sempre pessoas novas, mas também o faz um lugar mais diverso.

Para Elis, o movimento acontece no intuito de conhecer pessoas que lhe atraiam afetivamente. Ela sempre afirma que seu interesse não é “*pelos meninos de lá*”, fazendo referência aos jovens que frequentam a praça. Sua estima é por homens que queiram “*alguma coisa da vida, e não se contentem em serem bancados pelos pais*”. Elis fica na noite disposta a paquerar, conhecer pessoas novas lhe entusiasma, mas seu intuito maior é paquerar, de preferência, com pessoas que possam lhe proporcionar uma noite agradável, com bebidas e boa companhia. Por isso, sua preferência é por estar em locais da orla em que é possível encontrar seu tipo de parceiro, como nas casas de festa, bares e praias.

Em uma casa privada da orla do Rio Vermelho que não cobra a entrada, a frequência maior é de jovens de periferias. Elis é frequentadora do local. Em uma noite, um grupo de

jovens de periferia adentraram a sacada, bem-falantes e querendo chamar a atenção de todos, se espalharam por onde puderam. Todos olhavam para as meninas que retribuía com sinais discretos. O mais falante se sentou em frente à Elis. Ela sempre que dançava, curvava seu corpo de modo que ficasse com o rosto bem próximo ao do rapaz que não perdia a oportunidade para lhe sussurrar palavras. O flerte durou um tempo até que as meninas decidissem circular pela parte interna da casa. Lá compraram uma cerveja e ficaram observando as pessoas. A noite seguiu até que encontraram um rapaz com quem ficaram conversando mais.

Durante o tempo que estávamos ainda na sacada com os jovens sentados ao nosso lado, comentei algo sobre quando estivéssemos em Itapuã, foi quando Elis prontamente colocou o dedo indicador nos lábios em sinal de silêncio. Ficou nítido que não queria que as pessoas ali soubessem de onde ela era na cidade. Estar na orla do Rio Vermelho é estar entre pessoas de várias periferias de Salvador e esta juventude está sempre atenta às rivalidades que existem entre as facções.

Para Danilo, assim como para Elis, a saída para as orlas é uma oportunidade para conhecer pessoas, paquerar, namorar. Na noite do Rio Vermelho, o rapaz se aproxima de garotas e tenta logo uma aproximação mais íntima. Em uma ocasião, ele disse achar a atendente de um bar muito linda, ela o olhou e reprovou sua atitude. Em seguida afirmou achar estranho a reação da jovem. A garota estava num momento de trabalho e era aparentemente engajada com questões feministas, visto suas tatuagens com símbolos do feminino. Para ele a sua abordagem em nada poderia ser considerada ofensiva ou assediadora.

No dia em que estive com ele no Rio Vermelho, passamos por vários pontos da orla. No local, o único espaço privado que já havia estado foi um bar, próximo ao largo de Cira, que tocava samba, com bandas muito semelhantes as que tocam em Itapuã. Em seu aniversário do ano anterior, em 2018, estive com sua então namorada para comemorar o seu aniversário de 21 anos.

O uso da maconha nesses lugares ocorre, na Barra, na praia, e no Rio Vermelho, em vários pontos, inclusive no calçadão, na parte do recuo da quadra, um local onde é possível ter uma visão panorâmica da rua e do calçadão. O uso também existe na casa privada mais frequentada pelos jovens de periferias. Para Elis, trata-se de uma forma de encarar a vida:

A nossa geração quer fazer as coisas juntas e sem esconder, então a galera que chega no rolê daqui, fuma de boa mesmo, bebe de boa, a gente não faz isso pra afrontar ninguém, é que agora a onda é essa. Ai você vê polícia dizendo que ali só tem maconheiro e tráfico de drogas, não é isso, a gente só quer ficar de boa. Nossa geração é do hoje, entende, muitos jovens se foram, estão indo, muitos jovens já

perderam gente próxima, eu sei, por que também já perdi muito amigo, pessoas queridas, então a gente tem que aproveitar o agora, não sei se amanhã vai existir.

Os “rolês” dos jovens, sejam eles dentro ou fora da orla de Itapuã, se mostraram como movimentações que promovem dinâmicas de lazer entre os jovens, mas também de afirmação de suas vivências territorializadas. Estas vivências estão em seu cotidiano, seja no ato de “encurrular” quem é de fora e circula por outras áreas de periferias, seja em assumir a postura de nem sempre divulgar onde, na cidade, estão os seus vínculos de intimidade de rua, e até mesmo em suas “áreas” no bairro.

CAPÍTULO V

JOVENS DA PRAÇA

O presente capítulo aprofundará teoricamente os aspectos relacionais e conceitos *êmicos* que emergiram no campo de Itapuã, além de todos os aspectos abordados no capítulo anterior. As categorias sobre trabalho e juventude apareceram, no caso de Itapuã, entrelaçadas com discussões sobre as dinâmicas de usos dos espaços públicos da orla do bairro e de relações que atravessam os engajamentos artísticos dos jovens, bem como, suas interações sociais locais. O bairro de Itapuã, por sua vez, delineou-se em suas particularidades históricas e hoje é percebida pelos jovens como uma parte da cidade que guarda característica de bairros centrais e de periferias com orla. A partir dessas particularidades históricas, atualizadas pelos jovens em seus usos dos espaços da orla de Itapuã, refletiremos sobre a construção das ideias de “centralidade urbana Itapuanzeira” e “centro de área”.

Por meio de um grupo de *WhatsApp*, jovens conversam sobre o que pensam de outras partes da cidade e de saírem do bairro. Segue diálogo abaixo:

E ai, vamos pro rv (Rio Vermelho) hoje de novo (1)

Apoio (2)

Tem que ter Money, mana, pra comprar as coisas, se não tiver ficar em Itapuã é a melhor opção (3)

Se todo mundo que for fazer a vaquinha consegue comprar as bebidas (1)

10 reais de cada (1)

Faz um brega massa, até R\$5,00 reais (1)

Quem vai (3)

Tô sem verba (4)

Não gosto de ir pra longe sem dinheiro (4)

Vou não (5)

Nem gosto do rv (Rio Vermelho) assim (5)

Ai vocês são or. Semana passada a gente foi pro rv, foi o melhor role de todos, louquíssimas, até na pista dançamos perto do posto de gasolina...ícones, ícones, ícones, vocês tão só acostumados com itapuã, itapuã, itapuã, isso aqui enjoa gente (1)

Se marcarem para a próxima até vou! (4)

Passar a noite toda no rv chega dói (5)

ponto de vista, NÉ (1)

Hahahahaha (5)

Você chegou agora, b (5)

Lá já foi o point (5)

Hoje é só um lugar como outro qualquer (5)

Isso não interfere em nada (1)

Isso! - Resposta de (2) para “Hoje é só um lugar como outro qualquer”

Tá bem (5)

Por esse motivo prefiro ir para outro lugar (5)

Podíamos ir para o parque da cidade (5)

Armar um piquinique (5)

rv é ícone sempre (2)

Armar um piquinique”- a gente?kkkk (1)

basta ter álcool (2)

rv é ícone sempre”- simmmmmmmmmmmmmmm (1)

Tá vendo (5)

Hahahahaha (5)

[...]

Piquinique... quero (6)

vamos armar, quem quiser vá (5)

sim (6)

Levo sanduíches (6)

Levo (desenho da folha de maconha) (7)

E vinho (7)

(6) “(5) armar um piquenique”- resposta- hino, umas pessoas diferentes!

parque da city (6)

(5) “(6) hino, umas pessoas diferentes”- resposta – Goxto!

Barra dia de domingo tá hino também, viu (2)

Conheço muito mais gente lá do que aqui (2)

“(2) Barra dia de domingo tá hino também, viu”- resposta - Sim... acho que vou amanhã (6)

passar o rodo, NE (2)

Parque da cidade é ícone também, vou lá direto com Ed dia de domingo, é ícone, só o vinho que é caro, a gente tem que levar o vinho daqui. (8)

sempre vou com outras bruxas nos domingos tbm (2)

E ontem os policiais na onda (2)

Vendo o que tinha nos bolsos e etc (2)

Então borá pra praça, semana que vem rv (2)

O grupo de nome “Rolê da Praça”, com trinta e seis membros, todos moradores de Itapuã, discutiam, no dia 12 de setembro de 2019, a programação para o final de semana. Para alguns, sair do bairro era uma boa opção, seja para o Rio Vermelho, para a Barra ou para o Parque da cidade, para outro, ir para o Rio Vermelho, já não o oferecia nada de muito novo. Para ele, melhor era estar em seu bairro, uma vez que perder noite e gastar dinheiro em um “rolê” para onde já havia ido outras vezes não lhe interessava mais tanto naquele momento.

Através desse grupo, em outros momentos, os jovens tentaram mobilizar pessoas para irem para outros lugares da cidade; em quase todas as ocasiões a programação acabou sendo a orla do próprio bairro, circulando entre a Praça da Quadra e os paredões. A falta de dinheiro para a maioria dos jovens sempre foi o maior impedimento para estar fora da orla de Itapuã.

A disposição para sair do bairro era motivada pela busca de momentos de lazer em lugares fora deste, onde pudessem ver e conhecer pessoas novas. O intuito é estar entre pessoas diferentes, não somente entre os círculos de pessoas conhecidas do bairro e de seus olhares vigilantes. Durante os episódios de acertos prévios para saírem de Itapuã, em nenhum momento a questão da violência policial ou a atuação coercitiva do tráfico de drogas local apareceram como motivação para estar fora.

No grupo pouco se falou em ir para outras periferias da cidade e quando tal possibilidade ocorria, havia a busca por informações sobre como chegar nesses lugares ou se alguém saberia se o mesmo era perigoso. Em uma ocasião, um jovem perguntou como chegar ao bairro do Uruguai, na Cidade Baixa, área da cidade desconhecida para ele. A informação passada foi de que seguisse para a Estação Mussurunga e de lá pegasse a condução com o nome de Ribeira, foi quando outro jovem lembrou que este Ribeira não passava pelo Uruguai. Nesse caso, ele teria de descer no ponto de ônibus do Largo do Tanque, o que poderia não ser uma boa opção, já que o mesmo não conhecia a região. Sua sugestão, então, foi de que o

mesmo seguisse para a estação Pirajá e em seguida pegasse a linha Ribeira a qual passaria pelo bairro do Uruguai. Após as indicações, o jovem exclamou como era difícil chegar ao local, outros comentaram ser uma região bem distante para eles. O percurso duraria uma hora de ônibus e o alertaram da necessidade de ter cuidado por considerarem ser este (Largo do Tanque) um lugar perigoso da cidade.

Entre os diálogos no grupo e nos encontros semanais com os jovens não houve mobilizações para irem a *Shopping Centers*. A região do Centro Antigo era procurada para comprar produtos, principalmente maquiagem e acessórios no comércio próximo a Estação da Lapa, na Piedade.

O grupo do *WhatsApp* também relatava situações que aconteciam na vizinhança de algum jovem, relatos de brigas familiares, movimentação de policiais, além da busca constante por saber quem estava na praça ou pretendia ir à mesma. Entre eles, também trocavam informações sobre oportunidades de trabalho, principalmente no comércio do bairro, falavam da ação policial nas abordagens ocorridas na praça no dia anterior e da atuação do “rapa” com os ambulantes da orla, muitos deles seus conhecidos, vizinhos ou mesmo familiares.

5.1 Jovens e o trabalho: uma leitura a partir das teias de relações urbanas

Em contraposição ao que encontramos no campo realizado entre os jovens frequentadores da orla da Barra e do Rio Vermelho, a questão trabalho se fez evidente e frequente entre os jovens interlocutores da orla de Itapuã. Nas conversas que mantínhamos, acabavam falando sempre da necessidade de trabalharem ou de buscar por oportunidades de emprego. Assim, neste tópico, me detenho a analisar as relações de trabalho de jovens e os impactos destas em outros aspectos de suas vidas.

Logo nos primeiros dias de campo, busquei ficar próxima de locais onde via uma circulação de jovens. Foi ao lado da *Bomboniere/Tabacaria* que fica na orla, do lado oposto ao mar, que me posicionei. Nesse estabelecimento, os jovens compravam basicamente cigarros, vodkas baratas, refrigerantes e o vinho São Jorge, quase nunca os via saindo com cervejas. Foi no bar ao lado da *Bomboniere/Tabacaria*, os observando, que conheci Carlos, o dono do local. Ele é morador do bairro de Praia do Flamengo, localidade próxima de Itapuã, área de habitação valorizada da cidade. É também policial militar e o tio e empregador de Ícaro, um dos nossos interlocutores.

O contato com o dono do bar e com os seus clientes foi mais intenso no período inicial da pesquisa de campo, quando ainda me aproximava das pessoas do bairro e tentava identificar a dinâmica de movimentação dos jovens pelo mesmo. Carlos sempre demonstrava interesse pelo objeto da pesquisa e em tom entusiasmado afirmava haver muitas coisas para se falar sobre os jovens da orla de Itapuã. Ele gostava de descrever o arranjo das relações nos espaços da orla; quem frequentava o que e para que.

Eles ficam aí a noite toda, mais ali em baixo, usando e vendendo droga, tem dia que de madrugada é facada, briga, uma confusão danada. A polícia chega depois, né, que já acabou tudo, ali tem uma delegacia, mas é da civil. Eu sou da de furtos e roubos de veículos, aqui é o lugar que mais roubam carros, toda hora tem roubo de carro, principalmente lá por trás. Esses meninos que vem dessas periferias aí de trás ficam aí, só querem saber de paredão e ficar doido. Na verdade são uns meninos que não tem nada na cabeça (Carlos, dono do bar na orla de Itapuã).

Nas conversas, sempre citava a presença de pontos de venda de drogas nas proximidades, as chamadas “*bocas de fumo*”, indicava os locais e estabelecimentos onde seria fácil comprar as substâncias, frisando que a maior parte dos conflitos que existiam eram ocasionados em função da atividade do tráfico no local. Entretanto, nunca presenciei este tipo de conflito na praça da quadra, além de muitos jovens afirmarem não serem permitidas confusões, brigas e disputas na orla, justamente por determinação do tráfico.

A situação de maior violência que presenciei ocorreu numa noite de domingo no mês de agosto de 2020. Enquanto voltava com alguns jovens da orla de Piatã e seguíamos para a Praça da Quadra na orla de Itapuã, os mesmos avistaram uma movimentação estranha quando nos aproximávamos da Igreja. Algumas pessoas corriam em direção as proximidades do Largo da Igreja, falando em voz alta o nome do homem que acabará de ser assassinado com três tiros na frente de todos os presentes no local. Os clientes dos bares, a maioria em pé olhavam em direção à cena do crime, muitas pessoas já se aglomeravam em volta do corpo. Seguimos atentos para nosso destino, a polícia ainda não havia chegado, apesar de existir uma delegacia a poucos metros.

Um dos jovens notou o andar apressado e desconfiado de um homem que passava do outro lado da rua, onde havia ocorrido a morte. O mesmo usava um casaco com capuz que ajudava a esconder seu rosto além da máscara, em função do período de pandemia que vivemos. O homem olhava para todos os lados, seguiu em direção a uma moto estacionada na orla e foi embora. No dia seguinte, soube que quem fora assassinado era o tio de um dos jovens que conheci no bairro. Ele era usuário de drogas e devia dinheiro para algumas pessoas, sua morte foi uma reação a seu não pagamento. Nenhum dos dois envolvidos na

situação era jovem. A movimentação noturna da orla não deixou de seguir após o alvoroço do momento dos tiros e descoberta de quem foi alvejado. No grupo, os jovens comentavam que o mesmo não teria um bom fim em vista das coisas que fazia em vida.

Monteiro, Muniz e Cecchetto (2018) realizaram pesquisa etnográfica sobre a construção social acerca da ideia do “envolvido-com” em duas favelas cariocas. A pesquisa aconteceu com jovens de duas comunidades populares, “evidenciando a trama de rotulações que põe em operação deslizamentos de sentido entre as noções de ‘bandido’ e ‘vulnerável’” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 99). A categoria analisada indicava o quanto às relações sociais dos jovens de periferias são encaradas através de “práticas discursivas de controle, vigilância e correção”, tanto por agentes do estado quanto pelos próprios moradores.

Para os autores, se trata de uma ideia difundida popularmente, carregando consigo “um lastro de verdade percebida como mais verdadeira, uma vez que essa categoria não se restringe a rotular indivíduos, mas incorpora, sobretudo, suas relações” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 111). Trata-se de uma avaliação coletiva da pessoa baseada em: com quem anda, fala, cumprimenta, fica perto, e por onde transita nos lugares. O modo com que o jovem vive interações sociais e quais locais do bairro comumente frequenta vai determinar se possui algum nível de envolvimento/aproximação com atividades ilícitas ou não.

Sendo assim, estar nas ruas, consumir substâncias ilegais, saber onde comprar, com quem comprar e ter uma boa relação com essas pessoas pode fazer com que sejam considerados tendo algum tipo de envolvimento com práticas ilegais. “A engrenagem do envolvimento tem como ambição criminalizar os vínculos sociais e com eles, as expectativas da sociabilidade e os interesses nos modos de convivência social” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 107).

No entanto, uma parte dos episódios de violência sabidos também envolviam outros grupos etários, não sendo somente os jovens. As situações ocorriam mais nos bares da orla por questões de ciúmes, excesso de bebida e tensões que surgiam na noite. Entre as pessoas usuárias de crack e em situação de rua eram recorrentes brigas com facas e garrafas de vidro. A região da orla de Itapuã tem uma população em situação de rua bem expressiva. Conflitos físicos envolvendo jovens eram mais comuns em momentos de paredão (ocorridos tanto na Igreja quanto nas praias), eventos de grande aglomeração de pessoas, consumo de muita bebida, drogas e encontro de moradores de várias partes do bairro.

Voltando a Carlos, para ele existem dois tipos de jovens que usam a orla de Itapuã, os que frequentam a Praça da Quadra e o paredão para usar e vender droga; são os “*jovens sem nada na cabeça*” e os jovens que frequentam seu bar e outros estabelecimentos privados que são “*os que ficam mais de boa*”, bebem e podem até usar algum tipo de droga, mas que ele garante não serem iguais aos primeiros. O comerciante se refere a não ligação próxima com aqueles que exercem o tráfico de drogas. Seu bar, segundo o mesmo, é o local onde garante não haver o consumo nem a venda de qualquer substância ilícita, inclusive, não há chave na porta do banheiro com o intuito de inibir o uso de drogas no mesmo.

O bar de Carlos realmente não é frequentado pelos jovens que usam a Praça da Quadra e o paredão (local frequentado pelos interlocutores da pesquisa). O que os diferencia é o poder aquisitivo destes. O local é frequentado por jovens e também por outros grupos etários, sendo essas pessoas conhecidas do dono, moradores das proximidades e com quem ele mantém diálogos durante toda a noite.

Em geral os espaços particulares são frequentados pelos jovens da Praça quando conseguem entradas liberadas, consumo livre e em bares quando estão acompanhados por pessoas que proporcionem os custos com a consumação. Em algumas poucas vezes, houve a combinação prévia para o rateio de alguma promoção de combos (comida + bebida em preços mais acessíveis) nos bares da orla, mas foram em poucos casos e entre poucos interessados. Estes interessados, na maioria, trabalhavam.

O uso juvenil da rua associado à prática do consumo de alguma droga e a relação com pessoas diversas, inclusive alguns traficantes, estando alguns desses jovens em situação de não trabalho e de não estudo, contribuem para a consolidação de representações sociais baseadas em visões de que estariam estes em situação de risco ou desvio social. As dinâmicas de uso dos espaços públicos por jovens que consomem algum tipo de substância ainda ilegal no Brasil são rotuladas como desviantes por moradores não usuários desses mesmos espaços. Através de discursos que os criminalizam, atribuem atitudes violentas e irresponsáveis a esses jovens.

Santos e Baldini (2013) dedicam uma parte de suas análises revendo a concepção de que a juventude é considerada como fase transitória da vida; via de socialização necessária para o alcance de uma fase adulta e realização eficiente de seus papéis sociais na reprodução da vida social. Nessa perspectiva: “o consumo de drogas pelo jovem ainda ‘frágil e despreparado’ pode comprometer o seu processo de desenvolvimento e de passagem para a vida adulta” (SANTOS e BALDINI, 2013, p. 42). As representações sociais correntes concebem a falta de

capacidade do jovem em fazer um uso consciente de drogas e manter suas atividades sociais sem prejuízos coletivos.

Os valores sociais relacionados ao consumo de drogas por jovens no Brasil estão atrelados a visões simplistas de busca irresponsável por um estado de alteração da consciência. São nos estudos mais recentes, aqueles da área da saúde coletiva e das ciências humanas, que podemos encontrar outro olhar sobre a relação de uso contemporâneo das drogas pelos jovens (POCHMAN, 2004, 2005; ABRAMO e BRANCO, 2005; SANTOS e BALDINI, 2013).

Esse outro olhar considera o viés possível de sociabilidade que o uso juvenil de drogas pode ter em suas vidas. São abordagens que analisam a questão para além do prisma de problema social. Para Santos e Baldini (2013, p. 42): “O simplismo chega ao ponto de se veicular a fé no poder de coerção da substância sobre o sujeito, ou seja, um objeto traria em si um poder de dominação da vontade e da consciência do homem”.

Os principais interlocutores da pesquisa demonstravam conseguir conciliar o uso de bebidas e drogas com suas rotinas laborais, mesmo entre aqueles que frequentavam quase que diariamente os espaços da orla. E assim como o uso de drogas e bebidas não aparentava ser um problema para o desenvolvimento de suas atividades diárias, também não os faziam sujeitos violentos ou em conflito com a lei. Logo, a convivência em espaços da rua e o apreço por substâncias ilícitas e o álcool não os determinavam como menos responsáveis com as suas vidas; não os tornavam “*jovens sem nada na cabeça*”.

A realidade observada em campo não comprova a adequação de tal discurso, fazendo este parecer ser, antes de tudo, uma visão pré-concebida. Os jovens, principalmente aqueles que frequentam a Praça da Quadra, possuem vínculos sociais bem variados. Existem os que trabalham e estudam, os que só estudam, os que só trabalham e os que nem trabalham e nem estudam, mas concluíram o Ensino Médio e aqueles que interromperam os estudos, além de uma minoria que cursa faculdade.

A realização dessas atividades em conjunto, em separado ou a ausência delas na vida dos jovens são situações variáveis; elas podem mudar de tempos em tempos. Como explica Pais (2006, p.8): “Perante estruturas sociais cada vez mais fluídas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém”. Diante dessa realidade, era comum encontrar os jovens variando suas situações trabalhistas e conseqüentemente de estudo. Como foi o caso de Luiz quando teve que trancar sua faculdade ao perder o emprego. Nesse sentido, planejar um futuro com base numa estabilidade trabalhista não era uma condição comum para estes jovens.

Diante dessa inconstância, principalmente nos vínculos empregatícios, não foi possível concluir que exista um perfil único de jovens frequentadores do lugar com relação ao status laboral. O aspecto que os permeia são os acordos trabalhistas frágeis. Muitos jovens não possuem carteira profissional assinada e tampouco lhes são assegurados os direitos trabalhistas básicos. Essas condições de trabalho precário ocorrem em função dos arranjos não formais propostos por seus empregadores.

Outro aspecto recorrente é a busca por novas oportunidades de trabalho. Esta é uma preocupação bastante recorrente entre eles, uma vez que prezam por algum nível de segurança financeira e pela predileção em desempenhar determinadas atividades. Em alguns casos, os jovens estão em um local de trabalho a espera da resposta de outra oportunidade mais rentável ou na qual desempenhará algo que lhes agrade mais.

A categoria trabalho não surge como aspecto isolado de suas vidas. Ela a todo instante exige uma leitura entrelaçada a outras condições de existência dos jovens. Nesse sentido, o contexto urbano de vivências diárias não pode deixar de ser considerado. Para alguns, o trabalho é uma oportunidade para se distanciar de possíveis condições de violência, como foi o caso de Danilo, quando recebeu a proposta de ganhar dinheiro vendendo drogas para o tráfico de seu bairro.

O rapaz conhece muita gente no Bairro da Paz: *“já fui muito enturmado, andava com todo mundo, depois percebi que muitas das pessoas que achava que eram meus amigos, na verdade só queriam tirar de mim, se aproveitar por eu ser trabalhador”*. Entre os vínculos que mantinha no bairro, relatou sua aproximação com quem vende drogas. Com eles, frequentavam os mesmos ambientes, curti festas e foi nesse momento da vida, que recebeu convites, como mesmo diz *“de gente grande do tráfico no bairro”*, para participar dosesquemas locais de venda de drogas. Aos poucos foi percebendo que o melhor para ele era estar com poucas pessoas, mas com quem poderia contar e, principalmente, não estar com quem tentava lhe atrair para caminhos tortuosos.

Situação similar foi vivida por Michel em Itapuã. Ainda adolescente, o jovem, que também conhecia muita gente no bairro, inclusive os “crias⁷⁵”, recebeu a proposta, enquanto andava de *skate* pelas ruas, de entregar quantias de drogas aos usuários. O jovem não aceitou a oferta, entretanto, o vínculo de amizade com pessoas que se envolvem na venda de drogas se mantém em sua vida, o que lhe facilitaria o acesso às mesmas. Não obstante, ele não

75 Trata-se de um termo nativo, referindo-se aquelas pessoas que tem uma ligação mais estreita com a atividade do tráfico de drogas local, geralmente, são pessoas que conhecem ou que sabem do envolvimento da mesma com a venda das substâncias.

costuma comprar a maconha para seu consumo particular em função dessa aproximação e de andar em muitas companhias que possibilitam o acesso a maconha, com isso, raramente, gasta comprando a substância. Conforme Monteiro, Muniz, etto (2018, p.112) avaliam que “pela figuração da amizade abre-se uma cadeia de trocas e um cortejo de amabilidades que convivem com a contínua cobrança de pedágios e demandas por filiações e adensamentos”.

É no momento das vidas de algumas jovens, quando eles mais desejam se afirmar socialmente através do consumo de marcas e do custeio de seu lazer, que esse tipo de proposta surge como caminho possível a seguir. Nesse momento, os jovens devem decidir qual trilha percorrer: se o do constituído como ilícito ou como lícito. Não queremos dizer com isso que não existam pessoas que convivam com as duas possibilidades.

Sobre esses caminhos de vida que se cruzam, Michel percebe que: “*antes traficante queria ser MC, agora MC quer ser traficante*”. Sua ideia é de que se antes os jovens se dedicavam ao *rap* para não se envolverem com o tráfico, agora a dificuldade em se destacar na cena entre tantos e a vontade de ter poder na favela faz a lógica se inverter. O estilo de *rap* chamado *trap*, no qual o *MC* é a figura de um *gangster rap*, é um dos mais valorizados pelos jovens das periferias. Suas músicas enaltecem o consumo de grandes marcas, uma vida de luxos e códigos de conduta ligados ao mundo do crime e de facções do tráfico, contudo, vale ressaltar que esta não é uma expressão geral entre os principais representantes do estilo.

O que é questão pertinente à discussão é o fato de como pode ser próximo, intrincado e corrente no cotidiano de alguns jovens a contingência de uma vida transgressora. Pochmann (2004) aponta para outro aspecto: “Aos jovens filhos de pais pobres a violência tem emergido em meio à falta de um horizonte de ocupação e renda decente” (POCHMANN, 2004, p. 234). Existe a trajetória de jovens que não aceitam se sujeitar a exercer trabalhos precários nos quais suas capacidades mentais são pouco valorizadas, aquelas atividades que tenham um caráter braçal, situadas na base da hierarquia do status social.

Entre todos os jovens a insatisfação com o trabalho que desempenham é geral. Nenhum deles e delas querem se manter por muito tempo na posição que se encontram. As sucessivas crises do trabalho no Brasil só agravam o “distanciamento entre o que o jovem gostaria de ser (expectativas de futuro) e o que realmente consegue ser (realidade do dia-a-dia)” (POCHMANN, 2004, p. 239). Danilo considera que seu trabalho exige quase nada de suas capacidades intelectuais e o desgasta muito fisicamente, mas diz saber que para conseguir melhores colocações no meio em que trabalha ou seguir outras profissões terá de continuar seus estudos interrompidos.

No caso dele, a necessidade de arcar com os custos de sua sobrevivência o obrigou a priorizar a inserção do mercado de trabalho e de exercer a função que se apresentou como oportunidade, a oficina de familiares. Ele é o único responsável pela manutenção de sua vida material. Desde muito cedo teve de se preocupar em suprir sua necessidade por alimento, por moradia, por roupa, por remédio, por lazer; tudo de mais básico na sua existência dependia exclusivamente de seu esforço pessoal.

Para Danilo, é complicado trabalhar durante o dia e estudar a noite por conta do esgotamento físico que sente no final do dia. Segundo o mesmo, o cansaço do corpo o impediria de manter a mente atenta aos conteúdos das aulas. O seu tempo livre é dedicado ao lazer e as visitas ao filho. Sua rotina de trabalho é de oito horas diárias e seu compromisso não é firmado na carteira de trabalho. O rapaz não tem férias formais. Seu período de descanso está atrelado à suspensão das atividades na oficina em função do carnaval e de alguns feriados do ano.

Danilo é categórico em dizer que vive o hoje. Suas preocupações estão voltadas para o bem-estar imediato de seu filho e o seu sustento diário. Logo, o seu tempo livre é para o lazer e o descanso. O jovem demonstrou não ter tempo, nem disposição, para se envolver com questões de apelo coletivo ou se dedicar às discussões políticas e identitárias recentes que envolvem as juventudes das periferias, além de não se concentrar em redes sociais. O jovem anda pouco no centro da cidade, não conhece muito dos debates sobre empoderamento e nem é próximo de pessoas que se dedicam a estes.

Enquanto que a realidade contemporânea, no mundo do trabalho ocidental, exige das pessoas uma dedicação cada vez maior a qualificação por meio de estudos interconectados, alguns jovens das periferias vivem a realidade de terem de recusar estímulos para participarem de redes ilegais e de terem de trabalhar em oportunidades possíveis e instáveis a fim de manterem suas necessidades básicas.

Pochmann (2004) analisa o cenário do trabalho entre os jovens como uma esfera da vida socialmente desigual. Ele identifica uma diferença no investimento da carreira profissional entre “filhos de pais pobres” e de “pais de classes média e alta”. Para o segundo grupo social, é viável a “postergação da inatividade juvenil”, possibilitando a ampliação das titulações escolares e uma mais aprimorada capacitação na disputa por melhores cargos e remunerações. Enquanto que, para o primeiro grupo, apesar dos avanços de políticas públicas específicas, a realidade é o ingresso muito cedo no mercado de trabalho.

Para o autor, tal condição desigual expressa “o último quartel do século XX, quando se consolida uma nova transição das sociedades industriais para as chamadas sociedades do

conhecimento, tem sido aberta uma oportunidade histórica de libertação da juventude da condenação ao trabalho pela sobrevivência” (POCHMANN, 2004, p. 218). No entanto, tal prerrogativa não cabe para qualquer jovem. “A natureza de classe da sociedade brasileira impõe condições diferenciadas à juventude” (POCHMANN, 2004, p. 233).

No Brasil, “ainda que a fase juvenil esteja presente em todas as classes, nota-se que ela não ocorre de forma homogênea a todos. O modo de ser jovem difere muito, principalmente quando há diferenças significativas entre estratos de renda no conjunto da população” (POCHMANN, 2004, p. 231). Entre os jovens de Itapuã e tantos outros das periferias de Salvador, a conclusão do Ensino Médio muitas vezes coincide com o período de início pela busca por oportunidades de trabalho.

Nesse universo⁷⁶, existem aqueles que não podem esperar pela finalização desse ciclo do ensino e acumulam as atividades de trabalho e escola, além de tantos outros que interrompem os estudos básicos pela emergência em terem de se dedicar exclusivamente ao trabalho⁷⁷. A necessidade de pensar em custear suas vidas no agora os coloca nessas condições de baixo investimento na conclusão ou continuação da escolaridade, a consequência é “ausência de perspectivas positivas do emprego e da mobilidade social” (POCHMANN, 2004, p. 219).

Um aspecto costumava ser o fato dos trabalhos, na grande maioria, serem mediados por vínculos temporários, com exceção de Ícaro e Danilo que são funcionários de familiares e Carla que mantém certo tempo de permanência na empresa. Do universo de quatorze jovens, a maioria relatou não ter permanecido, mais de uma vez, por um período maior do que três meses, tempo de experiência, no qual o empregador não possui obrigações trabalhistas. Em função desses contextos instáveis de trabalho, os jovens mudam constantemente de local laboral e ramos do comércio. Quase sempre trabalhavam no próprio bairro ou em regiões próximas, em lanchonetes, padarias, lojas de roupa, restaurantes, hotéis, bares, obras de construção, etc.

Diante do exposto até então, se fez fundamental uma reflexão acerca das heterogêneas condições de vida dos jovens a partir do recorte de classe social. E para falarmos de suas

76 Do universo de 14 jovens com quem mais interagi, encontramos: 2/14 interromperam a conclusão do ensino médio; 2/14 cursavam ensino superior (um no curso de direito de faculdade particular e outro no curso de artes na Universidade Federal da Bahia); 8/14 trabalhavam e 3/14 faziam curso técnico profissionalizante pós- conclusão do ensino médio.

77 Importante ressaltar que existe uma parte de jovens que optam por não estudar, uma vez que não se sentem contemplados com os conteúdos e ambiente escolar. Entre os jovens da pesquisa nessa situação, o espaço escolar é descrito como um meio social hostil e de pouco aproveitamento das capacidades individuais de seus estudantes.

experiências de trabalho, tivemos de abordar as relações que envolvem o uso da rua e o consumo de algumas drogas, mas, também, é pertinente trazermos a busca pela realização de seus interesses e sonhos pessoais.

Blass (2006) em pesquisa realizada entre jovens de classes populares revela:

Quando são indagados a respeito do que fazem ou querem fazer no futuro, suas práticas de trabalho preferidas são logo classificadas como precárias, sendo etiquetadas como emprego informal. Outras vezes, suas respostas servem para enquadrá-los como desocupados ou sem trabalho, realimentando assim os índices de desemprego. Algumas vezes, ainda suas práticas são confundidas com lazer, portanto, com não-trabalho, ante as metamorfoses do emprego nas sociedades contemporâneas (BLASS, 2006, p. 63).

Do ponto de vista da noção moderna de trabalho, dedicar-se a ofícios não fabris, tais como atividades artísticas e esportivas, caracterizadas como não-trabalho, eram, e em grande medida ainda são, percebidos pelo “imaginário social presente também nos estudos sociológicos sobre trabalho e emprego, como ‘sonhadores’ ou quem ‘não gosta do batente’, ou quem ‘não se adapta ao ritmo do trabalho sério e organizado’ da produção capitalista” (BLASS, 2006, p.64).

Nesse cenário de transformações históricas do mundo do trabalho, a juventude aparece como uma das camadas mais afetadas por estas mudanças. Se por um lado, nos dias atuais, a tecnologia disponibiliza formas mais acessíveis de expor seus trabalhos através de variadas linguagens artísticas, os vínculos cada vez mais frágeis das relações de trabalho e a necessidade de vasto conhecimento em diversas áreas do saber os deixam em condições desiguais de acesso aos trabalhos considerados “formais”. “A maior parte das análises em torno das relações entre juventude e trabalho estão marcadas pela nostalgia de um passado, de um período histórico de pleno emprego que não volta mais – uma época em que as trajetórias de vida e os projetos profissionais pareciam mais claros e definidos” (BLASS, 2006, p. 64).

As juventudes contemporâneas demonstram não serem cabíveis visões deterministas e homogeneizadoras para entenderem o atual contexto das práticas profissionais juvenis. Para arcarem com o sustento de suas vidas, alguns, como Carla e Michel, sonham em viver de suas produções artísticas. Pais (2006), ao falar sobre modos de agir no mundo do trabalho entre as juventudes contemporâneas, se refere às “sensibilidades performativas das culturas juvenis”. Estas estariam ligadas a formas de pertencimento e reconhecimento das identidades juvenis, muitas destas estando fora dos padrões prescritos por gerações passadas. Nessa perspectiva, os jovens buscam desenvolver profissionalmente atividades que estejam alinhadas com suas identidades.

A cena do *hip hop*, entre os jovens de periferias, nesse sentido, é uma força de transformação em suas vidas, bem como é para onde está voltado o desejo real de realização pessoal. No entanto, essa não é, assim como tantas outras, uma trajetória fácil. Os jovens que almejam despontar profissionalmente no meio artístico do *rap* soteropolitano, uma realidade expressiva nas periferias, tem de investir valores na carreira. É um custo alto para eles e elas. A gama de produtoras que cuidam da carreira de jovens cobram valores altos e a queixa é de que as mesmas cuidam mais daqueles que investem maiores quantias do que naqueles que tem mais talento.

Os jovens utilizam os eventos das batalhas de *rap* como uma forma de divulgar seus nomes e se manterem no exercício da rima. Para isso, reúnem-se em espaços públicos dos bairros de periferias e nas orlas. Alguns nomes da atual cena de *rap* de Salvador surgiram do encontro de jovens que batalhavam em eventos realizados em vários bairros das periferias.

Em Itapuã, alguns jovens do *rap* procuram se organizar em torno de eventos mais grandiosos e de destaque na cidade. Para isso buscaram um local com forte caráter cultural do bairro, que foi à Casa da Música, na localidade do Abaeté. A proposta era organizar encontros semanais e convidar para cada um destes *MC's* de outras partes da cidade, sendo os jurados, figuras renomadas no meio. Segundo Michel, a ideia era trazer jurados que analisassem a rima do começo ao fim, não somente os desfechos e não praticassem a chamada “panelinha” – a atitude de beneficiar os rimadores conhecidos no momento das votações.

Para tanto, os jovens tiveram de buscar a autorização dos responsáveis do local e se comprometerem com algumas regras. Para a batalha acontecer no espaço deveriam não tratar de assuntos sobre facção, sobre crime e nem haver xingamentos. Todas as reuniões para pensar a batalha do Abaeté, para falarem sobre a divulgação do evento, o dia que todos poderiam comparecer e solicitarem a autorização do local onde aconteceriam as batalhas foram feitas no horário de término do trabalho de muitos dos jovens. Era no momento de finalda tarde e após horário de serviço. A atividade artística, nesse caso, não é complementar a atividade laboral não artística, ela é remanescente.

Pais (2006) chama a atenção para como as “culturas performativas” que compõem o cotidiano de jovens têm grande relevância no entendimento de como estes têm buscado suas realizações no mundo. Segundo o autor, a busca de si estaria atrelada a expressões de identidades juvenis, através de suas performances. Estas, por sua vez, não estariam presas a modelos anteriores, a projetos de vida linear e predeterminados, tampouco se projetariam em função de vínculos futuros, detentores de forte potencial volátil. Pais (2006, p. 10) reflete sobre “a desfuturação do futuro e o investimento no presente”. A ideia traz consigo a “forte

orientação em relação ao presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a eles se desenham” (PAIS, 2006, p. 10).

Os jovens estão cientes das flutuações e inconstâncias do mundo contemporâneo. “Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos de vida cujos trajetos nem sempre os alcançam” (PAIS, 2006, p. 10). Nessas condições, as performances são construções compartilhadas no presente. Elas se baseiam naquilo que os jovens sonham para o agora e experimentam no cotidiano de suas vidas.

Apesar de terem a meta de quem sabe um dia viverem de arte, os jovens prezam pela independência financeira. Assim sendo, por mais que se dediquem às suas habilidades artísticas, estes tendem a priorizar as atividades que trazem meios de subsidiar suas vidas e interesses imediatos. Logo, a busca pela independência é algo que os motiva a buscar trabalho e a morarem separados de suas famílias. Nesse sentido, os salários que recebem, em uma boa parte dos casos, são para manterem uma vida emancipada.

Uma parcela, assim que começa a trabalhar, busca morar sozinho ou dividir a casa com alguém conhecido ou com o parceiro afetivo. Nessas circunstâncias, os jovens assumem os custos com as despesas de sua sobrevivência. É recorrente vê-los buscando por casas para alugar no bairro. As mudanças acontecem em intervalos curtos, seja porque precisam encontrar alugueis mais baratos ou por localidades melhores do bairro; procuram por áreas onde não tenha tanta a ingerência e atuação do tráfico de drogas e a casa esteja em boas condições. Os valores dos alugueis pagos não costumam passar de R\$500,00, para casas de três a quatro cômodos. Nem sempre existe o interesse em estar perto da casa de familiares: “*vizinho já é fofoqueiro demais, se for da família é ainda pior*” (Luiz).

O jovem Lelo divide o aluguel com o seu parceiro no Km 17. Ele gosta de morar próximo de familiares, principalmente dos pais, mas prefere ter a sua própria casa. Ele e seu companheiro trabalham no comércio do bairro e desde então são responsáveis por todos os custos utilitários de suas vidas. Desde que saíram das casas de seus pais, os jovens passaram a se movimentar menos pela cidade. Para eles é uma nova condição, já que costumavam e gostavam de estar em outras partes da cidade para o lazer.

Agora, ambos possuem outras prioridades, arcar com as contas básicas de manutenção da vida é o que lhes interessa. Suas movimentações urbanas, em função dessa realidade, agora são restritas à orla de Itapuã e de Piatã e em raros eventos fora destas. O cansaço relativo ao fato de perderem noite esperando que o transporte público recomece a circular é outro motivo que os desmotivam a saírem do bairro.

Esse é o caso também de Carla, que trabalha durante o dia e faz curso profissionalizante à noite. Suas saídas do bairro só ocorrem por motivos de grande interesse, a poesia, por exemplo, mas descansar na orla de seu bairro é a sua preferência. Os jovens que trabalham e assumem a responsabilidade com os custos de suas vidas, com poucas exceções, são os que mais transitam pelo próprio bairro ou arredores. O cansaço e a recusa em gastar mais do que devem, aliado ao prazer de estar em seu lugar afetivo, a orla de Itapuã, lhes tornam pessoas mais fixas ao bairro e entorno da moradia. Esses jovens, no entanto, não estão segregados em seu local de moradia, eles, por uma questão de conservação de um estado de bem-estar da vida cotidiana, passam a se movimentar menos pela cidade.

Dentre os jovens que trabalham e vivem com familiares, a maior parte deles buscam condições de manter suas necessidades pessoais e contribuir com os gastos da casa, como no caso de Michel que ainda, quando possível, procura acumular uma quantia para investir na sua carreira de *MC*. Em outros casos, como Carla, há o planejamento em investir na sua profissionalização e posterior mudança na qualidade de trabalho que desenvolve. A jovem pretende, assim que finalizar seu curso na área da saúde, poder trocar seu trabalho como atendente em loja de tecnologia pelo de técnica em enfermagem, e seguir uma de suas vocações.

Ícaro possui uma maior estabilidade no trabalho, no entanto, assim como Danilo e Carla, não detêm o registro da atividade na carteira de trabalho. O jovem garçom não tem a prerrogativa de marcar suas férias e afirma que “*se tirar férias eu não ganho*”. Essa é a sua primeira experiência de trabalho. Com o seu salário mantém seus gastos pessoais e paga o seu financiamento estudantil. Entre os jovens com quem mais dialoguei, ele é o único que está no ensino superior, mas existem outros tantos jovens que também estão cursando faculdades, contudo estes frequentam mais raramente a praça.

A abordagem sobre as experiências de trabalho dos jovens expõe aspectos sobre suas movimentações na cidade. Nos casos analisados, a autonomia financeira de alguns jovens influencia numa menor ou até mesmo na diminuição da movimentação dos mesmos pela cidade. Serem provedores de suas vidas os fazem mudar certas dinâmicas de uso da cidade. O gasto com a circulação por partes mais distantes do bairro de moradia é um dos elementos que passam a ser considerados como custos não essenciais.

Outro aspecto é que nem mesmo as rotinas de trabalho e os desafios com as questões de sobrevivência, em alguns casos, os fazem abrir mão de seus engajamentos artísticos, alimentando-os do sonho de viverem de suas criações. Carla e Michel, diferentemente de outros jovens, mesmo trabalhando, em seus momentos livres se ocupam com a produção de

músicas, parcerias artísticas, no caso de Michel, também na organização e participação nas batalhas de rima. Michel, na volta do trabalho, em certas ocasiões, segue direto para resolver questões referentes à organização das batalhas e Carla, em alguns dias de sua folga, se reúne com os seus parceiros para produzirem músicas, vídeos de poesias e grafitar.

A vida dos jovens que pararam de estudar ou que deixaram de continuar seus estudos para além do ensino médio, pela necessidade de ter de trabalhar para custear sozinhos suas vidas ou colaborar com a manutenção da casa, não impediu que continuassem tentando ser o que mais sonham, apesar de saber que para eles, a jornada é mais tortuosa, como bem diz a letra do MC Matura: “*Mãe, porque temos que correr dobrado para chegar na metade do caminho*” (trecho de letra de Matura).

Também, há jovens que trabalham para continuar seus estudos no que desejam. Em comum a todos, existe a insatisfação com a ocupação profissional que exercem no momento. São vínculos temporários até que se encontre algo mais rentável, ou seja, menos exaustivo. Nos casos de vínculos mais estáveis, porém precarizados, são formas de se manterem e sustentarem a continuação de seus estudos, como o FIES⁷⁸ de Ícaro e o curso de enfermagem de Carla.

Pensar esses jovens como pessoas “*sem nada na cabeça*”, ou seja, despreocupados com as questões de sobrevivência e as responsabilidades em prover suas vidas e de seus dependentes não foi algo que emergiu durante a pesquisa nesta orla. Tampouco, o uso do álcool e de drogas apareceram como empecilho para que lutem pela manutenção diária de suas vidas e nem que deixem de perseguir suas verdadeiras aspirações⁷⁹. O presente de trabalhos exercidos com descontentamento coexiste com o desejo de um futuro melhor e mais prazeroso.

Por fim, estarem em situação de trabalho é questão que lhes garante não somente suas necessidades básicas, mas em alguns casos, o patrocínio de seus anseios profissionais futuros, sonhos almejados e, por vezes, contribuem financeiramente com os gastos domésticos.

5.2 “Aqui tenho de tudo!”: A Centralidade Urbana Itapuanzeira.

⁷⁸ Fundo de financiamento ao estudante do ensino superior.

⁷⁹ Ao longo dos anos de contato com as pessoas do bairro fui conhecendo a história de vida de alguns jovens que infelizmente acabaram se tornando dependentes químicos e tiveram suas vidas muito prejudicadas em função do vício, casos em que, perderam emprego, tiveram de ser internados em clínicas de reabilitação e mesmo que passaram a apresentar depressão e outras doenças mentais.

Nesta seção, nos preocuparemos em desvendar a questão do uso intensivo da orla de Itapuã por parte dos jovens frequentadores desta. Na seção anterior, aventamos a ideia deste uso ser decorrente da escassez de dinheiro para ir a outros lugares e do cansaço de muitos após longas jornadas de trabalho e estudos. Será apenas isso? Achamos que além desse fator, o bairro apresenta uma centralidade convidativa que satisfaz os jovens em seu desejo/necessidade de estarem em lugares que aglutinem muitas das suas principais relações.

Na pesquisa realizada por Gandon (2018), Itapuã é um bairro da capital baiana no qual os seus moradores tradicionais construíram a identidade de Itapuanzeiros. Essa autodeclaração é feita entre aqueles moradores que se consideram os “autênticos” do lugar, por, como costumam falar: “serem nascidos e criados no bairro”. Essa fala traz consigo uma carga emocional de orgulho de seu local de origem na cidade e denota certo nível de conhecimento sobre a história cultural de resistência de quem fez e ainda faz o lugar. Logo, Itapuanzeiros são os chamados “filhos de Itapuã”.

Entre os jovens, esta também foi uma declaração recorrente. Antes de tudo, o que sempre explicitavam era o amor pelo bairro e pelas suas belezas naturais. Todos os jovens com quem convivemos, moradores ou não, demonstravam ter forte apego afetivo com o lugar; ser de Itapuã ou frequentar principalmente a orla do bairro é uma condição de suas vidas que lhes trazem contentamento.

Para alguns jovens, existe a concepção de que morar em Itapuã é viver em uma ilha na cidade. Essa ideia foi sendo compreendida ao longo do processo de campo e em nada queria dizer estar apartado, separado ou isolado do todo urbano. Os jovens não consideram a mobilidade urbana uma questão problemática. O bairro tem escoamento para todas as outras áreas de Salvador, sejam elas distantes ou não. A questão então era outra e somente com o contato mais constante entre eles e elas, seu sentido se desvelou para mim. Tratava-se de enaltecer a condição de viver em um pedaço da cidade que é dono de particularidades urbanas importantes.

Antes mesmo de me envolver com o lugar e seus personagens, eles já antecipavam o que precisava observar. Itapuã é uma área de Salvador que reúne em seu espaço múltiplas formas de viver e habitar na cidade, ou como bem disse Carla: “*moro numa favela com orla*”. A análise feita pela jovem diz exatamente o que é hoje o lugar. Itapuã é um bairro aglutinador de diferenças urbanas. O mesmo detém em seu território padrões do que podemos considerar um espaço periférico e também uma área habitada pela classe média e alta, além de ter sua própria orla.

Através da perspectiva trazida por Carla, compreendemos que essa recente configuração sócio-espacial torna o bairro detentor de certas especificidades no contexto soteropolitano. Ainda complementando seu raciocínio, diz: *“Itapuã é diferente por ser uma orla turística na cidade, mas que a maioria das pessoas que mora e frequenta é favelado”*. O discurso elaborado pela mesma não produz uma diferenciação conceitual entre favela e periferia, ambos são considerados como locais de moradia da classe popular.

A especificidade do bairro está, segundo a jovem, no processo de constituição desse lugar. A dinâmica espacial de Itapuã, nesse sentido, se diferenciaria de bairros como, por exemplo, Barra em relação à Roça da Sabina, uma vez que o mesmo apresentaria uma divisão espacial mais marcada entre o que é periferia e o que é Orla. Em Itapuã: *“você tá aqui na orla e poucos metros depois você tá na baixa do dendê que é lugar de moradia simples, tudo aí pra cima é favela, mas a orla é nossa”*.

A ideia de *“a orla é nossa”* trazida é sobre o quanto os moradores do bairro circulam por seus espaços, principalmente, o seu centro, incluindo aí a orla; ao mesmo tempo em que destaca os contrastes sociais existentes na realidade do bairro, composto por uma orla valorizada e com moradias de alto padrão e a maioria de seus habitantes vivendo em condições opostas, fora da orla. O *“nossa”*, em sua fala, reconhece a grande presença dos jovens da camada popular frequentando a mesma.

Enquanto Carla analisa o bairro como um espaço habitado por classes distintas, ocupando áreas diferentes do mesmo, o que para ela é a maior evidência de que o urbano é feito de desigualdades socioeconômicas que existem próximas, mas que em nada se assemelham, Danilo (Bairro da Paz) apresenta um olhar marcado pela oposição das condições urbanas. Para ele, a periferia e a Orla são áreas diferentes da cidade. A periferia seria aquilo que não é Orla, sendo a primeira o lugar dos pobres e da pobreza: *“Você vê a periferia, é diferente da Orla, assim que você chega você identifica, pelas pessoas que mora, os tipos de casa, como as coisas são”*. O jovem faz referência à organização dos espaços, aos tipos de pessoas que as habitam e as classes sociais que compõem a cidade: *“digamos, que Salvador é 70% periferia e o resto é Orla”* (Danilo).

Em sua percepção, a Orla se destaca pela diversidade de interações e coexistências. É, para ele, onde se *“vê mais coisas”*, onde ele observa diversos encontros, diversas pessoas, variedade de estilos juvenis e de interações não comuns em periferias: *“lá tem roda de rima, grupos de dança que fazem ensaio, se apresentam, tem muita coisa pra ver”*. A Orla é, portanto percebida como um lugar plural. Sua visão se aplica para as orlas em geral, sejam da Barra ou de Itapuã.

Danilo destaca sua observação de que a beira-mar de Itapuã, no entanto, não apresenta tanta diversidade de encontros sociais e de estilos quanto outras orlas, a exemplo da orla do Rio vermelho. Ou seja, as orlas seriam espaços mais plurais que as periferias, mas nem todas elas apresentariam o mesmo grau de atração para convergir diversidades.

Em sua interpretação, o jovem ressalta que a Orla de Salvador proporciona a possibilidade de encontro com uma diversidade maior de pessoas e manifestações. Ele constrói esta percepção comparando o que é a sua realidade nos espaços da Orla da cidade e da periferia. Por mais que também existam nas áreas periféricas as práticas citadas por Danilo (batalhas de dança e rima), é fora de suas vivências cotidianas que ele prefere estar. Desse modo, percebemos que o ponto central em sua análise está no lugar onde as práticas juvenis se fazem mais plurais, demonstrando o quanto as movimentações urbanas são relevantes nas vidas de jovens, isto é, o quanto é importante para eles terem outros lugares para frequentar.

Ainda refletindo sobre a ideia de que morar em Itapuã é como morar em uma ilha, percebemos que o ponto de vista também diz respeito ao processo de construção de um centro e uma centralidade no bairro. O conceito de periferia, muito caro à Geografia e às Ciências Sociais, surge atrelado ao binômio periferia-centro. Esse par conceitual existia de modo dicotômico: o que um dos espaços significava era o contrário do que o outro representava na cidade.

A definição geográfica do que seria um espaço periférico se ancorava na ideia de relações sócio-espaciais estabelecidas fora dos centros, distante do que é essencialmente tido como mais urbano. A noção de periferia era considerada como sendo um espaço ao redor desse centro, seja ela uma periferia composta por grupos populares ou por grupos ricos.

A tese da urbanista Thaís Rosa (2014) possui forte diálogo com os objetos propostos aqui. Seus argumentos teóricos se aproximam da ideia defendida em nossa pesquisa. Em comum existe a intenção de colaborar, no sentido da não substituição do conceito de periferia urbana por outros termos (bairros populares, periferias do centro, periferias consolidadas e tantos outros), por entender que é ainda pertinente o esforço de atualizá-lo. No nosso caso, o esforço está em entender o quanto fazer parte de realidades tão contrastantes impactam nas relações móveis de jovens na cidade.

Sendo assim, e amparada em debates como o de Rosa (2014), partimos da perspectiva de que as periferias urbanas brasileiras não são realidades de contornos fechados, elas são expressões de urbanidades tão plurais quanto às próprias populações que as constituem. Em suas palavras: “A pesquisa sugere a existência de permeabilidades e cruzamentos entre os supostos pólos configurados pelos pares conceituais cidade e favela, centro e periferia (...)”

(ROSA, 2014, p. 3). Assim como sugeriu (ROLNIK, R., 2006), é preciso relativizar as categorias sob as quais se fundamentam os debates sobre as realidades das periferias.

Como resgata Rosa (2014), os primeiros estudos sobre periferia urbana no Brasil são das décadas de 1960 e 1970. Os precursores estavam voltados para a compreensão desses lugares como o lócus de uma “cultura da pobreza”, “espaço de moradia dos pobres na cidade”. A periferia possuía, nessa época, características bem homogêneas, tendo sua população um modo de vida específico, gostos similares, ocupações de mesma natureza, o padrão de moradias inacabadas, ou seja, a periferia era o lugar de habitação daqueles segmentos não integrados completamente à sociedade urbana. Era uma população com "um estilo de vida específico, com valores e comportamentos absolutamente diferentes e desconectados da cultura dominante" (ROSA, 2014; VALLADARES, 2000).

Nos anos seguintes, quando o termo periferia começa a se popularizar em meio aos movimentos sociais urbanos e no ambiente da academia, a perspectiva de análise ganha outros referenciais. O apoio na teoria da acumulação capitalista promove discussões em torno das condições de moradia da classe trabalhadora por meio das relações entre Estado, urbanização periférica, especulações do mercado imobiliário, moradia popular, os movimentos sociais, etc.

Nesse período, a dualidade entre centro e periferia, o lugar do urbano e as fronteiras precarizadas das cidades, ganham ênfase, e a periferia se consolida como lugar de moradia de população “socialmente homogênea, esquecidos pelas políticas estatais e localizados tipicamente nas extremidades da área metropolitana” (ROSA, 2014).

Os estudos mais recentes trazem outros aspectos sobre o tema, tais como lazer, consumo, manifestações artísticas e a violência urbana gerada pela rede de tráfico de drogas. As atividades ilegais praticadas por grupos de traficantes, principalmente a venda de drogas e os conflitos armados na busca por expansão dos territórios de mando de facções criminosas, são questões que passam a ser atreladas aos locais periféricos. Misse (1995), ao analisar os estudos sobre “criminalidade” e “violência urbana” no Brasil, relata ser a partir da década de 1970 que o tema passa a ter foco, muito em função do aumento de casos de violência atribuídos a uma maior atuação das redes do “crime organizado”.

Nesse cenário de insegurança, os discursos em torno do lugar periferia ficam associados à ideia de perigo, como local de atuação do crime e da violência. É nesse contexto que a violência urbana passa a ser pesquisada e pensada a partir das periferias. Os estereótipos impostos (de lugar perigoso, local de população perigosa) causam aprisionamentos simbólicos aos seus moradores: “Uma das expressões da dominação é a construção da identidade do

dominado pelo dominador. E uma das técnicas repressivas é a estigmatização de quem se quer reprimir” (ZALUAR, 1985, p. 168).

Os estudos urbanos mais recentes no Brasil olham as áreas populares da cidade e suas formas de viver em extrema condição de desigualdade social e econômica, além de suas estratégias para resistir à violência diária que ronda seus dias e os mecanismos institucionalizados de violação dos direitos dessa população pelo Estado que os marginalizam. Muito dessas discussões buscam analisar os contextos nos quais arranjos sociais consolidam discursos e práticas que promovem violências simbólicas e físicas, tornando-os grupos invisíveis e coagidos.

Posto isto, problematizar as dualidades teóricas existentes entre o espaço periférico e a cidade é um empreendimento que nos propomos fazer ao longo do texto; “já há algum tempo elas vêm se condensando em espaços múltiplos, redesenhados a partir de práticas, circuitos e relações que não cabem” nas dualidades expostas (ROSA, 2014, p. 11). A “diversificação de grupos sociais presentes nessas áreas”, mostra que existem “desigualdades dentro da pobreza”, e mais, a distribuição das moradias das camadas populares por áreas centrais das orlas e das margens demonstram uma “distribuição geográfica da pobreza por toda cidade” (ROSA, 2014).

Sobre a constituição da cidade de Salvador, Milton Santos considerava, em 1959, o Centro Histórico como um espaço primordial para o funcionamento dos bairros da cidade, pois nele se concentravam os recursos financeiros, técnicos e sociais da capital (SANTOS, 2008, p. 94). O centro da cidade era entendido como o núcleo das funções distritais, local onde toda a atividade urbana se desenvolvia com intenso dinamismo. “É a todos esses aspectos que podemos chamar o centro da cidade do Salvador – centro histórico, religioso, administrativo, turístico e de negócios” (p. 103).

Santos (2008) apesar de não utilizar o termo, ressaltava aspectos ligados à movimentação urbana como um dos elementos definidores do centro, se referindo ao mesmo como um “verdadeiro nó de comunicação” (SANTOS, 2008, p.102), nódulo de grande circulação. “Por isso mesmo, o centro é indiscutivelmente representativo da vida urbana e regional” (SANTOS, 2008, p. 94). Para o autor, é nesse espaço que os tempos se acumulam, tornando-o sujeito a processos permanentes de transformações das suas estruturas e dinâmicas urbanas.

No processo de crescimento da cidade ocorre uma “redefinição do papel dos centros”, que antes eram únicos e primordiais para o desenvolvimento do modo de urbanismo

capitalista. Surgem outros centros, a policentralidade, estes, vão desafiar o binômio centro-periferia:

Desse modo, estamos assistindo à superação da lógica ‘centro-periferia’, que, durante todo o século XX, orientou o crescimento do tecido urbano e a divisão econômica e social do espaço da cidade. Essa superação é sempre relativa, tanto porque a cidade do passado permanece e, sobre ela, as novas ações se estabelecem, como porque as novas ações se combinam com outras que reafirmam a estrutura espacial pretérita (SPOSITO, 2013, p. 78).

Tal reorganização urbana exige uma interpretação mais abrangente dos fenômenos binários eficientes em tempos passados. Atualmente, a cidade apresenta não apenas o funcionamento de vários novos centros convivendo com o seu centro original, mas também de novas formas de ocupação dos espaços. A periferia que antes era tida como o espaço onde não se dispunha das atividades e estruturas urbanas compatíveis com as instauradas no centro, agora, além de estar próxima geograficamente desses centros, através de conflituosos processos de ocupação de terras, também possui certo grau de autonomia em relação ao centro tradicional e os seus núcleos centrais mais recentes (SOUZA, 2008).

A concretização de novas configurações espaciais fruto das grandes transformações urbanas ocorreram em Salvador a partir da década de 1970. Esse é um marco histórico importante na organização dos arranjos espaciais e expansão da cidade. A partir dessa década, novos centros se estabeleceram e a cidade passou a ter o seu centro antigo, aquele da sua fundação, e novos pólos de concentração das atividades urbanas. Em Salvador, referimo-nos a criação do CAB (Centro Administrativo da Bahia) na Avenida Paralela, a inauguração do Shopping Iguatemi e de todo seu entorno repleto de variados tipos de comércios e serviços, na Avenida Tancredo Neves, além da região da Pituba e do Itaigara.

Nesse novo momento de expansão da cidade, também começam a surgir os subcentros, como viemos chamando os muitos novos pontos de comércio e serviços que passam a existir em determinados bairros e regiões da capital, inclusive, em áreas periféricas. Com isso, Salvador passa a ser uma cidade policêntrica. A ideia de subcentro que usamos é a mesma de Sposito (2013); são “eixos comerciais e de serviços especializados fora do centro tradicional”. A mesma autora adota o termo da “policentralidade urbana” para falar sobre a “multiplicação, diversificação e diferenciação das áreas de consumo de bens e serviços” (SPOSITO, 2013, p. 81).

No caso de Salvador, muitos dos subcentros existem em áreas periféricas, sendo, algumas destas, detentoras de uma centralidade mais intensa do que a existente em outras

áreas, como é o caso de Itapuã. Esta centralidade mais intensa adviria da particular densidade histórica do bairro, que, há muito tempo, se formou concomitantemente de forma separada, independente e articulada do núcleo urbano que formava a cidade de Salvador.

Itapuã é um bairro com densidade histórica, pois se trata de um núcleo muito antigo da cidade, que tinha sua própria dinâmica e, ao mesmo tempo, estava muito articulado a Salvador, pela armação de baleias e as Ganhadeiras, que iam andando até a cidade, para vender suas mercadorias. Este tipo de bairro apresenta uma centralidade particular, advinda de tempos atrás, que, não se perdeu com a modernização e crescimento da cidade. Tem uma identidade forte advinda de tradições próprias e símbolos que foram se reproduzindo ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de espaços densos.

A região de Itapuã, apesar de distante do centro antigo e da precariedade nos deslocamentos, nunca foi isolada deste, havia relações comerciais e trânsito de pessoas entre os mesmos. Com o passar das décadas essa integração foi ficando cada vez maior, ao mesmo tempo em que Itapuã crescia e diversificava seu centro local. No século XIX, regiões como Itapuã, mantinham um trânsito de pessoas e mercadorias que os ligavam ao centro, apesar de ser um povoado com certa autonomia. Era para o centro que as Ganhadeiras se dirigiam para venderem seus quitutes, e também adquirirem produtos necessários, os quais não eram achados em Itapuã, uma vez que a centralidade urbana ainda se concentrava na área tradicional da cidade.

As estradas de ligação entre o bairro e o resto da cidade são fatores que nos ajudam a identificar a temporalidade desse processo de crescente interligação urbana: “A primeira estrada para automóveis ligando Salvador a Itapuã foi aberta no final da década de 1920, para o abastecimento em combustível dos primeiros latés franceses (pequenos aviões)” (GANDON, 2018, p. 53). Itapuã passa a abrigar aqueles que trabalhavam no aeroporto e a ser um ponto de trânsito mais intenso de pessoas e coisas. Primeiro esse percurso era feito por caminhos bem tortuosos, partindo do Largo do Tanque para a atual “Estrada Velha do Aeroporto”.

Na década de 1940, os responsáveis pelo campo de aviação passam a ser os militares americanos. Com a chegada de muitos combatentes no período da II Guerra Mundial são construídas a “Vila dos Sargentos” e a “Vila dos Ex-combatentes”. A movimentação provocada pela chegada desses profissionais estimulou muitas mudanças no local. Itapuã se transformou em um elo importante de acesso ao aeroporto o que acarretou no desenvolvimento comercial local.

Algum tempo depois, por volta de 1950, Itapuã passa a interessar as classes médias e altas como local para veraneio. Esse movimento de ida à parte norte da cidade é impulsionado pela viabilização de grandes avenidas. Em 1950 é construída a avenida litorânea, chamada de Governador Octávio Mangabeira. Esta passa a ser a principal via de integração de Itapuã com toda a cidade. Os terrenos localizados na região da Orla se valorizam.

A partir desse período: “construções se multiplicam ao longo da Orla e Itapuã vai se transformando no ritmo da expansão urbana” (GANDON, 2018, p. 59). Foi nesse contexto que as negociações em torno dos imóveis e terrenos ficaram cada vez mais pujantes: “No final de 1968 foi revogada a lei que, desde o século XVI, proibia a venda das terras pertencentes à municipalidade nas imediações de Itapuã; as negociações em torno dessas terras efetuaram-se então rapidamente” (GANDON, 2018, p. 60-61). Alguns loteamentos voltados para essa clientela foram construídos no trecho da Orla. A intenção era criar um “centro balneário no perímetro do vilarejo de Itapuã”.

Não podemos esquecer a criação, em 1968, do Centro Industrial de Aratu e, na década de 1970, da implantação do Polo Petroquímico de Camaçari. Estes são fatores que muito contribuíram para o crescimento populacional do bairro e seu desenvolvimento econômico local. Itapuã e sua região próxima passaram a ser “ponto de atração de migrantes da zona rural em busca de trabalho” (GANDON, 2018, p. 61).

Esse processo de transformações urbanas, econômicas e habitacionais se intensifica a partir de 1970, quando então Itapuã passa a ser oficialmente considerado bairro de Salvador. “Foi, sobretudo na década de 1970, que o crescimento do bairro se acelerou vertiginosamente, não só em torno de seu centro inicial, como nos terrenos mais afastados da costa, multiplicando-se o número tanto dos loteamentos de luxo ao longo da praia, como das aglomerações pobres, um pouco mais recuadas” (GANDON, 2018, p. 62).

É nesse período que boa parte dos antigos moradores da área litorânea do bairro, entre eles os pescadores e Ganhadeiras, são “empurrados” para áreas mais internas do bairro. A chegada da classe média não os expulsaram, mas os pressionaram para que se deslocassem para áreas menos valorizadas. Tal aspecto significou a manutenção dessa população tradicional (à qual se juntaram outras), embora para mais longe do mar.

Os moradores mais antigos do lugar e seus descendentes, com o advento do veraneio e o interesse das classes médias pelo local, se viram atraídos a venderem seus terrenos localizados no núcleo mais antigo de Itapuã. “Numerosos foram aqueles que procuraram terreno para morar nas ‘invasões’ mais próximas após terem vendido suas casas a beira-mar” (GANDON, 2018, p. 394).

Fora da beira-mar, “sobre vastas extensões de terra vão surgir nessa área, num curto espaço de tempo, um número significativo das chamadas invasões” (GANDON, 2018, p. 61). As invasões são fenômenos de ocupação de terrenos por populações pobres, sem uma estabelecida infraestrutura urbana, hoje identificada tanto nas periferias como em regiões centrais da cidade. É o espaço urbano de moradia de uma parte da população que não possui condições necessárias para pagar pelos terrenos nos espaços mais valorizados da cidade, as orlas são um destes espaços em Salvador.

Como bem explicou Montoya Uriarte (2019, p. 100), a invasão se refere à ocupação de terrenos alheios, judicialmente tratada como ação ilegal, mas em termos de uma política por moradia, pode ser considerada um ato de apoderamento, “ou seja, um conjunto de práticas de aproveitamento de espaços vazios”, em grande parte de domínio público, além de se caracterizarem por construções processuais, as quais “vão se fazendo, se acomodando às vontades e necessidades de seus construtores” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 100).

Desse modo, as invasões, pelo seu caráter de luta por moradia, podem ser entendidas como práticas de resistência; como explica Gandon (2018, p. 392), trata-se de uma “tentativa desesperada das camadas pobres da população para segurar um canto onde morar mesmo de maneira precária e instável”. Montoya Uriarte (2019, p. 71) complementa com dados temporais: “As ocupações de terrenos e autoconstrução das casas em áreas periféricas que, na segunda metade do século XX, tornaram-se a principal forma popular de habitar em Salvador”.

Em Itapuã, estas áreas do bairro abrangem vasto território e são, atualmente, onde mora a maior parte da população do bairro. São algumas delas: Baixa do Dendê, Alto do Coqueirinho, Nova Brasília, Nova Conquista, Alto do Macaco, Água Suja, Palheta, Vinte e Nove, Vila Romana, dezessete, Olhos D’Água, Malvinas, etc. Segundo trabalho de Gandon (2018, p. 76) esses espaços são construídos, sobretudo, pelos vindos em busca de oportunidade de trabalho.

Numa entrevista conjunta, duas itapuanzeiras deixam entender que para elas, os ‘outros’ não eram apenas os ricos, mas também os migrantes pobres vindos em grande número construir seus barracos e casinhas nas aglomerações precárias das redondezas. Desenraizados de suas comunidades de origem, essas pessoas não compartilhavam os mesmos hábitos nem a forma de viver da comunidade tradicional dos pescadores, cujos membros já eram, então, minoritários no bairro.

Segundo Sposito (2013, p. 78), as diferenças sociais na ocupação do espaço urbano são parte do processo de reestruturação espacial e não resultado de uma real segregação social. Nessa perspectiva, quando a orla deixa de ser morada dos descendentes de seus habitantes

originais (pescadores e Ganhadeiras) e passa a ser de interesse do mercado imobiliário voltado para uma classe média, inicialmente interessada em veranejar no lugar, o bairro se reestrutura espacialmente, mas não exclui seus habitantes originários. Em função da história de seu povoamento, que entendemos a ideia do bairro ser essa mistura referida acima pela interlocutora Carla.

Assim, “os mais diversos e contrastantes tipos de moradia, habitadas por pessoas de níveis sociais extremamente diferentes caracterizavam, então, a paisagem urbana de Itapuã” (GANDON, 2018, p. 67). Itapuã possui em seu território formas de habitar que abrigam classes distintas. Uma minoria feita por moradores da classe média e alta vive hoje na orla e a maioria está nas ruas de toda uma vasta extensão de dentro.

No bairro, quanto mais nos afastamos da orla, mais as habitações vão se revelando ser a morada de uma população mais pobre e é, também, onde se concentram as chamadas invasões. Logo, o padrão de moradia periférica não se percebe na orla, mas em seus espaços mais afastados. É onde a infraestrutura não existe nas mesmas condições de áreas mais próximas do litoral, onde as praças não são reformadas, onde a polícia age com mais violência e os serviços públicos não apresentam a mesma qualidade daqueles localizados nas áreas mais valorizadas.

A fala de um Itapuanzeiro no ano de (1980) já revelava a ocupação de diversos grupos sociais: “Itapuã tem favelado, tem burguês, tem classe média, e cada uma dessas classes atua de forma isolada, tá entendendo?” (GANDON, 2018, p. 72). Tal configuração de classes se reflete no uso dos espaços da orla do bairro. Quem é da favela ou de outras áreas usa, predominantemente, os espaços públicos do bairro, que se concentram em sua parte central que, por sua vez, se localiza na orla, enquanto os que têm melhores condições financeiras frequentam os espaços privados ou outras regiões da cidade.

Mas a orla de Itapuã nem sempre foi um espaço que recebera atenção dos poderes públicos. A orla de Itapuã antes das mais recentes reformas urbanas (nos anos de 1988 e de 2019) passou por um período de marginalização. Seus bares e restaurantes, antes frequentados por famílias de classe média, passaram a ser usufruídos pela prática da prostituição de mulheres e a receber um público voltado para a comercialização do sexo. O espaço atraía menos os turistas, bem como havia uma menor presença de grupos diversificados, tornando-se assim um lugar de pouco interesse para a população.

Antes dos projetos de requalificação das orlas, a responsabilidade pela dinamização da área ficava a cargo do setor terciário informal local. Com o tempo, “as atividades turísticas vão se tornando cada vez mais formalizadas, uniformizadas e complexas, seguindo as

exigências da lógica capitalista” (GANDON, 2018, p. 65). No final do século XX, em 1980, existiu a concessão pública dos transportes urbanos, ação que integrou ainda mais o bairro à cidade. É após o Projeto Orla (1988) que o bairro atraiu investimentos públicos e uma série de melhoramentos urbanos foram executados, dentre estes a duplicação de avenidas importantes como a Octávio Mangabeira e a Dorival Caymmi.

É com o mais recente (2019) projeto de revitalização da Orla da cidade que Itapuã tem reavivado seu uso para o lazer de famílias, turistas e, principalmente, de jovens. Através de uma estética moderna e padronizada, valorizou-se todo empreendimento e atividade no entorno. Nesse quadro de renovação, a orla de Itapuã passa de um espaço marginalizado na cidade para uma área novamente valorizada (advento do veraneio).

Com o projeto de intervenção na área, a economia local se revigorou. Os hotéis, pousadas, bares e restaurantes veem a retomada do fluxo de grupos de pessoas em busca de lazer. A prostituição não deixa de existir. Ela agora é mais presente em estabelecimentos privados localizados em ruas próximas à avenida beira-mar. O que marca essa orla, atualmente, é a proveniência de seus frequentadores, sendo estes, na maioria, de periferias. Os espaços públicos que eram, décadas atrás, frequentado pelos pescadores, as mulheres em suas atividades de ganho e os veranistas, agora, é região de lazer, com forte presença da juventude negra.

Os projetos de intervenção do Estado na produção dos espaços urbanos, na forma dos planos de revitalização das orlas realizados por poderes públicos, tratam-se de “ações deliberadas, planejadas e intencionais, pensadas por um pequeno grupo de interessados nelas. Provocam mudanças profundas num interregno de tempo curto, recompõem a história da estruturação espacial de uma cidade, a partir de ação de grande impacto” (SPOSITO, 2013, p. 76). Os direcionamentos são, como afirma Sposito (2013, P.81): “produzidos para atender certos estratos sociais, conforme determinado padrão de consumo e geram práticas espaciais novas”. Os projetos padronizados buscam também homogeneizar os usuários e os usos dos lugares.

No entanto, essa projeção de expectativa nem sempre se mostra real. Esse é o caso em todas as orlas analisadas, uma vez que os jovens de periferias se fizeram presentes, setornando usuários dos espaços das calçadas, ruas, praças e largos, em uns casos usando, em outras se apropriando e, em outras, ocupando. Os jovens, na orla de Itapuã, promovem um uso próprio do lugar, mas que não deixa de conviver com os usos tradicionais do bairro, mesmo que estes estejam, hoje, relegados a espaços menos visíveis e nas extremidades da mesma, como no caso dos pescadores, hoje suas presenças estão mais concentradas na parte da orla

próximo ao monumento da sereia. Os mesmos também trabalham na venda informal de alimentos e bebidas nas praias e calçada. Isso porque o ordenamento do espaço pelo município limita a quantidade de licenças para trabalhar no espaço público, gerando grandes conflitos entre os trabalhadores informais e órgãos da gestão pública.

É grande o número de vendedores com seus isopores de bebidas, comidas, lanches ou oferecendo serviços de lazer por toda a orla. São moradores do próprio bairro ou de áreas próximas. Seus produtos e serviços preenchem o espaço e são consumidos pelos usuários do local.

Itapuã possui atualmente um forte centro comercial. O centro atual do bairro coincide com o “núcleo habitacional mais antigo do lugar” (GANDON, 2018, p. 68), isto é, na área compreendida nas adjacências entre a Sereia⁸⁰ e o Farol de Itapuã como pode ser percebido na Figura x (linha delimitada em vermelho).

Figura 46 – Recorte Orla Itapuã



Fonte: Google Maps, 2021.

Atualmente, o comércio local se intensificou e houve uma diversificação nas atividades, principalmente na região da orla e da Dorival Caymmi. Existem hotéis, restaurantes, bares, feira, supermercados, bancos, posto de saúde, escolas, delegacia, lojas e serviços sob as mais variadas ramificações. O que ainda não é possível encontrar no bairro são faculdades, um ponto fixo do SAC⁸¹, *Shopping Center*, cinema. Para Gandon (2018), o bairro ainda possui uma importância turística na cidade, mas é acima de tudo “um bairro residencial, com uma

⁸⁰ A Sereia de Itapuã é uma escultura do artista baiano Mário Cravo Jr. que representa Iemanjá. Foi inaugurada em 1959, na entrada de Itapuã. É um monumento em homenagem aos pescadores.

⁸¹ SAC é a sigla que significa “Serviço de Atendimento ao Consumidor”. É um canal que serve para o cliente tirar dúvidas, dar sugestões, obter informações e resolver problemas relacionados a uma empresa e/ou seus produtos.

zona comercial própria”. Isso é notável também entre os jovens. Para muitos deles não há a necessidade de sair em busca de quase nada se tudo ou quase tudo que precisam existe no bairro.

Como disse Carla, “*tenho tudo aqui!*”. Ela, assim como muitos outros jovens, buscam realizar suas atividades no próprio bairro ou em localidades muito próximas. A busca por oportunidades de trabalho é um dos aspectos. Vagas no bairro são sempre priorizadas, para tanto, fazem parte de redes de contato que divulgam essas oportunidades. A rede de vizinhos e de parentesco é uma das principais formas de se manterem informados sobre as chances de trabalho. A maior parte dos interlocutores da pesquisa realizam as principais atividades de suas vidas em Itapuã, dentre estas atividades podemos citar o estudo, o trabalho, o lazer, o consumo e manutenção de amizades, namoros e conhecidos.

Na nossa proposta, Itapuã tem um centro e tem uma centralidade. Na distinção destes conceitos, seguimos a Sposito (2013), para quem centro e centralidade são relacionais, porém diferentes. O centro é o espaço urbano onde se concentram as atividades vitais para o funcionamento da cidade. Estes se materializam no tempo e no espaço. Já a centralidade não é um lugar físico como o centro, embora ela se faça e exista nos centros. Ela “é uma condição e expressão de central que uma área pode exercer e representar” (SPOSITO, 2013, p. 73).

A centralidade não é uma imagem fixada no espaço “embora possa ser sentida, percebida, representada socialmente, componha nossa memória urbana e seja parte de nosso imaginário social sobre a vida urbana” (SPOSITO, 2013, p. 73). Ela existe como dinâmica relacional em torno de uma área central. É, portanto predominantemente feita de fluxos interativos, como se refere à autora, são: “práticas espaciais”, ou ainda, “nós que abarcam múltiplas interações espaciais” (SPOSITO, 2013, p. 74).

Na realidade de Itapuã, o centro está na Avenida Dorival Caymmi e na área da orla e sua rua paralela, onde se encontram outros muitos comércios e a feira do bairro. A centralidade do lugar é a expressão relacional das interações existentes nesse subcentro da cidade. O espaço tem grande circulação de pessoas, veículos, mercadorias. O uso do centro do bairro é, para muitos, diário, em função de trabalho, necessidade de compras, para acessar serviços, frequentar cursos e escola, além de muitas outras motivações para a circulação no local.

Tal dinâmica espacial contribui para a diminuição da necessidade de deslocamentos dos moradores e de pessoas moradoras de localidades próximas para centros mais tradicionais e mais distantes. A ida ao centro antigo só é cogitada em algumas ocasiões para compra de produtos mais baratos, mas nem sempre esse deslocamento compensa, a ponto de uma jovem

se arrependeu de ir à região da Lapa para adquirir maquiagem. Sua opinião foi de que havia gastado dinheiro com transporte desnecessariamente, uma vez que os mesmos itens poderiam ser achados no centro do bairro com preço similar.

A área central de Itapuã é o local onde Danilo circula para comprar suas roupas e outros produtos. Apesar de no Bairro da Paz também existir um centro, é no comércio do centro de Itapuã que ele encontra os produtos que deseja. O centro de Itapuã é também o único espaço onde moradores de localidades vizinhas podem encontrar determinados serviços, um exemplo é o deslocamento de pessoas de bairros de classe média alta, como Piatã e Stella Maris, para o uso da feira no bairro, além de outros serviços. São fluxos como estes que também contribuem para produzir a centralidade popular do lugar.

A orla como parte do centro do bairro é utilizada principalmente na sua faixa de praia. É na praia que existe uma grande presença de moradores de áreas diversas do bairro e de várias localidades da cidade. O lazer noturno da orla é em seu calçadão, espaço de grande apropriação jovem e campo principal da pesquisa.

Para os jovens de Itapuã que moram em regiões mais distantes do litoral, ir à sua orla é o mesmo que ir à Itapuã: *“quando quero dizer que vou para orla digo que vou para Itapuã”*. Essa afirmação, como explicou o jovem, é comum entre eles. Deslocar-se para orla, nesse sentido, significa seguir em direção ao centro do bairro. Guardando as devidas proporções geográficas, o mesmo ocorre quando moradores de periferias distantes dos centros principais da cidade mencionam a ida a estes lugares, para muitos, está é uma ida à cidade.

A correlação feita confirma ideia de Santos (2008) em que ir ao centro da cidade é ir à área que representa o que há de mais urbano. Logo, para esses jovens, sair da parte mais interna do bairro, onde a diversidade de condições, classes e funções é menor do que as encontradas na orla significa ir ao encontro do que é mais central no contexto do bairro.

Sendo assim, no caso de Itapuã, a orla consiste também em centro de seu bairro. Foi neste ponto nodal de movimentações que os jovens interlocutores mantiveram encontros quase que diários. Podemos considerar a construção de um território jovem na orla como outro marco na história do bairro. Para tanto, as intervenções urbanas tiveram papel fundamental na constituição dessa apropriação jovem. Antes da reforma mais recente, os jovens frequentavam a Praça da Coelba. Para eles, a orla era um espaço escuro, sem bancos para sentar, sendo mais movimentada pelos clientes do Língua de Prata⁸² e em dias de sarau.

82 O Língua de Prata era um bar muito conhecido na cidade, local de prostituição feminina e de shows ao vivo. Era um grande atrativo do bairro. O Língua de Prata foi demolido pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (SUCOM) em março de 2015 durante a reforma da orla de Itapuã.

Para jovens como Michel, Laís, Luiz e Igor, a praça doida, como é conhecida entre os jovens do bairro, passou a ser um local mais atrativo pós-reformas, quando houve uma grande movimentação na orla, apesar de ressaltarem que os novos quiosques tornaram o espaço dominado pelo arrocha, samba e pagode: “*antes da reforma nós fazíamos roda de violão, saraus de poesia, rolava vários outros sons, mas agora é sempre isso aí, por isso quando a gente quer curtir nosso som preferimos ficar na Praça da Coelba*” (Carla). A Praça da Coelba fica muito próxima à orla, é uma rua paralela, com pouco movimento e basicamente residencial.

O projeto urbanístico é mais do que uma “nova tarde” em Itapuã: é a padronização de toda a Orla com os mesmos equipamentos, estética e grupos sociais. O objetivo, não declarado, é de manter a população de cada bairro em sua orla mais próxima e com isso não tenha que se deslocar a uma única centralidade. Traduzindo: que os Itapuanzeiros fiquem em Itapuã, os do Rio Vermelho fiquem no Rio Vermelho, e os da Ribeira fiquem na Ribeira.

O que ocorreu, no entanto, é que os jovens de periferias passaram a circular mais por estes espaços e ocupá-los com suas múltiplas identidades e posturas políticas. Em Itapuã, o que se percebeu foi mais uma busca de quem é do lugar por outras orlas do que jovens de outras periferias distantes procurarem Itapuã. Mas, acima de tudo, há uma “apropriação” dos espaços da orla pelos próprios jovens moradores e de áreas de periferias próximas.

Nas outras orlas, a concentração dos jovens ocorre principalmente quando dos encontros, já na orla de Itapuã, os usos são constantes, a produção do território não se desfaz acada novo dia, uma vez que as pessoas que circulam são quase sempre as mesmas. O território jovem, nesse caso, é menos composto por um fluxo de pessoas oriundas de regiões diversas da cidade, mas sim de jovens, que são vizinhos, conhecidos, observados ou, no mínimo, já visualizados.

Também a noção de “lugar neutro” emergiu no campo de Itapuã, com a diferença de que este seria a orla, área mais valorizada no próprio bairro de moradia. A extensão beira-mar de Itapuã é o espaço da orla norte de Salvador que mais concentra o uso juvenil. Nela, jovens de partes diversas do bairro se encontram, se conhecem, se observam, tal como jovens que moram em bairros próximos.

Segundo alguns interlocutores, o bairro é bastante recortado em termos da atuação de grupos do tráfico. Na região, várias facções rivais detém o domínio sobre partes de Itapuã e de localidades vizinhas. Essa vizinhança entre rivais do crime não geraria muitos conflitos, já que possuem um acordo de não intervenção no território do outro grupo. No período de mais de um ano e meio que frequentei o bairro, soube de pouco conflito armado, e quando escutei

relatos, eram entre policiais e traficantes. Todas estas situações ocorreram em áreas mais internas de Itapuã, nas chamadas “invasões” ou na favela, como os jovens costumam falar. Na orla, na praça em frente à Igreja, presenciei o assassinato de um homem morador do bairro por conta da cobrança de dívida com drogas.

No entanto, tal acordo tácito não significava que todos, principalmente os jovens, possuíam livre circulação pelos lugares. A presença de um jovem desconhecido transitando por uma área poderia ser encarada como uma ameaça por pessoas do comando local. Esse jovem, muito provavelmente, será interpelado com questionamentos do tipo: *De onde é? Qual facção exerce o comando? De onde vem?* Perguntas específicas também eram proferidas para que somente quem realmente fosse da área soubesse responder, por conhecer as dinâmicas dos acordos.

Em função dessa realidade, à volta para casa, quando da madrugada, é um ponto a ser conversado entre eles. Há a procura pela companhia de mais pessoas que irão para o mesmo sentido e um estudo dos caminhos e áreas a serem percorridos. Nesse trajeto os jovens que seguem juntos vão ficando enquanto outros seguem. É muito comum não irem para orla de celular, pelo receio dos assaltos que ocorrem nesses momentos de volta para casa. Foram muitos os relatos de roubo dos aparelhos.

Na área da orla, existe a atuação de um comando do tráfico; no entanto, é possível a circulação de jovens de todas as partes, desde que não estejam “*devendo*” na área e que não “*cheguem botando banca*”. Os jovens sabem quem são os “*gerentes*” do tráfico na região. Eles circulam pelo local constantemente. Em um determinado momento da pesquisa já os reconhecia, bem como, alguns de seus parceiros. Num primeiro olhar, o que parecia ser um espaço sem tanto controle local, apesar do clima de tensão no ar, com o passar do tempo de pesquisa, deixou cada vez mais aparente a presença e vigilância do tráfico nas práticas locais.

Como bem explicou um dos interlocutores sobre a presença de jovens de regiões distantes do bairro: “*se chegar pivete de fora querendo bagunçar aqui e tirar onda, caçar confusão, vai ser todo mundo contra ele, gente de facção diferente se juntando para ir para cima, aqui não tem essa não, a treta vai ser geral*”. A presença constante quase sempre das mesmas pessoas ou de pessoas conhecidas torna o lugar um espaço movimentado por sujeitos que se reconhecem. Nesse sentido, as relações entre os jovens se fazem mais entre pessoas próximas do que entre pessoas estranhas, diferente de outras orlas. Na orla de Itapuã existe um reconhecimento público entre os jovens, o que gera uma reciprocidade em vigiar o outro tanto para acompanhar o que ocorre em sua vida quanto para mediar possíveis conflitos. Em muitos casos, nasceram nas mesmas vizinhanças, se conhecem desde criança, estudaram

juntos, são parentes, todos estes são fatos que apontam para a existência de um ambiente familiar para eles e elas.

A orla apresenta, para os jovens interlocutores, certo grau de neutralidade dos conflitos entre os grupos de traficantes, diferente das áreas de dentro e entre bairros próximos, onde são rivais declarados. O que não significa dizer que não devam estar atentos às movimentações e sempre vigilantes aos acontecimentos no local. A particularidade de vigilância do tráfico e atuação reguladora do mesmo das relações na orla faz desse espaço um local com características, em certo grau, mais conciliatórias em detrimento da neutralidade. Desse modo, mais do que neutro, porque é de um grupo, o consideramos espaço pacificado, ou seja, de uma facção, porém mediado por um acordo conciliatório.

A relação com a corporação policial também é um elemento que reverbera com elevado grau de tensão e violência. Para alguns, a atuação dos agentes é preconceituosa e racista: “*se você tem dois grupinhos da favela fumando um beck ali na praça, o que tiver mais jovem negro com jeito de favelado vai ser tratado com mais violência, o outro pode ser que nem cheguem*” (Ana, 17 anos, Itapuã). As abordagens policiais truculentas aos jovens são mencionadas como constantes nos espaços da orla, principalmente nos finais de semana. A “corda de caranguejos” da qual falamos no capítulo anterior é uma demonstração de como são submetidos a situações de humilhação em seu cotidiano. “Por meio da noção *envolvido-com* ambiciona-se criminalizar os indivíduos e sua transitividade entre realidades sociais” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 112). Os autores registram o quanto é histórica a associação entre juventudes pobres e a criminalidade, “o que serve para justificar distintas formas de intervenção corretiva”, entre elas as abordagens arbitrárias e violentas.

Ao mesmo tempo, o desempenho policial pode ser considerado de menor potencial ofensivo do que em outros lugares do bairro e de outros bairros próximos. Para Danilo, na orla de Itapuã ele consegue ser mais livre. Seu trânsito no local é sempre atento, mas admite ter menos receio de troca de tiros ou mesmo de abordagens policiais mais violentas fisicamente. No seu bairro de moradia, a atuação policial é mais ostensiva. No Bairro da Paz também acontece um paredão, numa praça onde os jovens se reúnem, no entanto o evento é interrompido de forma violenta, com tiros e agressão física: “*a polícia na favela não alivia, nem fico indo mais lá, prefiro aqui*”.

O mesmo é considerado quando relatam experiências mais recorrentes nas localidades de dentro, são aquelas mais afastadas da orla, onde mora a população majoritariamente pobre do bairro. Nessas localidades, o exercício policial também é relatado como sendo mais

violento, com operações que terminam em tiroteio, invasão de casas e desrespeito aos moradores.

O fato de na orla estarem, predominantemente, em contato com jovens de partes do setor norte da cidade e não somente entre pessoas da vizinhança e do bairro, faz com que alguns jovens se sintam entre diversos tipos de grupos, pessoas, classes e, apesar de muito visados pelos policiais, menos violentados por eles. Podemos pensar Itapuã como uma orla negra na cidade, e como bem expressou Bujão⁸³, em 1980: “*Então eu acho que Itapuã por si só tem duas vertentes básicas em sua origem: a Tupi Guarani e a negritude, né? Eu acho que são as duas coisas assim que mais identificam Itapuã*” (GANDON, 2018, p. 73). A visão de Bujão é a mesma dos dias atuais, sendo a sua orla marcada pelo uso de jovens negros de camadas populares (tanto do próprio bairro quanto de bairros de periferia próximas) e de uma minoria de frequentadores das localidades vizinhas de classe média e alta como Stella Maris, Piatã, e de partes mais distantes da cidade. Quem é frequentador da orla de Itapuã garante que quem sai de bairros de periferia da cidade e vai para a orla da Barra ou do Rio vermelho não é quem está na orla de Itapuã. Logo, os jovens de Itapuã podem estar nessas outras, mas o movimento contrário não é uma situação recorrente.

Como explica Danilo (Bairro da Paz), a maioria dos jovens que frequentam essa orla são das periferias próximas: “*Não vejo playboy por aqui não, na Pituba, Rio Vermelho você vê, mas aqui não vejo muito não*”. Seus amigos são de periferia assim como ele: “*sou da favela, conheço um playboy, mas meus amigos são da favela e muito de quem tá aqui também*”.

Para Luiz, estar na orla de Itapuã é mais interessante do que estar entre os jovens que convivem mais nos locais de dentro do bairro, na favela em si. Isso porque os diálogos sempre acabam girando em torno de questões de violência e das rivalidades que existem entre as facções: “*as pessoas que ficam mais nas vizinhanças são diferentes, só ficam querendo saber de violência, essas coisas, quero falar de outras coisas, tomar meu vinho em paz*”. Luiz perdeu um irmão em uma situação de troca de tiros em um paredão que ocorreu em parte de dentro do bairro.

Para ele, existe a diferença entre os jovens que são de favela e os que gostam de ficar mais fora, no centro do bairro: “*Lá é uma galera mais foveira⁸⁴, nem em paredão nesses lugares faço questão de ir. Aqui (orla) é bem diferente, preferimos ver gente nova sempre,*

⁸³ Bujão é morador antigo de Itapuã (Itapuanzeiro) e interlocutor da pesquisa de doutorado de Gandon, 2018.

⁸⁴ É uma forma pejorativa de classificar aqueles que carregam consigo, em seus corpos, jeitos e estilos, o que é mais identificado como favela.

por mais que sejamos conhecidos é melhor ficar aqui, tem mais diversidade, essa galera só fala de violência, essas coisas". Vale ressaltar que por mais que o jovem ressalte essas diferenças de jovens, a circulação dos tipos citados existe por todo o bairro, principalmente nos dias de paredão na igreja.

Por fim, para os jovens da pesquisa, a orla pode ser entendida mais como um “lugar neutro”, se realizando enquanto espaço intermediado por acordos de pacificação; além do mais, pode ser concebida como um território jovem na cidade.

5.3 “Território jovem” e uma centralidade familiar.

Na orla de Itapuã, os frequentadores jovens acabam interagindo de alguma forma, nem que seja por se conhecerem de vista, saberem de alguns aspectos da vida das pessoas ou mesmo por conhecê-las mais intimamente. Na Praça da Quadra, na Praça da Coelba, nos espaços públicos da orla, eles e elas vivem uma intimidade de rua de bairro

É por essa particularidade local que podemos dizer que em Itapuã há uma centralidade familiar, onde não se encontra o anonimato, a atitude *blasé*, o desconhecimento total de uns e outros, características referentes às ruas dos grandes centros urbanos.

Os jovens que estão nesses locais são quase sempre os mesmos. Quem frequenta a orla também vai aos paredões da Igreja, vai para o partido do Dendê, para a praia, estão cotidianamente circulando pelos lugares da orla. Eles se reconhecem, se observam, sabem onde moram, com quem se relacionam afetivamente, conhecem familiares, estudam ou estudaram nas mesmas escolas, consomem no centro do bairro, ou até mesmo mantêm uma relação mais próxima, de encontros quase diários na orla.

Montoya Uriarte (2019), em pesquisa realizada na região do centro histórico da cidade, elaborou um conceito de habitar o centro que vai além das relações de vizinhança de rua ou de bairro. A autora entendeu o habitar em termos físicos, mas não restrito a uma localidade delimitada. Isso porque, em sua perspectiva, o habitar que caracteriza a área central de Salvador é móvel; corresponderia a área pela qual os sujeitos circulam, conhecem os caminhos e por onde tecem dinâmicas relacionais de proximidade, conflitos e, portanto, de familiaridade urbana. Em sua análise, os moradores do Centro Histórico de Salvador habitam o centro e não apenas uma parte específica dele, uma vez que a apropriação da área da cidade, que é o centro, ocorre de forma “unificada pelas práticas/trajetos residenciais, mas também pelas caminhadas cotidianas e as histórias partilhadas que estas promovem” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 179).

O mesmo ocorre com os jovens interlocutores; numa perspectiva de área, mais do que de bairro, eles se engajam com as pessoas, lugares, caminhos e experiências, de modo mais abrangente do que as relações delimitadas ao entorno da moradia, da vizinhança mais próxima.

Os jovens de Itapuã habitam uma área para além de seu bairro ou localidades. Uma área que inclui os espaços apropriados na orla (seus territórios jovens), o centro do bairro, além dos trajetos que percorrem ao se movimentarem entre estes; por onde circulam e partilham experiências e histórias. Nesse sentido, seu habitar é semelhante ao habitar dos moradores do Centro Histórico de Salvador, desvendado por Montoya Uriarte (2019). A noção elaborada pela autora vai além dos espaços domésticos, abrangendo uma dimensão maior do que uma rua ou um conjunto de residências: “Com efeito, o que proponho chamar de habitar a vizinhança engloba as diversas práticas de estar-com, engajar-se e enraizar-se com e num espaço que não se limita a casa ou ao beco onde se reside, mas implica os becos vizinhos e toda uma área adjacente” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 159).

Nesse sentido, entendemos que os jovens habitam uma área de Itapuã que inclui, o seu centro local, seus trajetos e a sua orla, concebida aqui como o centro da área, produzindo assim uma centralidade familiar. É por essa orla que eles mais permanecem, se relacionam e constroem laços íntimos de convivência, tão ou mais do que os estabelecidos em seus locais de moradia.

Os jovens da pesquisa pouco se referiram as relações com os outros moradores da sua rua. Para alguns, o motivo era estar sempre trocando de localidade no bairro, o que acabava gerando pouco vínculo com os mesmos. Outro ponto é que nem sempre pretendiam manter uma aproximação mais estreita na vizinhança. Isso porque não gostavam de ouvir comentários ou julgamentos sobre a sua vida entre os moradores.

Nos casos em que moravam desde sempre em um local, existia da mesma forma a busca por discrição nas relações, principalmente sendo a vizinhança composta por familiares. Às vezes em que mais pude ouvir relatos sobre as relações da rua onde moram envolviam intrigas com parentes.

Foi notável o fato de muitos dos jovens pouco se envolverem com as questões da rua. Eles e elas estão engajados com interesses para além da rua onde moram. A intensa movimentação por outros espaços do bairro – praia, orla, praça, casa de amigos, centro – e espaços fora do bairro, os tornavam pouco dedicados às questões da vizinhança mais próxima, exceto, como disse Michel: “*quando o babado é dos bons*”.

A exceção, geralmente, incluía briga de casal, enredos sobre traição, roubo e atuação da polícia no local. Em muitas das situações não era preciso estar na rua para saber dos acontecimentos, de suas próprias casas ou quintais era possível ouvir toda interação das casas ao lado, tamanha era a proximidade entre elas, unidas quase como a continuação uma das outras.

A atividade de “resenhar” era muito presente no cotidiano das vidas dos jovens. Os encontros tinham um caráter de investigação juvenil da vida na área. Entre eles e elas atualizavam o repertório de novidades ocorridas e teciam tramas muitas vezes pouco apreciadas entre aqueles que tinham seus nomes envolvidos. É prática entre aqueles que frequentam e gostam de observar as relações existentes nos espaços de convivência coletivada orla, bem como de serem vistos nestes.

As "resenhas" existiam como uma dinâmica de avaliação das práticas. Eram momentos em que aproveitavam para narrar fatos ocorridos em dias anteriores ou mesmo para trazerem informações novas sobre a vida de alguém. Como na ocasião da briga física entre dois jovens, na qual quem iniciou as agressões afirmava ter sido desrespeitado por ser homoafetivo. Entre versões complementadas, verificou-se que ninguém presente no momento observou tal ato de homofobia. A conclusão foi de que se tratava de mais uma “cachaça ruim” da pessoa que incitou o embate.

A “resenha”, geralmente, é uma interação de transmissão de acontecimentos entre os jovens que mais transitam pelos espaços, podendo observar melhor os eventos, as relações desenroladas e as pessoas envolvidas: “*a gente sabe só de olhar se alguém tá de rolo*”. Isso ocorre pela reputação que as pessoas constroem e que extrapolam a sua vida íntima. Em uma tarde de domingo, andava com um jovem em direção a Praça da Coelba para encontrar mais pessoas, quando de longe ele avistou uma jovem andando com um rapaz ao lado, os dois conversavam sem se tocar, apenas andavam. Ele afirmou que a menina, paquera de um conhecido seu, estava se relacionando com o tal rapaz e ele acabará de descobrir tal ligação entre eles. A interpretação do envolvimento afetivo se deu pelo mesmo conhecer as atitudes de conquista do rapaz na área.

Os romances, namoros, paqueras, traições e outros tipos de relacionamentos amorosos acontecem muito entre eles, mas nem sempre estas ligações são expostas. Por mais que muitos comentem nas “resenhas” sobre os casais que se formam e desfazem, os jovens preferem manter suas conquistas “*em baixo*”. É como costumam dizer quando preferem não comentar sobre o andamento das relações, ao menos que seja um romance mais firme e constante.

A discrição nas relações afetivas é outro ponto marcante. Os envolvimento afetivos acontecem bastante entre os jovens, apenas não são práticas muito reveladas publicamente, apesar de sempre haver a “resenha” sobre os casais. As aproximações, paqueras e conquistas acontecem nos territórios jovens, mas o contato íntimo ocorre em espaços mais discretos, como becos, praia à noite, casa dos jovens e ruas pouco movimentadas.

É em Itapuã e localidades próximas que os jovens mantêm boa parte de suas relações afetivas, mas garantem gostar de conhecer pessoas de fora. Os envolvimento amorosos acabam ficando por ali mesmo. Por conta disso, era comum manterem certo convívio com as pessoas com quem tiveram algum tipo de relacionamento e terem uma rede de pessoas que acabam se ligando eventualmente.

Por conta dessa rede comum de relacionamentos, uma pessoa pode passar a namorar a ex-parceira de um amigo e vice-versa. Também por conta destas ligações não é raro cenas de ciúmes, histórias de traições e disputas amorosas. O mais usual era quando existia o interesse por uma pessoa, buscava-se saber como a mesma se comportava no bairro. Isso quer dizer saber com quem a pessoa andava, por onde circulava, o que fazia nesses lugares, se é alguém que gostava de barganhar nas relações, se participava de muitas intrigas, ou seja, se é, para eles, alguém confiável.

Michel é um dos jovens que soube ser bastante namorador na área, mas só o vi perto de uma parceira em uma rápida ocasião. O mesmo afirmava gostar de conhecer pessoas e socializar no bairro, mas que era muito difícil “ficar” com alguém em algum “rolê”: *“sou de selecionar as pessoas que fico. Não quero ficar com essas meninas que pegam todo mundo. Se traiu o outro, vai me trair também”*. O rapaz deixou de se relacionar com uma jovem do bairro, de quem estava gostando, ao saber que esta enquanto mantinha um envolvimento íntimo, mas não estável, com ele, também se relacionava com outros jovens, todos conhecidos ou amigos seus.

O resenhar, nesse contexto, está atrelado a um exercício de julgamento sobre aqueles que observam, vigiam, desconfiam/confiam e com os quais mantêm relações constantes. Portanto, é uma prática coletiva de quem é da área e, principalmente, entre aqueles que se fazem vistos por participarem das dinâmicas de usos dos lugares e compõem os territórios jovens locais.

O resenhar, o falar dos outros, também gerava muitos conflitos. A prática era vivida diariamente, como uma espécie de chamado ao compartilhamento de informações locais; um modo de reunir relatos e conferir versões sobre as pessoas e suas relações. Há os que deixam de estar nos espaços em função dessa dinâmica. Nem todos estavam dispostos a participarem

e nem serem um dos temas dessa teia de intrigas e confabulações: “*Só venho para aqui quando combino com alguém que queira ver. Cansei disso aqui. É muita gente conspirando sobre você*” (Carla, 20 anos).

De alguns jovens, ouvi sobre a indisposição para estar na praça, por exemplo. Essas declarações vinham acompanhadas de reprovação da forma como as relações se desenrolavam no local. Carla (20 anos) é uma dessas jovens que afirmava raramente frequentar a praça e era essa atitude que poderia lhe garantir uma vida menos vigiada na área. Ela e outros jovens, nessa situação, geralmente argumentavam priorizar dedicar o tempo com os estudos e também por preferirem levar suas vidas de maneira mais discreta e menos observada pelos frequentadores da praça.

Em algumas ocasiões, Michel associou as relações de amizade da área a “*olhos da traição*”; “*às vezes tenho vontade de ficar sem vim na praça, mas não consigo (risos). É que tem hora que dar raiva, a fofoca entre seus amigos mesmo, é demais*”. Entre os jovens, as relações são mediadas pela desconfiança. É comum entre eles ouvir que ali há uma convivência entre colegas, conhecidos, mas que amizade é difícil. A relação de confiança só existiria entre alguns poucos e mesmo assim com todo cuidado nas revelações feitas.

Os vínculos podem parecer, de forma superficial, estreitos e estáveis, mas os constantes conflitos e desentendimentos fazem com que as alianças sejam, quase sempre, instáveis. Os motivos, na maior parte das vezes, para tais inconstâncias, envolviam a ruptura ou suspensão do que Fonseca (2000) denominou “os códigos sociais de interação”.

Para os jovens, as pessoas se tornam confiáveis quando não possuem o hábito de falar mal de outras pessoas conhecidas, não buscam saber a todo o momento sobre a vida de outras pessoas, não são agentes de intriga entre eles, não se comprometem com o lado de alguém num conflito sem saber os dois lados, não criam histórias com o nome de alguém para prejudicá-lo de alguma forma, não tentam envolver alguém em uma situação de violência ou de fofoca, além de não ser aquele ou aquela que está sempre tentando minar a relação afetiva de outros. O que ocorrer ao contrário das situações citadas acima, faz uma pessoa ser encarada com desconfiança, quanto mais ela agir de acordo com as práticas, menos se confiará.

Cláudia Fonseca (2000) propôs analisar como a honra pode mediar os comportamentos e definir identidades entre os pertencentes a uma favela do Rio Grande do Sul. Para ela, falar em honra é basicamente discutir sobre relações de poder, não somente em poder baseado nas questões econômicas e de classe, mas também das relações simbólicas que esta engendra. Em termos individuais ela nos faz pensar na imagem social que estas relações produzem, uma vez que a imagem se constrói a partir de seus comportamentos perante os outros.

O aspecto mais coletivo se estabelece na forma de “código social de interação”. Este acontece na negociação das vivências cotidianas. As práticas que tornam alguém confiável ou não para os jovens seriam uma amostra de como os códigos de convivência local definem pessoas e relações de afinidade.

No entanto, as relações são constantes, quem não confiava ou teve um conflito declarado com alguém, não necessariamente deixava de conviver com a mesma. Os locais e os círculos de encontro são tão interconectados que seria muito difícil alguém deixar de ver o outro entre os seus desafetos do momento. É nesse contexto que as resenhas podem alimentar intrigas e desencadear confrontos diretos.

Uma situação provável de acontecer era um jovem ter uma discussão com outro em um dia e na noite seguinte esta mesma pessoa poderia estar entre seus conhecidos e a proximidade ocorreria, certamente. As posturas desse encontro variam, uma repercussão mais violenta seria possível de acontecer, poderiam se ignorar, fazerem provocações um ao outro ou até mesmo demonstrarem que é melhor deixar para trás suas querelas.

A prática de barganhar gera neles uma desconfiança pelas pessoas em geral, como explica Igor: *“tenho ranço de gente que quando tá sem chá (maconha) e fica colando na roda, mas quando tá com algum se separa do rolê pra fumar só com os mais chegados”*. O mesmo ocorre com relação ao consumo de bebidas e de cigarro. Há situações em que esse tipo de atitude é exposta para a pessoa em meio a todos. Quem tem esse hábito de barganhar nos “rolês” acaba sendo conhecido por isso, gerando desconfiança dos demais.

O cuidado com as relações faz parte da dinâmica local, saber quem gosta de barganhar ou não, quem faz intriga ou não, ou seja, em quem se pode confiar sobre alguns aspectos e de quem é preciso manter uma postura desconfiada. Para outros, na maior parte das vezes quem já participou dessa dinâmica, tal condição de convívio já não é mais pertinente, por esse motivo, passam a frequentar muito pouco a orla.

Para aqueles, os muitos que participam das dinâmicas locais ser vigiado é algo constante. Em uma situação, a mãe de um dos jovens interlocutores, voltando do centro comercial do bairro, resolveu antes de ir para casa passar pela Praça da Coelba, onde sabia que o filho costumava ficar, para ver com quem estava. De longe ela foi avistada por uma de suas companhias que o avisou imediatamente. O jovem fumava um cigarro de maconha com os amigos. Ele não pôde disfarçar o ato. A mãe se aproximou e o chamou para seguir com ela para casa. O uso da substância era sabido pela mesma, o que não impediu que o rapaz ouvisse conselhos dela. Para ela, o consumo devia ser mais discreto e esporádico e não feito numa praça e em área residencial.

O jovem precavido, já a havia deixado ciente quanto ao seu apreço pela maconha. O que ele destacou na situação é o fato de ser sempre observado: “*Sou mais vigiado do que boca de fumo*”. Tal comparação de situações objetivou trazer a noção do quanto essa vigilância é permanente e intensa. Seus movimentos são mais observados, principalmente no centro do bairro, sendo a orla parte desse centro. O registro de seus contatos e deslocamentos é feito pela sua ampla rede de conhecidos do bairro, podendo ser transmitido tanto para seus familiares quanto para pessoas com quem estivesse se relacionando afetivamente.

O jovem aprendeu com as suas relações, principalmente na área que habita, que quando se está exposto é preciso vigiar quem vigia. Os seus olhos também estão sempre atentos a quem circula nas ruas, tanto para saber quem pode estar lhe observando quanto para observar as pessoas. É dessa forma que vivem negociando diante das intimidades expostas. Cecchetto, Muniz e Monteiro (2018) também perceberam este fenômeno em seus estudos sobre os jovens de duas favelas cariocas.

Michel, Naldo e Maré Mansa sabem chegar a qualquer área do bairro, ao ponto de o considerarem pequeno, sendo Itapuã um dos mais extensos bairros de Salvador. Todos os jovens são Itapuanzeiros. Eles explicavam que enquanto uma pessoa transitava pelas ruas principais, eles poderiam chegar aos mesmos pontos cortando o bairro pela favela, entrando pelos becos e vielas. É em função desse conhecimento profundo das ruas que identificavam o que eles chamaram de “pontos cegos”, são locais específicos dos trajetos onde eles podiam observar quem circulava sem serem percebidos facilmente.

Conhecer o bairro e o percorrer cortando-o por todos os lados favoreciam as movimentações pelos paredões que aconteciam na região. Dos pontos cegos os jovens avistavam a chegada dos policiais, avisando os frequentadores da aproximação dos mesmos. Nessas ocasiões, bondes de jovens seguiam para paredões em outros pontos do bairro até chegarem ao fim do “rolê”, a orla; onde passavam o restante da noite. Para os conhecedores da área, o ponto cego tem a finalidade de observar as pessoas que circulam pelos trajetos, identificando seus destinos e companhias e também como um meio de se livrar das ações policiais.

Sobre a sociedade baiana do século XVII, o poeta Gregório de Matos destacava em seu poema as condutas de vigilância entre as pessoas próximas:

*O poeta descreve a Bahia
A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro.*

*Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para levar a praça e ao terreiro.*

Gregório de Matos.

A ação de um olheiro atrelado à prática da vizinhança é história antiga na cidade de Salvador. Entre moradores de regiões populares, em que as pessoas transitam bastante a pé, estes podem, assim, olharem-se e reconhecerem-se mais em seus trajetos e vivências comuns. Cecchetto, Muniz e Monteiro (2018) apoiam a ideia de que morar em favela “é saber lidar com um ambiente atravessado por desconfianças recíprocas e por suspeições maximizadas. Na comunidade, há uma multiplicação dos olhos que tudo veem, de cabeças que todos sabem de línguas autorizadas a falar muito” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 102).

Nesse sentido, a resenha, o ato de vigiar e as formas que se dão as relações faz parte de um “código de conduta que dá conta do que deve ser segredo e do que se pode explicitar” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 104). Nessa dinâmica, tem-se a expectativa de a qualquer momento poder “pegar alguém na mentira”, ou seja, fazendo aquilo que diz não fazer, e esse flagra será exposto no momento tido como oportuno (quando mais causar impacto entre os participantes da resenha) por aquele que observou o ato.

Nos encontros, as resenhas não acontecem sem certa cautela até porque estas podem ter consequências dramáticas. Os jovens sabem que é preciso ter moderação sobre o que se diz. Nesses momentos, existe um controle na forma de expor informações íntimas sobre os outros, há um uso medido das palavras. “As frases sobre o que se sabe são estrategicamente ditas de maneira a revelar sem se comprometer” (CECCHETTO, MUNIZ e MONTEIRO, 2018, p. 104). Até porque sabem que a próxima personagem da resenha pode ser quem antes estava participando da construção de narrativa sobre outrem. Como tudo que é dito pode sair dali, uma vez que são muitas as pessoas que participam dos “rolês”, as opiniões são quase nunca ditas. As resenhas se tornam mais relatos de acontecimentos.

Em Itapuã, principalmente em seu centro, a movimentação dos jovens é algo que gera comentários; saber por onde andam, o que fazem e com quem, são questões que animam o cotidiano de conversas entre as pessoas. Tal realidade faz com que os mesmos estejam sempre

atentos aos seus movimentos: “No interior das favelas, a habilidade de um mortal para gerenciar sua exposição e o acesso dos outros à informação sobre si pode corresponder à delicada arte de autopolicimento” (CECCHETTO, MUNIZ e MONTEIRO, 2018, p. 103).

Essa realidade é mais atuante entre aqueles que se expõem de modo constante nos territórios jovens e que se tornam pessoas mais conhecidas no lugar. O sentido de conhecidas vai além de serem reconhecidas, ou mesmo de saberem o seu nome ou onde moram, mas de obterem informações sobre sua intimidade. As questões pessoais deste passam a fazer parte do roteiro de intrigas e conflitos de interesse das interações cotidianas. Isso porque, como explicou Cecchetto, Muniz e Monteiro (2018): “morador de favela se faz observável sem seu consentimento. A autorização para sentir em conjunto a sua vida privada lhe é imposta por constrangimentos, como as formas de ocupação urbana e de dominação ali existentes” (MONTEIRO, MUNIZ e CECCHETTO, 2018, p. 103-104).

A resenha se faz numa área pertencida por esses jovens; é um lugar familiar e apropriado pelas suas práticas rotineiras. As vivências cotidianas, em seus rituais de reconhecimento no bairro, são como reforços contínuos ao sentimento de pertença a uma área da cidade. Porque conhecem a dinâmica local, porque sabem agir de acordo com os códigos de conduta partilhados, porque seus amigos são de lá, sua família, conquistas amorosas, ou seja, boa parte da vida desses jovens gira em torno desse lugar como o centro de suas interações.

Mayol (2009) atrela sua noção de habitar a convivência no bairro, apesar de destacar os níveis que constituem o habitar a casa, a rua, a cidade, mas acima de tudo, habita-se o bairro. Além de se dedicar a pensar as relações no bairro de moradia de setores populares da cidade, Mayol (2009), busca entender os comportamentos instituídos entre vizinhos em sua convivência próxima. "A prática do bairro implica aderir a um sistema de valores e comportamento que força cada um a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem em seu papel" (MAYOL, 2009, p. 48). Nesse sentido, o autor considera que a vizinhança possui a qualidade de ser um "instrumento de verificação social" e consolida uma ampla gama de modos de agir que orientam um "saber-viver-com".

Para Mayol (2009), o habitar está ligado ao modo que se habita um bairro; o seu lugar na cidade. Habitar o bairro requer "uma arte de conviver com parceiros", tornando possível a vida cotidiana. Estar entre vizinhos, entre conhecidos próximos, ou mesmo, familiares; é ter a certeza de sempre ser reconhecido e de sofrer a expectativa dos outros em agir conforme as regras de controle social compartilhadas.

O habitar, portanto, é também conviver exercitando cotidianamente as normas do lugar e ganhando a partir daí o direito a seu bairro. "O bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação" (MAYOL, 2009, p. 42).

Os jovens interlocutores vivem as ruas do bairro e compartilham vivências que os tornam reconhecíveis entre si. Sendo assim, a apropriação nativa do termo "minha área" é o conceito que tange muitos dos códigos de pertencimento juvenil. No caso das juventudes de periferias em questão, essa se faz na convivência entre um conjunto de famílias, vizinhos que cooperam e atrimam, num espaço íntimo que oferece pontos para "as resenhas" entre parceiros. "Ser das áreas" quer dizer saber observar as pessoas do lugar, saber falar sobre o lugar, reconhecendo quem é de dentro e quem é de fora.

A "área" guarda algumas especificidades; no caso dos jovens de Itapuã, é onde está o habitar urbano destes, bem como o lugar afetivo de grande parte dos interlocutores. "*Itapuã é o meu lugar*", o sentido contido nessa frase ouvida repetida vezes traz consigo uma conotação afetiva com o lugar que se tem como a mais importante referência na cidade. Itapuã é a área onde os jovens mantêm boa parte de suas vidas. Habitam-se lugares porque neles se tecem relações que os envolvem e os fazem. É onde vivem as mais importantes e constantes relações. Ou seja, Itapuã é seu lugar afetivo por se sentirem fazendo parte deste, além de ser onde mantêm todo um repertório de intimidades de rua.

A Praça da Quadra é, nesse contexto, o principal local de construção dos territórios jovens. Para nós, como denominou Montoya Uriarte, é um espaço denso na orla do bairro. É nessa praça que mais concentram suas relações, onde transitam constantemente, conhecem as pessoas, reconhecem os olhares, participam das tramas, sentem os cheiros do lugar. O local se torna denso por se constituir enquanto um contexto relacional igualmente denso (MONTROYA URIARTE, 2019).

A noção de território nessa discussão deve-se articular a outras categorias, tal como a exposta acima de "espaço denso", além da de "habitar uma área da cidade". Os jovens interlocutores são os que mais compõem as relações na orla, bem como, são os que se sentem a habitando.

A noção de território carrega consigo as características de como os jovens se apropriam da orla. Esta se torna um domínio público com forte caráter íntimo, uma vez que é marcado por intimidade de rua (reconhece-se as pessoas, "resenha-se", é o lugar afetivo, habita-se a orla), por afetividades (mantêm-se amizades, paqueras, relacionamentos, estar-junto), por

vigilância (da família, da vizinhança, da polícia, de outros jovens, dos outros frequentadores e do tráfico) e por conflitualidades (desavenças, fofoca, desconfiança, vinganças, disputas amorosas, barganha, intrigas). Por entendermos todos estes aspectos associados mediando às relações de uso juvenil da orla é que conferimos a este lugar o caráter de “território jovem”.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesmo. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais estéticos e cognitivos (DIOGENES, 2008, p. 37).

É no território que os jovens estabelecem suas principais relações, é neste que buscam estar junto, interagindo no espaço que tem como seu, em seu lugar na cidade. A área, por sua vez, se compõe de um conjunto de territórios (micros), nem sempre contíguos, mas relacionados pelos trajetos dos interlocutores.

A noção de lugar afetivo, nesse sentido, fortalece o recurso à referência de habitar cunhada por Montoya Uriarte (2019). A autora refere-se à noção de habitar em Heidegger: “Habitar é enraizar-se com as coisas e seres de um espaço. Heidegger entende por enraizamento uma relação de expansão, um para-fora que podemos traduzir como um estar-junto, em-meio-a, conectado-com, entrelaçando-a, envolvido-com, junto-a, enredado-em” (MONTTOYA URIARTE, 2019, p. 164). No lugar afetivo, preza-se por estabelecer ligações, fazer parte dos enredos locais, partilhando afetos e conflitos.

Os jovens conhecem pessoas que se tornam comuns em seu cotidiano porque fazem parte de sua dinâmica urbana, moram perto, frequentam os mesmos comércios, andam pelas mesmas ruas, sabem de aspectos das vidas umas das outras, usam os mesmos espaços coletivos – praia, praça, orla –, quando não se conhecem, são amigos, familiares, vizinhos. São pessoas das quais as vidas giram em torno desse lugar, que é Itapuã, assim como nas relações do centro pesquisadas por Montoya Uriarte (2019). As pessoas estão ligadas àquela área por fazerem parte dela, conhecerem os seus cantos, caminhos, pessoas, códigos locais, conflitos; é assim que Itapuã, para além de ser considerado um paraíso na cidade, se torna o lugar afetivo de muitos dos jovens.

Os jovens que encontrava no Rio Vermelho e Barra não eram apenas de periferias próximas, eles eram de várias partes da cidade; já em Itapuã, quase todos eles são do bairro ou de localidades muito próximas. Os “rolês” que participam, na maioria das vezes, são na orla

de Piatã, Praça da Coelba, aniversário em casa de festa no bairro, partido no Dendê, paredão na Igreja e na Praça da Quadra.

Os seus locais de moradia são pouco usados como área de encontro entre amigos ou de realização de eventos. Pode haver encontros pontuais (passar a noite, confabulações, troca de ideias), contudo, as interações, para ocorrerem, necessitam que os jovens se desloquem para os territórios juvenis nas orlas, ou como estamos chamando para os territórios jovens. Por fim, constatamos que os jovens habitam uma área, daí a autossuficiência desta. Para esses sujeitos, Itapuã é constituído de uma centralidade familiar e sua orla é parte desta.

COMPARANDO PARA CONCLUIR

Para cumprimento de uma parte que se preza como obrigatória de uma tese, a conclusão deste trabalho se fez como uma análise comparativa dos dados de campo. A pesquisa nos direcionou para caminhos novos de análise: se num primeiro momento pensávamos que iríamos nos debruçar sobre o tema principal da segregação urbana, a cada nova etapa, as categorias que emergiam do campo demandavam interpretações mais diversificadas e, sobretudo, uma análise entrelaçada de aspectos sobrepostos.

Desse modo, citando a categoria trabalho discutida no capítulo V desta tese, não foi possível pensá-la sem associá-la à realidade que os jovens vivenciavam. Nesse ínterim, pensar a precariedade de vínculo empregatício à que estavam submetidos exigiu a correlação com a extrema insatisfação de terem que desempenhar algumas atividades para colaborarem em casa e poderem custear seus sonhos de carreira, seja ela artística ou de uma profissão que exija investimento financeiro, um custo que não era viável para seus pais ou responsáveis. O trabalho, no contexto da pesquisa, se mostrou mais como uma busca por sobrevivência e autonomia e menos como um meio de obter condições de consumo de bens materiais ou para proporcionar os momentos de lazer.

Nesta seção comparativa de fechamento da tese, trago duas grandes discussões. A primeira diz respeito à ideia de “rolê” e como este impactava nos usos móveis da cidade. Em seguida, uma análise do uso das orlas e seus entrelaçamentos.

• O “rolê” e os usos móveis da cidade

Objetivando discutir as movimentações urbanas dos jovens de periferias⁸⁵ da cidade de Salvador, a pesquisa nos levou não somente a percorrer com eles seus caminhos e estar entre suas experiências urbanas, como também a conhecer a história de vida de cada jovem. A partir dessas vivências, pudemos entender como suas trilhas urbanas decorriam da condição econômica e social que faziam parte. Condições estas que muitas vezes os impossibilitavam de viverem a cidade como bem desejassem. A falta de dinheiro para que pudessem se deslocar pela cidade apareceu como a condição primordial para entender seus trajetos (ou a limitação

⁸⁵ Vale ressaltar que o bairro de Itapuã não seria considerado um bairro de periferia, mas, de acordo com as visões dos jovens interlocutores, é um bairro misto, possuindo fora de sua orla, nas regiões internas do bairro, padrões de moradia, comércio e classe sociais mais relacionadas com a periferia ou, como alguns intitulavam, favela. Sendo assim, quando se referem à orla e seu centro classificam/nomeam o lugar como Itapuã e quando mencionam seus locais de morar, de vizinhança, citam os nomes das respectivas localidades, mesmo estando estas no perímetro territorial do bairro.

destes). Era preciso que algum amigo custeasse esse deslocamento, que houvesse restado ou conseguido separar alguma quantia para que tal movimentação fosse possível.

O uso móvel⁸⁶ dos espaços urbanos por estes jovens se mostrou, na maior parte dos casos, limitado às orlas e por motivos de encontros. Esses usos são quase sempre realizados com amigos do mesmo bairro de moradia ou próximos a este, sendo os deslocamentos feitos em conjunto. Os e as jovens estão, como a hipótese inicial da tese presumiu, fazendo a cidade⁸⁷ nos lugares mais valorizados pelos gestores públicos e pelas atividades comerciais e turísticas. Eles e elas, através de seus usos múltiplos (esportivos, políticos, culturais, para o lazer, para o trabalho, de resistência, estéticos, corporais) e de práticas variadas (dança, namoro, conflito, bebida, observações, discursos, encontros, disputas), diversificam as experiências projetadas e os próprios espaços. No entanto, e neste ponto vou de encontro à hipótese inicial, esses deslocamentos são majoritariamente fortuitos, com pouca relação com os ambientes, ocorrendo principalmente por questões de encontros nos momentos de lazer.

As movimentações juvenis variam de jovem para jovem, mesmo assim, foi possível organizá-las em uma tipologia. Diante das semelhanças e diferenças das experiências urbanas vividas pelos interlocutores da pesquisa, encontrados nas orlas da Barra, Rio Vermelho e Itapuã, pudemos agrupar três tipos de usos móveis da cidade.

Em primeiro lugar, temos os jovens que transitam menos e com isso possuem um nível menor de conhecimento das regiões e locais da cidade, em contrapartida, são os que mais mantêm vínculos nos próprios bairros de moradia e entorno, permanecendo mais nessas regiões. Nesse caso, estamos nos referindo aos “jovens das áreas”. Para estes os usos/experiências envolveriam:

- Estar e ficar mais na área;
- Vivenciar relações familiares, de vizinhança, de amizade, amorosas, religiosas, de consumo, trabalho, de lazer, entre outros, no entorno de moradia;
- Priorizar os vínculos locais e da realidade periférica;
- Privilegiar o bairro que eles conhecem e onde gostam de estar;
- Sair esporadicamente destes bairros;

⁸⁶ O termo faz referência às movimentações entre diferentes lugares da cidade de Salvador.

⁸⁷ Usamos o termo a fim de destacar a presença dos jovens nas orlas como agentes que participam das tramas e dos enredos urbanos, estando presentes nos espaços, entre os lugares e se relacionando de muitas formas nestes, ou seja, é um meio de atribuir ênfase a esses sujeitos e aos seus modos de fazerem parte do mundo urbano, logo, de também fazê-lo.

- Conhecer pouco a cidade, desconhecendo como se deslocar nela;
- Necessita estar com alguém conhecido nos deslocamentos;
- Fazer mais “rolês” na área;
- Possuir uma extensa rede de contatos na área;
- Realizar “rolês”, quando fora de seus bairros, para o lazer;
- Ter pouca ou nenhuma experiência de trabalho;
- Podem estar estudando, ter concluído ou interrompido os estudos;
- Os interlocutores que mais encontrei durante a pesquisa
- Ex: Diego, Valter, Mácio, Michel, Alan, Ícaro, Danilo, Priscila e outros.

Outro tipo de jovens, diz respeito aos que vivem um pouco mais de deslocamentos pela cidade, conhecendo assim um número maior de regiões e mantendo relações também fora de seus locais de moradia; estes são os aqui denominados “jovens entre territórios móveis”. As características deste tipo de jovens são:

- Sair com mais frequência de sua área de moradia podendo, inclusive, possuir rotina fora destes ou nas proximidades (trabalho, família, amizade, estudo, namoros);
- Pouca variação dos lugares por onde transitam na cidade;
- Preferem, quando fora das áreas, as orlas da Barra e do Rio Vermelho ou regiões do centro antigo de Salvador;
- Conhecem relativamente bem a cidade, mas não sabem se deslocar com segurança nos caminhos;
- Tem um relativo conhecimento dos acontecimentos na área;
- Possuem algumas redes de contatos na área, mas andam com poucos;
- Frequentam os “rolês” que acontecem com mais frequência nas orlas;
- Exemplos: Elis, Felipe, Ana, Carla, Luiz e outros.

O terceiro tipo de jovem discorre sobre aqueles que mais transitam pela cidade, conhecem mais seus caminhos, regiões e lugares e mantém uma diversidade de experiências fora dos locais de moradia. Nesse caso, são os jovens que preferem estar fora das periferias, seus locais afetivos estão em outras partes da cidade, aqui os identificamos como sendo os “jovens peregrinos urbanos”:

- Saem sempre que podem para “rolês” na orla ou fora dos locais de moradia;
- Não têm locais do bairro e de periferias como “suas áreas”;
- Seus locais de moradia não são a parte da cidade que mais gostam de estar. Possuem lugares afetivos fora destes;
- Mantém poucos vínculos de amizade e vizinhança no local de moradia;
- Possuem conhecidos e amigos de várias partes da cidade (os “rolês” proporcionam isso);
- Boa parte vive rotinas de trabalho, estudo, amizades fora da área de moradia;
- Possuem disposição para se movimentarem pela cidade. Sabem onde ficam, já foram ou gostariam de conhecer várias partes da cidade;
- Variam os lugares por onde andam na cidade;
- Conhecem bem a localização dos lugares na cidade;
- Deslocam-se bem pelo sistema de transporte público urbano;
- Em diferentes níveis, estão antenados com discursos juvenis atuais sobre empoderamento, feminismo da mulher negra e valorização dos corpos e estéticas negras;
- Em alguns casos, são ligados a alguma tipo de coletivo juvenil;
- Os “rolês” são orientados por práticas variadas e não apenas para o lazer;
- Jovens que menos convivi
- Exemplos: Luiza, Brenda, Kaio, Drika, Igor e outros.

As dinâmicas das movimentações dos jovens que colaboraram com a pesquisa demonstram que as atividades pessoais e histórias de vida são individuais, mas os percursos e os usos móveis do urbano contêm aspectos que os conectam. Em alguns casos, a pouca frequência de saída dos bairros de moradia é causada pela falta de tempo e disposição para a empreitada do deslocamento, mas acima de tudo pela necessidade de ter dinheiro sobrando para custear a movimentação.

Para os que usam outros lugares da cidade com regularidade, seus traçados são por ocasião de trabalho ou estudo, nem sempre havendo um envolvimento emocional com os mesmos, nem a construção de uma memória.

De modo geral, a maioria, dentre os jovens interlocutores, não sai de seus locais de moradia com regularidade. Entretanto, esta maioria frequenta espaços que intitulamos de

intermediários, que são, geralmente, praças localizadas entre as periferias e os ambientes da orla. Ao longo da pesquisa estivemos em dois destes: a Praça da Coelba (Itapuã) e a Praça Manuel Devoto (Rio Vermelho). Ambas as praças são frequentemente usadas por jovens pertencentes aos três tipos expostos acima, com menor presença dos “jovens peregrinos”. A Praça do Retorno em Narandiba é mais utilizada pelos jovens que categorizamos como sendo os “jovens da área”, por estar localizada em região de periferia em Salvador.

A realidade de morar em bairros mais próximos da orla, como o Nordeste de Amaralina (próximo da orla do Rio Vermelho e de Amaralina) e o Bairro da Paz (próximo da orla de Itapuã e Piatã), é um aspecto que favorece a prática de atividades variadas nestas, diferente de quem mora em Narandiba (Miolo da cidade) ou Engenho Velho de Brotas (próximo ao centro antigo da cidade), que necessariamente dependem do deslocamento por meio do transporte público, ou seja, de uma organização maior para que tal movimentação aconteça, como já falamos ao longo da tese.

A noção de movimentação dos jovens está contida na categoria *emic* “rolê”. Essa ideia tem uma ampla conotação, mas o que marcou sua definição foi a disposição em mover-se para estar entre outras pessoas. O encontro, normalmente em espaços públicos, é o que preenche boa parte do tempo livre dos jovens; estarem entre amigos e poderem conhecer novas pessoas e novos lugares são as motivações primordiais dos “rolês”. O acompanhamento, entre os jovens e por meio dos mapas, demonstrou que estes ocorrem entre ambientes, considerados pelos mesmos como, mais plurais (orlas) e em espaços não periféricos de Salvador, exceto nos casos de eventos na casa de amigos.

A pesquisa nos mostrou que nem todos os “rolês” são iguais. A Barra e o Rio Vermelho apresentam aspectos distintos. A Barra me trouxe a sensação, no período de observação mais afastada, que se tratava de um grande encontro, parecia que ali existia um único “rolê”. Com a aproximação, identificamos que se tratava de um intenso fluxo de jovens entre os agrupamentos do lugar. Os jovens que se conheciam chegavam juntos no Monte do Farol da Barra, um espaço relativamente pequeno que proporcionava a visualização fácil das pessoas no local, mas era o trânsito entre os jovens que fazia do Monte esse espaço onde aparentemente existia um único grande “rolê”. Os jovens iam para serem vistos e olhar os outros presentes. A intenção de se conhecerem era compartilhada e essa ação era feita com intensidade, a ponto de criarem essa sensação de um grande agrupamento e não de grupos separados compondo o mesmo lugar.

O Rio Vermelho, em certa medida, detinha aspectos que o diferenciavam da Barra e o aproximavam de Itapuã. O fato da orla do Rio Vermelho ser regularmente frequentada pelos jovens do complexo do Nordeste de Amaralina fazia do espaço, para esses jovens, um território costumeiro, assim como era a orla de Itapuã para os jovens moradores do bairro e de localidades próximas. A diferença, em relação à Barra, é que no Rio Vermelho o trânsito de pessoas ocorre numa área maior do que a do Monte, o que não significa dizer que não há fluxo de pessoas entre os agrupamentos, no entanto, é mais nítida a percepção de que se trata de jovens em seus muitos “rolês”.

Os “rolês” na orla de Itapuã tinham a característica de serem entre pessoas habituadas com a presença umas das outras no bairro, eles estavam entre conhecidos, entre amigos, colegas de escola, vizinhos ou até mesmo familiares. A constância nessa orla de pessoas do próprio bairro e de proximidades tornam os “rolês” uma aglomeração costumeira. Por mais que na Praça da Quadra nem todos estivessem num mesmo agrupamento, todos se conheciam, sabia quem eram ou já haviam se visto anteriormente. O trânsito entre os agrupamentos não ocorria, na maior parte dos casos, para conhecerem pessoas novas, mas para conversarem ou “resenharem” com pessoas costumeiras. No caso de alguém que frequentasse a orla levar um jovem novo, sua presença era logo notada e um interesse por parte dos outros era gerado, tanto para paquerar quanto para saber de quem se tratava. No Rio Vermelho e na Barra, esse olhar para a novidade era menos observado, uma vez que a rotatividade de pessoas “novas” – que nem sempre estavam no local –, era mais comum.

Mas de um modo geral, a Barra e o Rio Vermelho apresentam aspectos semelhantes. São “rolês” compostos por jovens vindos de bairros populares e de periferias localizados por toda a cidade, apesar da constância maior dos jovens de localidades próximas, uma vez que

estes acessam as orlas andando. Os “rolês”, principalmente nesses dois locais, são feitos por instalações⁸⁸ juvenis flexíveis; seus encontros são temporários e compostos por pessoas de origens urbanas variadas, além de apresentarem uma frequência renovável nas interações. Ademais, são composições de estilos e identidades diversas.

Os “rolês”, nesses contextos, conectam pessoas, propiciam tipos de expansão do urbano e expõem modos de usos juvenis dos espaços. Estas movimentações juvenis promovem a flexibilização das fronteiras da cidade. Por tudo isso, ousamos dizer que se trata de encontros mais plurais, mais abertos e mais heterogêneos. Além de nos contarem histórias coletivas de possibilidades de usos do urbano: assim, para muitos jovens, algumas orlas são “lugares neutros”, no sentido de serem considerados espaços que contém menos ameaças às suas vidas, onde, para eles, a atuação da força armada do Estado os atinge com menor violência em suas abordagens. A jovem Priscila (Narandiba, 18 anos) explicou a questão: *“muitas vezes a abordagem nem acontece nesses locais, porque eu não sei, acredito por ser um ambiente classista, essa abordagem muitas vezes nem acontece, não é como nas comunidades, não é como na favela, tem muito menos violência física. Existe esta abertura maior para que os jovens se expressem de qualquer forma, mesmo que seja usando drogas”*.

Os lugares neutros são, de acordo com o que descrevemos e analisamos, mais do que espaços físicos, são sobretudo situações nas quais existem a possibilidade de convivência com jovens de outras periferias e de outras classes sociais. Eles existem, comumente fora dos bairros de periferias ou fora de sua vizinhança, podendo estar num local corriqueiro, como a orla de Itapuã para os jovens frequentadores de lá ou em locais mais distantes e menos corriqueiros, como no caso de jovens que moram em bairros distantes dos mesmos. Para muitos dos jovens, saírem de suas periferias é uma forma de se moverem pela cidade, entre espaços públicos, e terem suas vidas mais preservadas.

Para os jovens que saem mais dos seus bairros de moradia – principalmente os jovens “peregrinos urbanos” - os conflitos se dão basicamente na forma de disputa de classe e de raça. As orlas da Barra e do Rio Vermelho são espaços que apresentam as presenças simultâneas de variados grupos sociais. Nelas, muitas etnias, classes, gerações e identidades de gênero compartilham o espaço. Entretanto, esse compartilhar não representa um contato real ou uma mistura desses grupos, uma vez que eles estão juntos, porém separados. Os espaços usados pelos jovens, em ambos os campos de pesquisa, são bem demarcados, apesar

⁸⁸ Recorremos ao termo instalações no sentido de serem práticas coletivas que se estabelecem de modo temporário em determinados locais e que são desfeitas após os encontros vividos. Tal ideia faz alusão às instalações artísticas em meio aos espaços públicos, as quais se montam em função das apresentações ao público e ao fim se desfazem para serem remontadas em outros lugares ou em outros momentos.

da fluidez de seus corpos nos lugares. É nítida a percepção de por onde transitam tais e quais agrupamentos juvenis. A impressão é de que querem estar naqueles lugares, mas entre eles, até como uma forma de proteção; juntos se sentem mais confortáveis e seguros.

Muitos jovens colocaram a predileção em se movimentarem pelas orlas, fora dos espaços periféricos, como um ânimo de estarem em meio a lugares mais diversos, entre ambientes valorizados da cidade, por mais que sentissem e percebessem que seus corpos eram tidos como marginalizados nesses lugares e que suas práticas não fossem as esperadas pelos planejadores urbanos.

As práticas de usos dos espaços são comuns em todas as orlas em questão, com exceção para a orla do Rio Vermelho, onde os jovens se expressam através de situações e agrupamentos variados. Em todas as orlas eles namoram, bebem, dançam, conversam, se observam, usam drogas e disputam o direito de estarem e fazerem parte dos espaços de convivência pública de Salvador. E esta orla, do Rio Vermelho, é marcada pela maior incidência de manifestações de coletivos juvenis afirmando suas identidades e símbolos de pertencimento social.

O contato com os jovens que conheci nas orlas da Barra e do Rio Vermelho me levou para muitos outros espaços da cidade, nos quais pude estar entre várias situações de suas vidas, tanto familiares quanto de estudo, vizinhança, em “rolês” nos próprios bairros de moradia e locais próximos. Esses jovens, por serem de muitas periferias, apresentam histórias de movimentações variadas e dispersas por todos os cantos da cidade. Nas orlas, eu já os encontrava fora de seus locais de moradia, por mais que para alguns elas fossem um espaço próximo de suas casas. Essa circunstância, por si só, já era um estímulo para estar em movimento com eles na cidade.

Os “rolês” na Barra e no Rio Vermelho se dão entre agrupamentos flexíveis, pois acontecem nas orlas que proporcionam um maior encontro social. Estar entre tipos urbanos diversos, vivendo experiências em espaços da cidade valorizados pelo turismo e pelo comércio do lazer são pontos de tensão transformados, em alguns casos, em atritos de caráter classista. Os jovens, por optarem coletivamente em não restringirem sua circulação urbana basicamente aos seus locais de moradia popular, mas sim transitarem por entre os lugares da cidade, mesmo que esporadicamente, decretavam seu direito em serem jovens da cidade e não tão somente, jovens periféricos.

Em contrapartida, os “rolês” na orla de Itapuã apresentam aspectos particulares. O maior deles é que o contato com os jovens que conheci na orla pouco me levou para outros lugares da cidade e, quando isso ocorreu, foram em situações de lazer e para orlas mais

valorizadas. Os jovens que frequentam o lugar, diferente do Monte da Barra e do calçadão do Rio Vermelho, são majoritariamente de bairros e localidades próximos. Os de fora que lá chegam, são conhecidos de alguém que mora na área. Apesar da orla de Itapuã ser um destino turístico, assim como a Barra e Rio Vermelho, o bairro não é moradia de uma população de classe média e alta branca, sua população é em grande parte pobre e composta por pessoas negras. As habitações dessa população se encontram fora da orla, na parte interna do bairro.

Tal configuração da população local é também observada pelas pessoas que frequentam a orla, bem como suas atrações locais. Os bares e restaurantes são animados por músicas do estilo samba, pagode e arrocha, com quase nenhuma variação dos cantores e bandas que lá tocam. Essa é uma queixa dos jovens, quando afirmam que no Rio Vermelho é mais fácil encontrarem os estilos de música que mais gostam de dançar e ouvir.

Em suma, é mais atrativo para os jovens que frequentam a orla de Itapuã se moverem para outras orlas da cidade, do que observarmos jovens de outras partes da cidade optarem por irem para orla de Itapuã. Os frequentadores da Praça da Quadra são quase sempre os mesmos, não há a renovação recorrente de pessoas no lugar. Percebemos que na Barra e Rio Vermelho o uso das orlas gera o encontro social. Para os jovens de Itapuã é nos “rolês” fora da orla do bairro, e mais, no uso das orlas mais valorizadas, que o encontro social acontece de fato, por as considerarem mais plurais e mais heterogêneas. Se na orla do bairro estão em “rolês”, entre agrupamentos costumeiros, fora desta, e principalmente nas orlas da Barra e do Rio Vermelho, experimentam estar entre “agrupamentos flexíveis”. Fora de sua área, se inserem em novos encontros, misturam-se entre novas pessoas.

Outro motivo para essa movimentação de jovens de fora para dentro não acontecer tanto é presumido também pela presença da atividade do tráfico de drogas mais marcada nessa orla. Os pontos de venda e os conflitos que essa atividade traz são facilmente percebidos. Inclusive o uso das substâncias é feito de maneira mais aberta. Em algumas oportunidades vi grupos de mulheres e homens usando cocaína, sem pudores em serem observados; em becos próximos da orla e na Praça da Quadra vi jovens cheirando a droga na frente de todos, passando-a para os outros próximos.

A orla do bairro tem um cheiro bem característico, suas ruas, calçadas e mesmo a areia da praia mais próxima da Praça da Quadra têm um forte odor de urina. Como existem muitas pessoas que não ficam nos bares e restaurantes, por estarem no paredão, consumindo das barracas e isopores, elas utilizam as ruas, as principais ou transversais, como locais para urinar. Essa é uma cena típica de dias de carnaval em Salvador, mas na orla de Itapuã é uma

cena comum nos finais de semana, principalmente. Inclusive, no dia seguinte ao paredão, o chão de frente a Igreja está sempre tomado por garrafas e latas de bebidas.

Para muitos jovens frequentadores da orla de Itapuã, este é o seu local preferido da cidade (“lugar afetivo”) e é considerado como um “lugar neutro”. Essa percepção de que na orla do bairro eles estão em meio a situações onde o tratamento policial e a atividade do tráfico impactam menos violentamente em suas vidas é real, mas nem por isso conflitos locais de outra natureza deixam de permear seus encontros.

Na orla de Itapuã as pessoas são costumeiras, havendo uma observação vigilante de uns em relação aos outros, um dos motivos pelos quais se mantém o controle da vida de quem lá convive. As disputas pelo espaço ocorrem entre os próprios jovens, portanto os conflitos são menos dotados do caráter de disputa entre classes, mas de questões locais. Uns buscam se destacar mais que os outros, as teias de intriga e rivalidades se estendem na rotina de convivência cotidiana. Os conflitos pessoais corroem as relações, alterando constantemente os núcleos de amizades e afetos entre os jovens que frequentam/habitam a área dessa orla.

Outro aspecto ponderado foi a presença menos violenta do tráfico e da polícia armada. Assim como nas outras orlas pesquisadas, as abordagens policiais são consideradas menos ostensivas, se comparada com a atuação dos policiais em operações na parte de dentro do bairro, fora da orla, na favela, locais onde as ações policiais costumam ser mais truculentas e com o uso de arma de fogo.

Diante do discutido, o “rolê” em outras orlas, para os jovens de Itapuã, é também um meio de se afastarem das práticas e do espaço costumeiro e, principalmente, das dinâmicas de fofoca, intrigas e vigilância local. Até mesmo para aqueles que consideram a orla do bairro o melhor lugar da cidade, sair de “rolê” com os amigos é um momento de distanciamento de uma rotina familiar e corriqueira.

- **Os usos dos espaços de convivência pública nas orlas**

Os espaços públicos analisados nesta tese são, na maioria das situações, espaços urbanos das orlas, transformados recentemente por projetos de requalificação e caracterizados por um grande fluxo de pessoas e usos. É em torno desses dois aspectos que iremos discorrer: as relações que se cruzaram nessas orlas e quais práticas as integram.

As experiências de campo nos mostraram que os jovens usam e conhecem mais os espaços da Orla de Salvador do que outras regiões da cidade, tais como o Centro Histórico, o Subúrbio Ferroviário e outras periferias - não as que moram. Esses espaços a beira-mar são

escolhidos por proporcionarem encontros coletivos sem custos de acesso (são espaços públicos) e também por reunirem em, um mesmo ambiente, identidades variadas e pessoas de origens urbanas diversas. Esse encontro social que o espaço das orlas promove foi percebido como um espaço de disputas, sendo que estas contêm diferentes nuances, a depender de que espaço esteja sendo discutido.

Como bem colocam Andrade e Baptista (2015, p. 130), na “perspectiva das Ciências Sociais, os espaços públicos interessam na medida em que são palco de interações sociais de um tipo específico”. A especificidade deve-se ao seu caráter de convivência coletiva aberta. Em boa parte desses espaços é possível estar sem impedimentos explícitos à circulação e ondeé provável o contato entre desconhecidos.

Distinto, portanto, dos espaços privados, restritos aos familiares e aos conhecidos. Esses dois ingredientes dos espaços públicos – abertura e interações com estranhos – convergem para uma relativa imprevisibilidade das interações e, não raro para o conflito. Por essas razões, ainda que os espaços públicos sejam abertos a todos, há restrições sociais que emergem no processo de interação e que fazem com que os diferentes grupos sociais não frequentem todo e qualquer espaço público de um mesmo modo. Essa constatação conduz, por vezes, à leitura de que o espaço público está em crise (ANDRADE e BAPTISTA, 2015, p. 130-131).

Não foi questão central da tese a discussão acerca do status dos espaços públicos da Orla de Salvador, mas foi um aspecto resultante da pesquisa. Para os autores são nesses espaços que a vida de uma cidade ganha visibilidade (ANDRADE e BAPTISTA, 2015). As dinâmicas urbanas nas orlas demonstraram ser de tipos diversos, em função disso, podemos dizer que a Orla de Salvador, além de muito extensa, é também um espaço heterogeneamente usado pelos cidadãos.

Com base nessa perspectiva, consideramos que a cidade de Salvador é banhada por uma única Orla, mas que apresenta características históricas e sociais particulares, o que impacta nas formas de interações existentes na mesma, tornando-as orlas, no plural. Para esse trabalho, falamos de orlas mais centrais (Barra e Rio Vermelho) e orla norte (Itapuã).

Em Itapuã, verificamos a orla e seu entorno como um lugar afetivo, construído por “percursos diários, trajetos cotidianos, circuitos traçados ao longo de anos de trajetórias residenciais” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 342). Os jovens que estão na orla de Itapuã são os que a consideram como “sua área”, seu lugar de maior referência na cidade, ou seja, uma centralidade em suas vidas, conforme analisamos ao longo da tese. Em muitos casos, é o local onde não somente moram, mas também trabalham e mantém boa parte de suas relações e atividades sociais, o que os levam a não terem que procurar outras partes da cidade com

tanta frequência. Itapuã seria, nesse sentido, semelhante à região central analisada por Montoya Uriarte, onde, para seus “habitantes, a centralidade supõe a junção de trabalho, estudo, residência e lazer em uma mesma área percorrida cotidianamente e a pé. A centralidade implica, assim, o uso maximizado do espaço, uso este que o torna particularmente denso” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 340).

É diante desses aspectos já discutidos que consideramos a orla de Itapuã uma centralidade familiar, área afetiva e “lugar neutro”. Tais características contrastam, em certa medida, com a noção de urbano elaborada por Simmel (SCOCUGLIA, 2011). O anonimato e a atitude *blasé* não são as principais marcas das interações sociais locais. A prática de desenhar, a vigilância mútua, a desconfiança entre conhecidos e a intimidade conflituosa são relações que permeiam o cotidiano dos jovens que frequentam a orla de Itapuã, tornando sua área.

Esse tipo de interação ocorre com mais frequência nos ambientes em que práticas cotidianas se repetem, ou seja, nos espaços públicos que reúnem frequentadores regulares, como são os espaços públicos das áreas residenciais. Diferentes, portanto, dos espaços públicos centrais, que apesar de contarem com um grupo fixo, ou seja, que o frequenta com regularidade, o grande número faz com que a maioria seja, para o outro, anônima. Isso sem contar os transeuntes esporádicos que só fazem aumentar essa sensação de anonimato pouco propícia às interações (ANDRADE e BAPTISTA, 2015, p. 137).

Os jovens habitam sua área na cidade e ocupam o que consideram seu centro de relações. A noção de apropriação do centro da área (centralidade) advém da ideia de que eles sabem que estão num espaço pensado e planejado por uma lógica comercial e turística que não contempla muitas de suas necessidades de uso dos espaços de convivência pública, no entanto, o têm como deles: a orla é do bairro, o bairro é deles, logo, a orla é deles.

Nesse sentido, podemos nos aproximar da contribuição de Lefebvre (1974) sobre a noção de apropriação dos espaços como sendo situações em que pessoas e coletivos tomam como próprio o espaço urbano, ou seja, "organiza para seus fins, o espaço preexistente, modelado anteriormente" (LEFEBVRE, 2000, p. 8). Carla, em tom saudosista, relatou sentir falta da “praça doida⁸⁹” - é como chamavam a Praça da Quadra logo após a última reforma, contudo, ressalva que “*muitos nem sabiam que existia por esse nome*”. Ela e outros presentes na conversa lembravam que o local, nesse período, era mais frequentado só por jovens, existiam mais eventos culturais (saraus de poesia, rodas de violão) e a atuação do tráfico de drogas era bem menos presente no local. Hoje, a própria jovem prefere frequentar a Praça da Coelba que,

⁸⁹ Como explicou Danilo: “antes da reforma ali era o ‘Língua de Prata’ que foi demolido”. O referido estabelecimento era um antigo *point* noturno do bairro de Itapuã. Foi demolido, no ano de 2015, pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (SUCOM) durante a reforma da orla de Itapuã.

em sua opinião, é menos movimentada do que a atual Praça da Quadra. Nesta, ela não se sente mais tão segura, as movimentações de pessoas estranhas - turistas, crianças (que frequentam o parque infantil localizado no meio do local) e usuários de droga -, a deixam menos confortável.

Nesse caso, a apropriação acontece sem a modificação dos espaços. Os jovens não produzem um espaço diferente, o que há é à disposição de um território jovem na orla. É, na hoje conhecida Praça da Quadra, que os agrupamentos costumeiros se encontram. Eles se apropriam, na medida em que tomam para si um espaço pensado para o turista e os cidadãos/consumidores de entretenimento. Não há produção de um novo espaço, mas há um investimento emocional que reverte à lógica de uso esperada para o local.

Outro aspecto revelado a partir da vivência entre os jovens de Itapuã foi a compreensão de ser a orla do bairro uma margem da Orla de Salvador, tomando como referência as orlas mais centrais como as da Barra e do Rio Vermelho⁹⁰. Entendemos aqui as margens como espaços “onde o controle, a regra e a ordem não chegam a se impor, onde elas vão perdendo força” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 338). Montoya Uriarte (2019) considerou, em sua pesquisa, a Baixa dos Sapateiros como uma margem do Centro Histórico e uma “área” para aqueles que conhecem seus caminhos e becos, percorrem suas vielas, constroem memórias afetivas com o lugar, sendo assim que produzem e reproduzem “sua própria área” (MONTROYA URIARTE, 2019).

A margem não é considerada um espaço isolado, fora do todo, ela está inserida, no caso da pesquisa da antropóloga, no Centro Histórico, bem como, a orla de Itapuã também faz parte da Orla de Salvador. O que a contextualiza enquanto margem da orla são as formas como as relações são vividas nos espaços e por quais pessoas ela é mais frequentada. Em Itapuã, o espaço é marcado por um forte comércio de rua e de ambulantes espalhados ofertando serviços que tentam se assemelhar aos disponíveis nos bares. Em muitos desses pontos de vendas de bebidas e comidas existem mesas com cadeiras, bancos e caixas de som até mesmo pessoas para fazerem o atendimento. Essa não é uma prática observada nas orlas centrais. Os ambulantes, que são em menor número, vendem seus produtos sem o recurso de cadeiras e mesas e também não encontramos a disposição de tanta variedade de serviços como os encontrados em Itapuã. Tal cenário, também comum em orlas do Subúrbio Ferroviário da cidade, ou seja, orlas também fora de áreas mais centrais permitem uma ocupação por parte

⁹⁰ Não estamos afirmando que todas as orlas fora das áreas centrais da cidade sejam margens da Orla. Tal entendimento dependerá dos arranjos históricos de composição de suas populações e usos das mesmas.

desses trabalhadores mais diferenciada, e com isso um uso também diferenciado por parte dos frequentadores.

Tal entendimento não trata de questões geográficas ou de distância física do centro da cidade, mas da constituição econômica e social de onde estão localizadas no tecido urbano: como os próprios interlocutores pontuam, “trata-se de uma orla com favela dentro”. A reconstituição histórica de ocupação destas orlas, feita no capítulo I da tese, nos ajudou a entender o desenvolvimento da fragmentação urbana que caracteriza Salvador. A orla de Itapuã apresenta uma menor heterogeneidade de frequentadores, como também de atencidos agentes públicos. Vale salientar que: “são espaços perpassados pelas mesmas forças que outros espaços: incursões policiais, de perseguição de ladrões, de venda e consumo de drogas, de moradia de trabalhadores e de traficantes e, em épocas de eleições, espaços visitados por políticos que pedem votos em troca de pequenas doações ou favores” (MONTROYA URIARTE, 2019, p. 339).

Mas enquanto margem, estes serviços e atuações ocorrem de forma diferente, como por exemplo, a relação das policias com a venda de drogas na orla de Itapuã é menos controlada do que na da Barra e no Rio Vermelho. Assim como a presença menos discreta da atividade do tráfico e o intenso uso de substâncias psicoativas criam situações que contribuem no desencadeamento de conflitos interpessoais existentes. Esta é também uma orla mais homogênea, a população que a frequenta se origina do entorno e é composta por pessoas pobres e negras, além de, em número muito menor, de turistas. Está é uma orla popular, onde muitos setores sociais não frequentam e onde o turismo é menos explorado do que nas orlas consideradas centrais. Por tudo isso, entendemos que a orla de Itapuã é uma margem da Orla de Salvador.

As orlas centrais, nesse sentido, possuem a presença de um número menor de vendedores informais em sua extensão, bem como, possui uma variedade maior de equipamentos culturais e a frequência de uma diversidade de tipos sociais, por outro lado, na margem da orla, aqui nos referindo a de Itapuã, existe uma vasta oferta de serviços informais, com uma estrutura similar a das casas comerciais. A fiscalização existe em ambos os espaços, mas as estratégias locais conseguem manter a oferta dos serviços constantemente. Na orla de Itapuã, nos finais de semana, o calçadão é tomado pelo comércio informal, pelos isopores.

Figura 49 – Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Figura 50 – Orla de Itapuã



Fonte: Imagem da autora

Vale destacar que nem todo uso gera vivências mais profundas com o local e/ou com as pessoas. Em muitas situações, nas orlas da Barra e do Rio Vermelho, as experiências são rápidas e, em função do “rolê”, geralmente, de final de semana, são encontros esporádicos ou sem construção de laços que os fazem sentir parte do mesmo; esse é o caso dos “agrupamentos flexíveis”. Nessas situações os jovens se relacionam em função de encontros fluidos e temporários, diferente dos “agrupamentos costumeiros”.

Sendo assim, essas instalações juvenis se aproximam mais do conceito de ocupação. Esta categoria costuma se referir aos usos que os movimentos sem teto ou sem terra fazem quando da fixação desses grupos em terrenos ou imóveis, com a finalidade de garantirem seus

direitos por moradia. A discussão em torno do termo considera algumas disputas por espaço no campo e na cidade e o quanto estas mobilizações organizadas em redes tomaram uma dimensão global. O objetivo dos muitos movimentos espalhados pelas cidades do mundo era colocar “em questão a própria sociedade urbana e a segregação como forma predominante da produção do espaço urbano capitalista” (CARDOSO e NASCIMENTO, 2018, p. 31).

As ocupações são articulações organizadas que vão de encontro à política de gestão das cidades brasileiras que historicamente desapropria os habitantes pobres em benefício de agentes privados do mercado imobiliário. Nessa lógica de gestão o “poder público efetivamente serve à manutenção de leis e a um jogo político que garantem a gerência das intervenções urbanas sobre os espaços da cidade à iniciativa privada. Ou seja, nesse modelo de cidade, o Estado existe para criar e garantir boas oportunidades à iniciativa privada” (MEDEIROS e BARRETO, 2020, p. 12).

A atuação nos espaços das orlas da Barra e do Rio Vermelho demonstrou que mais do que estarem entre conhecidos, os jovens buscam também conviverem com a diferença, atitude esta que os fazem ter de lidar com o encontro com o outro, em alguns momentos negociando seus usos, em outros disputando os espaços, mas acima de tudo resistindo em permanecer nessas orlas centrais e mais valorizadas pelos representantes políticos e pela iniciativa privada.

Os jovens das orlas da Barra e do Rio Vermelho, mais do que em qualquer outra orla, sentem de maneira mais contundente que as diferenças sociais os distanciam de jovens de outras classes sociais. Os usos dos espaços e os locais frequentados, na maioria das vezes, não são os mesmos. Há, nesses lugares, uma coexistência de camadas sociais distintas, mas não há um encontro de fato, ou seja, a convivência não se realiza de maneira mais estreita. Os agrupamentos flexíveis não são compostos por jovens de origens sociais diferentes, eles se compõem de jovens das periferias. Os contatos existiam pela intermediação de serviços, muitos jovens das periferias trabalham nessas orlas, ou de conversas rápidas e mediadas pela música, bebidas ou drogas.

Nessas orlas centrais é mais comum vermos manifestações de grupos e coletivos culturais. Não houve, entre os jovens interlocutores, um uso de cunho político organizado, por mais que alguns tivessem uma ligação mais comprometida com certas associações partidárias, envolvidas com lutas específicas das juventudes negras. Entre eles existe, em alguns momentos, a visão crítica sobre as relações urbanas, existe uma consciência de quão desigual é a urbanização de Salvador e o interesse dos agentes públicos por determinadas áreas em detrimento de outras. Seus discursos críticos aparecem, principalmente, quando relatam se

sentirem indesejáveis nessas orlas mais centrais, o quanto percebem diferença no tratamento de policiais, seguranças e comerciantes locais. Nessas ocasiões, os olhares para eles são de desconfiança, medo ou desprezo. A explicação desses olhares é, como afirmaram Andrade e Baptista (2015) em função da “tentativa de implementação de ações, amparadas, por significativa hegemonia ideológica entre classe média, que tem como premissa tática a ideia de que a presença dos pobres em áreas centrais é um obstáculo a ser removido, em prol da ‘modernização’” (CARDOSO e NASCIMENTO, 2018, p. 31).

Essas juventudes, mais do que a negociação e a disputa pelo espaço das orlas valorizadas da cidade, demonstram a necessidade de enfrentarem todo tipo de tentativa de exclusão. “A resistência aparece enquanto forma de produção de outras experiências de cidade” (CARDOSO e NASCIMENTO, 2018, p. 28). As suas práticas, nesse entendimento, por si só já são uma resistência, por mais que não estejam carregadas de um discurso político articulado e de uma mobilização orientada para atingir determinado fim político. Suas presenças/seus corpos aparecem nesses espaços como força que teima em se opor ao que os planejadores historicamente buscaram instituir como o melhor para a cidade. Os jovens ocupam esses espaços por entenderem que também têm o direito de estarem lá, sendo desejáveis ou não. Acima de tudo, os usos móveis da cidade acabam exigindo que os mesmos, mobilizem suas identidades politicamente.

Diante de tais aspectos ficou a questão: estivemos falando e convivendo em espaços públicos amplamente abertos a todos? A tese, ao longo dos seus capítulos, demonstrou que em parte, não. Seja se apropriando ou ocupando os espaços da cidade, em usos mais móveis ou menos móveis, os jovens precisam resistir para fazer parte, por mais que os grupos médios e altos da sociedade desejem mantê-los distantes de seus espaços valorizados ou manter a distância de seus lugares costumeiros. Indo mais além, podemos ousar dizer que é devido a essas disputas espaciais enfrentadas pelos agrupamentos juvenis que os espaços públicos se mantêm vivos na atualidade.

Nesse ponto final, vale a pena retomar a trajetória de construção do problema de interesse para esta pesquisa. De modo embrionário pensamos que, se para a pesquisa de mestrado, o interesse se voltou para jovens que viviam acima de tudo o seu local de moradia, mantendo-se regularmente nas esquinas, praças, largos, bares, casas e ruas de seu bairro, e com isso, mais vinculados às pessoas do local, permanecendo quase sempre no seu bairro; na pesquisa de doutorado, imaginamos encontrar uma grande parcela de jovens vivendo em situações opostas a esta. A visualização de aglomerações de jovens nas orlas da cidade nos fez pensar em outros tipos de jovens moradores das periferias; de como seria a real existência de

tipos heterogêneos de juventudes. Pensar em uma parcela que muito se movimentava, previamente imaginando ser este um recorte majoritário.

O percurso finalizado de ambos os processos de pesquisa (mestrado e doutorado), nos mostrou que, assim como os jovens mais vinculados aos seus territórios de moradia são múltiplos, também os são aqueles que se movem pela cidade. Além disto, e como podemos observar nos mapas, as situações compartilhadas, entre os nossos principais interlocutores, fazem parte das vivências de suas mobilidades e das suas construções de caminhos. Por mais que sejam feitas, em alguns casos individualmente, são histórias coletivas de construção de possibilidades de usos da cidade pelos sujeitos jovens. É desta cidade juvenil que falamos, ou mesmo, falamos de lugares marcados pelas práticas de jovens moradores de periferias.

Diante dos dados produzidos, entendemos ser melhor acomodá-los às teorias evocadas pelos mesmos. Nesse sentido, se inicialmente pensávamos versar sobre as condições dos movimentos para as juventudes de periferias urbanas, entendemos, ao longo do percurso etnográfico, tratar-se de situações de usos móveis das juventudes⁹¹. As vidas desses jovens nos mostraram que suas relações urbanas são traçadas em fluxos de encontros e de experiências coletivas, na busca por se expressar e conviver nos lugares da cidade.

Essa ideia central redimensiona a análise para um olhar situacional das vivências, muito mais do que para as condições do movimento. Não significa dizer que os jovens existem apenas sob situações móveis. As condições periféricas, como relataram muitos jovens, os acompanham onde quer que estejam, mesmo nos considerados “lugares neutros”. A relação existente de controle e violência por parte dos agentes da polícia perante os jovens, ainda que seja em grau menos ostensivo e bélico, os criminaliza e oprime em qualquer que seja o local.

Nas orlas, menos expostos às guerras entre facções e destas com as polícias, os jovens continuam enfrentando a truculência militarizada do Estado. Estar e ocupar com seus corpos que dançam, fumam, bebem, falam, andam, olham e pensam é estar de modo resistente. Os jovens ao fazerem estes lugares das orlas, provam que estas juventudes não se retraem diante das restrições do sistema de transporte público da cidade e de um financeiro que limita seus deslocamentos urbanos. Os mesmos transitam e não recuam diante dos olhares estigmatizantes dos outros que não conhecem suas realidades e histórias de vida e diante de quem mais queira aprisionar seus corpos, desautorizar suas falas e desmaterializar seus signos.

⁹¹ No sentido, de apreender as movimentações juvenis para além de interpretações generalistas, ao invés disso, acompanhamos e discutimos seus fluxos situacionais, o que nos levou a análises coletivas e também particulares de cada jovem e de cada orla.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: punk e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1996.

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ts/a/M9ZFpBkPXBYBZrc9MzJjMRS/?lang=pt>>. Acesso em 22 nov 2020.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; BAPTISTA, Luís Vicente. Espaços públicos: interações apropriações e conflitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIX, p. 129-146, 2015. Disponível em <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13341.pdf>>. Acesso em 02 set 2019.

ANDRADE, Adriano Bittencourt e BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador**. - 2. ed. - Salvador : EDUFBA, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/587/3/Geografia%20de%20Salvador%20.pdf>>. Acesso em 25 out 2019.

BLASS, Leila Maria. Juventude e trabalho. In: Costa, Márcia Regina da e Elisabeth Murilho da Silva. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: CAPES, p. 55-77, 2006.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Emenda Constitucional nº. 65 de 13/07/2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. **Diário Oficial da União**. Atos do Poder Legislativo, BRASÍLIA, DF, 13 set 2010. Disponível em <<https://legis.senado.leg.br/norma/540668>>. Acesso em 17 fev 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 13 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

CARDOSO, Marianna Lyra e NASCIMENTO, Anamaria Melo do. Ocupar, Resistir: o movimento Ocupe Estelita na cidade do Recife. **Revista Três Pontos – Minas Gerais**, v. 15. n.1, 2018.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.

CARRANO, Marília Sposito e CARRANO, Pualo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, 2003.

CARVALHO, Inaiá e PEREIRA, Gilberto. As "cidades" de Salvador. In: CARVALHO, Inaiá e PEREIRA, Gilberto (orgs.). **Como anda Salvador e sua região metropolitana?**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

CARVALHO, Inaiá; PEREIRA, Gilberto. **Salvador: transformações na ordem urbana** [recurso eletrônico]: metrópoles: território, coesão social e governança democrática. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17348/1/Salvador%20-%20Transformac%CC%A7o%CC%83es%20na%20Ordem%20Urbana%20%28Ebook%29.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

CECCHETTO, Fátima Regina, MUNIZ, Jacqueline de Oliveira e MONTEIRO, Rodrigo de Araujo. “**BASTA TÁ DO LADO**” – A construção social do envolvido com o crime. Caderno CRH [online]. v. 31, n. 82, pp. 99-116, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000100007>>. Acesso em 22 set 2021.

CONDER – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA. **Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro**. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. Ekabó! Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. **Dissertação (Mestrado)** — Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989. Disponível em < <https://pdfslide.tips/documents/costa-ana-de-lourdes-ribeiro-da-ekabo-trabalho-escravo-condicoes-de.html>>. Acesso em 10 de jan 2021.

DIÓGENES, Glória Maria dos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DUARTE, Marcos Solano e BRAGA, Graça Elenice Santos. **Estudos Culturais, Educação e Processos Identitários: Juventude, Gênero, Raça**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

DUARTE, Fernando Sousa. **Jovens da periferia de Salvador: os bondes**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 53f, 2010.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000. Disponível em < https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1058034/mod_folder/content/0/FONSECA%2C%20Cláudia.%20Família%2C%20Fofoca%20e%20Honra%20%5Blivro%20completo%5D.pdf?force_download=1>. Acesso em 11 fev 2021.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Hip-hop feminista?** Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano [online]. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/kjc63/pdf/freire-9788523218621.pdf>>. Acesso em 14 out 2020.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas as pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**. Salvador, n.1, v.3, p.138-166, 2005.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante na transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FRÚGOLI JR, Heitor e CAVALCANTI, Mariana. Territorialidades da(s) cracolândia(s) Em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico** [Online], v. 38, n.2, 2013. Disponível em <<http://journals.openedition.org/aa/561>>. Acesso em 27 mai 2020.

GANDON, Tania Risério d'Almeida. **A voz de Itapuã**. Salvador: EDUFBA, 498p, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade. **Caderno CRH: revista do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades – UFBA**. n.1 (1987) - Salvador, UFBA, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

IANNI, Octávio. O jovem radical. In: BRITTO, Sulamita de (Org). **Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p.25-44, jan./jun. 2012.

_____. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 76-110, 2005.

JACOBI, Pedro. **Movimentos Sociais Urbanos no Brasil: Reflexões sobre a Literatura nos Anos 70 e 80**. BIB, Rio de Janeiro, n.23, pp.18-34, 1987.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme. Cantor. O circuito dos jovens urbanos. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n.2, 2005.

_____. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo**. [São Paulo], n. 2, 1992. Disponível em <revistas.usp.br>. Acesso em: 8 de jul. 2012.

MARCUS, George. **Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de la etnografia multilocal**. Alteridades, 11(22). P. 111-127, 2001.

MAYOL, Pierre (meados 1970). “Morar”. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 9ª ed., Primeira parte (p.37-185), 2009.

MEDEIROS, Izabella e BARRETO, Francisco Sá. Uma reflexão sobre cidade, conflito e a “ocupação” como léxico da agência política da Recife contemporânea a partir do movimento ocupe estelita. **Revista Desenvolvimento Social**. PPGDS/Unimontes- MG. V.26, n1, jan/jun, 2020.

MISSE, Michel. Crime e Pobreza: Velhos Enfoques, Novos Problemas. In Marco Antônio Gonçalves e Gláucia Villas-Boas (orgs.). **O Brasil na Virada do Século (O Debate dos Cientistas Sociais)**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

MONTOYA URIARTE, Urpi. **Entra em beco, sai em beco. Formas de habitar o centro: Salvador e Lisboa**. EDUFBA. Salvador, 2019

_____. Os Tempos da preguiça: Etnografia de longa duração de uma micro localidade do centro histórico de Salvador. **Revista de Antropologia**, 2021.

MOURA, Cláudia Santana dos Santos. “No shopping nois é patrão!”: socialidade e lazer entre jovens de periferia. **Dissertação (Mestrado em Antropologia)**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 107f, 2012.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez freguesias da cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Coleção Bahia de todos. Salvador: EDUFBA, 2007.

PAIS, José Machado. “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. e EUGENIO, Fernanda (orgs.) **Culturas Jovens – novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 7-21, 2006.

PEREIRA E CARVALHO. **Como anda Salvador?** / organizadores Inaiá Maria Moreira de Carvalho, Gilberto Corso Pereira. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

PERRUSO, Marco Antônio. A temática dos movimentos sociais urbanos no Brasil dos anos 1970/80. **Revista Mundos do trabalho**. v.4, n.7, p.32-56, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lúcia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais**. São Paulo, v.1, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372/97108>>. Acesso em: 18 ago 2019.

PINHEIRO, Eloísa Petti. Intervenções na Freguesia da Sé. In: **A Urbanização de Salvador em três tempos – Colônia, Império e República**. Textos críticos de História Urbana/Jaime Nascimento; Hugo Gama (orgs). Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.

POCHMANN, Marcio. **Educação e trabalho**: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade** [online]. v. 25, n. 87, pp. 383-399, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200005>. Acesso em 22 set 2021.

REIS, Sarah Nascimento dos. “Charme é poder viver aqui”: a atual oferta imobiliária habitacional do município de Salvador –Ba. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23997/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_REIS_S_N_Charme%20%C3%A9%20poder%20viver%20aqui%281%29.pdf>. Acesso em 11 jun 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Tatiana Costa. A Dinâmica das Relações Cotidianas: sociabilidade juvenil e seus códigos de identificação na cidade. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2013.

ROLNIK, Raquel. A Construção de Uma Política Fundiária e de Planejamento Urbano Para o País: avanços e desafios. In: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Políticas Sociais, Acompanhamento e Análise**. Brasília: IPEA, p. 199-210, 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

ROSA, Thaís Troncon. "Cidades outras": pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares. **Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)**. Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, 373f, 2014.

SANTOS, Vilmar Ezequiel; BALDINI SOARES, Cássia. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da saúde coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, vol. 4, núm. 2, abril-junho, 2013, pp. 38-54. Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/2653/265328844007.pdf>>. Acesso em 17 nov 2018.

SANTOS, Célio José dos. As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana: um estudo a partir do lugar. **Dissertação**, Programa em Pós-Graduação em Geografia, UFBA, 2012.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana**, 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. Crescimento urbano e habitação em Salvador. **Revista Urbanismo e Arquitetura**. [São Paulo], n. 01, v. 3, 1990. Disponível em: <<https://politiquese.wordpress.com/2011/08/02/%E2%80%9Ca-presenca-da-teorizacao-da-escola-de-chicago-observada-em-estudos-empiricos-selecionados%E2%80%9D-de-eric-vellone-colo/>>. Acesso em 03 de nov de 2018.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**: São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERPA, Ângelo. **Diversidade e desigualdade em um contexto de fragmentação socioespacial: avanços e recuos**. Ateliê Geográfico- Goiânia, v.12, n.2, p. 22-38, ago/2018.

_____. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto, 2017.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Juventude, cultura e política**: repensando os estudos culturais, revisando o hip-hop. Projeto História; São Paulo, n.56, pp. 36-68, Mai-Ago. 2016.

SILVA, Luiz Antonio Machado da e LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? **Sociedade e Estudo**, v.22, n.3. p.545-591, set/dez, 2007.

SOUZA, Eron Bispo de. **Planejamento e gestão da orla marítima de Salvador – Bahia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, Angela Gordilho. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: **A cidade contemporânea**: segregação espacial. Pedro de Almeida Vasconcelos, Roberto Lobato Corrêa e Silvana Maria Pintaudi (orgs). São Paulo. Contexto, 2013.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Marcelo Ayres **"Juventudes" e religião no Brasil**: uma revisão bibliográfica. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v.7, n.1, p.11-46, 2010.

TIARAJÚ, Pablo D’Andrea. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. USP, São Paulo, 2013.

TOREN, Cristina. **“Como sabemos o que é verdade? O caso do mana em Fiji”**. Mana 12(2): 449-477, 2006.

VALLADARES, Lícia do Prado. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n. 44, p. 5-34, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Salvador: Transformações e Permanências (1549- 1999). In: **A urbanização de Salvador em três tempos – Colônia, Império e República**. Textos críticos de História Urbana/Jaime Nascimento; Hugo Gama (orgs). Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.

_____. **A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração**. Cidades, v.1, n. 2, p. 259-274, 2004.

_____. “Os agentes modeladores de Salvador no período colonial”. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 3, p.66-72, 2000.

_____. Salvador: permanências e transformações (1549/1999). **Revista do Instituto Geográfico e histórico da Bahia**. Salvador. n. 92, p. 287-300, 1996.

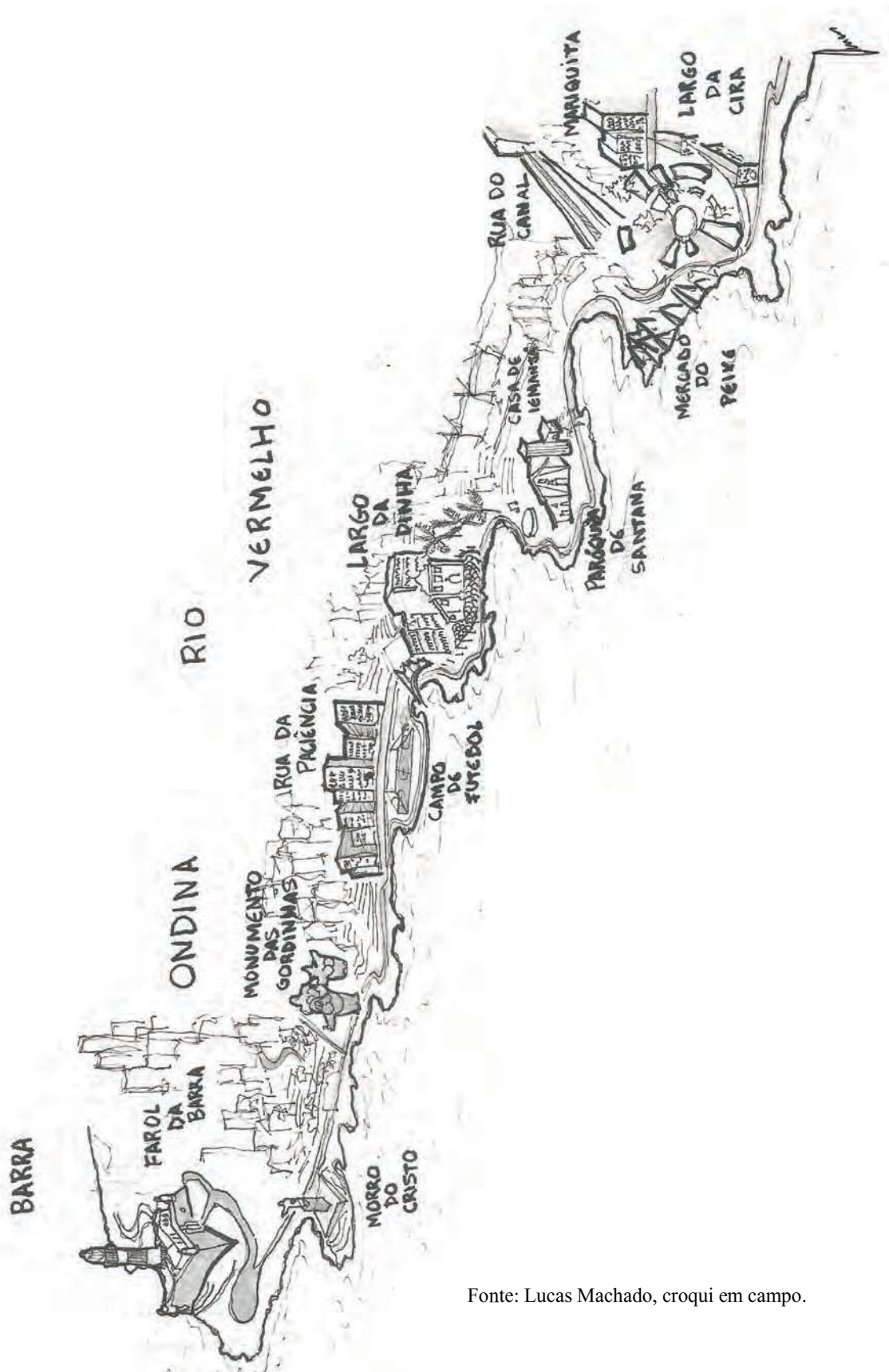
VIANNA, Hermano. O Mundo Funk Carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. *In*: VIANNA, Hermano (org.). **Galeras cariocas, territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo**. MANA 8(1):113-148, 2002.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**. Editora Brasiliense - São Paulo, 1985.

ANEXO A

Croqui Geral: Barra e Rio Vermelho



Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.

ANEXO B

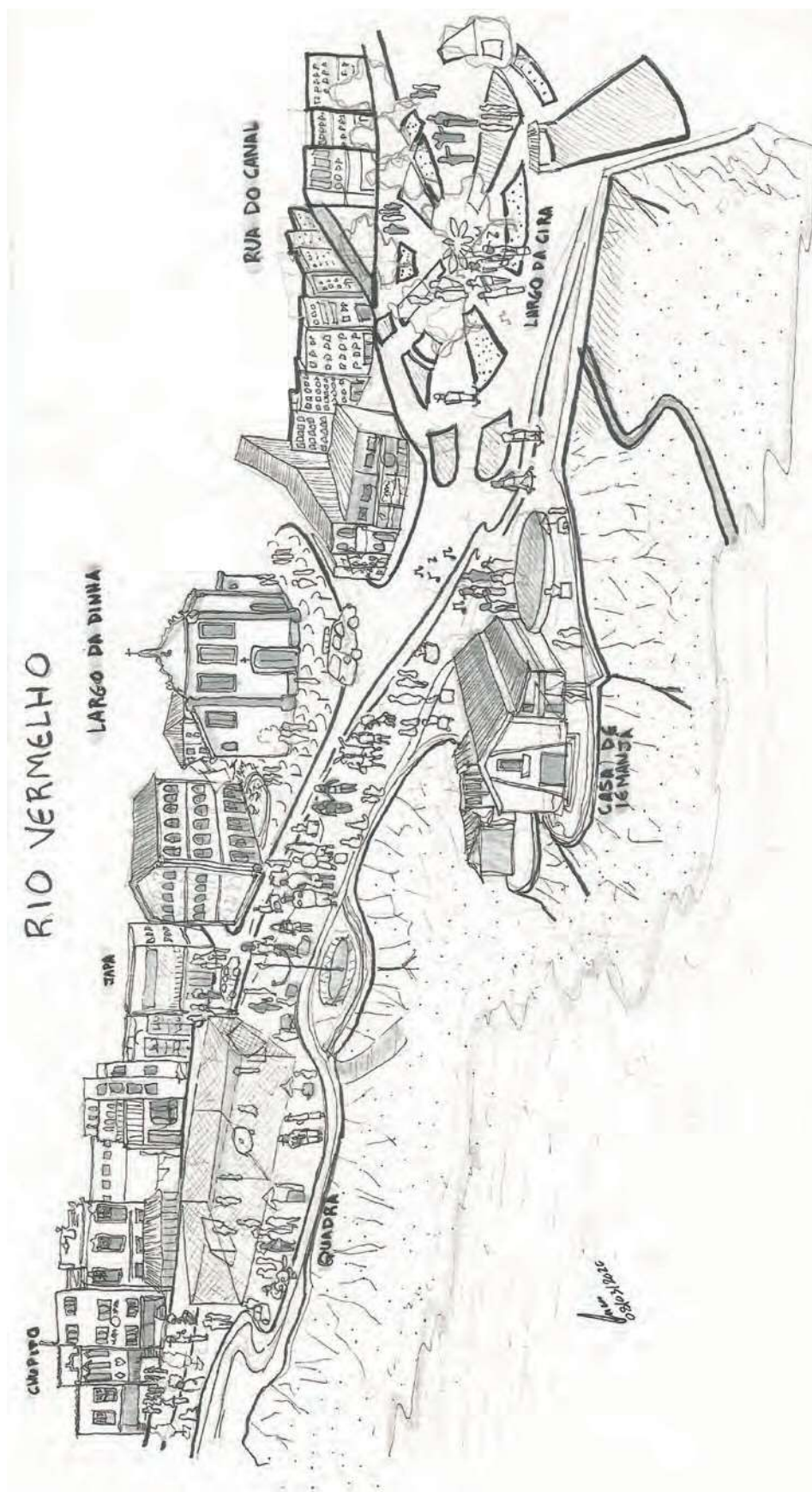
Croqui da Barra



Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.

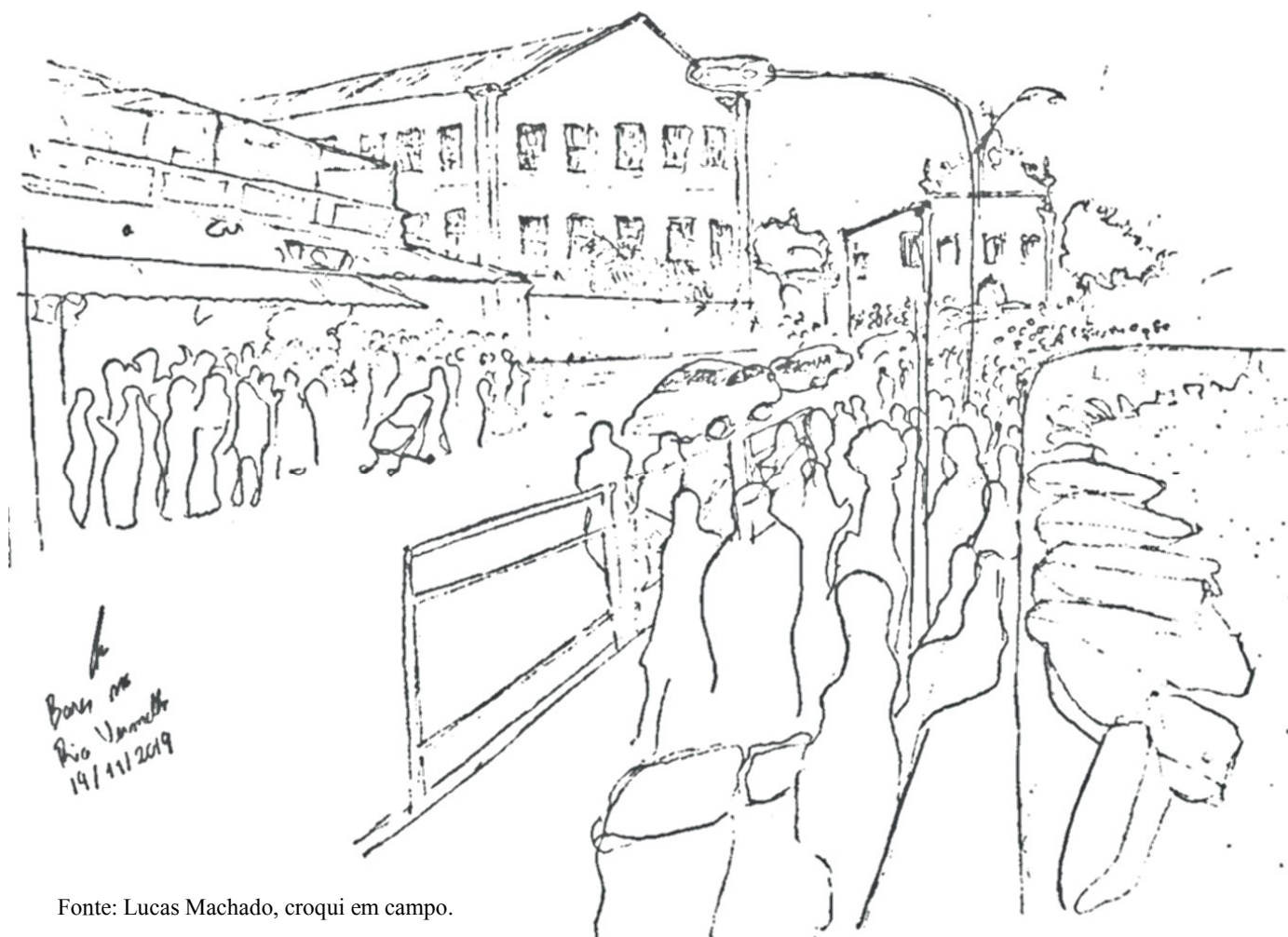
ANEXO B
ANEXO C

Croqui do Rio Vermelho



Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.

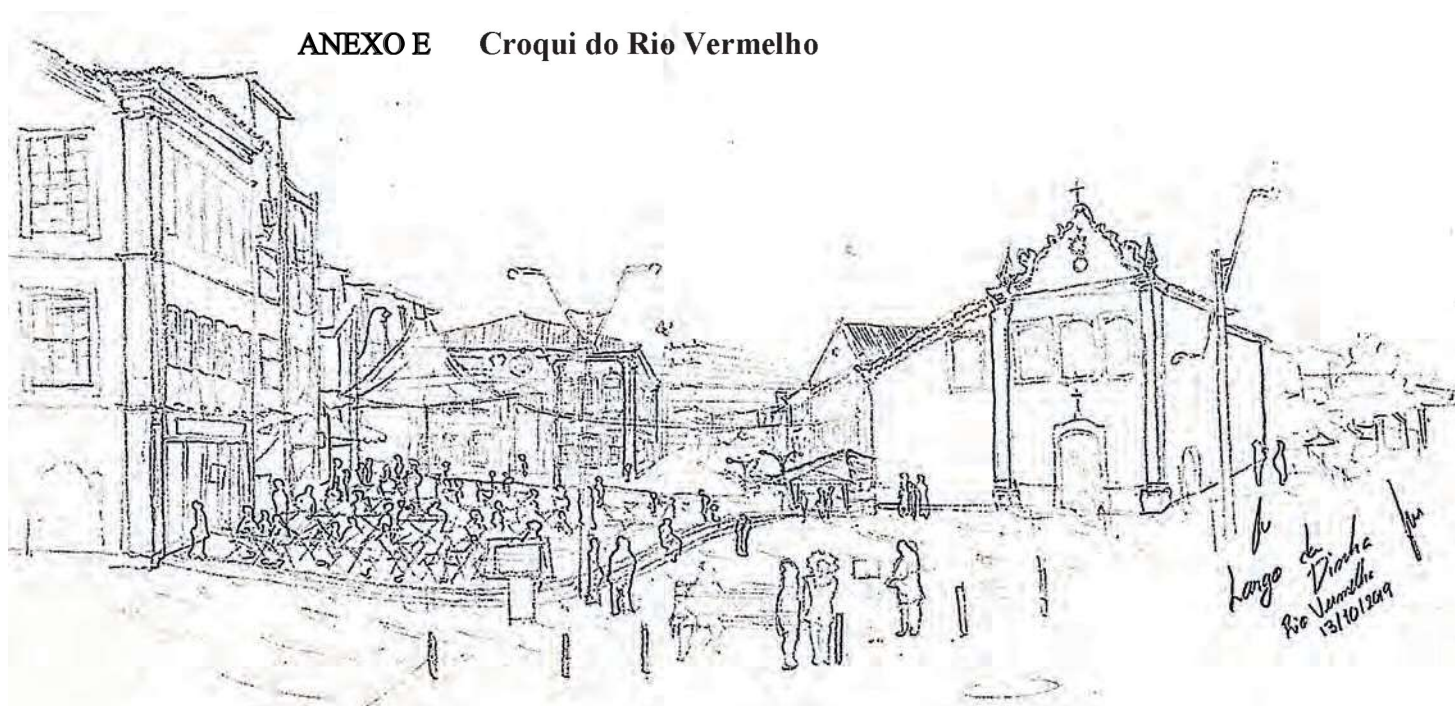
ANEXO D Croqui do Rio Vermelho



Boas m
Rio Vermelho
14/11/2019

Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.

ANEXO E Croqui do Rio Vermelho



Boas m
Largo de D. Dinha
Rio Vermelho
13/10/2019

Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.

ANEXO F

Croqui de Itapuã



Fonte: Lucas Machado, croqui em campo.